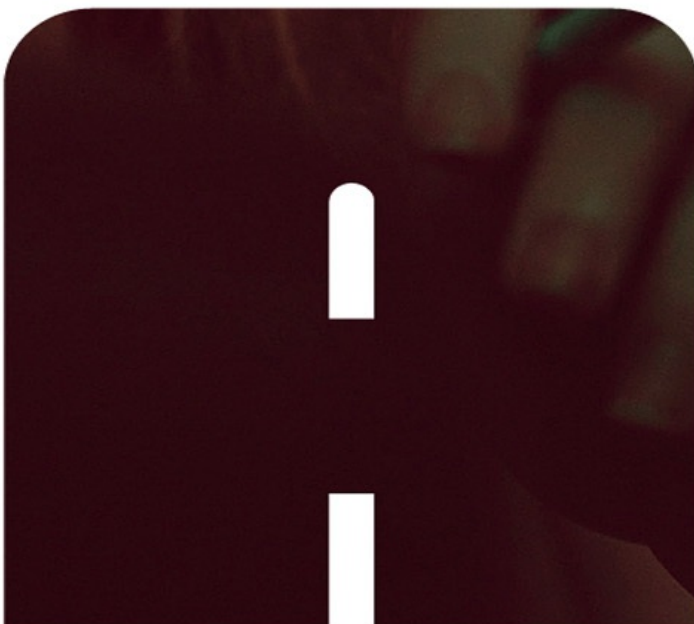




Primeiro livro da
série Segredos



NANA PAUVOLIH



 **essência**



FERIDA

NANA PAUVOLIH

FERIDA

Primeiro livro da série Segredos

Copyright © Nana Pauvolih, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.

Preparação: Elisa Nogueira
Revisão: Isabela Talarico e Mariane Genaro
Diagramação: Abreu's System
Capa: Departamento de criação da Editora Planeta
Imagem de capa: Bernadette Newberry / Arcangel
Ilustração de miolo: PaintDoor / Shutterstock
Adaptação para eBook: [Hondana](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pauvolih, Nana
Ferida / Nana Pauvolih. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

ISBN: 978-85-422-1226-6

1. Ficção brasileira 2. Literatura erótica I. Título.

18-0063 CDD B869.3

1. Ficção brasileira

2018
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar
Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Dedicatória



Ferida foi um livro que vivi intensamente, desde a primeira até a última palavra. Quando o lancei de modo digital pela primeira vez, alcancei um número muito grande de leitores, e com eles vieram também amigos, pessoas que me ajudaram na época, que colaboraram de alguma maneira para seu sucesso.

Peço perdão se não citar o nome de alguém aqui, mas gostaria de dedicar este livro a todas estas pessoas: minhas leitoras betas da época, Fabiana Miyagui e Ana Aragão; quem fez a capa antiga, Eliane Sales; quem sempre esteve perto, divulgando, opinando, sendo amigas para todas as horas e também ajudando: Patrícia da Silva e Joycilene Santos (que além de tudo me ajuda com quotes e nas minhas mídias sociais); as Espetaculosas do Espírito Santo, queridas demais; e a todas as minhas nanetes que divulgaram, mandaram imagens sobre o Theo Falcão, viveram esta loucura toda comigo. Sempre, tudo que faço é para vocês.

Dedico também *Ferida* às minhas agentes Luciana Villas-Boas e Anna Luiza Cardoso, por acreditarem em mim desde o início e conseguirem que o sonho de lançar a Série Segredos se tornasse realidade. Agradeço também ao carinho das editoras da Planeta, Raquel Cozer e Luiza Lewkowicz. Vocês são perfeitas!

A Série Segredos só touxe felicidade para a minha vida e também pessoas muito especiais, que para sempre terão um lugar no meu coração. Para todos vocês, meu carinho e meu muito obrigada.

Com todo o meu amor,
Nana.

Prólogo

eva



Eu nem podia acreditar que estava naquela festa. Nunca tinha pisado no casarão. Quando nasci, já morávamos fora de Florada e longe das terras que antes eram nossas, mas que agora faziam parte da fazenda Falcão Vermelho. Terras que queríamos de volta, com juro e correção.

Tinha sido difícil chegar ali. Fora necessário muito trabalho, tanto para me aproximar de algum convidado como para me disfarçar. Não queria ser reconhecida, caso, por algum motivo, eu precisasse usar minha própria identidade no futuro. Lá estava eu, quieta, segurando uma taça de vinho, meus olhos velados passando por cada canto e cada pessoa.

Eu tremia por dentro. Tinha crescido ouvindo o que aquela gente havia feito com minha família, com nossa propriedade, com nossa vida. Quando cheguei, vi aquele velho na cadeira de rodas e não senti pena. Afinal, ainda era rico e poderoso. Os filhos aumentaram seu poder. Ele estava vivo.

Evitei-os. Assumi meu papel de moça tímida, fazendo o possível para não chamar atenção. Meu cabelo loiro estava bem preso sob a peruca negra. Meus olhos azuis, muito chamativos, precisaram de lentes de contato castanhas e óculos sem grau, apenas vidro. Usava calça escura, jaqueta preta, pouca maquiagem. Já era pequena mesmo. Ninguém olhou para mim com muito interesse.

Eu acompanhava Robson, um dos contadores da Falcão Vermelho que trabalhava no escritório na cidade. Era um homem solitário, gordinho, tímido, de quase trinta anos. Vivía para o trabalho e para ler livros de suspense. Aproximei-me dele numa livraria em Pedrosa, cidade vizinha à Florada. Puxei assunto, pedi recomendações de livros. Claro que eu já estava disfarçada.

No início, gaguejou, ficou nervoso, mal me encarou. Mas fui simpática, doce, e insisti. Ao final, sentamos para tomar um café, e ele relaxou um pouco. Passei

horas entediada, ouvindo-o falar de livros de terror e de zumbis, sorrindo e fingindo interesse.

Depois, nós nos encontramos para um jantar e novamente conversamos sobre livros. Mas, então, no último encontro, conduzi o papo para onde eu queria. Falei de gado e fazendas. Ele me contou o que eu já sabia: que trabalhava para os reis do gado. Sugeri sairmos no sábado, e ele me falou da festa. Ao final, pareceu que a ideia de me convidar tinha partido dele. E lá estava eu.

Felizmente, Robson também não chamava muita atenção. Paramos em um canto da sala, conversando com outro contador, tão chato quanto ele. E tive tempo e oportunidade de observar tudo. Eu já tinha o mapa do casarão na cabeça. Nossos informantes me passaram tudo o que eu precisava saber. E a arquitetura da casa era perfeita para o que eu queria.

A escadaria de madeira que levava ao andar superior ficava em uma saleta lateral, entre a sala principal e a sala de jantar. Era um local quase vazio. E ficava perto de um dos banheiros, justamente sob a escada. Eu poderia ir lá e, quando tudo estivesse livre, subir as escadas. Era muito arriscado, ainda mais com tantas pessoas na festa. Se eu fosse pega, poderia pôr tudo a perder. Mas não fugiria sem tentar. Só esperava a oportunidade certa. Enquanto isso, observava.

Em minha visão lateral, vi Joaquim Falcão ir até onde o pai estava com a enfermeira e Tia, a governanta do casarão, e depois o levar enquanto Tia ia conferir algo na cozinha. Joaquim voltou sozinho. Eu já o tinha visto várias vezes na cidade e sabia que era o mais possessivo com Gabriela. Dava para notar que tinham uma relação forte, e isso me preocupou.

Eu sabia que ela se dava bem com todos eles e que era mimada pelos “irmãos”. Seria mais fácil se fosse mais distante deles. Minha mãe contava com o fato de que seriam frios e arrogantes. Alertar Gabriela e trazê-la para nosso lado seria mais fácil se fosse assim. Aquela proximidade entre eles poderia atrapalhar tudo, principalmente em relação a Joaquim, que parecia estar sempre com ela, cercando-a, protegendo-a.

Eu começava a desconfiar de que não seria fácil convencê-la. Esperávamos que o sangue falasse mais alto, que ela entendesse tudo aos poucos, que tivesse raiva daqueles ladrões e assassinos e quisesse justiça, mas ela podia ter sido corrompida pela criação que lhe deram. E também poderia não acreditar em nós, que éramos sua verdadeira família.

Robson e o outro contador continuavam falando sobre trabalho. Ambos eram feios, chatos, maçantes. Meus olhos seguiam Heitor Falcão, que conversava com as donas do Falconetes, o maior restaurante da região. Como os irmãos, ele era muito atraente, só que mais moreno, com barba e cabelos levemente compridos e negros. Sorria e parecia à vontade com elas.

Pensei que, se eu não soubesse que era um Falcão, poderia até achar que parecia um bom homem. Algo nele passava essa sensação de masculinidade e, ao mesmo tempo, certa ternura. Talvez o sorriso ou os olhos escuros delicados.

Desviei o olhar para o outro, Pedro Falcão. Ele era mais agressivo, tanto fisicamente como em sua aura. Possivelmente eu tinha essa impressão por ter investigado e ouvido falar sobre todos eles. Enquanto Heitor era um homem da terra, mais tranquilo e contido, Pedro parecia extravasar energia. Mesmo no meio de uma conversa, olhava em volta, se mexia, observava. Não sei se estava incomodado, sentindo que eu os observava, por isso quase não o fitei diretamente.

Theodoro Falcão tinha passado por perto, mas agora estava longe da minha vista. Vi-o apenas de relance, usando casaco, calça e camisa pretos, elegante e com porte de todo-poderoso. Era sério, rosto magro marcado por bigode e barba cerrados. Apesar de moreno com cabelos escuros, tinha olhos de um azul forte, penetrantes, duros, e um nariz romano arrogante, uma mistura de italiano e grego. Tudo nele gritava poder. Ele andava como se fosse dono do mundo, com coluna reta e queixo erguido. Algo de perigoso o cercava.

Era ele que eu mais odiava. Por ser mais velho, deveria ter se oposto a todas as maldades do pai e as loucuras da mãe, mas foi coadjuvante nos crimes de Mário Falcão. Theodoro tinha dado continuidade a eles e eu sabia que estava envolvido no desaparecimento do meu namorado, Flávio, e de outras pessoas ao longo dos anos.

Eu queria derrubá-lo. Se Gabriela passasse para o nosso lado, seria fácil. Sempre achei que minha mãe arriscara demais largando-a no meio deles, mas agora era tarde. O plano já estava arquitetado. E era hora de ser posto em prática.

Gabriela entrou na sala, rindo com Joaquim e um grupo de amigos. Algo na relação entre os dois me incomodava, mas eu não conseguia dizer o que era. Fingi prestar atenção na música de fundo que tocava, de olho, atenta, esperando. Pessoas circulavam, entravam e saíam. Quando Heitor se afastou, seguido por Pedro, Gabriela e Joaquim, percebi que não havia ninguém da família por perto. Era a minha chance.

— Vou ao banheiro — avisei a Robson, que acenou com a cabeça. Era muito tímido e ainda não me encarava direito.

Segui pela sala, esgueirei-me, atenta, e fui até a saleta. Percebi que ninguém prestava atenção em mim. Parei como se esperasse alguém sair do banheiro. Encostei-me na lateral da escada e, então, soube que era o momento certo. Dei uma volta rápida e, em segundos, subi a escada silenciosamente.

Senti o sangue correr mais rápido, o coração acelerar, o nervosismo atrapalhar minha respiração. Mas segui em frente, como se cada degrau fosse uma vitória, sabendo que não teria outra oportunidade como aquela.

Cheguei a um longo corredor no segundo andar. Virei à esquerda, como haviam me informado. Último quarto. Apressei-me, abri a porta e entrei. Apenas uma luz fraca iluminava o ambiente. Vi que o cômodo era lindo, feminino, enorme. Maior do que o barraco em que eu vivia. Possivelmente maior que nossa casa verdadeira. Com um lenço, tirei algo que trazia na bolsa e deixei sobre a cama.

Era uma foto de Gabriela, tirada quando ela ainda morava com a minha mãe. Nossa ideia era deixá-la curiosa, já que tinha aparecido na fazenda aos três anos de idade. E havia também um bilhete.

As palavras que eu tinha escrito martelaram em minha mente:

A hora da decisão chegou. Eles mataram sua gente. Roubaram. Humilharam. Destruíram a sua verdadeira família. São capazes de tudo.

Você foi deixada aí para fazer justiça.

Vingue sua família. Escute-nos ou será destruída por eles quando souberem quem você é.

Diga sim ao seu sangue, à justiça e à verdade, e não aos Falcão. Se eles desconfiarem do seu sangue, será expulsa. Não conte. Mas nos escute. E entenderá tudo na hora certa.

Saí cuidadosamente do quarto, espiando o corredor. Vazio. Eu tremia, mas fui adiante. Espiei a escada e desci pelo canto, esgueirando-me. Não dava para esperar nem pensar. Rapidamente, cheguei ao último degrau e virei, parando em frente à porta do banheiro. Tudo tranquilo. Continuei em frente e só parei ao chegar até Robson.

Ele me olhou de relance, corado. Fiz uma cara estranha e falei baixo:

— Desculpe-me, mas não estou me sentindo bem.

— Como assim?

— Estou enjoada. Mas não quero estragar sua festa.

— Não, eu a levo. Também não gosto muito de festas. Vamos.

Nós nos despedimos de seu amigo, e eu o acompanhei pela lateral da casa até a saída, onde os carros estavam estacionados. Já chegávamos à varanda que cercava toda a casa quando demos de cara com Theo Falcão acompanhado de uma morena bonita. Estaquei, pois não tinha como escapar.

Ele fitou meus olhos. Por um momento, senti o ar me faltar. Tinha sido pega completamente de surpresa e meu equilíbrio emocional já estava abalado pela tensão que tinha sentido ao invadir o quarto da minha irmã, Gabriela. Aquele ali, na minha frente, era o atual inimigo número um da minha família. E meu.

Não consegui desviar o olhar. Algo me segurou ali, plantada, alerta, dura, estranhamente abalada pela força que emanava dos olhos azul-escuros dele, quase violeta. Eram extremamente afiados, manipuladores, penetrantes. Estremeci por dentro, golpeada pelo ódio e pelo medo.

— O... Oi... Se... Senhor... Falcão... — balbuciou Robson, ainda mais

tímido e nervoso do que já era, vermelho ao acenar para a morena. — Senho... Senhorita Valentina.

— Oi, Robson. — Ela sorriu.

— Já estão indo embora? — A voz grossa, num timbre baixo, rompeu meu olhar fixo. Baixei os olhos, tremendo, mas fingindo a mesma timidez do meu acompanhante. Ainda bem que eu estava usando óculos, lentes e cabelos escuros.

— Sim... sim. Mas a... a festa está muito boa — garantiu, ansioso. — Mais uma vez... parabéns pelos prêmios... senhor.

— Obrigado, Robson. — Sua voz era poderosa sem qualquer esforço.

Tive medo de ser apresentada, embora tivesse dado um nome falso a Robson. De qualquer forma, estava nervosa, acuada, com raiva, abalada. E o olhar daquele homem ainda estava sobre mim, afiado como uma lâmina.

Por um momento, me senti na corda bamba, mas Robson parecia igualmente perturbado e rapidamente se despediu, afastando-se. Sem olhá-los, acenei com a cabeça e o segui, tentando fazer com que achassem que éramos uma dupla de bichos do mato. Só voltei a respirar normalmente quando estava dentro do carro.

O rosto anguloso e forte de Theo Falcão e aquele olhar de ave de rapina ficaram marcados em minha mente. Eu já o tinha visto de longe e em fotos, mas de perto era outra coisa.

Não entendi tudo o que senti, mas, conforme nos afastávamos do casarão, disse a mim mesma que agora eu tinha um rosto bem real para odiar. Pensei em toda a minha vida, em meu passado, em minha história e no desaparecimento de Flávio. Sim, agora eu tinha um rosto para odiar.



Era uma madrugada nublada de fevereiro. A lua se escondia no céu e a escuridão era cortada apenas pelas lâmpadas espalhadas pela fazenda. No casarão, fora dado um jantar de boas-vindas para o novo casal da família Falcão, que chegara da lua de mel. Agora tudo por lá era silencioso.

A fazenda gigantesca era bem protegida, mas, em função do seu tamanho descomunal, era difícil manter controle sobre cada canto. Como havia quase dois meses que não ocorriam roubos de gado, todos estavam um pouco mais relaxados. Era com isso que os ladrões contavam daquela vez.

É claro que, sem ajuda interna, eles não podiam saber quais eram os pontos mais vulneráveis da fazenda. Por isso esperaram tanto para realizar um novo ataque. O momento propício surgiu quando um dos empregados avisou que um minirretiro a noroeste estava praticamente desguarnecido. Por ficar longe demais dos outros, a vigilância passava ocasionalmente por lá, mas não se fixava, rodando pelas terras e cercados durante quase a noite toda.

Felipe Vasconcelos trabalhava na fazenda com Abel, e, sem que ninguém soubesse, eram informantes daquele grupo especializado em roubo de gado. Seu trabalho era mais de inteligência do que de ação. Ele observava os pontos fracos e, junto com o líder do grupo, Lauro Alves, organizava toda a estratégia. Mas, naquela noite, para tudo correr mais rápido, estava ajudando.

O esquema era até simples. Felipe havia percebido que a vigilância demorava uns trinta minutos para percorrer outros locais e retornar até aquele ponto. Era todo o tempo que teriam e tudo foi muito bem pensado para aproveitar aquela falha, um dos minirretiros sem segurança constante. Para chegar até lá, usariam uma cerca derrubada em um canto mais afastado e uma estrada secundária, quase não utilizada, para escoar o gado em caminhonetes que entrariam e saíam com

os faróis apagados e o mais rapidamente possível. Só pela manhã dariam falta das centenas de cabeças de gado.

Felipe Vasconcelos era um jovem muito ambicioso. Cansado de levar uma vida medíocre, ele sabia que era inteligente e achava que merecia muito mais do que a vida lhe dava. Havia decidido fazer seu próprio caminho, arriscar. Trabalhava como capataz da fazenda havia meses e concluíra que não iria muito mais longe se não tomasse uma atitude. Quando Gabriela Falcão começou a sair com ele, uma nova chance descortinou-se diante de seus olhos. Em paralelo, surgiu também a oportunidade de envolver-se no roubo de gado.

Felipe perdeu Gabriela quando Joaquim se meteu entre eles e atrapalhou tudo. Agora os dois estavam casados. Tinha sido uma surpresa os dois irmãos de criação aparecerem juntos e apaixonados, chocando toda a cidade de Florada. Não puderam se casar legalmente, mas fizeram uma cerimônia e foram aceitos pela família Falcão.

Desde que Felipe passou a organizar o esquema de roubo com Lauro, as coisas fluíram mais facilmente. Antes dele, quem fornecia as informações era Abel Alves, que trabalhava como peão na fazenda fazia vários anos. Mas Abel era um bêbado e, uma hora ou outra, poderia falar demais e pôr tudo a perder. Como acabara dando com a língua nos dentes para Felipe e incluindo-o no esquema, ele estava se tornando uma figura não grata. Mas Felipe era inteligente, astuto e ambicioso. De muito mais valia que o velho alcoólatra.

Mesmo assim, lá estavam eles todos. Os três comparsas de Lauro dirigiam as caminhonetes vindas pelo lado noroeste. Abel já havia derrubado uma parte da cerca, facilitando a entrada. No minirretiro, onde havia pouco passara a vigilância, todos trabalhavam às pressas.

Felipe podia ver que era uma questão de tempo até Lauro se livrar do homem mais velho, mas nem teve tempo de terminar de formar o pensamento. Escutou um barulho diferente e gelou. Na mesma hora, disse, nervoso:

— É a vigilância! Está vindo para cá!

Viu Lauro reagir junto a Abel. Tinham acabado de reabrir a porteira do minirretiro, e Abel baixava a rampa da caminhonete para o gado entrar. Com o alerta de Felipe, ergueram a tampa rapidamente e, por um rádio, Lauro mandou a terceira caminhonete, mais à frente, fugir.

Não esperaram para ver no que aquilo ia dar. Felipe deixou a porteira aberta e jogou-se dentro da caminhonete mais perto dele, gritando para fugirem enquanto ainda tinham tempo, dominado pelo pânico.

— Entre aí, porra! — berrou Lauro, empurrando Abel para a caçamba onde Felipe já estava e pulando logo atrás. Na mesma hora, o motorista acelerou e arrancou pelo chão de terra batida, com os faróis apagados, tentando escapar

antes que fosse avistado pela vigilância. Dentro da caçamba fedida, Lauro perguntou:

— Quantos são nessa vigilância?

— Geralmente uma picape — explicou Felipe, tenso, agarrado nas ripas laterais do automóvel que sacudia, sabendo que estavam ferrados se fossem pegos. — Se encontrarem algo, eles ligam uma sirene e alertam os outros.

— Que merda! Acelera essa porra, Roberto! — gritou Lauro para o motorista.

— Ai, cadê minha cachaça? — lamentou-se Abel, acovardado, indo espiar sobre a muretinha da caçamba.

Dava para ver o outro automóvel. De repente, os faróis altos incidiram exatamente sobre a caminhonete, que quase passava pela cerca derrubada. Apesar da grande distância entre os dois automóveis, não restou dúvidas de que foram vistos quando a picape fez explodir no silêncio da noite uma sirene estrondosa de aviso.

Lauro começou a gritar um monte de palavrões e puxou duas armas carregadas que trazia na cintura. Felipe arregalou os olhos, acuado no fundo da caçamba.

— O que vai fazer? — perguntou, trêmulo. Ele não tinha a menor intenção de participar da parte prática do roubo, preferindo ficar apenas no esquema de informações e planejamentos. E justo na primeira vez que ia acontecia tudo aquilo. Estava em um beco sem saída, com medo de ser pego pelos Falcão e do que Lauro poderia fazer.

— O que for preciso — disse Lauro, friamente, indo até a ponta da caçamba e mirando, com a arma da mão direita, a picape que vinha atrás fazendo escândalo com a sirene. — Logo seremos cercados!

Ele começou a atirar contra o outro automóvel no escuro da noite, baseando-se nos faróis. Felipe levou as mãos aos ouvidos e se encolheu, mas não pôde deixar de olhar enquanto ouvia mais barulhos estrondosos. Abel gritou para Lauro:

— *Tão* atirando contra a gente! Me dá uma arma aí pra te ajudar!

Lauro pareceu não o ouvir enquanto o homem alcoolizado se espremia em um canto. Também não procurou abrigo nem se acovardou. Continuou a mandar bala até acertar os pneus, que estouraram em um barulho seco e fizeram a picape capotar e ficar para trás, com a sirene ainda ligada. A caminhonete continuou em alta velocidade pela estradinha de terra batida em meio à escuridão, sacolejando sem parar.

Somente quando sumiram em uma curva, já fora das terras da fazenda Falcão Vermelho, Felipe pôde soltar o ar que mantinha preso nos pulmões. Os faróis tinham sido ligados, mas a caminhonete continuava a correr violentamente.

Abel soltou uma gargalhada e disse a Lauro:

— Você é foda! Agora eles não pegam mais a gente!

— Vão saber que alguém da fazenda nos ajudou. — Lauro continuou no mesmo lugar.

Uma das armas fora descarregada e estava caída a seus pés. A outra continuava em sua mão enquanto ele se escorava na lateral da caminhonete que sacolejava. Olhava fixamente para Abel.

— Podem notar a falta de vocês. E vão somar dois mais dois.

— Que nada! — Animado, o homem mais velho, com cara de cachaceiro, aproximou-se, segurando-se na mureta. — Aliás...

Felipe tomou um susto quando viu Lauro, em um gesto rápido e sem vacilação, erguer a arma e atirar em cheio na testa de Abel. O homem caiu como um boneco arremessado, e Felipe quase evacuou de tanto medo. Teve certeza de que seria o próximo.

Lauro abaixou-se, ergueu o corpo de Abel pelas calças e pela camisa com facilidade e, como se não pesasse nada, jogou-o para fora da caminhonete. Seu corpo rolou até parar no meio da estrada, cercado de poeira na terra batida. Então, virou-se para Felipe, que viu a morte diante de si. Mas Lauro guardou a arma e escorou-se para não cair, dizendo, sem tirar os olhos gelados do rapaz:

— Ele ia acabar dando com a língua nos dentes. É velho e bêbado. Vão achar o corpo e saber que foi ele. Você fica livre de suspeitas. Agora é meu único informante. Só te aviso uma coisa: se vacilar, esse é seu fim, cara.

Felipe apenas acenou com a cabeça. Não se moveu e não parou de olhar para o bandido, com medo de que ele mudasse de ideia e o matasse. Mal reparou que sumiram entre várias curvas e pegaram uma estrada asfaltada, passando por diversos caminhos para despistar os rastros e não deixar marcas.

Lauro viu o medo no rosto do rapaz e sorriu satisfeito. Era assim que gostava, que o temessem. O medo era a melhor forma de conseguir respeito.

* * *

— Quer dizer que deu tudo errado? — perguntou Luiza Amaro, nervosa, ao telefone. Lauro se encaminhava para a casa dela, a casa verdadeira, não o barraco que a filha de Luiza ocupava na favela Sovaco de Cobra, nos arredores de Florada.

— Tudo, não. Um caminhão foi carregado. Não saímos totalmente no prejuízo. — Lauro tinha mandado um comparsa levar Felipe e deixá-lo perto da fazenda; depois, o rapaz ia se virar para entrar sem levantar suspeitas. — Soube que o negócio está movimentado por lá, com polícia e o escambau.

— Merda! — reclamou ela. — O prejuízo daqueles desgraçados dos Falcão foi muito pouco! E agora vão ficar mais alertas ainda!

Luiza tinha razão. Lauro também estava revoltado, pois o lucro seria três vezes menor. Mas não havia nada que pudessem fazer.

— Eles estão nos procurando e devem ter encontrado o corpo do cachaceiro. Tive que me livrar dele — disse Lauro.

— Como o matou?

— Um tiro.

— Preciso que conte outra história para a minha filha quando chegar aqui.

Lauro indagou, desconfiado:

— Como assim?

Lauro tinha ódio dos Falcão. Seu irmão, Flávio, também seu maior parceiro nos roubos de gado, tinha sido pego pela polícia para interrogatório. Como não puderam provar nada contra ele, tiveram que soltá-lo. No entanto, assim que saiu da delegacia, Flávio desapareceu. Lauro acreditava que aquela família tinha acabado com ele, fazendo justiça com as próprias mãos.

— Minha filha ainda está com certo receio de colocar em prática nosso plano para pegar Theo Falcão. Diga que foi ele quem matou Abel na fuga. Que o homem acabou ficando para trás, pediu clemência e o filho da mãe atirou nele. Vai ser o estopim para ela aceitar fazer qualquer coisa para nos ajudar.

— Tem certeza?

— Absoluta. Eva já está com raiva pelo sumiço de Flávio. Você sabe que eles eram namorados.

— Deixa comigo.

Quando Lauro chegou à casa velha, já era madrugada adentro. Era amante de Luiza e seu principal comparsa naquele momento, por isso tinha acesso livre àquele lugar. Viu mãe e filha sentadas em volta da mesa gasta, tomando café.

Eram lindas. Loiras naturais, perfeitas. Sentiu tesão e vontade de foder Luiza, uma puta de primeira, mas a garota vinha o tentando com aquele corpinho gostoso e os olhos enormes e claros, ora verdes, ora azuis. Tinha que dar um jeito de fodê-la também sem se encrascar com a mais velha. Ainda precisava dela. Disfarçou seus desejos e serviu-se de café.

— Como é essa história de que Theo matou Abel na fuga? — perguntou a jovem, que tinha por volta dos vinte anos, pálida, possessa, com aqueles olhos enormes ardendo. Lauro gostou de vê-la assim. Sorriu e contou a história que havia combinado com Luiza. Se o plano dela desse certo, ele lucraria muito.

Sim, tinha vontade de matar aqueles desgraçados em nome do seu irmão. No entanto, seria rápido demais, e o que ele ganharia? O plano dela era melhor e mais lucrativo. E, ao final, ele se livraria de Theo, de qualquer jeito. Só

demoraria um pouco.

2



Theo

A noite tinha sido boa.

Não ótima nem especialmente excitante, mas boa.

Ainda era madrugada, talvez quatro horas da manhã, mas eu já estava um tanto entediado, mesmo com a belíssima mulher nua na banheira, que tinha me satisfeito durante a noite toda e continuava lá, obedientemente esperando minhas ordens. Sentado na beira da banheira de mármore, eu a observava completamente vestido. Só faltava meu paletó, pendurado em uma cadeira ali perto.

Era linda. Alta, esguia, corpo escultural, seios firmes e pequenos, cabelos escuros que se espalhavam pela borda da banheira, fora da água, perto da minha perna, em um belo contraste com a pele muito branca e o batom vermelho-escuro, do qual, particularmente, eu gostava. Ela o retocara várias vezes para me agradar, mesmo depois de me chupar incansavelmente. E ali, nua, o batom a enfeitava.

Eu poderia desfrutar dela por mais algumas horas, mas, por algum motivo, eu não queria mais e estava pronto para partir.

Ela ergueu os olhos castanhos para mim, submissa, quase implorando. Queria me servir mais, isso estava claro em sua expressão de súplica. Mesmo possivelmente dolorida depois de tudo que fiz com ela, desejava mais, como uma viciada. Estremeceu quando agarrei um punhado de seu cabelo no alto da cabeça e, na mesma hora, baixou o olhar, demonstrando seu respeito, sua aceitação de tudo mais que eu desejasse ou determinasse.

Por um momento, pesei minhas opções. Mas meu corpo não reagiu. Apesar de ela ser uma das novas frequentadoras da casa, não me interessava mais. Larguei seu cabelo e me ergui. Na mesma hora, ajoelhou-se na banheira, deixando a água escorrer por seu corpo perfeito.

— Senhor... — disse ela, com a voz suplicante e os olhos baixos.

Era um último pedido para que eu ficasse. Fui calmamente até a cadeira e vesti meu paletó, observando-a friamente. Não ergueu o olhar nem se moveu, mas era óbvia sua expectativa, seu pedido mudo por mais. Não deixava de ser certa humilhação deixá-la tão cedo, quando eu geralmente só saía do clube pela manhã, mas não dei satisfações. Naquele jogo, cada um sabia sua função. A dela era obedecer. A minha era dominar.

Quando saí do quarto e alcancei o corredor acarpetado, eu já a havia esquecido. Desci ao nível inferior do clube, onde havia vários salões, ainda movimentados naquela madrugada de sábado. Cumprimentei alguns conhecidos com um gesto de cabeça, mas não parei. Passei pelas altas e pesadas portas duplas da entrada, abertas por seguranças, e segui até meu carro, parado quase em frente.

O motor roncou, potente, como o de um carro de corrida, acelerei pela estrada lisa e parti. O vento frio no meu rosto não me incomodou e gostei da sensação de dirigir sozinho pela estrada vazia. O clube Triquetra ficava em uma antiga fazenda na cidade de Cachoeira Dourada. Enquanto muitas outras na região tinham investido em turismo e em hotéis-fazenda, aquele casarão se transformara em algo muito particular. Um clube vip e fetichista, somente para os interessados no assunto e aqueles que podiam pagar os valores exorbitantes da sociedade, como eu, que o frequentava havia mais de dez anos.

Enquanto dirigia, minha mente foi preenchida por preocupações. Tinha ido ao clube para me distrair, mas, depois de horas intensas de sexo, os mesmos assuntos voltavam a me atormentar.

Eu odiava não ter o controle das coisas. Sempre fui assim. E, prestes a completar quarenta e dois anos de idade, sendo o chefe de uma família rica e tradicional de Minas Gerais, o homem por trás dos negócios, estava acostumado a ter as coisas do meu jeito. Quando algo me escapava, eu ficava perturbado. Como aqueles roubos de gado em minha fazenda. Mais uma vez, os ladrões escapavam impunes. E isso me enfurecia. O fato de Abel, um dos meus empregados mais antigos, ser um dos informantes também.

Depois de dois meses sem ter esse tipo de problema e com um aumento efetivo da vigilância, pensei que não se arriscariam a fazer outra incursão na fazenda, mas eu estava enganado. Decidi aumentar o número de agentes naquela missão e me preparar melhor, principalmente com armadilhas para pegar definitivamente aquela gangue, pois agora isso já tinha se tornado um objetivo pessoal.

Logo após uma curva fechada, em que fui obrigado a diminuir a velocidade, deparei-me com uma picape laranja, velha e enferrujada atravessada na estrada, barrando a passagem. Só tive tempo de frear, parando a poucos metros dela, antes de me dar conta de que era uma armadilha.

Tudo foi rápido e reagi por reflexos. Puxei minha pistola automática, encaixada sob o banco, no momento em que quatro homens pulavam da lateral da estrada, onde tinham estado deitados, com armas em punho. Com um olhar, percebi que usavam máscaras de bate-bolas e gritavam para que eu me rendesse.

Senti a adrenalina jorrar em meu sangue e quase sorri. Eles não me conheciam. O ódio por ousarem se meter comigo me levou a fazer duas coisas ao mesmo tempo: dar a ré no carro, mirar no homem que vinha à minha direita e atirar sem vacilar. Acertei seu peito, e ele voou para trás como um boneco, rolando para a ribanceira.

Sabia que mandariam bala e me agachei sem tirar o pé do acelerador, xingando por ter saído com o conversível justamente naquele dia, e não com meu quatro por quatro blindado. Entre os vários pensamentos sobre como escapar daquele ataque com os menores prejuízos possíveis, e vivo, lembrei-me de Tia brigando comigo e com Pedro por andarmos pela estrada sem seguranças. Eu sempre dizia a ela que todo mundo me conhecia e que nem os bandidos locais ousariam se meter com um Falcão, mas via agora que estava enganado.

Entre gritos, ouvi os disparos e calculei que já chegava à curva atrás de mim. Antes que conseguisse virar o volante, o carro sacolejou com o impacto das balas e esperei que a qualquer momento uma delas varasse a lataria e me acertasse, mas então ouvi as explosões e me dei conta de que haviam atirado nos quatro pneus, destruindo-os e deixando-me sem meios de fuga.

— Porra! — xinguei, ainda agachado no banco, meu coração batendo furiosamente, minha mente trabalhando em busca de uma solução.

Larguei o volante e soube que tinha poucos segundos. Os bandidos tinham parado de atirar e com certeza já se aproximavam correndo, prontos para me cercar. Como eu atirara em um que viera pela direita, calculei que só teria sobrado um daquele lado e dois outros homens do lado esquerdo. Rapidamente pesei minhas opções e me arrastei para o assento direito do carro, preparado para tudo, quase sentindo prazer.

Eu era um homem de desejos extremos. Gostava de brincar com as emoções, de explorá-las ao máximo, de ter poder sobre qualquer situação. O perigo não me enfraquecia, mas me fazia crescer. Eu não matava à toa, mas podia fazê-lo sem nenhuma dor na consciência se o outro merecesse.

Um dos bandidos gritou furiosamente à minha esquerda:

— Largue a arma! Só queremos o carro.

Conta outra, pensei, igualmente furioso, concentrado, com a respiração pesada, a mão firme na arma. Se quisessem o carro, não teriam destruído os quatro pneus. Era simplesmente um atentado. Talvez uma tentativa de sequestro.

E, num momento em que eu poderia ter pensado apenas em sobreviver, respirei

fundo e me preparei para morrer lutando. Num *flash*, a imagem dos meus irmãos, meu pai e Tia passou por minha mente. Lamentei perdê-los. Lamentei talvez não ver o bebê de Gabi, minha irmã de criação que eu havia ajudado a criar. E querendo guardá-los como alento em meus últimos momentos, abri a porta à direita do carro com um movimento brusco e rolei para o asfalto, já ouvindo os tiros.

Caí de lado. Meus olhos varreram a cena à minha frente, dando com apenas um dos bandidos, como eu havia imaginado. Foi como em um antigo filme de faroeste: eu apontando a arma para ele e ele, para mim. Apertei o gatilho primeiro e vi a bala acertar sua máscara na altura do nariz. Ele não teve tempo de atirar e caiu, possivelmente já morto.

— Filho da puta! — gritou um dos bandidos à esquerda, vendo o que tinha acontecido.

Eu sabia que poderia ser cercado de ambos os lados do carro ou que poderiam me acertar por baixo do veículo. Ambos tinham se escondido na altura dos pneus, e eu não podia ver suas pernas. Minha única chance era rolar para a ribanceira ao lado da estrada, tentar me esconder ali e então disparar. Ainda me restavam oito balas na pistola.

Mas fui pego de surpresa. Um dos bandidos avançou por dentro do conversível e, quando despontou acima de mim sobre o banco, já era tarde demais. Vi sua máscara e sua arma e ergui minha pistola, mas ele foi mais rápido e acertou meu ombro direito, fazendo a arma cair da minha mão com o coice. Tentei recuperá-la, mesmo com a dor ardente na carne, mas ele pulou, colocou-se de pé e mirou meu rosto.

— Filho da puta... — repetiu, cheio de ódio. Quando sentei, ele gritou: — Deita ou te mato, porra!

— Mate de uma vez... — rosnei friamente, segurando o ombro direito, que sangrava muito, encarando-o sem vacilar. Já ia me levantar quando o outro bandido se aproximou pela lateral do carro e gritou, sacudindo a arma na minha direção:

— Mata logo esse filho da puta, cara!

— Ao menos ele tem coragem — disse o primeiro, baixo, e avançou na minha direção.

Eu queria morrer de pé, olhando para ele, enfrentando-o, mas não pude. Aproveitando que eu estava ferido, deu-me um chute forte no ombro baleado e senti uma dor atroz, que me fez empalidecer, cair para trás e quase perder os sentidos.

— Bem que você tentou. É durão. — E, quando pensei que viria o tiro, debruçou-se sobre mim e ergueu a arma, mas não atirou. Desceu-a violentamente

contra a lateral direita do meu rosto, em uma coronhada que me fez apagar. Vi somente escuridão.

eva

Tudo tinha sido muito bem planejado, mas, quando Lauro ligou e avisou que era hora de agir, senti o nervosismo me dominar. Eu nem tinha dormido direito naquela noite, embora só esperássemos Theo Falcão pela manhã. Geralmente, ele voltava de suas taras no clube de sadomasoquismo por volta das seis horas, mas daquela vez passou na estrada quase quatro e meia da manhã. Quando saiu de Pedrosa, um dos comparsas de Lauro, que estava vigiando a estrada, avisou-o e interditaram o caminho.

Eu tinha trocado meu horário de trabalho para o turno da manhã naquele dia e acabaria encontrando aquele homem, “sem querer”, um pouco cedo demais, mas não havia jeito. Deixei meu barraco e peguei a ruela dos fundos. Criando coragem, desci os degraus irregulares e estreitos e falei com Lauro ao celular:

— Deu tudo certo?

— Não. Ele estava armado e reagiu. — Sua voz era fria, sem emoção.

Engoli em seco e arregalei um pouco os olhos, prestando atenção para não cair, mas preocupada.

— Alguém se feriu?

— Ele matou dois dos meus homens.

— O quê? — Parei, chocada, apoiando a mão na parede de tijolo dos fundos de um barraco ainda em construção.

— Atirou no peito de um e na cara de outro, Eva. Por pouco não acaba com todos nós. Vou te falar... Quase deixo tudo isso de lado e mato o filho da mãe. Por meu irmão Flávio e por ser a porra de um assassino frio! Tinha que ver! Nem vacilou ou pediu clemência.

— Meu Deus... — Senti a bÍlis subir por minha garganta e estremeci. Um pavor gelado vinha de dentro de mim.

Mesmo desconfiando que podiam ser bandidos, Theodoro Falcão não tinha o direito de sair matando pessoas. Era um desgraçado que se achava o dono do mundo, um assassino como o pai, que matou meu avô e roubou nossas terras. Eu tremia descontroladamente, com vontade de matá-lo eu mesma. Encostei-me à parede e respirei fundo, sem saber como conseguiria fingir ser doce e estar apaixonada por um homem que odiava tanto.

Lembrei-me de seus olhos azuis penetrantes quando o encontrei pela primeira vez. Tinha acontecido assim que eu e minha mãe voltamos aos arredores de Florada e começamos a mandar mensagens para minha irmã Gabi. Ela morava com os Falcão desde os três anos de idade e ninguém sabia que, na verdade, fazia parte da família inimiga. Eu era apenas um bebê quando ela foi deixada na fazenda. Sabiam que eu existia e que era caçula dos Amaro, mais nada.

Apenas uma vez me arrisquei a ir até a fazenda. Quando vi Theo Falcão, senti que a energia que vinha dele era diferente, poderosa, sufocante. Nunca esqueci aquele encontro. Como eu poderia falar com ele, fingir, deixar que me tocasse, quando o temia e odiava assim, a ponto de tremer?

Ao mesmo tempo, ele era um homem com uma carga sexual altíssima. Além de frequentar aquele clube de sadomasoquismo e fetiches, ter tirado uma foto com uma mulher em uma coleira e ter um apartamento aonde levava suas submissas, ele era excepcionalmente lindo. De uma beleza máscula e inesquecível. Tudo isso era muito para administrar. A única coisa que eu tinha a meu favor era saber que devia agir como uma submissa para tentar agradá-lo. Mas eu tinha muito medo. Muito mesmo.

— Eu atirei nele. Não demore ou pode se esvair em sangue.

E, sem mais conversa, Lauro desligou. Enfiei o celular no bolso do jeans, respirei fundo e desci os degraus quase correndo, pensando no quanto minha mãe ficaria furiosa se Theodoro Falcão morresse.

Agoniada, apressei-me ao máximo. Meu coração quase saía pela boca e um suor gelado cobria minha pele. Então, quando cheguei ao fim da escadaria, em um local onde ficavam caçambas de lixo e o mato crescia livremente, antes de virar para a estrada principal, eu o vi. Parei abruptamente e senti um baque. Ia começar. E não havia mais escapatória.

Quase voltei correndo, mas consegui deixar todos os meus sentimentos exaltados de lado e corri para ele, caindo de joelhos a seu lado, percebendo o movimento de seu peito. Estava vivo. Para confirmar, eu o toquei pela primeira vez, segurando seu pulso.

Olhei para seu perfil ensanguentado, e, sem que eu esperasse, Theodoro Falcão virou a cabeça para mim de repente, seus olhos azuis fixaram-se nos meus. Nem o fato de ter acabado de recobrar a consciência ou a ferida aberta na lateral direita da face diminuiu a força daquele olhar, a dureza de seu rosto magro e anguloso, a força bruta e gelada que me assustou tanto que caí sentada para trás, largando seu pulso e dando um gritinho estridente.

Meu coração quase saiu pela boca. Perdi o ar, a razão, sem conseguir fugir daquele olhar. Tive vontade de me levantar e correr, fugir desesperadamente dele, mas então sua voz saiu, baixa e feroz, imobilizando-me:

— Quem é você?

Foi o que me trouxe à realidade. Puxei fortemente o ar e percebi que, mesmo baleado e ferido, aquele homem não estava nem um pouco fragilizado ou confuso. Parecia prestes a partir para a luta e olhou rapidamente em volta, como que para averiguar se eu estava sozinha. Foi o tempo de que eu precisava para tomar consciência do que devia fazer. E quando ele fez menção de levantar, empalidecendo e gemendo por causa da dor no ombro, eu finalmente reagi. Virei a Eva que eu seria dali por diante, a doce Eva Camargo.

— Não se mexa! — Tentei contê-lo, obrigando-me a tocá-lo no peito sobre a roupa para mantê-lo no lugar e estremecendo de novo. — Eu pensei que estivesse morto! Vou procurar ajuda!

Antes que me movesse, ele agarrou meu pulso com a mão esquerda em um aperto de ferro que me fez arquejar. Imobilizada, com olhos arregalados, fitei-o como se eu fosse um animal encurralado e ferido. Seu rosto era duro, cheio de sangue, mas nada diminuía a força de seu olhar nem aliviava a expressão brutalmente áspera de seu rosto. Aquilo nem ao menos amenizava sua beleza bruta, um homem em sua essência.

— Onde estou?

Minha garganta parecia seca. Eu não conseguia pensar com clareza. Como se não suportasse mais ficar ali, ele fez força para se erguer, sem me soltar, sem ligar para a dor que o fazia empalidecer e parecer ainda mais furioso e assustador. Não tirava os olhos dos meus, como se desconfiasse de mim. Seu olhar me mantinha cativa, obrigando-me a ficar imobilizada. Tentei lutar contra aquela força inexplicável, mas os pensamentos se embaralhavam na minha cabeça, emoções violentas me sufocavam. E aquela mão não me soltava, não me deixava fazer mais nada além de olhá-lo, sentado à minha frente, forte mesmo em meio ao caos e à dor.

— Cadê os outros? — exigiu ele, com a voz dura.

— Que outros? — sussurrei. Sacudi de leve a cabeça e lambi os lábios secos. Por um momento, seus olhos acompanharam minha língua, só para voltarem a se fixar, ainda mais penetrantes, nos meus. Fiquei sem ar e sem voz. Não entendia como podia me sentir tão abalada por outra pessoa.

— Não sei de que homens você está falando. Eu estava indo para o trabalho e vi você caído aqui, cheio de sangue. Achei que... que estava morto e vim conferir.

— Onde estou?

— Na Sovaco de Cobra.

A ruga entre seus olhos se acentuou. Largou meu pulso e dobrou as pernas, apoiando a mão do braço esquerdo chão, prestes a se levantar.

— Não, você está ferido! — exclamei. — Vou chamar ajuda.

— Posso andar. — Mantendo o braço direito sobre a barriga, conseguiu se erguer. Cambaleou um pouco, o que julguei ser resultado da perda de sangue, que começou a escorrer de novo pelo ferimento.

Theodoro Falcão era muito mais forte do que havíamos pensado, e isso me desnor-teava. Levantei-me também e fiquei parada, sem saber o que fazer, enquanto ele olhava em volta para aquele lugar deserto e cheio de lixo.

— Você tem carro? — Sua voz era grossa e cortante.

— Não, mas eu... — Olhei-o dar uns passos em direção à saída daquele lugar, à estrada, cuidadoso no início, mas logo depois mais firme.

Dei-me conta de que nada saíra como planejado. Theodoro não estava machucado nem dependia de mim. Ele me assustava e tomara as rédeas da situação. E então reagi, mesmo acuada, tentando pelo menos me fazer necessária.

— Deixa que eu ajudo você. Tem um bar aqui perto. Podemos pedir ajuda para conseguir um carro e... — falei, aproximando-me. Mesmo sendo uns vinte centímetros mais baixa que ele e sentindo um medo incontrolável, eu estava disposta a tocá-lo, a deixar que se amparasse em mim.

— Eu posso andar. — Seu tom duro amenizara um pouco, mas ele ainda estava pálido. Parou, respirando fundo, buscando os meus olhos.

— Você vai acabar desmaiando. Perdeu muito sangue.

— Tem celular? — Escorou-se no muro ao lado e percebi que lutava para não perder a consciência. Seus lábios estavam brancos enquanto segurava o braço direito contra a barriga. Seu paletó e sua camisa estavam banhados em sangue e me senti mal, culpada e nervosa.

— Tenho. — Peguei o aparelho no bolso.

Ele era teimoso. Ainda que fraco, tentava se manter consciente e lutava para continuar de pé.

— Ligue para minha casa. — Sua voz continuava firme. Cerrou duramente o maxilar e tentou fixar o olhar em mim, mas parecia perder o foco. Não sei como encontrou forças, mas conseguiu murmurar os números e fiz a chamada rapidamente.

Então, ele começou a escorregar para baixo, usando o muro como suporte atrás de si, extremamente pálido. Eu corri e o segurei, amparando para que não inclinasse para a frente. Ele segurou meu braço, ainda com firmeza para quem perdia os sentidos. Sua cabeça tombou em meu ombro e senti sua respiração em meu pescoço. O corpo incrivelmente judiado ainda dominava o meu, deixando-me consciente de tudo, fazendo minhas pernas bambearem. Mal se sentou, a força o abandonou e ele tombou para o lado esquerdo, vencido pelos próprios ferimentos, desmaiado, caído no chão.

Finalmente, uma senhora atendeu, que eu julguei ser Tia, a governanta da fazenda que praticamente criara os irmãos Falcão como uma mãe.

— Residência dos Falcão.

— Falcão? — indaguei, como se estivesse surpresa.

— Sim. Deseja falar com alguém?

— Tem um homem aqui. Ele disse que esse é o número de telefone da casa dele. Não quero assustar a senhora, mas ele está ferido.

— Quem? — Havia pânico na voz dela. — Theo?

— Eu não sei. — Tinha certeza de que ele não tinha nenhum documento consigo, pois Lauro roubara tudo para forjar um assalto, por isso nem o revistei. — Está ferido e sem documentos.

— Ah, meu Deus! O que aconteceu? Onde ele está?

— Na entrada da favela Sovaco de Cobra. Eu o encontrei ferido e tentei chamar ajuda, mas ele não deixou e me deu este telefone. Agora está desacordado. — Eu levantei, já caminhando para a estrada, onde havia um bar na esquina. Ainda não estava aberto, mas seu Chico morava atrás do estabelecimento e tinha um Fusca velho. — Vou buscar alguém para levá-lo ao hospital.

— Mas o que aconteceu com ele? — A senhora já chorava, desesperada. — Pelo amor de Deus, ele está vivo?

— Sim, está. Foi baleado no ombro, mas...

— Baleado?! — gritou.

— Calma, senhora. — Eu já corria para o bar. — Vou buscar ajuda para levá-lo para o hospital de Florada.

— Vou chamar os meninos e correr para lá! Fique com o celular! E, por favor, o ajude! Ajude meu menino!

— Sim, vou ajudar. Fique calma. — E desliguei.

Seu Chico e seu filho colocaram Theo Falcão dentro do Fusca. Ele teve que ir no banco da frente, inclinado para trás, preso pelo cinto, e eu fui atrás. O filho de seu Chico ficou na favela. Os dois o haviam reconhecido, e um grupinho de pessoas curiosas já se formava enquanto o rapaz contava que o fazendeiro tinha sido baleado e largado ali.

Seu Chico, um senhor negro e calvo, perguntou para mim:

— Não sabia que era Theodoro Falcão, menina?

— Não, senhor, eu nunca o tinha visto — menti.

— Mas já ouviu falar dele, né?

— Claro. É a família mais rica e poderosa da região.

— Isso mesmo! — Ele lançou um olhar para o homem ferido, abismado,

enquanto dirigia. — Aposto que foi vingança. E se foi alguém da favela, vai dar merda!

Olhei-o desconfiada.

— Por que acha que foi vingança?

— Ora, essa! Todo mundo sabe que Theo Falcão tentou várias vezes acabar com a favela! E que persegue o tráfico aqui. Na certa algum traficante mandou dar cabo dele. Mas foi um trabalho porco. Onde já se viu tentar matar uma pessoa atirando no ombro? Deve ser muito ruim de mira.

Fiquei olhando para Theo, pensando que, desacordado, dava-me a chance de fazer meu papel de salvadora, de quem o encontrou e salvou. Isso já criaria uma primeira ligação entre nós. Depois eu teria que correr atrás para fortalecer esse laço. Ao menos a atenção dele eu teria.

Quando chegamos ao hospital, seu Chico estacionou o Fusca e saí correndo em busca de ajuda. Foi só pronunciar o nome de Theodoro Falcão para o hospital quase vir abaixo. Médicos, enfermeiras e maqueiros correram. Em segundos, ele foi colocado na maca e carregado para dentro do hospital. Agradei a seu Chico e falei que ele podia voltar ao seu bar, que depois eu daria notícias. Só então entrei e tive que contar a um dos médicos como o encontrei, que estava consciente e quis andar sozinho.

Um alvoroço prenunciou a chegada dos membros da família Falcão. Tia, Pedro, Heitor, Joaquim e Gabriela entraram no hospital, agitados, pedindo notícias na recepção. Uma das enfermeiras conversou com eles, explicando a situação.

Eu senti meu coração disparar. Meu olhar se fixou na jovem de longos cabelos acobreados, que estava com o rosto vermelho de tanto chorar e os olhos ainda cheios de lágrimas. Já a tinha visto pela cidade, mas, quando a enfermeira apontou para mim e eles se viraram, tudo que notei foram nossos olhares se encontrando. A minha irmã.

Respirei fundo e levantei-me. Tentei aparentar ser apenas uma garota meio assustada no meio de tudo aquilo, mas estava abalada por, finalmente, conhecer Gabi, frente a frente. Quando ela foi deixada naquela família para adoção, eu tinha pouco mais de um ano e não me lembrava dela. Tínhamos sido afastadas por dezoito anos. E ninguém ali, além de mim, sabia que éramos ligadas pelo sangue.

Disfarcei, olhando para os outros. Eu tinha estudado cada um a fundo. Sabia demais sobre eles. Desde Cátia, a senhora de sessenta e oito anos e cabelos curtos e grisalhos que era chamada por eles de Tia, passando pelo segundo filho, Pedro, de trinta e oito anos, Heitor, de trinta e sete, e Joaquim, de vinte e seis anos. Gabriela tinha vinte e um. Mesmo sendo criados como irmãos, ela e Joaquim haviam se apaixonado e se casado em uma cerimônia simbólica, já que, no Brasil, irmãos adotivos não podiam se casar. Agora, ela estava grávida de

dois meses.

— Foi com você que falei ao telefone? — indagou Tia, chorosa e pálida, abraçando-me com força. — Obrigada, filha! Você salvou a vida do meu menino!

Senti-me mal com o sofrimento dela, com sua dor, sabendo que eu tinha parte da culpa por tudo aquilo.

— Obrigada! — disse Gabriela, que também chegou mais perto, tão abalada quanto a senhora. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. Quando me abraçou, eu quase parei de respirar.

Seu toque, seu cheiro, sua doçura foram como um golpe. Toquei suas costas, as pontas de seus cabelos, e fui invadida por uma miríade de sensações perturbadoras e intensas. Por um momento, apenas me entreguei ao abraço e senti sua presença, imaginando como teria sido se tivéssemos podido crescer juntas. Seríamos amigas? Estaríamos do mesmo lado? Agora estávamos em posições antagônicas. Gabriela escolheu ficar com a família Falcão quando, há dois meses, começamos a mandar bilhetes anônimos provando que eram assassinos. Escolheu ficar do lado de nossos inimigos.

— Pode nos contar como tudo aconteceu? — perguntou Heitor. Então, estendeu a mão. — Heitor Falcão. Como você se chama?

— Eva Camargo.

Apertei sua mão, e ele apresentou os outros irmãos. Acenei para todos, sentindo-me cercada, mais perto deles do que um dia ousei imaginar. Mas tinha que me acostumar. Tinha que os atrair para mim, ser a moça perfeita, a nova amiga, a salvadora. Expliquei a eles, em um tom um pouco assustado.

— Eu moro na Sovaco de Cobra e estava saindo cedo porque trabalho em um bar e restaurante em Pedrosa. Estou no turno da manhã e saio cedo para esperar o ônibus na estrada. Tomei um susto quando vi o irmão de vocês e seu filho... — acrescentei, olhando para Tia — caído no chão, cheio de sangue.

— Ah, meu Deus! — Tia começou a chorar de novo. — Ele é meu filho de alma. Todos eles são.

— Entendo — assenti.

— E o que aconteceu? — Pedro me olhava, sério, e era quase tão assustador quanto seu irmão mais velho.

— Eu cheguei perto para ver se estava vivo, então ele acordou e quis se levantar sozinho — continuei, sem precisar fingir que estava nervosa. Ainda me sentia abalada. — Tentei buscar ajuda, mas ele saiu andando. Não queria ficar quieto.

— Theo é fogo... — reclamou Tia, torcendo as mãos.

— Bem, então ele me deu um número de telefone e começou a desmaiar. Acho que perdeu muito sangue. Eu o ajudei a sentar, falei com a senhora e corri até um

bar ali perto, e o dono aceitou nos trazer em seu carro até aqui. Foi isso.

Naquele momento, um homem bem moreno e grandalhão chegou, usando um chapéu branco. Não reagi, mas senti certo receio, sabendo que devia ser mais cuidadosa do que nunca. O delegado Ramiro se aproximou de nós.

Cumprimentou-nos e olhou-me de cima a baixo, analisando-me. Heitor explicou:

— Esta é Eva Camargo. Foi ela quem encontrou Theo caído na favela Sovaco de Cobra. Ela e o dono de um bar o pegaram e trouxeram para cá.

— Como vai? Sou o delegado Ramiro. — Estendeu-me a mão.

— Olá. Eu já vi o senhor por aí. — Apertei sua mão e tentei soar o mais normal possível, embora fosse uma luta parecer tão serena.

— Acho que já vi a senhorita também — respondeu, observando-me.

— É, às vezes venho aqui. Embora frequente mais Pedrosa, onde trabalho.

— Pode me contar exatamente como tudo aconteceu?

— Sim, senhor.

E lá fui eu descrever novamente como encontrei Theo Falcão. Ao final, ele indagou:

— Acha que foi alguém da favela?

— Não sei. Não havia sinal dos documentos dele nem do carro. — Dei de ombros.

— Poderia me acompanhar até o local em que encontrou Theo? — Seu olhar era muito atento, mas difícil de ler. Eu precisava tomar muito cuidado com ele.

— Sim, posso, mas preciso ligar para o trabalho e avisar que vou me atrasar. — Peguei o celular no bolso.

— Fique à vontade.

Antes que eu fizesse a ligação, o médico, um senhor bem-apessoado, aproximou-se de nós.

Na mesma hora, toda a atenção se concentrou nele, e Tia indagou rapidamente:

— Como ele está?

— Bem. Não se preocupem. O pior foi a perda de sangue, mas ele já está se recuperando. O ferimento na face direita foi suturado e logo não passará de um arranhão.

— E o tiro? — perguntou Pedro.

— A bala perfurou o ombro e saiu do outro lado sem grandes consequências — garantiu o médico com um sorriso. — O senhor Falcão está consciente e criando caso, pois não quer ficar no hospital. Concordou em receber ao menos todo o soro e a bolsa de sangue, mas, por mim, ficaria aqui por mais vinte e quatro horas em observação.

— Vai ser ruim segurar o Theo. — Heitor acabou sorrindo e abraçou Tia. —

Se está assim, é porque já se sente bem.

— Teimoso demais! — reclamou Tia, olhando ansiosa para o médico. — Podemos vê-lo?

— Sim, podem. Conto com a ajuda de vocês para convencê-lo a ficar aqui ao menos até amanhã. — Mal o médico acabou de falar, Joaquim deu uma risada e sacudiu a cabeça.

— Isso vai ser muito difícil, doutor.

O delegado se virou para mim, passando a mão pelo cavanhaque grisalho.

— Agora que felizmente tudo está bem, podemos ir? — perguntou.

Gabi e os outros também me olharam. Ela segurou minhas mãos, fitando meus olhos, e disse docemente:

— Precisamos agradecer melhor a você. Jante em nossa casa mais tarde.

Era uma grande oportunidade, mas eu precisava parecer o mais ingênua possível. Sorri e respondi serenamente:

— Muito obrigada, mas não é necessário. Fiz o que qualquer pessoa faria e estou feliz que tudo tenha terminado bem.

— Mas seria uma honra tê-la em nossa casa — completou Tia. — Theo também vai querer agradecê-la.

— Realmente não é necessário. Além do mais, vou chegar atrasada ao trabalho e terei que ficar lá até o turno da noite.

— Pode almoçar conosco amanhã. É domingo. — Joaquim colocou seus olhos verde-amarelados em mim. Não pude deixar de notar que ele e Gabriela formavam um belo casal.

Eu ainda sentia raiva por ela ter preferido ficar com eles, por não ter nem ao menos vacilado ou pensado em defender sua família de sangue, mas também achava que minha mãe tinha errado feio ao deixá-la ser criada por eles.

— Também trabalho amanhã. — Sorri docemente e passei os olhos por cada um deles. — Olha, realmente não precisam me agradecer. Está tudo bem. Desejo boa sorte para o senhor Falcão, que vocês possam descobrir quem fez isso e que tudo dê certo. Foi um prazer conhecê-los, mas agora preciso ir mesmo.

— Obrigada — repetiu Gabriela, abraçando-me.

Fiquei sem ação por um momento, incapaz de sentir raiva dela. Havia um nó em meu peito, um aperto que me incomodava e me perturbava demais. Retribuí o abraço e tentei conter as emoções que vinham sem controle.

Eu sentia uma culpa incômoda, apesar de tudo. Nunca quis que aquela vingança se tornasse violenta, mas o ódio tinha me dominado e agora eu percebia como tudo era grave. Duas pessoas tinham morrido pelas mãos de Theo Falcão, e isso me enfurecia, mas, ao mesmo tempo, como eu poderia culpá-lo por se defender? Ele saíra ferido também e estivera muito perto de morrer. Lauro mesmo dissera

que quase tinha acabado com ele.

Virei-me para o delegado:

— Podemos ir?

— Sim.

Despedi-me novamente da família e acompanhei o delegado Ramiro para fora do hospital. Teria que levá-lo até o local onde encontrei Theo Falcão e esperava que Lauro não tivesse deixado nenhuma pista por lá.

Enquanto caminhava ao lado dele, pensei no quanto era difícil fingir ser outra pessoa e nos riscos que eu corria. Mas tinha que me acostumar. Era só o começo.



3

Theo

Estávamos parados na lateral da estrada entre Pedrosa e Florada, exatamente após a curva onde eu tinha sido atacado naquela madrugada. Passava de meio-dia e felizmente estava nublado, sem o sol quente dos últimos dias. De pé entre Heitor e Pedro, com meu braço direito dolorido apoiado em uma tipoia e um curativo sob a lateral do olho direito, eu me sentia quase novo. Quase.

Ninguém tinha conseguido me segurar no hospital. Tão logo recebi a bolsa de sangue e o soro com os medicamentos, quase forcei o médico a me dar alta.

Tudo o que eu queria era descobrir o que tinha acontecido e por que sofri aquele atentado. Minha mente não parava de trabalhar, analisando todos os eventos, e somente esperei o delegado Ramiro voltar ao hospital para sair de lá e o acompanhar até a estrada.

— Desde o começo, achei que não era um assalto, por isso reagi. — Apontei para um local à minha direita. — A caminhonete enferrujada atravessava a via bem ali. Ou queriam pegar qualquer pessoa ou foi armado, sabendo que eu passaria por aqui.

— Mas então precisariam estar seguindo você. — Joaquim franziu o cenho.

— Ou apenas saber de onde eu vinha. E para isso já deviam estar de olho em mim.

— Theo... — Gabi se aproximou, ansiosa. — Será que... foram elas?

Eu a fitei. Tinha passado pela minha cabeça que podiam ter sido as mulheres da família de sangue dela, em nome da vingança que vinham empreendendo. Para não a preocupar tanto, fui mais ameno:

— Pode ser. Mas, se queriam me pegar, por que não me mataram? O bandido atirou no meu ombro e me teve sob a mira da sua arma mesmo depois que atirei nos comparsas dele.

— Talvez quisessem o carro mesmo — opinou Tia, preocupada, sacudindo a cabeça. — Vale uma fortuna! Tanto que o levaram, inclusive com os pneus furados.

— Vocês relataram que essas pessoas da família de sangue da Gabi andaram fazendo ameaças e não entraram mais em contato por dois meses. Se quisessem vingança, teriam matado você, Theo — disse Ramiro.

— É verdade. Não dá para entender — concordou Heitor.

Pensativo, eu não me cansava de analisar todas as probabilidades. Revia a cena incansavelmente, desde o momento em que saí do clube até o instante em que a garota loira me achou em um terreno baldio na favela. Lembro que, quando a vi, debruçada sobre mim, achei que era uma comparsa dos bandidos e que eu tinha sido sequestrado.

Sua imagem surgiu límpida em minha mente, os olhos verde-claros enormes, assustados como os de um filhote. Manteve aquele olhar durante todo o tempo, como se me temesse. Mas quem poderia culpá-la? Era bem jovem e eu estava ensanguentado.

— Quando foi com a menina até o local onde ela me achou, você encontrou alguma coisa, Ramiro? — Fitei-o.

— Nada. Só o seu sangue no chão.

— O que achou dela?

Olhou-me e demorou um pouco a responder.

— Eu gostei de Eva — disse Gabi. — Temos que ser gratos a ela e ao senhor do bar por terem ajudado você, Theo.

— Eu sei. Vou agradecer como merecem — garanti, mas continuei aguardando a resposta de Ramiro. Por fim, ele falou, coçando o cavanhaque:

— Pensei na possibilidade de Eva Camargo estar, de alguma maneira, ligada aos bandidos.

Eu acenei. Aquela possibilidade tinha passado por minha cabeça. No entanto, não encontrei relação entre os dois fatos.

— Mas como? — Tia estava confusa. Aproximou-se de mim e acariciou meu braço, como se não suportasse me ver ali, de pé, com aqueles ferimentos.

Passei o braço em volta de seu ombro. Sabia que ela buscava contato físico quando ficava nervosa ou preocupada. Sempre foi assim, desde que éramos crianças. Enquanto minha mãe mal se apercebia da gente e meu pai se mantinha distante, Tia era nosso apoio e porto seguro. Nossa fonte de carinho.

— Num caso desses, temos que analisar todos os envolvidos até descartá-los — expliquei a ela. — Não há nada contra a garota, mas é bom pensar nas possibilidades. — Continuei a averiguar com Ramiro: — O que descobriu sobre ela?

— Pedi que me mostrasse onde mora e me falasse um pouco de si. Disse que seu nome é Eva Camargo e me mostrou a carteira de identidade, a carteira de trabalho e o CPF, que solicitei com a desculpa de que precisaria colocá-los em seu depoimento. Em nenhum momento negou qualquer informação. Inclusive me passou o endereço de seu trabalho, o número de telefone de lá e o número do celular. E me levou até sua casa. — Ele sacudiu a cabeça e seus olhos escuros, um tanto pesarosos, encontraram os meus. — Ou melhor, barraco.

Eu entendi. Ela devia ser bem pobre. Eu já tinha visto alguns dos barracos da favela e notado as más condições de moradia lá. A maioria nem tinha saneamento básico.

Novamente, a imagem da garota se fixou na minha mente. Aliás, eu me lembrava dela a toda hora desde que acordara no hospital. Era impressionantemente bonita e era impossível esquecer aqueles olhos enormes. Delicada, voz suave, exalando algo de extremamente feminino e naturalmente submisso.

Franzi o cenho, irritado comigo mesmo por ter esses pensamentos. Não era hora de me distrair com isso. Aliás, não haveria hora para pensar na garota nesses termos. Era jovem demais. Talvez da idade de Gabi. Idade para ser minha filha.

— Quantos anos ela tem? — perguntou Gabi, baixinho, um pouco pálida, como se lesse meu pensamento.

— Vinte e dois anos. Vai fazer vinte e três.

Gabi soltou o ar, aliviada. Entendi seu medo e a fitei. Andávamos desconfiados demais desde que começaram a chegar bilhetes da família de sangue de Gabi nos acusando de assassinatos. Em paralelo tinham ocorrido os roubos de gado. E agora tudo aquilo. Era impossível não relacionar esses acontecimentos. Eu mesmo tentava enxergar o que acontecia por diversos ângulos.

— Achou que ela podia ser a sua irmã?

— Por um momento, sim, Theo. — Olhou-me. Embora não soubéssemos exatamente quais pessoas naquela família nos odiavam, tínhamos nossos palpites. Supúnhamos que se tratava de Estela, Luiza e sua filha caçula. Gabi só se lembrava de uma bebê que ela chamava de Vivi e que hoje teria dezenove anos.

Não havia realmente nada que ligasse Eva àquela família além do fato de ter cruzado meu caminho. E, como Gabi notara, as idades não batiam. Nem o nome nem a voz. Nós estávamos desconfiados demais. Nesse momento, Ramiro completou:

— Bem, eu soube por ela que mora naquele barraco na Sovaco de Cobra há um ano e que veio para esta região em busca de trabalho. Vou averiguar com a vizinhança. Ela não tem família e foi criada em um pequeno orfanato em Divinópolis. Quando voltei à delegacia, comecei a investigar e foi fácil checar as

informações. Tudo bate direitinho. Foi deixada no orfanato ainda bebê, saiu de lá aos dezoito anos e morou em Divinópolis até se mudar para cá, há um ano. Pelo jeito, a menina não tem nada a ver com o que aconteceu.

Nós nos despedimos de Ramiro, e Tia fez questão de me acompanhar, abraçada comigo, até o carro de Joaquim. Infelizmente, há coisas na vida que não dá para resolver às pressas. Eu sempre queria tudo para ontem e à minha maneira, mas, em certas ocasiões, ter paciência é fundamental. Havia em mim um instinto nato de comandar, de agir, de saber tudo que acontecia à minha volta. E por isso eu não sossegaria até esclarecer todas as dúvidas e aumentar os cuidados, principalmente com meus irmãos.

Tive que explicar o que aconteceu para meu pai, pois ele não sabia de nada. Ficou um tanto nervoso ao me ver, querendo falar e rosnando. Havia passado quinze anos preso naquela cadeira de rodas, com parte de sua fala e de seus movimentos comprometidos, e tinha sido uma luta para ele aceitar não ter mais o controle. Eu o entendia perfeitamente e achava sinceramente que aquilo era até pior do que morrer.

Eu o deixei na sala com os outros e subi para minha suíte no andar superior. Tia e meus irmãos ofereceram ajuda, mas garanti que estava tudo bem.

Pálido e dolorido, entrei na banheira e liguei a água quente, suspirando e apoiando a cabeça na beirada. A água só poderia subir até meu peito, para não molhar o curativo. Lavar a cabeça seria pior, mas mesmo assim não chamei ninguém para me ajudar. Meu lema era fazer sozinho o que eu pudesse, sem depender de ninguém.

Fechei os olhos. Meus músculos relaxaram um pouco e a dor amainou. Sabia que os acontecimentos da noite passada e da madrugada voltariam à minha mente e eu analisaria cada lembrança novamente, tentando perceber algo novo e aumentar meu leque de respostas, mas a primeira coisa que vi foi a imagem de enormes olhos verdes assustados.

A menina. Senti certo desconforto por pensar nela mais uma vez, mas não lutei contra a lembrança. Deixei que viesse. Nunca tinha visto olhos tão lindos e enormes, daquele verde tão vivo. Tomavam conta de todo o rostinho delicado, arregalados. Imaginei o susto dela ao me encontrar desacordado e ensanguentado no caminho. E tinha sido aquele olhar, mais do que as informações de Ramiro, que me convencera de que ela não tinha nada a ver com aquela história.

Tinha parecido perdida, até mesmo acuada por mim. Mesmo ferido e quase desmaiando, eu continuei no controle, e Eva Camargo se submeteu. Pensei que gostaria de revê-la em outra situação, sem todo aquele estresse, para conferir se

era realmente tão doce e ingênua quanto parecia.

Xinguei a mim mesmo em silêncio. Porra, era uma garota! Vinte anos mais nova. Cara de menina. Eu não devia nem estar pensando nela. No dia seguinte, iria agradecer a ela, ao tal dono do bar que me ajudou, tentar recompensá-los de alguma maneira e pronto, ela estaria fora da minha vida e seria esquecida. Eu não me envolvia com crianças, embora, aos vinte e dois anos, ela não fosse tão nova assim. Só para mim, prestes a completar quarenta e dois.

eva

Era domingo de manhã. Eu tinha ficado no restaurante até a madrugada para compensar meu atraso, por isso só trabalharia novamente mais tarde, depois das dezoito horas. Tinha acordado havia pouco e, sentada no sofá de dois lugares na sala, usando short preto e camiseta branca, com os cabelos soltos ainda sem pentear, eu falava com minha mãe ao telefone.

— Eles procuraram você, Eva?

— Não, mãe. Se vieram aqui, não me encontraram, porque trabalhei até a madrugada. — Bocejei. Minhas pernas estavam encolhidas sob o corpo e a cabeça, apoiada no encosto.

Sentia-me cansada. Mais por tudo que vivenciara no dia anterior do que pelo trabalho, embora fosse explorada no restaurante e não parasse um segundo sequer. Todas as emoções que senti ao saber da morte dos dois homens, ao conhecer Theo Falcão e ser engolida por sua força, ao estar entre aquela família e Gabriela, tinham cobrado seu preço.

— Eva, está me ouvindo?

— Hã? — Tentei me concentrar, sentando-me direito no sofá, correndo os dedos entre os cabelos que se esparramavam sem controle até o meio das minhas costas. Eu tinha sido engolfada pela raiva que sentia daquele homem e de mim mesma.

— O que você tem? Está com medo?

— Não — menti, sem coragem de contar a ela o quanto me senti acuada e perturbada por Theodoro. Omiti essa parte. Segurei o telefone com força, e ela continuou:

— Não se preocupe. É claro que o delegado vai investigar sua vida, mas, como não sabem até que ponto estamos envolvidas, só fará algumas perguntas superficiais.

Minha mãe tinha muitos contatos. Um dos homens do seu círculo, um falsificador de primeira, tinha criado minha nova identidade, com tudo que eu tinha direito. Documentos, registros no computador do orfanato e no Ministério do Trabalho, mentiras forjadas, nome e idade inventados. Enquanto as investigações se limitassem a esses registros, tudo estaria bem. Agora, se alguém fosse até o orfanato e pedisse para ver minha ficha, para segurar meu prontuário, veria que eu não existia. A órfã Eva Camargo era um fantasma. Por trás dela estava Eva Amaro, dezenove anos, com mãe e avó vivas.

A mudança de idade tinha servido a dois propósitos: que eu parecesse um pouco mais velha aos olhos de Theo Falcão e que eu não pudesse ser a irmã de Gabi.

— O que você tem, Eva? — insistiu minha mãe, estranhando o silêncio.

— Nada — respondi. — Só estou cansada.

— Pois trate de se cuidar e se preparar. Aposto que terá visitas hoje. — Seu tom era ansioso, demonstrando o quanto se sentia otimista. — E não esqueça seu papel. Você é a doce e solitária órfã que vive em um barraco. Aquele homem tem que sentir que deve algo a você por tê-lo ajudado, mas não se mostre interesseira. Encante-o com sua beleza. Lembre-se de tudo que falei dele. Gosta de estar no comando, de ter mulheres submissas. Seu jeito já é doce. Tenho certeza de que ele notará isso, ainda mais pervertido do jeito que é. Seduza-o!

Fechei os olhos rapidamente, com o coração disparado e o corpo exaltado. Só de imaginar a mão dele me tocando, seu olhar me consumindo, aquela boca contra a minha, eu tinha a sensação de que não poderia suportar. Eu teria que ficar nua para ele. Eu o veria nu se conseguisse seduzi-lo. Ele penetraria meu corpo, me subjugaria, me tomaria com aquela maldade e aquela força que vinha de dentro dele e transparecia em seu olhar. Seria alvo de suas taras e sua masculinidade vibrante e autoritária, que me arrebatava e apavorava.

— Tenho medo dele... — Deixei escapar em um murmúrio angustiado. Tremia, por mais que tentasse me controlar.

— É para ter mesmo, Eva. — A voz dela abrandou. E, então, seu timbre demonstrou seu desprezo: — Ele é um assassino frio. É perverso, maldito, impiedoso, depravado, cruel. Filha, eu temo por você também. Você sabe como sempre a protegi. Se eu pudesse, tomaria seu lugar. Mas o desgraçado me conhece. Poríamos tudo a perder. Temos que usar essa arma. No momento, é a única que temos.

— Não sei se sou capaz... — murmurei.

— Você é. Você é, Eva! — disse ela, mais firme, dura. — A cada vez que pensar em vacilar, pense em Flávio, seu namoradinho que sumiu e com certeza foi morto pelas mãos de Theo Falcão, assim como Abel e os dois homens que

acompanhavam Lauro. Isso não é nada para esse assassino. Ele é igual ao pai dele. Talvez até pior! Lembre-se de tudo que perdemos por causa dele.

Mordi os lábios. Sim, eu sabia. Eu tinha visto nossa miséria e passado fome. Eu tinha visto minha avó definhar e ficarmos sem um teto. E, para nos salvar, minha mãe seguiu pelo caminho que mais rápido nos traria retorno e um novo teto para nós: a prostituição.

Eu cresci escondida enquanto ela se deitava com um homem após outro no quarto ao lado. Ela nos tirou da miséria assim. E a cada dia me lembrava do motivo pelo qual passávamos por aquilo. Nunca me escondeu nada. Deu-me estudo, comida, roupas e proteção. E quando fiquei mais velha e senti a culpa me remoer por ter aquelas coisas às custas dela, ofereci-me para tomar seu lugar.

Lembro que ela me deu um tapa na cara e disse que eu não seria prostituta. Que eu devia prometer a ela que me manteria pura e casta. Na época, não entendi o porquê e fiquei assustada, mas ela me garantiu que minha virgindade seria preciosa um dia e abriria as portas de um novo mundo. Por um tempo, não foi difícil, pois eu sempre tinha associado sexo a dinheiro. Até completar dezesseis anos. Então começou meu aprendizado.

Eu tinha até vergonha de lembrar. Aprendi da forma mais bruta o que era sexo. Eu o vi ao vivo e a cores. Senti vergonha e nojo ao ver minha mãe se deitando com aqueles homens. Ela me mantinha sob rédeas curtas e me cobrava sempre que mantivesse aquela promessa de pureza.

Segundo minha mãe, eu aprenderia tudo sobre sexo sem praticar. Havia um buraco na parede entre os quartos, e era por ali que eu via os homens entrarem, ficarem nus, gemerem e fazerem tudo que queriam com ela. Palavras sujas ficaram gravadas em minha mente. Os órgãos tesos de vários tamanhos, grossuras e tons. Os corpos diferentes, gordos, altos, baixos, magros. Os pelos. Tudo. E ela ainda me explicava em detalhes o que fazia, como se desse uma aula de boa educação.

Tornei-me bastante consciente de que era daquela maneira que minha mãe me dava teto, escola, comida e até certo conforto e comprava os remédios da minha avó. De que, mesmo sendo linda, tinha que se deitar com homens que lhe davam nojo. E de que sexo podia ser uma arma. Só mais tarde entendi por que me mostrou tudo aquilo e me fez preservar minha virgindade. Para usar essa arma quando fosse necessária. Agora.

Imaginei Theo Falcão fazendo cada uma das suas imundícies comigo, arquejando e suando em cima de mim, metendo seu membro em meu interior. Fechei os olhos, abalada, tensa, sentindo um misto de nojo, raiva, medo e desejo. Eu não conseguia parar de pensar naquilo.

— É melhor eu ligar outra hora. Está difícil falar com você hoje — reclamou minha mãe. — Mas não esqueça: esse homem é o demônio, é um assassino

maldito.

— Não vou esquecer, mãe — falei, cansada.

Eu queria me encolher em um canto e dormir. Esquecer tudo aquilo, livrar-me daqueles sentimentos exaltados, ter ao menos um pouco de paz. Deixei o celular no bolso e me encolhi, de olhos fechados, cansada demais.

Foi nesse momento que ouvi a batida firme na porta de ferro e vidro.

Tomei um susto e sentei, apavorada, sentindo meu coração bater como um louco e a respiração travada. Com olhos arregalados, vi o vulto alto do outro lado do vidro enlameado e soube que era ele.

Tentei recorrer ao ódio para encontrar forças para enfrentar Theo Falcão. Como minha mãe sugeriu, pensei no fato de ele ser um assassino, em Lauro me contando como ele matou covardemente Abel, em tudo que aquela família fez para destruir meu avô e roubar nossas terras. Lembrei-me de Flávio, de nossos beijos e de seu desaparecimento sem deixar vestígios. Puxei o ar para dentro dos pulmões e o senti gelado. Todo aquele esforço estava funcionando.

Ele bateu mais uma vez na porta, de um jeito bem firme. Levantei, sentindo a raiva pulsar em meu interior, mas ainda contida pelo medo, que era maior que tudo. Respirei pesadamente e me recusei a fugir. Estava na hora de enfrentar, de agir, de ser a nova Eva. Eu daria um passo de cada vez.

Abri a porta e lá estava Theo. Totalmente concentrado em mim. Usava uma camisa azul-clara levemente justa nos ombros largos e no peito definido, com as mangas dobradas até o cotovelo, e jeans escuros. Os cabelos castanhos, quase negros, estavam penteados para trás e eram levemente ondulados e densos. Se não fosse o pequeno curativo abaixo do olho direito, ninguém diria que tinha tomado um tiro, recebido uma coronhada e perdido tanto sangue. Nem usava a tipoia. Devia ter um curativo no ombro sob a camisa.

— Vim falar com você — disse ele, de repente, tirando-me do meu devaneio, despertando-me para o fato de estar ali, descalça, segurando a porta e olhando para ele, muda. Então, ele me estendeu a mão direita. — Theo Falcão.

Perplexa, pisquei, olhando para sua mão.

— Sei quem você é — falei, baixo.

— Mas ainda não nos apresentamos. — Seu tom também era baixo, mas firme e levemente áspero.

Fitei novamente os olhos azuis, que contrastavam com a pele morena e os cabelos escuros. Cuidadosa, levemente trêmula, encostei minha mão na dele, murmurando:

— Este é o lado em que tomou o tiro.

— Apertar sua mão não vai me matar. — E o fez. Seus dedos longos como os de um pianista, bem-feitos, fecharam-se em torno dos meus e sua palma, grande,

colou-se na minha, bem menor.

Perdi o ar e a capacidade de raciocinar. Simplesmente senti o contato, o calor, o toque firme e longo. Quis achar algo para dizer ou para me fazer odiá-lo, mas me sentia irremediavelmente presa, meus olhos arregalados perdidos nos dele, como se uma força sobre-humana me atraísse. Foi Theo quem rompeu o contato. Seu olhar sério dizia que ele entendia tudo, cada reação minha à sua presença e ao seu toque.

Corei violentamente, mas tentei disfarçar. Entreabri mais a porta.

— Quer entrar?

— Quero.

Ele passou por mim, sem disfarçar que olhava em volta. Fechei a porta, com raiva de mim mesma e com vergonha, sem saber como poderia tentar ser charmosa e sedutora quando me desestabilizava assim perto dele.

Parou no meio da sala minúscula, com paredes de tijolo cru. Era apenas uma quitinete, com o pequeno sofá de dois lugares, uma televisão de vinte polegadas sobre uma mesinha, duas cadeiras, um fogão e uma geladeira enferrujando em um canto perto da pia. Ao lado dela, havia um armário marrom comprido e antigo. Como não havia espaço para mais nada, os dois colchonetes em que eu dormia estavam enrolados perto da porta do banheiro. No lado oposto, um apertado guarda-roupa.

Theo Falcão, com sua aura de poder e dinheiro e suas roupas elegantes, parecia totalmente deslocado no meio daquela pobreza. Depois de um rápido olhar, fitou-me atento, com o cenho franzido.

— Você mora aqui, sozinha?

— Sim.

— É seu ou alugado?

— Alugado.

— Alguém tem coragem de cobrar por isso? — indagou secamente.

— Eu tenho coragem de pagar. — Ergui o queixo, irritada. — É um teto que me abriga.

Algo em seu olhar se amainou. Observou-me com mais interesse.

— Não quis ofendê-la.

Parecia sincero, mas não falei nada.

Da mesma maneira como notara tudo em volta, rapidamente, como se registrasse cada detalhe com apenas um olhar, fitou-me, parecendo me acercar. Observou meu cabelo desarrumado, meus olhos e boca, desceu pela camiseta e short que me cobriam, deteve-se em minhas pernas nuas e finalmente em meus pés descalços. Fixou-se ali, e eu permaneci imóvel, abalada, dormente. Era tão intenso e perturbador que cada parte de mim parecia quente.

Fiquei desconcertada pelo jeito penetrante como observava meus pés e os olhei também. Eram pequenos, macios, com unhas bem-feitas, pintadas de vermelho, em contraste com a pele branca. Finalmente, forçou-se a erguer os olhos, que estavam ainda mais duros e perturbadores, com as pupilas dilatadas. O ar me faltou, pois me senti sob uma alta carga de sensualidade. Tive a impressão de que viria até mim e me pegaria à força. Arqueei, nervosa, estremecendo. Na mesma hora, ele se recuperou e ficou mais frio.

— Vim agradecer a você, Eva.

Era a primeira vez que dizia meu nome, e isso me deixou mais perturbada ainda. Pensando que eu devia me conter e agir, consegui apontar o pequeno sofá marrom.

— Sente-se, por favor. Mas... não precisa me agradecer.

Theo ergueu a sobancelha direita e fez uma careta, como se uma pontada de dor o tivesse lembrado de que estava ferido daquele lado.

— Merda... — reclamou, baixinho, e sentou-se. Reparei que poupava movimentos com o lado direito do corpo. Sentei-me na cadeira em frente, perto da mesa, observando-o. Também não tirava os olhos de mim.

— Quer um café? — Lembrei-me de ser educada.

Havia um clima pesado e quente entre nós. Fiquei chocada ao me dar conta de que aquele ar elétrico estava carregado de carga sexual. E não vinha apenas da minha parte. O modo como ele passou os olhos por meu corpo e os fixou em meus pés mostrava puro desejo masculino. O olhar parecia ainda mais bruto, como se não quisesse sentir aquilo. E pela primeira vez percebi que não seria tão difícil assim atrair a atenção dele.

— Não. — Theo parecia focado. — Meus irmãos disseram que você trabalha em um bar e restaurante em Pedrosa.

— Sim.

— À noite?

— Geralmente, sim, mas ocasionalmente pedem que eu mude o horário.

— Seu turno começa a que horas hoje?

— Às dezoito.

— E sai a que horas?

— Quando o restaurante fecha. — Eu queria ver aonde desejava chegar e perguntei: — Por quê?

— Pedrosa é longe daqui, e você é uma jovem sozinha. Essa favela é perigosa. — Fitava-me com o cenho franzido, como se me achasse alguma irresponsável.

— É meu trabalho. E nunca fui assaltada. A maioria das pessoas aqui me conhece.

— Como faz para voltar, se não passa ônibus de madrugada?

— Está preocupado comigo? — provoquei.

— Estou. — Fiquei surpresa com sua resposta direta. Aquele homem me desconcertava.

— Às vezes, pego carona com o cozinheiro ou venho em um mototáxi. Quando já é de manhã, espero o primeiro ônibus.

A ruga em sua testa se pronunciou quando franziu as sobrancelhas e me olhou, como se estivesse extremamente irritado.

— Carona de madrugada? Mototáxi?

— Sim, isso mesmo. — Irritei-me também, pois falava comigo como se eu fosse criança.

Theo respirou fundo, tentando se conter, mas então foi direto ao ponto:

— Conversei com o dono de bar que me levou ao hospital. Vou recompensá-lo. Quero fazer o mesmo com você. Me diga o que quer.

Eu sabia que era o que esperávamos que acontecesse. Que ele me procurasse e fizesse alguma oferta. Mas mesmo assim me irritei. Ele era arrogante; na certa, achava que eu ficaria toda sorridente e feliz com o dinheiro dele, com a dívida que achava que tinha comigo sendo paga.

— Eu não quero nada — falei, sem me alterar exteriormente.

Seu olhar era profundo e sério, fixo no meu.

— Faço questão — insistiu. — Vou te dar uma casa. Fora dessa favela.

— O quê? — Arregalei os olhos. — Vai me dar uma casa só porque vi você ferido e o ajudei? Eu já disse que qualquer um faria o mesmo.

— Ficaria surpresa se soubesse quantas pessoas por aqui teriam terminado de me matar naquela situação, Eva. — Seu tom foi cínico, com os lábios levemente erguidos, como se não se importasse com isso. — Digamos que já me indispus com indivíduos deste lugar.

Eu sabia. Por Theo Falcão, a favela seria destruída e as pessoas, distribuídas por outros locais ou construções habitacionais.

— Obrigada, mas não precisa me dar nada.

— Faço questão.

— Senhor Falcão...

Calei-me quando vi seus olhos escurecerem e sua expressão ficar carregada. Subitamente lembrei-me de minha mãe dizendo que eu devia ser submissa e atrair a atenção dele. Eu sabia que havia chegado a hora. Criei coragem, mesmo tremendo por dentro. Meu medo era voraz. Engoli em seco e repeti, baixinho:

— Senhor Falcão... Não posso aceitar nada. Mas obrigada pela oferta generosa. — Lambi suavemente meus lábios e baixei os olhos, com as mãos cruzadas sobre o colo. — Não tem nenhuma dívida comigo.

— Eu tenho, sim. E pode me chamar de Theo. — Seu tom era duro. Eu sentia a

força de seu olhar sobre mim.

Quando ergui os olhos, reparei que fitava meus lábios. Senti minha barriga se contorcer, nervosa com a sensualidade latente vinda dele, com a potência quase bruta de sua expressão. Soube que era uma força quase incontrolável, que se viesse para cima de mim, eu não saberia o que fazer. Não precisei fingir que ele me dominava e me subjugava, pois era o que acontecia. E isso era o pior. Não ter o controle. Como eu poderia tentar manipular aquele homem se me perdia entre as sensações e emoções violentas que ele despertava em mim?

— Eva, olhe para mim. — Sua voz autoritária me fez obedecer de imediato.

Vi que isso o deixou mais tenso, mais rígido. Sua expressão dava medo. Era perigosa, até mesmo cruel. Lembrei-me da foto da mulher presa na coleira, escravizada por ele, que minha mãe tinha me mostrado e que fora tirada no clube que Theo frequentava. Senti uma ânsia extrema ao me imaginar naquela situação e pensar em tudo que ele poderia fazer comigo. Um arrepio percorreu minha coluna. Os mamilos ficaram dolorosamente duros. Minha vagina esquentou e umedeceu. Perdi o domínio do corpo e dos sentidos. Foi tão intenso, tão forte, que algo me impulsionou a cair de joelhos e me oferecer em sacrifício. Quase me ajoelhei para ele por livre e espontânea vontade. E isso me assustou tanto, mas tanto, que arregalei os olhos e arfei, nervosa, lutando contra mim mesma.

Na mesma hora, Theodoro Falcão se levantou bruscamente, dilacerando meu olhar com sua expressão carregada. Soube que estava perdida e me rendi. Esperei ansiosamente que viesse me pegar, mas o que disse foi surpreendente:

— Vou conseguir um bom emprego e uma casa para você. E não aceito não como resposta. Aguarde. Entrarei em contato.

Sem mais, caminhou com passos largos e decididos até a porta.

Ele ia embora?

Chocada, eu me ergui.

— Senhor Falcão... — chamei, baixo, mas ele abriu a porta com a mão esquerda, ignorando-me. — Theodoro, por favor...

Parou. Senti que estava rígido. Vi seu semblante cruel quando virou o rosto e olhou para mim, como se fosse me engolir viva. Foi quase um golpe. Insisti, nervosamente:

— Eu não posso... Eu...

— Pode. E já está resolvido. Volto a entrar em contato com você. — Sem mais palavras, saiu e fechou rudemente a porta.

Lembrei-me de minha mãe mandando que eu fosse submissa, que aceitasse tudo para chamar a atenção dele, mas, irritada, ainda tremendo, eu só pensava em mostrar a ele que não mandava em mim, que não era uma qualquer em quem despejaria sua arrogância. Theo Falcão ia ver com quem estava se metendo.



Esperei que Theo me procurasse logo, mas isso não aconteceu. Todos os dias, eu acordava com uma sensação de ansiedade, de pressão no peito, e com a expectativa de encontrá-lo novamente. Mantinha-me alerta para não ser pega de surpresa. Foi a maneira que encontrei para não deixar que aquele homem me abalasse. Eu tinha que estar preparada para ele, antecipar seus atos.

Em alguns momentos, eu sentia um ódio mortal por saber que, apesar de tudo, estava atraída por ele. Era o que mais me preocupava, pois eu tinha um medo grande de perder o controle, de não conseguir ser racional e fria enquanto meu corpo reagia sem controle.

Na quarta-feira, cheguei ao trabalho às quatro da tarde. Eu deveria sair às onze, mas sempre passava do horário, já que o bar enchia bastante. Pedrosa era uma cidade grande, com fábricas de roupas, de agulhas e de rações, além de frigoríficos e uma destilaria, e, por volta das cinco horas, as pessoas começavam a chegar no bar e restaurante Rebu para beber alguma coisa antes de ir para casa. A comida não era muito boa e o ambiente, feio, precisando de reformas, mas havia bebidas baratas, mesas de sinuca e um bar enorme.

Os pedidos eram basicamente cerveja ou doses de cachaça, com ocasionais pratos de petiscos ou refeições. Risadas e falatório se espalhavam pelo ambiente e havia movimento em torno das mesas de sinuca, mas, naquele dia, o bar ainda não estava cheio.

Eu trabalhava quieta e séria, como sempre. Apesar do cabelo preso num coque, do avental marrom e feio sobre o jeans e a camiseta e de não usar brincos, maquiagem ou qualquer coisa que chamasse a atenção, eu sempre recebia muitos olhares e cantadas, por isso evitava dar qualquer indício de confiança aos fregueses. Quando ouvia alguma gracinha, ignorava. O segurança do bar já tinha

sido obrigado a intervir mais de uma vez quando algum engraçadinho resolvia ser mais agressivo ou tentava me bolinar.

Eu tinha ódio dessas coisas e muitas vezes pensei em pedir demissão, mas sabia que precisava daquele emprego. Era o que tinha conseguido, e eu não podia ser exigente demais. Como uma garota sozinha que morava em um barraco, tive que agarrar aquele trabalho. Se Theo Falcão me investigasse, seria mais uma prova de que eu era esforçada, solitária e sofrida.

Ignorei os olhares lascivos e os sorrisos. Outras garçonetes muitas vezes saíam com os clientes, o que os fazia achar que conseguiriam o mesmo comigo. Alguns, mais antigos, tinham desistido depois de várias recusas e olhares frios, mas outros continuavam insistindo. Por ser a mais nova e a mais desejada, minhas colegas implicavam comigo. Assim, era ruim trabalhar ali por vários motivos, incluindo ainda o salário baixo e a exploração. Mas eu suportava.

Pouco depois das dezessete horas, uma mulher familiar entrou, chamando a atenção de todo mundo no bar. Havia mulheres ali, algumas acompanhadas, outras em grupos, apesar de serem minoria. Muitas iam em busca de uma paquera e até saíam acompanhadas, mas nenhuma delas era elegante como a mulher morena que chegou, acompanhada de um homem mais velho, forte e calvo. De terno e com cara de mau, ele parecia até ser o segurança dela.

A mulher era alta e esguia, mas tinha quadris largos e arredondados. A saia reta e preta, até um pouco abaixo do joelho, denunciava o corpo. Usava saltos altíssimos e uma blusa de seda em tom lavanda, comportada e de bom gosto. Não era exatamente linda: tinha o nariz fino e arrebitado demais e as sobrancelhas arqueadas davam-lhe certo ar frio. Os cabelos escuros chegavam até o pescoço em um corte elegante. Parecia contida, mas era atraente. Seus olhos negros passeavam em volta enquanto entrava, como se procurassem alguém, e finalmente pararam em mim, que terminava de deixar canecos de cerveja em uma mesa e voltava até o bar para buscar um novo pedido. Estava certa de que a conhecia, mas não sabia de onde.

Chegamos ao balcão praticamente ao mesmo tempo. Antes que eu fizesse o pedido, sua voz, surpreendentemente forte para uma mulher, indagou:

— Eva Camargo?

— Sim, sou eu. — Fitei-a, curiosa.

— Valentina Resende Botelho. — Estendeu-me a mão, e eu a apertei, ainda sem saber quem ela era. — Sou assistente de Theo Falcão.

Lembrei-me de tê-la visto acompanhando Theo durante a festa na fazenda Falcão Vermelho e fiquei nervosa só de ouvir o nome dele. Retirei a mão, um pouco inibida em sua presença. Era elegante e bem mais alta, além de ser pelo menos dez anos mais velha do que eu. Seu olhar atento era penetrante. Acenei

com a cabeça e, por fim, indaguei:

— O que deseja?

— Theo pediu que eu viesse aqui. — Olhou em volta, deixando claro que não se sentia à vontade ali, principalmente com os olhares que recebia. O homem calvo manteve-se a distância, mas atento. Tive certeza de que era um segurança. Valentina fitou-me de novo. — Podemos conversar por um minuto?

— Estou trabalhando. — O barman já terminava de encher a bandeja com novas bebidas. Eu olhava para a morena, ansiosa porque ela estava ali em nome de Theo. — Por que o senhor Falcão pediu para você vir aqui?

— É sobre isso que quero conversar. — Apontou para uma mesa vazia. — Vou sentar ali. Quando for me servir, eu explico.

Peguei a bandeja cheia e afastei-me, com expectativa e apreensão. Por que Theo tinha mandado aquela mulher? Por que ele mesmo não fora me procurar? Não gostei daquilo. Precisava me aproximar dele, sem terceiros entre nós.

Voltei o mais rápido possível e logo me aproximei da mesa de Valentina. O homem calvo tinha sentado com ela e conversavam em voz baixa, parando quando cheguei. Na mesma hora, ela nos apresentou:

— Este é Osmar Lima. Ele faz parte da equipe de segurança do escritório de Theo em Florada.

Nós nos cumprimentamos. Valentina continuou:

— Theo insistiu para que ele viesse comigo, pois eu não conhecia este local.

— Entendo. Mas por que estão aqui? — Eu segurava a bandeja vazia e a observava.

— Por isso. — Sobre a mesa, empurrou para mim um envelope pardo e fitou meus olhos. Seu semblante era tão compenetrado que perguntei a mim mesma se aquela mulher sorria. — Theo lamenta pela demora, mas a cidade de Pedrosa tem mais pessoas do que vagas de emprego e casas disponíveis. Ele quer saber se ambos agradam a você.

Deixei a bandeja sobre a mesa e peguei o envelope. Havia um contrato de trabalho como recepcionista em um dos frigoríficos de Pedrosa, mas que não pertencia aos Falcão, assim como uma foto de uma casa bonita perto do centro, em uma rua próxima ao frigorífico.

— O que acha? — perguntou Valentina. — O salário não é ruim e ainda há plano de saúde e auxílio-alimentação. E a casa...

— Obrigada, mas não quero nada disso. — Guardei os papéis no envelope e devolvi a ela.

Valentina não pegou. Observou-me e ergueu uma das sobrancelhas finas.

— Senhorita Camargo, foi difícil conseguir a locação da casa e o emprego. Theo quis que eu deixasse bem claro que, se a residência lhe agradar, vai

comprá-la e botá-la em seu nome. Isso é o mínimo que pode fazer por tê-lo ajudado e...

— Como eu disse, senhorita Resende, ou senhora, não sei... — Notei a aliança de noivado em seu dedo direito. — Não preciso. Já tenho um teto e um trabalho.

Eu estava irritada. Então era assim? Theo me queria longe. Arrumara casa para mim em Pedrosa, não em Florada, e um emprego em um frigorífico que não era seu, quando seria mais fácil arrumar alguma coisa para mim em um de seus estabelecimentos. Estava claro que manteria distância de mim. Até mesmo enviara aquela mulher em vez de falar comigo pessoalmente.

— Desculpe, mas tenho que voltar a trabalhar. — Recolhi minha bandeja vazia. — Desejam algo para comer ou beber?

— Não. Olha, Pedrosa é uma cidade grande, mais segura do que onde você mora e...

— Não quero viver em Pedrosa. Gosto de paz e sossego, coisa que não existe por aqui. E não preciso que ninguém tenha pena de mim. Por favor, diga ao seu patrão que sei me sustentar sozinha e não preciso dele. Com licença.

Não lhe dei chance de falar mais nada. Saí pisando duro, e minha irritação não era forjada. Eu tinha esperado dias por ele, ansiosa e nervosa como uma boba. E o desgraçado mandara a assistente em seu lugar, com aquela proposta para se livrar de mim e manter sua consciência limpa.

Respirei fundo e trabalhei até o fim do meu turno, mas minha irritação e aquele incômodo dentro de mim não se abrandaram. Eu só pensava em Theo, sabendo que a raiva mascarava uma incômoda decepção por ele não ter me procurado.

Theo

O Falconetes não enchia muito até quarta-feira, e era assim que eu preferia. Quando saí do trabalho, senti vontade de tomar um drinque e parei lá antes de ir para casa. Houve uma época em que eu frequentava mais o local, mas agora minhas visitas eram ocasionais. Gostava de ir lá, rever alguns conhecidos e bater um papo, principalmente com Abigail, a dona do bar e restaurante, que era minha amiga havia muitos anos.

Como sempre, ela ficou feliz ao me ver. Atrás do bar, linda e maquiada, como sempre, parou de fazer contas em uma calculadora e seu rosto se iluminou. Ela me cumprimentou com sua voz rouca:

— Lembrou que tem uma amiga aqui?

— E quem disse que esqueço? — Inclinei-me para a frente e dei um beijo em seu rosto. Senti-a um tanto nervosa e sabia por quê, mas fingi não notar.

Tínhamos sido amantes por anos. Antes mesmo de seu primeiro casamento. Abigail nunca escondeu que me amava e que esperava por mim. Desde que se mudou para Florada com as irmãs, havia mais de vinte anos, sentimos uma atração forte entre nós. O que mais me atraía era sua sensualidade à flor da pele e sua curiosidade em explorar coisas novas. Apesar de não ser uma pessoa submissa, permitia tudo na cama e gostava. Assim, éramos muito compatíveis nesse ponto. E havia uma camaradagem entre nós que me deixava à vontade com ela. Foi a única mulher que conseguiu me agradar tanto na cama como fora dela.

Era uma relação divertida, pois ela nunca abaixou a cabeça para mim. Se na cama eu a amarrava, usava, submetia, no dia a dia ela era decidida, brigava comigo quando achava necessário e não tinha medo de me enfrentar. Se eu fosse escolher qualquer mulher com quem ter um relacionamento sério, seria ela. O problema era que eu não queria me casar. E esse era o sonho da vida dela.

Chegamos a um ponto em que Abigail me pressionou por isso, e eu decidi me afastar. Segui minha vida, e ela teve o que sempre quis: casou-se com Zé, o dono daquele bar, um homem eternamente apaixonado por ela. Não a toquei mais, pois nunca quis ser o outro ou o substituto de alguém, embora notasse seu olhar de desejo e arrependimento cada vez que nos encontrávamos. Dois anos depois de seu casamento, ela ficou viúva e assumiu o bar, mas enfrentava problemas financeiros. Eu a ajudei, e ela se reergueu, fez reformas, transformou o bar em um restaurante. Nós nos reaproximamos e voltamos a ter relações sexuais como se não tivéssemos parado.

Abigail confessou que só se casou com Zé para que eu sentisse raiva e ciúmes. Lembro-me de que fui brutalmente sincero com ela e deixei claro que não a amava. O que eu sentia por ela era atração e amizade. Então me afastei, para não a magoar mais. Finalmente, ela entendeu que só aquilo seria possível entre nós, e continuamos amigos com sexo ocasional.

Três anos depois, ela se casou com Netinho, o dono da funerária. Explicou que queria ter filhos e se sentia solitária. Mais uma vez, afastei-me e fomos só amigos durante o ano em que foi casada, até se tornar viúva novamente. No enterro, entre lágrimas, deu uma risada e me disse que agora mesmo é que eu nunca me casaria com ela, pois já tinha fama de viúva negra. Eu fiz algum comentário irônico e a confortei, mas estava claro que não era aquela fama que me impedia, mas o fato de não querer me casar nem amar.

Fomos amantes durante os anos seguintes, mas aos poucos me distanciei. Meus desejos se tornaram cada vez mais exigentes, e eu a via mais como amiga do que como amante. Abigail nunca perguntou por que não a procurei mais. Felizmente,

nossa amizade continuou e tínhamos liberdade para falar sobre tudo um com o outro. Fora meus irmãos e Tia, era a pessoa em quem eu mais confiava.

— Você parece totalmente recuperado. — Abigail colocou um copo à minha frente e serviu o uísque com duas pedras de gelo, como sabia que eu gostava. Observou meu rosto, onde havia um pequeno curativo sobre o ferimento perto do olho direito. — E o ombro?

— Novo em folha. — Bebi um gole, sem me importar com aqueles ferimentos que ainda eram um tanto doloridos, mas os quais eu tentava ignorar.

— Teve alguma informação do seu carro ou dos bandidos?

— Nenhuma. — Isso me deixava furioso. Eu tinha seguro, é claro, e o maior trabalho fora fazer novos documentos, mas não ter respostas me deixava possesso. — Mas não desisti. Uma hora, eles vão deixar uma ponta solta.

— É verdade. Engraçado como a cidade sempre foi tão calma e agora acontece uma coisa dessas. — Abigail apoiou os braços no balcão, olhando-me com atenção.

— Essa favela atrai todo tipo de bandidos, inclusive aqueles que vêm de fora e encontram um mercado inexplorado aqui.

— Você continua na luta para acabar com a Sovaco de Cobra, Theo?

— Sempre — respondi, decidido.

Tomei um gole do uísque, pensativo. Possivelmente, alguém que morava na favela deu as informações a meu respeito e participou do ataque. Mas era alguém esperto, pois não deixou pontas soltas. Estávamos atentos a notícias de venda de peças do meu Mazda no mercado negro, mas até agora nada tinha acontecido.

— E como vão as coisas na fazenda? — perguntou Abigail, seus olhos castanhos atentos em mim.

Conversamos amigavelmente. Um ou outro freguês chegou e cumprimentou-nos, mas Abigail deixou que as garçonetes os servissem, dando atenção a mim. Terminei a bebida. Ela me ofereceu outro drinque e comida, mas recusei ambos e só fiquei por lá, com uma companhia que me fazia bem e me relaxava, antes de voltar para casa. Foi quando meu celular tocou.

— Um momento. — Eu vi o número de Valentina e, na mesma hora, os olhos verdes enormes de Eva surgiram na minha mente. Lembrei-me de que eu tinha pedido à minha assistente e braço direito no escritório que fosse até o local de trabalho de Eva e oferecesse a ela a casa e o emprego que arrumei, bem mais dignos e seguros que os que tinha.

— Oi, Valentina.

— Oi, Theo.

— E então, correu tudo bem?

Observei Abigail pegar meu copo vazio e ir até a pia para lavá-lo. Por um

instinto masculino, meu olhar desceu pelo corpo curvilíneo dentro do vestido justo. Ela sempre havia reclamado que era gorda, mas não era verdade. Era voluptuosa, com bunda e seios fartos, mas cintura fina. Era linda, extravagante, sensual. E apesar de saber detalhadamente como era seu corpo nu, não me senti mexido nem com desejo. Aquela fase já havia passado.

— Não. Ela recusou tudo, Theo.

— Como? — Franzi o cenho, desviando o olhar para o rosto de Abigail quando voltou até o balcão, fitando-me.

— Não aceitou. Disse que já tem um teto e um trabalho.

— Porra... — rosnei, tenso e irritado. — Teimosa...

— Sim, acho até que ficou ofendida.

— E o que achou do bar em que ela trabalha?

— Horrível. — Havia preocupação na voz dela. — Muitos homens mal-encarados. E ela me parece muito nova para saber enfrentar alguns deles, se realmente investirem ou forem abusados.

Isso me deixou ainda mais puto, quase fora de mim. Só de imaginar os riscos que Eva corria trabalhando num lugar como aquele e indo para casa de madrugada, pegando carona com estranhos, minha vontade era matar um, ou de colocá-la atravessada no meu colo, arriar sua calça e surrar sua bunda.

Esse pensamento me perturbou profundamente e afastei-o da mente. Tinha sido uma luta não pensar naquela menina em termos sexuais. Nosso encontro em seu barraco me deixou muito consciente dela como mulher, em especial pelo modo como me olhava, submissa, com desejo mais do que evidente. Sua doçura e ingenuidade saltavam aos olhos. Assim como sua inocência. Era uma criança para mim. E eu seria um sem-vergonha devasso se me aproveitasse dela, ainda mais sabendo das taras que me agradavam. Não. Eu estava decidido a mantê-la bem longe.

Em geral, eu gostava de mulheres mais velhas, experientes, do meu meio. Elas sabiam do que eu gostava e eram mais fortes e preparadas para lidar com tudo que eu fazia. Eu não era um homem com desejos comuns, muito pelo contrário. Para aguentar comigo, uma mulher tinha que ser realmente experiente e conhecedora do lado sombrio e violento do sexo que me agradava. Eva era a antítese disso.

Mas eu não parava de imaginar seus lábios em um batom vermelho-escuro, ainda mais depois que vi seus pés pequenos e nus com aquele esmalte vermelho. Porra, eu tinha tara em pés. Meu pau já estava enrijecido enquanto me lembrava daqueles dedinhos, o contorno bonito e delicado, o formato das pernas modeladas, o corpo esguio, com seios redondos marcados pela camiseta. Nenhum detalhe me escapou. Imaginei tudo que faria com ela, as piores perversidades.

Então me dei conta de que eu era um tarado, um depravado que fazia exatamente tudo que queria. E que comigo meninas novinhas e ingênuas não tinham vez. Eu podia ter mil defeitos, mas não era um deflorador de moças inocentes.

Se aquela menina não era virgem, também não era muito experiente. Eu tinha vinte anos a mais de depravação. E a cada vez que tive um pensamento sujo naquele barraco, que me imaginei fazendo-a se ajoelhar e vir até mim, com as mãos para trás, ou ficar nua naquela cadeira, com as pernas abertas e se masturbando, ou ainda me fitar com aqueles olhos enormes de água-marinha e suplicar que a espancasse, eu lutei para afastá-los. Eu me condicionei, lembrando que ela era nova, sozinha, frágil. E decidi nunca encostar um dedo nela.

— Theo? — chamou Valentina ao telefone, tirando-me de meus pensamentos perturbadores. — Quer que eu insista? Acabei de sair do bar com Osmar.

— Não, pode ir para casa, Valentina. Obrigado por tudo.

Guardei o celular no bolso e deixei uma nota sobre o balcão, levantando-me.

— Problemas? — indagou Abigail.

— Eles nunca me deixam. — Ainda consegui ser cínico. — Preciso ir.

— As sextas-feiras têm sido animadas aqui. É o dia em que candidatos à vaga de cantor oficial do restaurante se apresentam.

— Meus irmãos comentaram que se divertem bastante. — Sorri, embora ainda estivesse tenso.

— Sim, é bom demais. Até agora, só vieram cantores ruins, mas ao menos a gente dá umas risadas. Isso sem contar a Tininha.

Lembrei-me da menina maluquinha que andava perseguindo meu irmão Joaquim e que tinha sofrido um atentado cometido pela família de sangue de Gabi, que queria se vingar de nós. Felizmente, ela não tinha se ferido muito.

— Ela continua dando shows aqui? Achei que tinha virado beata ou evangélica.

— Pois é, Theo... — Abigail riu e balançou os cabelos castanho-claros e lisos cortados em estilo chanel. — Ela se converteu, mas de vez em quando aparece aqui. Tem que ver... Fica tentando converter as outras pessoas, mas dá para ver em sua cara que quer ir para a pista de dança e se acabar. Não sei até quando vai resistir.

— Preciso ir, Abigail. Foi bom te ver.

— Digo o mesmo. — Ela estava um pouco nervosa. Seu olhar me dizia o quanto ainda ficava abalada com meu toque. Afastei-me, fingindo não perceber, e fitei seus olhos. — Apareça com mais calma — pediu em voz baixa.

— Farei isso. — Acenei e segui para a porta. Senti seu olhar queimar minhas costas e lamentei que ainda sentisse algo por mim, mas segui em frente, minha mente já preenchida por Eva.

Peguei a estrada em direção a Pedrosa. Já tinha escurecido e fiquei atento ao

dirigir, principalmente quando passei pelo trecho em que tinha sido atacado havia pouco menos de uma semana, mas tudo correu bem e, quando cheguei à cidade vizinha, segui para o endereço que eu mesmo tinha passado para Valentina naquela tarde. Sabia onde ficava o bar e restaurante Rebu, mas nunca tinha entrado lá.

Pensei na minha sorte em ter Valentina como assistente. Era uma moça nascida naquela cidade, muito caseira, quieta e inteligente. Tinha morado fora de Florada por um tempo, casado e tido um filho, mas voltara havia uns anos, quando ficou viúva. Tinha um currículo excelente em administração de empresas, e, quando me procurou em busca de uma vaga de trabalho no escritório da cidade, eu a contratei. Desde então, ela nunca me decepcionou. Ao contrário, galgou degraus e tornou-se meu braço direito, minha assistente, e recebia um salário à altura de sua capacidade, o que garantia a ela e ao filho uma vida bem confortável.

Estacionei o Land Rover em frente ao bar e olhei para a rua. Pelo menos era movimentada àquela hora, mas imaginei que se tornaria um deserto mais tarde. Vi três mototáxis na esquina e imaginei Eva percorrendo toda a estrada escura e vazia até a favela no meio da madrugada. Porra, era loucura!

Parei, olhando para os rapazes montados nas motos estacionadas, como se tivessem culpa. Ficaram um pouco confusos e se entreolharam, mas então respirei fundo e entrei no restaurante sob a fachada feia. O toldo, que um dia fora vermelho, era quase rosa e faltavam partes do letreiro, que dizia “BAR E RESTURAN E R BU”.

O salão era enorme, assim como o balcão. Estava bem cheio, principalmente de homens que pareciam ter saído do trabalho, ainda suados, falando alto, jogando sinuca e enchendo a cara. Observei tudo, atento, totalmente fora de contexto.

O chão era sujo e o piso, desgastado. As mesas de madeira tinham toalhas que, a exemplo do toldo, não eram mais vermelhas, depois de tantas lavagens. As cadeiras de madeira eram descascadas e velhas, as paredes pintadas em um indefinido tom de cinza. Não havia lugar no balcão, onde cachaças e cervejas passavam de mão em mão. Notei algumas garçonetes com ar cansado, mas nem sinal de Eva.

Parei perto de uma coluna e meus olhos varreram cada canto. Um rádio rouco tocava um sertanejo antigo em volume alto e estridente. O ambiente era escuro e esfumaçado por causa dos cigarros. Não havia nenhuma placa proibindo que se fumasse ali dentro. Exasperado, finalmente eu a vi. E meu olhar se fixou nela.

Estava perto de uma mesa de sinuca, anotando os pedidos de um grupo de homens que a olhavam como tarados. O homem que falava com ela, alto, branco, obeso, com franjinha, só faltava babar. Eva acenou com a cabeça, séria. Seus

cabelos estavam presos; um avental marrom, feio e grande a escondia. Mas, mesmo sem enfeites, era linda, e eles sabiam, é claro. Quando deu as costas e caminhou para o bar, os filhos da puta começaram a cochichar e olhar para sua bunda.

Senti o sangue subir violentamente. Acompanhei sua trajetória com o olhar, como os homens se viravam para olhá-la e alguns falavam gracinhas. Ela foi até um canto do bar, entregou os pedidos e esperou, ignorando os homens ali também. Parecia fria, distante, acostumada a fingir que aqueles marmanjos não existiam. Imaginei quantos, já bêbados, não teriam ido além de olhar para ela.

Eva pegou a bandeja cheia de bebidas e, equilibrando-a, voltou à mesa de sinuca. Quando a viram, os homens comemoraram e foram pegando seus copos e garrafas. Brindaram a ela, que apenas acenou com a cabeça e afastou-se.

Eu não tirava os olhos do que acontecia. Estava realmente enfurecido com a teimosia dela, que preferia passar por aquilo todos os dias, correr riscos, a aceitar minha proposta e ter um trabalho e uma moradia decente. Sem poder me controlar mais, com vontade de jogá-la sobre os ombros e tirá-la dali, fui em sua direção com a expressão fria, mas meus olhos ardiam.

Quando me viu, estacou e arregalou os olhos enormes, que, sob a luz difusa do ambiente, tinham um reluzente tom azul-claro, e não mais verde, como eu me recordava. Dei-me conta de que era uma daquelas pessoas cujos olhos mudam de cor. Sem querer ou poder impedir, fiquei encantado com sua beleza tão pura e explícita.

Por um momento, minha raiva foi suplantada por algo mais íntimo, mais animal, uma mistura de desejo e admiração. Caminhei até parar à sua frente, nossos olhares grudados, uma energia vibrando tanto à nossa volta que dava para senti-la. Meu corpo enrijeceu quando ela mordeu o lábio carnudo e fitou-me com aquele jeitinho submisso, de baixo para cima. Sua cabeça mal chegava à altura do meu queixo. Nunca tinha conhecido uma mulher tão delicada, tão deliciosa e naturalmente submissa. E isso me golpeou duro. Senti um desejo tão violento que minhas mãos comicharam para agarrá-la.

Aos poucos, percebi outras coisas: seu nervosismo, o modo como obedecia ao meu comando silencioso e esperava minhas ordens, as bochechas coradas, o tremor de seu corpo. O desejo de Eva era como o meu, só que muito mais evidente. Ela ainda era inexperiente demais para disfarçar. E notei, surpreso, que mesmo eu, com toda a minha experiência em dominar meu corpo e meus sentimentos, estava abalado, sem minha frieza habitual. Era incontestável que aquela garota estava mexendo comigo mais do que eu queria admitir. Essa certeza foi o que mais me perturbou.

Ergui o queixo e me recordei do motivo pelo qual eu estava ali. Olhei-a

friamente, mesmo que ardesse como um condenado libidinoso.

— Quero que aceite a casa e o trabalho — falei, baixo.

Eva piscou, como se minhas palavras a tivessem tirado de alguma espécie de transe. Ergueu mais a cabeça e encarou-me. A distância que nos separava era pouca, mínima, insuficiente para impedir que eu sentisse como a energia que vinha dela me puxava e atraía. Era uma tortura, mas consegui manter as rédeas da situação e ao menos aparentar um controle maior do que eu realmente tinha.

Só uma palavra rolou dos seus lábios em um sussurro:

— Não.

A raiva não demorou a me dominar de novo. Não desviei os olhos ao insistir duramente:

— Quer continuar trabalhando nessa pocilga? Morando naquele barraco?

— Quero. — Ela ergueu o queixo, enfrentando-me.

Tive uma vontade quase arrasadora de tirá-la dali e castigá-la. Meu olhar tornou-se mais cruel e a vi estremecer e dar um passo para trás, como se me temesse. Era bom que me temesse mesmo.

— Vamos sair daqui — falei, ainda mais sério.

Ela desviou o olhar, lambeu os lábios e respirou fundo, engolindo em seco. Quando me fitou de novo, foi enfática:

— Este é o meu trabalho, senhor Falcão.

— Já falei para me chamar de Theo — rosnei. Quando me chamava de “senhor”, o desejo vinha ainda mais quente e poderoso, e eu pensava só pornografias.

— Olha, senh... Theo, não posso ficar conversando. Desculpe, mas eu...

— Não saio daqui até falar com você. Vamos resolver esse assunto de uma vez.

— Mas não temos o que resolver. Não quero a casa nem o emprego.

— Por que não? — exigi, cada vez mais irritado.

— Porque não me deve nada e eu mal o conheço. Isso é loucura!

— Loucura é você trabalhar e morar em um lugar onde pode ser estuprada ou assassinada a qualquer momento.

Empalideceu com minhas palavras secas e frias, mas ergueu ainda mais o queixo.

— Sei me cuidar.

— Sabe, Eva? Correndo riscos desnecessários?

— Escute...

— Escute você. Vamos conversar. Não saio daqui antes disso.

— Eu só posso conversar quando acabar meu turno.

Era teimosa como uma mula. Uma garçonete mais velha passou por ela, olhando-me com admiração de cima a baixo, e falou:

— O patrão disse que vai descontar se você ficar aí parada. — Sorriu para mim. — Até entendo seu belo motivo, Eva, mas vá trabalhar, menina!

Ela se foi, e Eva deu outro passo para trás, segurando a bandeja contra o peito. Seus olhos grandes e claros brilhavam demais e o nervosismo era evidente em cada gesto.

— Você ouviu. Preciso ir.

— É claro que não precisa. Escute, se não gostou do trabalho que arrumei, posso arrumar outro. Vamos sair daqui e conversar.

— Não. Eu tenho minhas responsabilidades. Obrigada por tudo, mas é melhor assim. Adeus.

Deu-me as costas. E mandei para a merda a minha decisão de não encostar nela. Na mesma hora, agarrei seu braço e virei-a bruscamente para mim. Ela quase se chocou contra o meu peito e me olhou assustada, trêmula, com os lábios entreabertos e a respiração ofegante. O desejo estava lá, percorrendo-nos com violência. Sua boca perto do meu queixo, seu olhar todo em mim, quase suplicando que fizesse tudo o que quisesse com ela, qualquer coisa, deixou-me louco. Nossos corpos por pouco não se tocavam.

O desejo avassalador que me golpeou me fez largá-la tão abruptamente quanto a segurei. Eva engoliu em seco e deu um passo para trás, um pouco desequilibrada, meio perdida.

— Vou esperar você sair — falei, com dureza.

— Vai demorar. Olha...

— Traga-me uma dose de uísque. Aposto que não deve ter nenhum importado, então traga o que tiver. — Sem esperar a resposta dela, dei-lhe as costas e fui para uma mesa desocupada ali perto.

Sentei-me, revoltado com tudo. Com aquela garota, por ser tão teimosa e tão linda, por me olhar como se pedisse que eu fizesse com ela todas as sacanagens que passavam por minha mente, e comigo mesmo. Porra, não me lembrava de ter desejado tanto uma mulher na minha vida. Havia algo nela que me hipnotizava, talvez aquela essência puramente obediente. Mulher?! Era melhor dizer menina. E eu era um velho tarado.

Recostei-me na cadeira, esfregando o queixo, pensando na impossibilidade de enumerar as mulheres com quem eu já havia transado. Tinha perdido a conta. Não precisava estar cheio de tesão por uma jovem órfã, pobre e teimosa, que sairia correndo e gritando quando eu comesse a fazer minhas libidinagens com ela. Havia muito tempo eu sabia que tinha desejos diferentes. Gostava de brincar com o perigo, com o sentimento de posse, com a dominação. Mas havia uma regra da qual eu não abria mão: tudo precisava ser consensual. Por isso, eu só trepava com mulheres experientes e que sabiam o que esperar de mim. Não com mocinhas com

olhos de servilismo, mas que nem sabiam o que isso significava.

Eva afastou-se de uma mesa e trouxe a bandeja vazia até o balcão. Lançou-me um olhar ávido e ansioso, até mesmo nervoso. Eu não me movi, atento, passando o polegar no queixo. Nossos olhares foram intensos, cobiçosos. Não dava para fingir que a atração não existia, mas continuei decidido a lutar contra aquilo.

Ela não trouxe meu uísque. Tentava me evitar, fugir do meu olhar, e não parava, indo de um lado para outro, servindo, limpando mesas, recebendo pagamentos, dando trocos. Fazia tudo de modo rápido e eficiente, sem sorrir para os homens, sem dar abertura, mas, conforme a bebida rolava, uns começavam a ficar mais soltos, e eu senti que ia dar merda. Se alguém se atrevesse com Eva, com ombro machucado ou não, eu perderia a cabeça.

Levantei-me, atento. Aproximei-me de onde ela estava, perto das mesas de sinuca, servindo cervejas. Os homens estavam animados e falavam alto, tentando chamar sua atenção. E aconteceu. Um deles segurou o braço de Eva para falar em seu ouvido. Na mesma hora, avancei, fora de mim.

Era como se ela me conhecesse, como se soubesse o que ia acontecer. Empurrou a bandeja contra a barriga do homem que a segurava, obrigando-o a largá-la e segurar a bandeja, surpreso. Então, virou-se para mim e veio em minha direção, assustada, vendo minha expressão. Já tirava o avental e o largava em uma cadeira, encontrando-me no meio do caminho e metendo-se na minha frente.

— Não vale a pena.

— Saia do caminho — falei, friamente, mas ela suplicou, segurando meu braço esquerdo.

— Por favor, não. Eu vou embora com você. — A raiva ainda me consumia, mas seu tom ficou ainda mais nervoso: — Me leve para fora daqui. Por favor.

Fitei seus olhos tão grandes e lindos. Soube que estava certa, mas a raiva ainda me consumia. Então, soltei o ar, deixando a fúria ceder aos poucos. Lancei um olhar ameaçador aos rapazes, que nos observavam e comentavam entre si sem entender. O homem que a tocara ainda estava com a bandeja na mão.

Por fim, segurei seu braço e a levei comigo em direção à porta. Passamos por uma das garçonetes, que perguntou aonde Eva estava indo, mas ela não respondeu.

Sáímos para a noite fresca. A rua ainda estava movimentada, cheia de carros e pessoas. Apertei o controle do Land Rover e as portas destravaram. Abri a porta do passageiro e só soltei Eva quando estava sentada lá dentro. Contornei o carro e assumi o volante. Em segundos, percorríamos a rua, com um silêncio tenso entre nós. Indaguei, secamente, sem me virar para ela:

— Como sabia que eu ia até o homem?

— Eu sabia — disse ela simplesmente.

— Como?

Suspirou e virou-se um pouco para me fitar.

— Acho que você estava esperando. Queria um motivo para mostrar que tinha razão.

— Eu não precisava de um motivo. Atura isso todas as noites?

— Faz parte. — Essa resposta me deixou mais possesso. — Ou fazia. Pelo visto, vou ser mandada embora.

— Devia dar graças a Deus — murmurei.

— Ou graças a você — retrucou.

Eu não respondi. Não queria olhar para ela e me distrair. Não queria continuar me sentindo tenso, perturbado, mexido. Tudo estava acontecendo rápido demais. Éramos estranhos e já rolava toda aquela química, aquela atração e aquele sentimento de posse que parecia me corroer.

Dirigi para fora de Pedrosa e peguei a estrada que levava até Florada. Precisava de algo para me distrair e coloquei uma música. O som intenso do Metallica tocando “Nothing Else Matters”^[1] encheu o ambiente já denso enquanto os faróis iluminavam a estrada escura e deserta, margeada de campos.

Não falamos nada. Deixamos a melodia tomar conta do ambiente. Eu ganhava tempo e recuperava meu controle, convencendo-me de que era ridículo me sentir tão atraído por uma mulher tão diferente de mim.

Peguei a entrada para a favela. A rua era asfaltada até certo ponto, quando se tornava mais cheia de curvas e íngreme, com chão de terra. Estava praticamente vazia àquela hora, com exceção do bar na esquina e uma ou outra pessoa.

— Pode me deixar aqui. Faça o resto do caminho sozinha.

Ignorei-a, franzindo a sobrancelha, imaginando-a fazendo aquele percurso sozinha. Só parei o carro na última rua aonde era possível chegar, um pouco antes da casa dela. Então, desci do carro e dei a volta. Eva desceu quando abri a porta para ela, olhando-me em silêncio. Encontrei seus olhos, mas também não falei nada. E, como em um acordo tácito, subimos o resto da rua esburacada até um conjunto de barracos.

Ela pegou a chave no bolso da calça e murmurou:

— Obrigada por me trazer aqui. — Parou em frente à sua porta, em um degrau acima, o que nos deixava na mesma altura.

Nossos olhares pareciam teimar em se procurar.

— Vou entrar. Ainda temos que conversar.

Ela não reclamou. Virou-se, abriu a porta e entrou na casa minúscula de tijolos aparentes, acendendo a luz. Eu a segui e fechei a porta atrás de mim. Estava levemente abafado lá dentro. Eva se virou e me olhou com aqueles olhos enormes, obviamente nervosa. Indicou o pequeno sofá.

— Sente-se.

— Não vou demorar.

— Se veio para falar da casa e do trabalho...

— Claro que vim para falar sobre isso — falei secamente.

Ela suspirou e acenou com a cabeça.

— Eu aceito o trabalho — disse, baixinho. — Mas não quero a casa. — Eu já ia reclamar, mas, contrariando seu olhar obediente a mim, ela repetiu com firmeza: — Não quero mesmo. Não vou aceitar.

— Esse lugar é perigoso.

— É meu lar. E não quero morar em Pedrosa.

— Por que não?

— É muito movimentado e confuso. Vim para cá em busca de paz. Prefiro ficar aqui.

— Você é muito teimosa. — Eu estava irritado, olhando-a fixamente.

— Só porque não concordo com você não quer dizer que sou teimosa — rebateu, erguendo o queixo.

Ficamos nos olhando. Eva parecia disposta a manter sua posição. Por fim, surpreendeu-me ao perguntar diretamente:

— Por que arranjou um emprego para mim em um frigorífico em Pedrosa, bem mais distante daqui, e não em um dos seus aqui em Florada?

Eu tinha sido pego desprevenido. Como eu diria que o fizera para mantê-la longe de mim? Não gostava de mentir, por isso não respondi. O rubor em suas faces aumentou e, respirando fundo, atreveu-se:

— É por causa disso?

— Disso o quê? — questionei, quase rosnando.

— Do jeito como olha para mim — murmurou, sem fugir dos meus olhos fixos nela, embora parecesse genuinamente nervosa.

Pronto, tudo estava às claras. Eu tinha tentado evitar, mas Eva não quis fingir. Fui bem direto também.

— É por isso, sim — respondi em minha voz fria.

— Mas...

— Não tem “mas”. Não quero mais ver você, Eva. — Eu estava sendo brutalmente sincero. — Mas só posso ir em paz se souber que está bem. Aceite o emprego e a casa.

Ela cruzou os braços, sem saber ao certo como se portar, mas também não recuou. Sacudiu de leve a cabeça.

— Não posso fazer algo que não quero só para acalmar a sua consciência.

— Então me diga o que você quer — exigi, tentando manter uma negociação fria, embora aquela força viva entre nós vibrasse e percorresse o ambiente. O desejo era mais do que voraz, ali exposto, admitido por nós.

— Quero ver você de novo — disse ela, baixinho, surpreendendo-me.

Porra! Eu estava ferrado! Senti-me teso, ereto, devorado por dentro pela luxúria que eu tão bem conhecia. Tive uma vontade quase incontrolável de ir até ela, agarrar seu cabelo preso na nuca, encurralá-la contra a parede e beijar aquela boca carnuda até que gemesse e se entregasse por inteiro.

— Não vai me ver de novo — afirmei, categórico. — Não do jeito como imagina.

— Então não quero nada — murmurou.

— Eva... — comecei, semicerrando os olhos, irritado por ela me provocar daquele jeito.

— Eu aceito a casa, se for em Florada. E o trabalho, se for no seu frigorífico, no escritório ou na fazenda. — Não desviou os olhos, embora seus lábios tremessem.

Fiquei olhando-a muito sério. Por fim, não aguentou e baixou os olhos.

— Não. — Foi tudo o que falei, sem dar satisfações, usando a raiva para suplantar aquele desejo que me fazia ter vontade de jogar tudo para o alto e ver em que merda aquilo ia dar.

Seria tentação demais vê-la na cidade e em meu local de trabalho. Fitar aqueles lábios e imaginar tudo o que eu queria fazer com eles, desejar sua submissão e seu corpo sem descanso e sem dó. Ela não sabia com que tipo de animal estava se metendo.

— É minha última oferta. Casa e trabalho em Pedrosa. Não corra riscos à toa. Pense.

— Não. — Foi tudo o que ela disse também. Não voltou atrás e, então, ergueu aqueles olhos verde-azulados para mim, mais doces do que nunca.

Senti um baque por dentro. Quase fraquejei. Mas acenei friamente com a cabeça.

— Se mudar de ideia, me procure. Cuide-se.

Virei-me para a porta e a abri. Por um momento, desejei algo que me fizesse ficar. A tentação era grande demais. E o sentimento que eu mais odiava era culpa. Saí e fechei a porta sem olhar para trás.



5

Theo

Eu tive que me conter para não procurar Eva na quinta-feira. Nada me distraía da ideia de que ela estava naquele bar, sendo cantada, ouvindo piadinhas de homens, talvez aturando até ser assediada ocasionalmente. E que, ao final, sairia dali tarde da noite para se dirigir ao seu barraco na favela, correndo todo tipo de risco.

Fiquei perturbado no trabalho e à noite, enquanto jantava com a minha família. Mais sério e calado que o habitual, eu comia em silêncio, sabendo que não podia fazer nada: ou eu lhe dava trabalho em Florada ou ela continuaria a correr riscos. Que fosse assim. Não era responsabilidade minha.

— Theo, o carnaval está chegando. Está fechado o baile de máscara no Clube dos Produtores de Gado em Pedrosa? — indagou Pedro, tirando-me dos pensamentos que me enchiam de preocupações.

— Sim, no sábado que vem. Os convites estão no escritório. — Fitei-o. — Você vai?

— E eu perco algum? — Pedro sorriu, animado. — Nunca vi tanta mulher linda por metro quadrado. Vai com a gente, Heitor?

— Não sou urbano como vocês. — Heitor fitou-nos de maneira maliciosa, cortando sua carne. — Eu e Joaquim somos do povão. Carnaval pra gente é ver a banda tocando marchinhas no centro de Florada e comer milho cozido nas barraquinhas. Não é, Tourinho?

— É muito mais divertido. — Joaquim acenou com a cabeça, animado. — Todo mundo aparece na cidade usando as mesmas fantasias de todos os anos.

— Pior que é. — Gabi concordou com um sorriso. Estava ainda mais linda grávida. A pele e o cabelo reluziam e a felicidade era explícita em seu rosto. Ela e Joaquim viviam uma eterna lua de mel.

— Vocês não sabem o que estão perdendo. Eu vou, Theo. Quem mais vai com a

gente?

— Só Valentina, com o noivo, e Bruno Rios — expliquei.

Eu e Pedro iríamos sozinhos, ele com a intenção de arrumar uma paquera por lá e eu, mesmo sendo um baile, pensando em talvez fechar um novo negócio. Como um dos maiores produtores de gado nelore puro, eu com certeza receberia propostas de outros criadores, e elas poderiam ser lucrativas.

Bruno Rios era nosso mestre em genética e melhoramento animal, além de doutor em zootecnia e responsável pela qualidade de cruzamento de nosso gado. Era disputado por outros criadores, mas eu o mantinha conosco garantindo-lhe um salário excelente e ótimas condições de trabalho. Tinha sido uma grande contratação, que garantiu à Falcão diversos prêmios e vacas e touros avaliados em até um milhão de reais.

Aquele baile de máscaras não me animava muito. Na verdade, preferia ir ao clube Triquetra ou levar alguma submissa para meu calabouço, que era como eu chamava minha casa na saída de Pedrosa, antes de chegar à cidade de Capinópolis.

Para esquecer um pouco Eva, estava decidido a ir ao clube depois do baile e ficar por lá. Com certeza, eu poderia me distrair com uma das mulheres sempre disponíveis e relaxar. Então, aquela menina sairia da minha corrente sanguínea.

Meu pai já tinha se recolhido, mas tive um agradável jantar em família com meus irmãos e Tia, que me deixou mais relaxado. Na sexta-feira, porém, a tensão estava de volta. Por mais que me ocupasse com todo o trabalho no escritório, minha preocupação em relação a Eva não diminuía.

Pouco depois do almoço, quando eu e Valentina encerramos uma reunião sobre orçamento em minha sala, ela me fitou com seus olhos escuros, como se soubesse que aquele assunto não saía da minha cabeça.

— Sabe, Theo, andei pensando sobre aquela moça, a Eva.

— O que tem ela? — Recostei-me em minha cadeira alta e a observei, atento.

— Aquele restaurante não é lugar para uma menina tão nova e bonita. E, como ela disse que não quer viver em Pedrosa, pensei que você poderia oferecer um trabalho para ela em Florada. Temos uma vaga aqui como auxiliar de escritório. O que acha?

Corri os dedos entre os cabelos. Meu ombro direito estava praticamente curado. Naquela manhã também tinha tirado os poucos pontos que levei perto do olho. Mas isso não me importava, e sim as palavras de Valentina.

Sem querer, ela sugeria o que Eva queria, trabalhar ali só para ter mais contato comigo. Eu sabia que seria uma tortura. Que a veria com frequência e o meu desejo por ela não se abrandaria. E pesei a preocupação que sentia sabendo que continuava naquele barraco e no bar. Odiava voltar atrás em uma decisão e

possivelmente me arrependeria, mas, ao final, soube que não havia muito o que pensar. Não ficaria em paz com Eva ali, mas também não dormiria tranquilo imaginando os riscos que estava correndo.

— Separe a vaga para ela, Valentina.

— Pode deixar.

— Sabe de alguma casa disponível em Florada?

— Isso é mais difícil — afirmou ela. Achava que eu queria ajudar Eva apenas por ter me salvado quando sofri o ataque e, em princípio, era isso mesmo. Pensou um pouco. — Não temos muitas casas por aqui, só as dos moradores. Não é uma cidade turística, mas de passagem. Não sei, Theo, mas acho quase impossível conseguir algo aqui.

— Não quero que ela continue na favela.

— Eu entendo. — Acenou com a cabeça e me fitou. — E as residências em sua fazenda? Não tem nenhuma vazia?

O complexo de casas dos moradores da fazenda era amplo, contando com escola, posto de saúde e um centro esportivo. Com certeza, Heitor poderia arrumar uma casa para Eva, mas aí já seria demais, perto além da conta de mim. Uma coisa era vê-la no local de trabalho. Outra era saber que estava morando nas minhas terras, a poucos metros da minha casa. A tentação seria, na verdade, uma provação, e eu já desconfiava qual seria o final.

Valentina continuou falando, sem notar minha preocupação:

— Ela poderia vir com você ou com Pedro para o trabalho. Até mesmo com algum empregado do frigorífico que mora lá. Tem mais de um. — Sorriu. — O que acha?

Acho que você quer me ferrar, Valentina, pensei, mal-humorado, embora soubesse que minha assistente não tinha culpa.

Era uma merda ficar dividido. Eu odiava aquilo. Não queria Eva ali, mas não conseguiria ter paz sabendo que estava naquele bar. Era só uma garota sozinha e indefesa. E eu temia que fizessem uma maldade com ela.

Fechei a cara, com raiva, mas acenei afirmativamente com a cabeça.

Valentina saiu sem comentar nada.

Trabalhei até o final da tarde e, quando saí, em vez de me dirigir para a estrada à direita, em direção à minha casa, peguei a estrada à esquerda, para Pedrosa. Era hora de tirar Eva daquela vida perigosa e jogá-la no covil de um lobo voraz como eu, mas que, mesmo faminto, não faria nada a respeito. Ou, ao menos, era o que eu dizia a mim mesmo.

Eu o vi assim que entrou, mesmo com todas aquelas pessoas ali, o barulho de conversa e a música alta. Aquilo lá era sempre um inferno nos finais de semana. Acho que era sua energia ou aquela atração poderosa que parecia ter sobre mim, e, mesmo atarefada, correndo de um lado para outro, senti o coração disparar, como um aviso. Depois, meus olhos se depararam com a figura alta, elegante e máscula de Theo Falcão.

Fiquei imobilizada, nervosa, como se tivesse levado um soco. Era assim que me sentia diante dele, sempre abalada, fora do meu estado normal. Isso me revoltava, mas não tinha jeito. Tudo se tornava incontrolável em sua presença, como se sugasse minhas forças, minha capacidade de pensar, de ser racional.

Engoli em seco, pois tinha prometido a mim mesma que isso teria fim e que, na próxima vez que o visse, estaria fria e preparada. Ledo engano. Era ainda pior, mais perturbador do que eu me lembrava.

Theo não tinha me visto e parou perto da entrada, olhando em volta. Sabia que me procurava e fiquei surpresa. Tinha imaginado que me ignoraria dali para a frente. Pensei até que seria obrigada a arrumar outro encontro, pois ele não parecia um homem que voltaria atrás em sua palavra e tinha saído decidido da minha casa.

— Ei, moça, cadê minha cerveja? — reclamou um dos homens na mesa ao lado, tirando-me do meu transe. Forcei-me a tirar os olhos de Theo e respondi, meio aérea:

— Vou buscar. — Dei dois passos entre as pessoas antes de meu olhar buscá-lo novamente e percebi, não pela primeira vez, o quanto era lindo. Talvez fosse o que me perturbava tanto, aquela sua beleza viril, seu corpo alto e atlético, seus ombros largos e músculos definidos, sua postura de dominador, com o queixo erguido e aquele nariz arrogante.

Cheguei ao balcão ainda muito nervosa. Forcei-me a não olhar para ele, embora estivesse nervosa e curiosa. Ganhava tempo para me recuperar até que ele me encontrasse.

Theo avançou. Estava lindo e elegante em um paletó azul-marinho e camisa cinza, os cabelos escuros penteados para trás, cada parte de si gritando poder, riqueza e arrogância. E, sem uma palavra sequer, tomou a bandeja da minha mão.

— Mas o que... — comecei, abismada, vendo-o depositar a bandeja sobre o balcão enquanto o dono do restaurante o olhava, surpreso, sem entender nada.

— Ela está deixando o emprego — avisou, secamente, sem olhar para ele. Seus

olhos estavam inteiramente concentrados em mim.

— O quê? — O homem parecia abismado.

— Mandarei meus advogados para resolver as questões trabalhistas. — E deu as costas para ele, vindo até mim.

— Como assim? Do que está falando? — perguntou o homem.

Theo ignorou-o. Prendi o ar quando passou por mim, agarrou meu braço e levou-me com ele, abrindo caminho entre as pessoas. Finalmente, consegui reagir:

— Ficou louco? Como faz isso sem falar comigo?

Não me respondeu também. Ainda tentei parar, mas seus dedos me apertaram com mais força e fiquei com raiva por nem me dirigir a palavra e sair me arrastando daquele jeito, tomando decisões por mim.

— Está me ouvindo?

Fui ignorada até chegarmos à calçada. Puxei meu braço, e só então ele me soltou, virando-se para mim, sério, parecendo conter chamas nos olhos, queimando-me. Arquejei, sem poder controlar minha irritação.

— Você não tinha o direito de fazer isso! É meu trabalho!

— Não é mais — disse, friamente.

Olhei-o. Meu coração batia forte contra as costelas. Não era possível que tivesse mudado de ideia. Senti a esperança e o nervosismo me golpearem e, então, ele esclareceu tudo.

— Agora você trabalha para mim.

— Mas... você disse...

— Sei o que eu disse.

Calei-me. Devia estar feliz. Era o que eu tinha planejado e nem fora preciso armar outro encontro, mas estava nervosa demais para pensar com clareza. Ainda mais diante do modo como me olhava, fixo, duro, com raiva. Desceu o olhar um pouco e ordenou:

— Dê-me isso.

— O quê? — indaguei em voz baixa, um tanto perdida. Então, apontou para meu avental sobre o jeans e a camiseta.

Eu nem pensei direito e obedeci. Tirei o avental e estendi para ele, que o agarrou, enrolou-o de qualquer jeito e arremessou em uma lixeira ali perto.

— Há algo seu nessa pocilga?

— Não. — Eu mantinha minha carteira, meu celular e a chave de casa nos bolsos da calça, pois mais de uma vez objetos e dinheiro sumiram ali.

— Então, vamos embora.

Olhei enquanto destravava as portas de seu carro enorme e luxuoso, indo até ele, esperando que o obedecesse. Eu ficava sem chão perto daquele homem, suspensa, lutando por um resquício de razão e frieza, mas abalada por muitos

outros sentimentos descontrolados. Tensa, permaneci parada na calçada, tentando comemorar por meus planos estarem dando certo, mas dominada pela apreensão e pela expectativa.

Eu não sabia o que aquela mudança significava. Quis perguntar, mas estava com medo, sem saber como agir.

Theo abriu a porta do carro e me olhou seriamente.

— Entre.

Dei um passo à frente. Mais outro. Finalmente, estava perto o bastante para notar a pequena marca de seu ferimento abaixo do olho direito e como os olhos tinham um tom intenso e profundo. Senti seu perfume másculo. Parei, precisando saber:

— Por que mudou de ideia?

Ele continuou a segurar a porta. Sua energia viva e pulsante chegava até mim, abarcando-me.

— Só mudei de ideia quanto ao emprego no meu escritório e a casa em Florada — disse, baixo, em uma voz grossa extremamente fria e cortante.

Entendi na hora que não queria que eu tivesse falsas esperanças. Não tocaria em mim. Mudar de ideia quanto àquilo não significava que faria algo em relação à atração forte que havia entre nós.

— Entre no carro — ordenou.

Baixei o olhar, obedeci e murmurei num fio de voz:

— Sim, senhor.

Não vi como reagiu, mas bateu a porta com mais força do que deveria e dirigiu em silêncio, obviamente irritado.

— Apresente-se em meu escritório às oito horas na segunda-feira. Há uma vaga como auxiliar, e Valentina a separou para você.

— Obrigada — respondi, baixinho. Não conseguia desviar meu olhar. O desejo de conhecer cada pedaço de Theo Falcão me dominava, e eu passava os olhos por seus cabelos escuros, onde quase não se viam fios brancos. Desci para seus traços marcados, as sobrancelhas grossas, as faces magras e viris. Parei ao chegar aos ombros largos cobertos pelo paletó, sem conseguir frear meus pensamentos, imaginando como seria o corpo dele.

Era desesperador sentir aquele desejo, aquela vontade de ser usada sem dó por ele. Havia muito tempo, eu tinha ânsia de experimentar o sexo; meu corpo pedia por aquilo e me masturbar não estava mais adiantando. Depois de conhecer Theo, tudo piorou. Eu vivia com os sentidos à flor da pele, consciente demais do meu corpo, da minha vagina sempre inchada e úmida. Era tão forte que nem o temor quanto às coisas que poderia fazer comigo me impedia de desejá-lo com aquela fome absurda. Nem mesmo saber que era meu inimigo e que eu estava ali para

tirar dele o que a sua família nos devia.

Tentei me lembrar de que provavelmente tinha matado Flávio. Pensei no que fizera com Abel, com os comparsas de Lauro e possivelmente com outras pessoas. Dava para notar que havia uma violência nele, algo que se espelhava em seu olhar duro e me fazia pensar que ele seria capaz de tudo: podia pôr uma mulher de joelhos em uma coleira usando um *plug* anal, podia matar e mais coisas que eu não sabia. E mesmo assim, mesmo sendo meu inimigo, eu o queria com um desespero tão grande que ficava assustada comigo mesma. Era algo com que eu ainda não sabia lidar. Precisaria ter muito cuidado, ou poderia ser minha perdição.

— Amanhã mandarei um caminhão até a sua casa para fazer a mudança. Para a fazenda.

Fiquei em choque. Por um momento, achei que tivesse ouvido mal e não acreditei em tamanha sorte. Isso ia além de qualquer plano. Não apenas me colocaria em seu local de trabalho, mas perto de sua casa. Eu estaria dentro da vida dele, com muito mais liberdade para agir. Era um baita golpe de sorte.

Theo saiu da estrada e entrou na favela. Sentia-me agoniada e confusa. Procurava respostas dentro de mim, em tudo que sentia e que tinha acontecido desde que o conheci, e percebi que não podia acusá-lo de nada. Não se aproveitou de mim, e não faltaram oportunidades para isso. Ele não era um perverso? Um assassino? Um ladrão de terras como o pai dele? Por que estava agindo de modo tão correto e honrado comigo?

Cedendo a algo que vinha das minhas entranhas, natural e verdadeiro, não aguentei e perguntei, baixinho:

— Por que mudou de ideia? Por que me ofereceu outro emprego e uma casa, se deixou tão claro que não o faria?

— Eu não faria mesmo — admitiu secamente. Parte de sua face estava na penumbra, mas os olhos brilhavam como duas safiras.

— Então... por quê? Por que está aqui?

Eu precisava saber. Mal respirava, embora pudesse adivinhar a resposta. Como Theo não falou, eu insisti:

— Você se preocupa comigo?

— Claro que me preocupo. — Sua admissão me trouxe surpresa e aflição. — Não consegui parar de imaginar os riscos que estava correndo.

Fiquei imobilizada. Senti a culpa me espezinhar, afinal de contas, eu estava ali para usá-lo. Participei do ataque a ele, de todo aquele plano em que duas pessoas morreram e ele se feriu. E ele se preocupava comigo. Mordi os lábios, tensa e perplexa.

Talvez ele tenha entendido errado a minha reação, pois completou friamente:

— Faço isso porque sei que você é muito jovem e sozinha, Eva. Como eu faria por minha irmã Gabi.

Mais uma vez, ele tentava deixar claro que não tocaria em mim, que não faria nada em relação à atração que sentíamos um pelo outro. Tudo nele parecia controlado, mas a energia sexual estava lá, enchendo aquele carro, deixando-me fora de mim. Criei coragem e fui além.

— Eu não quero que me veja como sua irmã. Quero que me veja como uma mulher.

Vi como se fechou, mais rígido e contido.

— Isso não vai acontecer — disse ele, mantendo a voz fria.

— Por quê?

— Saia do carro. Vá para a sua casa — concluiu, sem se mover, sem querer mais conversa.

— Só quero saber por quê, Theo. Vejo como olha para mim. E eu... Eu nunca conheci um homem como você. Nunca — murmurei, sendo completamente sincera, tremendo sem poder me controlar. — Sei que há uma diferença de idade entre nós, mas não me importo. Eu...

— Chega, Eva. — Parecia fora de si. Estava tão irritado que nem saiu para abrir a porta para mim, como havia feito da outra vez. Inclinou-se à minha frente e abriu a porta por dentro, como se me quisesse fora do seu carro o quanto antes.

Tudo foi muito rápido. Senti seu cheiro de homem, limpo e gostoso, único, misturado a seu perfume almiscarado e viril. Ele estava muito perto de mim. Perdi o ar e a razão. Não resisti. E, pela primeira vez, agi puramente por instinto, levada por um desejo que chegava a doer de tão forte. Ergui minha mão e passei os dedos suavemente em sua face angulosa e em seu cabelo, mais macio do que pensei, sendo arrebatada ao senti-lo em minhas digitais.

Theo reagiu com uma velocidade incrível. Agarrou meu pulso com violência, afastando minha mão, virando e imobilizando meu braço direito atrás das minhas costas. A outra mão segurou meu cabelo contra a nuca como uma garra, dominando-me em segundos, fazendo-me quase parar de respirar. Arregalei os olhos ao me ver assim, presa pelo cinto de segurança e por ele, tendo-o tão perto e poderoso, com uma expressão mais cruel do que eu poderia imaginar.

— Não toque em mim, Eva. — Sua voz vibrou no ar carregado, cheia de selvageria. — Escute com atenção. Não sou um homem com quem se possa brincar. Essa é só uma pequena parte de mim. A maior, reze para nunca conhecer. Sabe por que ainda não te obriguei a ficar embaixo de mim, recebendo tudo que eu tenho para dar? Responda!

Sacudiu levemente minha nuca, mas não aliviou a força com que agarrava meu cabelo. Arquejei, buscando ar, nervosa e abalada demais.

— Pela idade... — murmurei, trêmula.

— Porque sou isto: um animal. Essas roupas que me cobrem são só uma capa de civilidade. Minha essência é irracional e instintiva. Sabe o que faço com uma mulher? Eu humilho, bato, fodo, prendo em correntes, cordas e gaiolas. Eu enfio objetos. Eu gosto de sexo sujo e do meu jeito. Por isso só me meto com quem sabe o que esperar de mim, não com garotinhas que mal saíram das fraldas, que não sabem o quanto um homem pode ser violento e cruel. — Seu olhar e suas palavras me chocaram, mesmo sabendo de antemão que ele era assim. Porque ele estava falando sério, era realmente verdade. Tive medo da intensidade e, de certa forma, da maldade que vi nele, mas ainda o desejava com a mesma ferocidade. — Entendeu tudo o que falei?

— Sim... — balbuciei.

Seu olhar pungente, ríspido e agressivo reluzia. Sem me soltar, desceu até meus lábios entreabertos. Escureceu, tornou-se mais sombrio, com uma devassidão que fez minha vagina latejar, encharcada, e meu corpo reagir ardentemente, equilibrado entre medo e desejo absurdos. Nunca me sentira tão perdida, tão fora de eixo.

— Você vai trabalhar no meu escritório. Vai morar nas minhas terras. Quero que me diga se tiver qualquer problema. Mas nunca mais me toque ou insinue algo sexual, porque isso não vai acontecer. Há um espaço bem delimitado entre nós dois.

Largou-me da mesma forma abrupta como me agarrara. Voltou a seu assento, mas não tirou os olhos de mim. Senti-me pequena, perdida diante da sua força e da sua intensidade. Era perigoso, eu sempre soube, mas agora tinha uma prova viva, uma admissão vinda de seus próprios lábios.

Não me movi de imediato. Estava com medo. Apavorada. Tremendo. Mas aquele desejo voraz latejava dentro de mim. Como uma tola, imaginei-me presa de novo por ele, mas com correntes ou cordas, como ele disse que prendia as mulheres. Estremeci, sem ter noção verdadeira do quanto poderia ir além do que tinha visto todos aqueles homens fazerem com minha mãe.

Baixei os olhos. Soltei o cinto de segurança. Não falei mais nada. Saí pela porta aberta e fechei-a com cuidado. Andei até minha casa sem olhar para trás. Sentia meu corpo esquisito, dormente, lento. Parecia não ter controle sobre ele.

Lutei para não olhar para trás. Subi o degrau e abri a porta. Por fim, entrei. Mal a fechava quando ouvi o motor do carro sendo ligado e o veículo já se afastando. Nervosamente me tranquei lá dentro e andei como um robô até o sofá. Sentei-me, abalada.

Revi cada detalhe do que havia acontecido e, ao final, estava ainda mais nervosa e confusa, completamente perturbada. Sabia que não conseguiria dormir

naquela noite. Estava fora de mim. Mortalmente perdida e sozinha.

Peguei o celular no bolso e liguei para minha mãe. Ela atendeu no segundo toque.

— Oi, Eva. Como vão as coisas?

Eu precisava falar e despejei tudo:

— Theo esteve aqui. Ele me trouxe em casa. Arrumou um trabalho em seu escritório e uma casa em sua fazenda para mim. Por quê? Porque quer me ter como amante? Não. Deixou claro que não quer. Tentei tocar nele e não deixou. Foi bruto. Disse um monte de coisa, que bate em mulheres e as humilha, que é cruel e violento. Mandou-me ficar longe. Então pergunto de novo: por quê? Por que me ajuda assim se não quer se aproveitar de mim, se me rechaçou?

— Meu Deus... — murmurou ela, surpresa. — Quer dizer... que você vai morar na fazenda?

— Mãe, escutou tudo o que eu disse? — A angústia me consumia. Levantei-me, esfregando o peito, andando de um lugar para outro.

— Eu ouvi. Eva! — Ela riu. — Será que não vê? Tudo está indo melhor do que pensávamos! Você está na vida dele!

— Mas Theo não me quer na vida dele! É isso que estou dizendo. Se é um depravado, por que me disse que não? Por que está me ajudando e me evitando? Podia ter se aproveitado de mim!

Acho que finalmente minha mãe entendeu aonde eu queria chegar, minhas dúvidas, meu nervosismo.

— Ele é um depravado. Não se engane quanto a isso. Deve ser um jogo para fingir que não é um aproveitador. Ele só vai esperar você estar no ambiente dele para atacar. Escreva o que estou dizendo.

— Eu deixei claro que o desejava, que podia fazer o que quisesse comigo. E ele me expulsou do carro. — Parei perto da pia e peguei um copo. Enchi com água do filtro de bica e tomei um gole longo para tentar me acalmar.

— Mas você fingiu? Fingiu que o desejava? — Sua voz estava esquisita.

— Não — admiti, respirando fundo e apertando o copo.

— Eva... — Havia apreensão em sua voz. — Sei o quanto aquele demônio é bonito. É também experiente. Pode deixar uma mulher de quatro se quiser. Fique atenta. Não caia nas armadilhas dele. Sempre fiz questão de que você soubesse tudo sobre sexo para não ser uma boba. Os homens são uns animais. Esse desgraçado é ainda pior.

— Mãe, estou cansada. E ele disse que amanhã um caminhão vem pegar minhas coisas e levar para a fazenda. Preciso arrumar tudo.

— Certo. Meu Deus, que notícia boa! Estará lá, no terreno deles! — exclamou, exultante. — Estou muito orgulhosa de você, querida. Muito!

Pensei que lá eu teria mais contato com Gabriela, mas não disse nada. Minha mãe ainda não aceitava que ela não tivesse acreditado nos bilhetes que mandamos e escolhido ficar com os Falcão.

Quando ela desligou, desabei no sofá, arrasada.

Dúvidas me invadiam e o medo me dopava.

O desejo que eu sentia por Theodoro Falcão me consumia.

De olhos fechados, foi impossível não pensar nele.

Quem é você, Theo Falcão?, perguntei para a imagem de seus olhos azuis que eu revia em minha mente, tão vívida, mexendo com cada parte do meu ser.

Mas não tive resposta.



Eu não tinha muitas coisas. Não foi difícil juntar os meus pertences em bolsas e sacos, até porque não consegui dormir bem naquela noite. Assim, quando o caminhão chegou, tudo já estava organizado.

Os três rapazes colocaram minhas coisas velhas no caminhão, e nem sei como o guarda-roupa não desmontou, mas, ao final, tudo estava lá dentro. Eu me despedi dos vizinhos, acertei as pendências com o dono da casa e peguei uma carona no caminhão, ao lado do motorista, enquanto os outros dois rapazes iam atrás. Ele era simpático e falava sem parar. Eu sorria e comentava alguma coisa, mas continuava preocupada, ansiosa, sem conseguir me concentrar na conversa.

Olhava a paisagem enquanto o vento sacudia meu cabelo e a manhã esplendorosa me dava bom-dia com toda a sua luz e beleza. Mas eu não me sentia em condições de apreciar, ainda perturbada demais para relaxar, dominada por preocupações, medos e esperanças.

Não conseguia parar de pensar em Theo nem por um segundo sequer. Era como se ele tivesse sido tatuado em minha mente. Revia infinitamente nossa conversa na noite anterior, o que fizemos e o que não foi dito nem feito. A cada segundo, eu tinha novas impressões e questionamentos, até que finalmente me dei por vencida e resolvi parar de lutar e de tentar entender. Eu seguiria em frente com meu objetivo inicial. E, no processo, observaria tudo à minha volta.

Respirei fundo enquanto o caminhão passava pela porteira branca com a placa que dizia “FAZENDA FALCÃO VERMELHO”, aberta automaticamente pelos seguranças. Senti um misto de apreensão e vitória por estar naquelas terras como uma convidada, com a oportunidade de tentar reaver a parte que, por direito, pertencia à minha família. Lembrei-me daquilo e me foquei.

Passei meus olhos pelos campos a perder de vista, tanto verde que parecia um

tapete gramado, as árvores balançando suas folhas lustrosas, o bonito caminho que percorríamos, com guias laterais pintadas de branco, e o casarão mais à frente, enorme e lindo, rodeado por um belo pátio. Eu só queria uma pequena parte daquela terra, que pertencia à minha família e tinha sido roubada.

O caminhão parou em frente à última casa do complexo residencial, onde havia um morro lindo e muito verde, e o motorista disse com simpatia:

— É essa.

— Linda — murmurei.

A casinha era branca, com uma enorme jaqueira ao lado, rodeada por uma cerca também branca. Como as outras, tinha um portão baixo de madeira, um pequeno caminho de cascalho e então dois degraus que levavam a uma varanda fresca e vazia, mas que eu já via cheia de plantas e móveis que balançariam ao vento. As portas eram pintadas de azul, assim como as janelas. Ambas estavam abertas e fiquei surpresa ao ver Gabriela e Joaquim saírem da casa e pararem na varanda. Gabriela acenou animadamente.

Enquanto os rapazes da mudança começavam a descarregar o caminhão, o casal veio na minha direção. Nós nos encontramos no portão e senti uma emoção diferente ao me ver diante de Gabi. Estava linda, com o longo cabelo acobreado caindo sobre os ombros e ainda esguia, sem parecer que estava grávida. Talvez só estivesse mais reluzente, pois extravasava felicidade. Ao seu lado, alto e sem o tradicional chapéu de caubói, Joaquim era um rapaz muito atraente. Eles formavam um belo casal.

— Nem acreditei quando Theo disse que você ia morar aqui, Eva! — Gabriela abraçou-me, animada. Apesar de toda a distância que havia entre nós, ela era minha irmã. Sorriu ao se afastar um pouco e fitar meus olhos.

— Seja bem-vinda. — Joaquim estendeu-me a mão e apertei-a, sem saber ao certo o que pensar sobre ele. Sobre todos eles.

— Obrigada. — Sorri e olhei em volta, vendo o morro que começava logo depois do meu quintal, as terras a perder de vista, as outras casas, o gado ao longe, o céu infinitamente azul. — É lindo demais.

— É, sim — concordou Gabriela. Seus olhos castanho-claros reluziam. Encostou-se em Joaquim, e ele passou o braço em volta dela de maneira possessiva e carinhosa. Não dava para duvidar de que se amavam. — Eu sempre morei aqui, mas não consigo parar de admirar essa beleza. Passei os piores anos da minha vida quando tive que fazer faculdade em Belo Horizonte e ficar longe daqui.

— Mostre a casa a Eva, Gabi — disse Joaquim, enquanto caminhava até o caminhão. — Vou ajudar os rapazes. Assim já podem decidir onde vão ficar as coisas.

— É verdade. Vem cá. — Minha irmã já agarrava minha mão e me levava para dentro da casa.

Eu sorri, pois ela era naturalmente carinhosa e simpática. E lindíssima. Minha mãe dissera que havia puxado ao pai, um dos homens com quem morou por um tempo, um peão de rodeio ruivo. Mesmo sabendo que minha mãe estava grávida, ele viajou para participar de um rodeio em Goiás e nunca mais voltou. Éramos filhas de pais diferentes. Eu nem sabia ao certo quem era meu pai, pois foi um caso de uma noite. Minha mãe também nunca mais o viu. De qualquer forma, nossa única semelhança era sermos loiras. De resto, nem eu nem Gabi parecíamos com ela.

Gabriela parou perto de mim e disse:

— Esta casa só tem um quarto, mas há outras com até três quartos, que reservamos para famílias maiores. — Olhou-me em expectativa. — O que está achando?

— Linda. — Eu estava surpreendida pela qualidade, desde a construção até o cuidado com a pintura e a cerca, e por cada morador ter certa privacidade, pois uma casa não era colada à outra.

— Depois que colocar suas coisas, ficará mais aconchegante.

Não comentei que minhas coisas enfeariam a casa, mas ela veria com os próprios olhos. Fitei-a, curiosa.

— Foi Theo quem pediu que você me recebesse?

— Sim, mas fiquei muito feliz quando me disse que você ia morar aqui. Somos muito gratos pelo que fez por ele.

— Pensei que Theo estaria aqui.

— Ele foi ao escritório. Às vezes tem algumas coisas para resolver aos sábados. Mas pediu para ver se você estava precisando de alguma coisa e apresentar a fazenda.

— É muita gentileza de vocês.

Naquele momento, os homens começaram a entrar, trazendo as coisas, e fiquei surpresa ao ver Joaquim ajudando a carregar a geladeira. Como um dos donos da fazenda, ele poderia ter ficado olhando ou mandado outros empregados ajudarem, mas parecia não se importar em pôr a mão na massa.

— Gostou? — perguntou Gabriela.

Olhei para ela e senti um aperto no peito. Ela parecia pura, inocente, feliz. Tinha sido criada ali e se sentia em casa. Obviamente fora bem cuidada e amava os irmãos e Joaquim. Como poderia dar as costas ao que conhecia e amava por causa de bilhetes estranhos, de pessoas que a tinham abandonado anos atrás? Pela primeira vez, eu a entendi. Perfeitamente.

— Gostei muito.

Durante a manhã, ela me ajudou a abrir sacos, caixas e bolsas com meus pertences, enquanto os homens colocavam os móveis em seus lugares. Quando os rapazes da mudança se foram, eu e Gabi já tínhamos guardado tudo. Não era muita coisa.

— Muito obrigada pela ajuda de vocês.

— Não precisa agradecer. — Minha irmã sorriu. — Mas agora estou faminta! Preciso almoçar. Nunca imaginei que a gravidez me daria tanta fome!

— Já é quase uma hora da tarde. Tia deve estar nos esperando para almoçar. — Joaquim fitou-me com seus belos olhos verde-claros, meio amarelados. — Quer nos acompanhar, Eva?

— Não, obrigada.

— Mas é uma ótima ideia! — Gabriela se animou. — Nem deu tempo de cozinhar hoje. Venha almoçar conosco.

— Não, realmente não precisa. Faço algo rapidinho aqui.

— Nem pensar! — Ela agarrou minha mão, decidida.

— Quando essa daí cisma com alguma coisa, já era. Não se engane com essa cara de boazinha. — Joaquim olhou para a mulher com carinho e diversão.

Gabi deu uma risada e mandou um beijo para ele. Vi sua expressão endurecer, ficar mais quente e sensual. Surgiu um clima entre os dois e fiquei um pouco sem graça. Por fim, ela me puxou:

— Vamos almoçar. Você será apresentada oficialmente a todo mundo. Depois você vem descansar, passear, fazer o que quiser.

Sentada no banco traseiro do carro enquanto íamos para o casarão, vendo-o se aproximar, eu me sentia nervosa. Só tinha estado ali uma vez, naquela festa em que me embrenhei até o quarto de Gabi, deixando um bilhete em sua cama. O que ela diria se soubesse que tinha sido eu? Que éramos irmãs?

Era impressionante como as coisas se desenrolavam quase naturalmente. Eu entraria na casa daquela família, eu estaria entre eles, uma erva daninha que eles mesmos levaram para lá. Senti-me mal, como se eu fosse a vilã naquela história. Disse a mim mesma que eu só queria retomar o que pertencia à minha família, mas não consegui afastar aquele sentimento amargo.

Quando o carro parou e desci em frente ao casarão, precisei de todas as minhas forças para manter uma aparência serena enquanto sentia a angústia me corroer. Minha irmã fez tudo para que eu me sentisse bem ao entrarmos, mostrando-me a enorme sala, onde predominavam móveis de madeira lindíssimos e estofados confortáveis e de muito bom gosto. Meu coração disparou quando vi que a sala de jantar estava ocupada. A enorme mesa fora coberta com uma toalha de linho e já havia travessas de comida.

A primeira pessoa que avistei foi Mário Falcão, ocupando uma das cabeceiras

em sua cadeira de rodas. Eu nunca tinha estado tão perto dele. Senti o ódio subir por dentro de mim ao fitar seus olhos azuis, muito parecidos com os de Theo. Eram duros, frios, cruéis. Mesmo com o rosto enrugado, os cabelos brancos e a cadeira de rodas, não parecia um homem abatido, mas implacável. Aquele era o assassino do meu avô e o ladrão das nossas terras. Era o nosso maior inimigo.

Olhava diretamente para mim. Disfarcei e olhei em volta.

— Convencemos Eva a vir almoçar conosco. Eu e Joaquim ajudamos a fazer a mudança dela. — Gabriela me levou até a mesa. — Lembram-se da Eva, não é?

— Claro. — Heitor se ergueu e apertou minha mão. Era o mais alto e moreno dos irmãos, com cabelos escuros um pouco longos e displicentes, olhos escuros, um belo sorriso e ombros largos. — Ficamos sabendo que vai trabalhar no escritório da cidade.

— Sim. Seu irmão me ofereceu o trabalho — respondi, tentando parecer o mais natural possível.

— Bem-vinda — disse Pedro, que também tinha vindo me cumprimentar. Era alto e forte, com cabelos loiros escuros espetados e olhos azul-acinzentados. Eu sabia que ele era o brigão da família, e, junto com Joaquim, era o mais musculoso. Tinha uma expressão amarrada, de mau, que lembrava Theo, embora os dois não se parecessem.

— Obrigada.

— Esta é Margarida, enfermeira do meu pai e já parte da família — disse Gabriela, sorrindo, e cumprimentei a simpática senhora. Por fim, sobrou o patriarca, que continuava a me olhar fixamente e me causava mal-estar. Minha mãe e avó tinham falado tanto sobre ele que nem sua situação, naquela cadeira de rodas, diminuiu o asco que eu senti. Ainda mais vendo seus olhos de pessoa ruim. De assassino. — Este é nosso pai, Mário Falcão.

— Como vai, senhor Falcão?

— Ham... — rosnou.

— Nosso pai teve um problema de saúde há um tempo e infelizmente tem algumas dificuldades de fala e movimento — explicou Heitor.

Fingi que não sabia e acenei com a cabeça.

Naquele momento, Tia entrou na sala de jantar e ficou feliz ao me ver. Abraçou-me e beijou-me calorosamente.

Achei estranho me sentar à mesa com eles. Eram meus inimigos, e eu tinha segundas intenções. Fingia ser outra pessoa. Sensações estranhas me dominavam, e era uma luta aparentar tranquilidade quando tudo dentro de mim fervia. Foi ainda pior quando ouvi passos e, então, Theo entrou na sala. Estacou ao dar comigo, muito sério, usando óculos escuros.

Foi como levar um soco. Fiquei imobilizada em minha cadeira, cada sentido

concentrado nele. Era como se o mundo parasse de girar, o tempo ganhasse nova dimensão e tudo se concentrasse somente nele. Não vi nem ouvi mais nada. Fui completa e inexoravelmente arrebatada. Quando Theo tirou os óculos escuros, devagar e quieto como uma ave de rapina prestes a atacar, descortinando seus penetrantes olhos para mim, eu me perdi de vez.

— Theo, estávamos quase começando sem você. — Tia sorriu para ele.

— Vejo que se encarregaram de receber bem nossa nova hóspede.

Parecia uma crítica. Sua voz fria e seu olhar ardente formavam um contraste que me deixou sem saber o que pensar. Senti-me muito mal, desconcertada, uma intrusa. Sem querer e sem entender, meus olhos arderam e tive vontade de chorar. Foi algo inusitado e lutei bravamente para não demonstrar aquela sensação de que Theo não me queria na sua casa nem no seio da sua família. Isso, depois de me dar um emprego e um lar ali, era como um golpe.

Baixei o olhar, pálida, não suportando aquilo. Quis sentir raiva. Disse a mim mesma que não me importava, que ia, sim, infiltrar-me ali e fazer todos eles me pagarem caro, mas o que realmente acontecia era que eu me importava muito mais do que deveria. Por algum motivo que eu não podia compreender; o desprezo em seu olhar me deixava prostrada.

— Quase arrastei Eva até aqui — comentou Gabi, divertida, na certa sem perceber o olhar do irmão mais velho e meu mal-estar.

Theo não disse nada. Senti que ainda me olhava fixamente, mas por fim se afastou.

Todos começaram a se servir, e Tia pediu que eu ficasse à vontade. Olhei-a, tentei sorrir e me servi também, mas sentia um aperto no peito, uma vontade de sair correndo dali. Meus olhos foram para Mário Falcão, que segurava o garfo e comia com dificuldade. Dava para ver que não gostava de depender das pessoas e imaginei o castigo que deveria ser, para ele, viver em uma cadeira de rodas.

Senti alguma pena, mas sua expressão dura, com aqueles olhos azuis que, mesmo parecidos, não tinham os sentimentos profundos dos olhos de Theo, fez com que eu reagisse. Eram como dois pedaços de vidro. Pertenciam a um homem que havia destruído uma família inteira e nunca tinha pagado por isso. E, mesmo naquela condição, tinha os filhos por perto, riqueza, um casarão, todo o conforto e os melhores tratamentos. Enquanto isso, minha avó definhava num hospital público lutando contra um câncer agressivo. E se eu não agisse, poderia morrer sem ter de volta tudo que tinha perdido.

Theo virou-se e sentou-se na outra cabeceira da mesa. Na mesma hora, a frieza desapareceu e fiquei consciente da presença dele, embora não o olhasse diretamente. O nervosismo estava de volta. Assim como aquela sensação ruim de ser uma intrusa ali e, de alguma maneira, ter percebido que ele pensava o mesmo.

Theo

Tinha sido uma surpresa encontrar Eva ali. Talvez eu devesse ter esperado por isso, sendo minha irmã naturalmente sociável e carinhosa, mas foi um choque chegar em casa e encontrar aqueles imensos olhos verde-claros tomando conta da sala de jantar. Estavam bem verdes, como se o azul que já vi neles tivesse sido mera impressão. A beleza pura e delicada de Eva, com aqueles longos cabelos loiros e a pele branca e macia, era um lembrete do motivo pelo qual ela não saía da minha mente. E como eu poderia esquecê-la se estava na minha vida? Eu a veria no escritório e nas minhas terras. Fiquei furioso por não conseguir escapar dela nem na minha casa.

Senti-me um bruto, e eu era mesmo. Geralmente, pouco ligava para o que pensavam de mim, mas, por algum motivo, não queria magoar aquela menina. E, realmente incomodado, arrependi-me do modo como a olhei e tratei.

Depois de me servir, dirigi-me a ela com uma tranquilidade que eu estava longe de sentir:

— Gostou da casa, Eva?

Ela me olhou de imediato, e nossos olhos praticamente se comeram. Fiquei paralisado por um momento, sem conseguir entender aquilo. Como eu tinha um grande apetite sexual, estava acostumado a desejar as mulheres com intensidade. Mas não assim. Talvez fosse a necessidade de evitá-la que a tornava ainda mais desejável para mim. Tudo nela mexia comigo. Sua beleza, os olhos imensos, a boca carnuda, a docilidade que parecia implorar para ser submetida aos meus caprichos. Era quase um pecado imaginar todas as sacanagens que eu queria fazer com ela.

O problema era que, junto com o desejo voraz de tê-la, algo me segurava. Culpa, por ser mais velho e cheio de taras, por ela ser tão jovem e aparentemente pura, além de sozinha e desprotegida. Eu sabia que, se comesse, nada me impediria de tomar tudo que tinha a me oferecer e mais, o que com certeza a corromperia. E quais seriam as consequências? Não, era melhor evitar e protegê-la, já que não parecia ter ninguém que fizesse isso.

— Eu gostei muito — respondeu ela, finalmente, ainda fragilizada e sem saber o que esperar, o que só me fez ter mais raiva de mim. — Obrigada. Não sei como um dia poderei agradecer tudo que fez por mim. E o modo como fui recebida por sua família.

Eu apenas a fitava calado. Mesmo naquela mesa cheia, a atração entre nós não podia ser disfarçada nem contida. Estava lá, pesando no ar.

— Eu estou adorando ter você aqui! — exclamou Gabi, sorrindo e animada.
— O bom é que as duas têm quase a mesma idade — completou Tia.
— Vou te mostrar a fazenda toda! — prometeu minha irmã.
— De carro. Não esqueça que está grávida. Nada de ficar cavalgando por aí — disse Joaquim, o que fez Gabi sorrir e beijar suavemente seu rosto.
— Pode deixar, amor. Tô me cuidando direitinho.
— Se quiser, eu te mostro a fazenda, Eva — disse Pedro, sentado ao lado dela, virando o rosto para fitá-la.

Fiquei alerta ao notar o olhar do meu irmão. Eu o conhecia como a palma da minha mão e sabia o quanto era mulherengo. Traçava todas as mulheres que atravessavam seu caminho, sem um pinga de culpa. Encarei-o, bem sério, mas ele nem notou, preocupado em ser charmoso com ela.

— Sabe cavalgar? — perguntou Heitor, sentado do outro lado de Eva.
— Sei, mas não tenho muita prática.
— Posso te ensinar. Se for conhecer a fazenda com Pedro, ele vai querer ir naquela moto barulhenta dele. E aí não tem graça. O bom mesmo é cavalgar. Posso escolher um cavalo perfeito para você.
— Barulhenta? — Pedro ergueu uma das sobrancelhas e encarou Heitor. — É uma Harley-Davidson! E sabe muito bem que sei cavalgar tão bem quanto você. Fomos criados no lombo de um cavalo.

— Tão bem quanto eu, não!

Eles pareciam se divertir com a disputa. Imobilizado na cadeira, vendo Eva entre os meus dois irmãos, fiquei puto ao perceber que se interessavam por ela. Já tinham começado aqueles joguinhos de conquista que faziam, primeiro disputando, depois dividindo. A ira me tomou e lutei como um condenado para me conter.

Eva sorriu para ambos e me olhou. Seu sorriso morreu ao dar com minha expressão carregada, dura, condenatória. Não sei se entendeu o motivo. Nem eu entendia toda aquela raiva. Só sabia que nenhum dos meus irmãos tocara num fio de cabelo dela.

O almoço foi uma tortura. Quando terminou, Gabi sugeriu que fossem bater papo na varanda, mas Eva rapidamente inventou uma desculpa, dizendo que precisava ir para casa ajeitar algumas coisas. Gabi insistiu, mas ela foi firme e prometeu voltar em outra hora.

— Eu te levo para casa — ofereceu Pedro, solícito, indo puxar a cadeira de Eva para que se levantasse.

— Não precisa. É perto. Dá para ir andando — agradeceu ela, docemente.

— Eu insisto.

Gabi deu uma risadinha, sabendo o que ele queria com todo aquele charme.

Heitor provocou, olhando-a de modo quente:

— Se preferir uma companhia melhor, estou às ordens.

Cansei e me levantei, encerrando a conversa em um tom cortante que não admitia que retrucassem:

— Eu levo você, Eva.

Ela me olhou. Tia e meus irmãos também. Até meu pai e Margarida me olharam. Acho que soei mais raivoso do que deveria, autoritário, com cara de poucos amigos. Ver o sorrisinho de Pedro, como se sacasse tudo, me irritou ainda mais.

— Obrigada. Foi um almoço maravilhoso.

Passou por mim e a segui, fechando a porta. Ficamos sozinhos na varanda, onde ela me esperou, um tanto ansiosa, mas calada.

Não a toquei. Fui em direção aos degraus, e ela me acompanhou. Quando chegamos ao caminho de lajotas que levava até as casas, bem mais à frente, andamos lado a lado. Mal percebi o dia claro e lindo. Estava consciente somente da presença dela, da vontade que tinha de segurar seu braço e encostá-la em qualquer canto, saquear sua boca, castigá-la por me fazer sentir tanta raiva. E tanto desejo. Ela tinha o estranho poder de mexer com sentimentos que eu nem sabia que tinha.

— Eu não devia ter vindo. Desculpe — falou, baixo.

Virei o rosto e vi que me olhava. Porra, seria tentação demais tê-la ali tão perto. Eu soube desde o início, mas não imaginei o quanto seria difícil.

— Gabriela insistiu, e eu... Bem, não vai se repetir. Não quero que pense que estou me aproveitando de sua bondade ou...

— Não a estou acusando de nada.

— Está. Com seu olhar.

Ela me conhecer só pelo meu olhar me deixou mais raivoso.

— Sabe que não quero ter nenhum envolvimento com você, Eva. Já deixei isso bem claro. Por isso, prefiro que tenhamos espaços bem definidos aqui e que só nos encontremos quando for extremamente necessário.

— Eu entendi. Vou ficar longe do seu caminho.

— Se precisar de alguma coisa, fale comigo — pedi, baixo e sério.

— Obrigada, mas já tenho tudo de que preciso. — Ainda parecia magoada, não sei se pelo que falei ou pelo que sentiu em mim. Quando chegamos, abriu o portão da casa e o segurou, colocando uma mecha do cabelo atrás da orelha.

Era linda demais. Eu não podia culpar meus irmãos por terem se interessado. Eu mesmo sentia uma fome devassa. Imaginar Pedro ou Heitor tocando-a foi o bastante para que minha irritação voltasse.

— E sobre o interesse dos meus irmãos por você... gostaria que não os

incentivasse — falei, secamente.

Vi seus olhos escurecerem. Suas faces ficaram coradas e sua expressão se tornou bem mais séria. Surpreendeu-me ao erguer o queixo e me enfrentar.

— Você não é meu dono, Theo Falcão. Ter me dado essa casa e um emprego não te dá o direito de se meter em minha vida.

Fiquei tão chocado com a mudança e com suas palavras que, por um momento, perdi a fala. Mas Eva ainda tinha o que dizer:

— Se for assim, prefiro voltar para o lugar de onde vim. Sou maior de idade e escolho os homens com quem quero sair. Não tenho nada com você e por isso não devo explicação sobre com quem vou ou não me envolver.

Então, passou pelo portão aberto e caminhou até a casa que agora era sua.

Que merda eu tinha feito trazendo-a para a minha vida? Por que não a esqueci simplesmente e a deixei seguir seu caminho, bem longe de mim?

Na varanda, Joaquim, Gabi, Heitor e Pedro conversavam, como gostavam de fazer depois de um almoço em família, já que cada um era muito ocupado para fazer isso durante a semana. Eles se calaram quando me viram subir os degraus. Gabi foi a primeira a quebrar o silêncio, franzindo o cenho:

— Que cara é essa, Theo?

— Nada — rosnei.

Como não podia deixar de provocar, Pedro comentou:

— A garota está dando trabalho?

— Por que pergunta isso? — Semicerrei os olhos.

— Você não pareceu muito feliz em vê-la aqui — disse ele, observando-me, atento. — Nem parece muito feliz agora.

— E não estou mesmo. Quero deixar uma coisa clara para vocês. Para todos vocês. — Fitei cada um deles, sem poder conter a irritação. — Eva é uma funcionária. Eu não a quero aqui em casa.

— Mas por quê, Theo? — Gabi parecia surpresa.

— Porque sim. Se quer ter amizade com ela, vá até a casa dela. — Joaquim mantinha-se calado. Pedro e Heitor também. Dirigi-me aos dois: — E quanto a vocês, fiquem longe dela. É uma moça sozinha, sem família, jovem demais. Se querem se divertir, há um monte de mulher por aí.

Com o recado dado, entrei em casa pisando duro.

* * *

Aquela semana foi um inferno, muito pior do que eu tinha imaginado.

Tentei evitar Eva, mas ela parecia estar em cada canto. Nosso prédio em Florada tinha dois andares, com setores separados para arquivos, digitação, faturamento, recepção e salas para receber novos clientes e fazer reuniões. Valentina a alocou em uma sala pequena, perto da minha, que lhe dava acesso à sala da minha secretária, da própria Valentina, à copa e aos arquivos. A cada vez que saía da minha sala, eu topava com ela: no corredor, chegando, saindo, levando documentos para minha secretária, descendo para entregar algo na recepção. Era irritante o quanto isso me perturbava.

Para piorar, eu não era o único a reparar nela. Os rapazes do frigorífico que apareciam para resolver alguma coisa pareciam muito empolgados com Eva. A própria Valentina comentou, divertida, que ela estava abalando os corações dos empregados. Soube também que pegava carona com dois irmãos de vinte e poucos anos que moravam na fazenda, uma moça e um rapaz. Enquanto o pai era peão e a mãe trabalhava no laboratório, os dois trabalhavam no frigorífico, em um prédio perto do escritório. Ela ia e voltava com eles. E eu já a tinha visto rindo com o rapaz ao entrar no carro dele. Estava bem claro que era mais um dos corações que ela arrasava. Eu me sentia um maldito adolescente ciumento, não um homem de quase quarenta e dois anos.

Ela parecia ter o estranho poder de me atrair, de estar perto quando eu menos esperava, como aconteceu naquela quarta-feira.

Eu estava em reunião com Bruno Rios, que me apresentava uma nova forma de melhoramento genético que exigiria investimento. Ele tentava me convencer das vantagens daquilo, e pedi à Eurídice, minha secretária, que trouxesse um café para nós. Estava compenetrado, ouvindo a explanação apaixonada de Bruno, quando a porta foi aberta. Minha atenção foi atraída e me dei conta do porquê. Era Eva quem trazia a bandeja com o café.

— Com licença. — Aproximou-se, educada, olhando-me daquele modo profundo e atento para logo depois desviar o olhar e fingir que não havia nada demais entre nós. Era um jogo que nós dois jogávamos.

Meu corpo reagiu à sua presença, embora parado. Concentrei-me totalmente nela, esquecendo-me de Bruno, que acabou se calando e virando para ver o que tinha chamado minha atenção.

Eva estava especialmente linda naquele dia. Usava roupas simples, mas diferente dos jeans e blusas lisas. Tinha escolhido um vestido verde, que deixava seus olhos ainda mais claros e seus cabelos longos, iluminados. Era um modelo comportado, que descia até a altura de seus joelhos, onde se descortinavam as pernas bem-feitas e os pés delicados em sandálias baixas e abertas. As unhas pintadas de vermelho atraíram violentamente meu olhar.

Excitado, lutei contra o desejo quando ela depositou a bandeja sobre a mesa e

me olhou, perguntando educadamente:

— Quer que eu sirva o café?

— Não é necessário. Obrigado — respondi, seco.

Ela acenou com a cabeça, mas, antes que se retirasse, Bruno se levantou e estendeu a mão a ela, encantado:

— Bruno Rios. E você quem é? Nunca a vi por aqui.

Olhou-me por um momento, mas logo apertou a mão dele e sorriu.

— Eva Camargo. Comecei a trabalhar aqui nesta semana.

— Seja bem-vinda. — Bruno segurou a mão dela e, galante, beijou-a. — Agora terei ainda mais motivos para visitar o escritório de Theo.

— Você só virá aqui quando for solicitado — falei, bem sério, olhando-o de maneira rude.

O homem a soltou imediatamente e ficou vermelho. Eva também pareceu sem graça e se despediu.

— Foi um prazer. Com licença.

Nós a olhamos se afastar. Depois, Bruno se virou para mim um tanto tímido, desculpando-se:

— Theo, desculpe, eu... eu não estava assediando sua funcionária. Fiquei apenas impressionado. Que moça bonita!

Esse foi só um dos episódios. E era só a primeira semana.

De qualquer forma, continuei decidido a manter distância, atento para que os outros homens também a mantivessem.

A sexta-feira chegou, marcando o começo do carnaval. À noite, dirigi-me para o Clube dos Produtores de Gado em Pedrosa. Fui em meu carro, enquanto Pedro ia no dele.

O clube era enorme e contava com um salão de festas que foi decorado com enfeites, máscaras, confetes e serpentinas. Uma marchinha tocava enquanto pessoas em todos os tipos de fantasia circulavam. Eu usava calça preta, paletó preto e uma blusa justa de malha preta. Encontrei Pedro, que se fantasiara de lutador de boxe, com luva, calções e roupão de seda. Meu irmão sorriu e comentou:

— Que fantasia está usando?

— Homem de Preto — respondi, fazendo-o rir.

Observei-o se afastar, olhando as mulheres pelo caminho, pronto para a caça. Percebi algumas por ali lançando olhares e sorrisos para mim e pensei que eu devia fazer o mesmo. Eu tinha transado pela última vez no dia do ataque e já haviam se passado duas semanas. Meu corpo pedia mais, e disse a mim mesmo

que talvez fosse por isso que andava prestando tanta atenção em Eva, praticamente obcecado por ela. Eu precisava de uma mulher linda e submissa, que me aguentasse a noite toda. E então ficaria mais tranquilo para lidar com aquela garota que não saía da minha cabeça.

Já estava chegando até as portas enormes que levavam ao jardim quando avistei Bruno ali perto, sorridente, ridículo em uma fantasia de Super-Homem, com a roupa azul e vermelha colada e até mesmo uma capa. Como tinha altura mediana e era magro, parecia um super-herói raquítico, e me diverti com a cena. Só que meu divertimento durou pouco e estaquei quando vi quem o acompanhava. Mal pude acreditar nos meus olhos e fiquei completamente paralisado quando vi Eva ao lado dele. Vestida de coelhinha.

Não era possível. Semicerrei os olhos, que rapidamente a englobaram para depois se deterem em cada detalhe, enquanto sentia todo o meu corpo reagir violentamente. Até meu coração batia mais forte, além de qualquer controle.

Seus cabelos caíam longos e escovados pelos ombros e costas, completamente lisos, sem o volume habitual. Um arco de pelúcia cinza segurava duas orelhas de coelho no alto da sua cabeça. O corpo esguio e delicado estava coberto apenas por um maiô preto e colado, que marcava os seios, mais redondos e firmes do que imaginei, a cintura fina e o arredondado suave dos quadris. Dali saía uma meiacalça preta e botas pretas de salto alto, que subiam até os joelhos. Era possível acompanhar todo o formato de seu corpo e fui engolfado por um desejo tão puramente instintivo e voraz que me senti golpeado.

Ela estava linda e sensual, diferente da garota simples que mal usava batom. Para meu tormento, os olhos estavam maquiados e pareciam maiores, e os lábios, pintados em um tom vermelho forte, cor de sangue, que fez meu corpo reagir como o de um garoto na puberdade. O sangue correu rápido e violento, a respiração ficou mais pesada, senti meu pau enrijecer sem controle dentro das calças.

Tentei me controlar, mas era difícil. Um garçom passou e perguntou se eu queria mais uma bebida. Coloquei minha taça vazia em sua bandeja e recusei com a cabeça, os olhos grudados em Eva, ouvindo todo o meu ser gritar que aquilo já tinha ido longe demais. Franzi as sobrancelhas, lutei entre a razão e o instinto e soube que chegava a hora de resolver aquela situação, porque a porra daquele desejo, daquele sentimento de posse, estava me deixando louco. E eu estava no limite do descontrole.

Naquele momento, Eva me viu e ficou paralisada. Apenas entreabriu os lábios e prendeu o ar. Notei como reagiu automaticamente a mim, como seus olhos se arregalaram e suas faces se tingiram. O mundo deixou de existir. Em meio a pessoas fantasiadas que passavam de um lado para outro, rindo, divertindo-se, movendo-se ao som da marchinha, só havia nós dois no salão.

Quando mordeu o lábio inferior, com desejo explícito no modo de me olhar, eu agi. Caminhei duramente até ela e vi o quanto ficou nervosa e perturbada. Não consegui tirar os olhos daquela boca carnuda pintada em vermelho-escuro. Meu pau doía de tão duro, cada músculo e tendão do meu corpo estava tenso e até respirar era mais difícil. Estava sendo tentado e testado além da conta e me segurava por um fio. Só um fio.

Parei à sua frente, sério e furioso, sem disfarçar. Bruno me viu e explicou-se rapidamente:

— Theo, até que enfim chegou! Espero que não se incomode por eu ter convidado Eva. Eu e ela...

— O que está fazendo aqui? — perguntei a ela, baixo, entre os dentes.

Bruno se calou. Eva não desviou os olhos. Mesmo nervosa e obviamente afetada, tentou manter-se firme e ergueu um pouco o queixo, dizendo em uma voz trêmula que desmentia sua firmeza:

— Como Bruno falou, eu vim com ele. Fui convidada.

— Quer me provocar, Eva? — perguntei, sendo bem direto. A ira pulsava dentro de mim tanto quanto a luxúria, ambas velhas conhecidas minhas, mas nunca tão potentes.

— Por quê? Eu consegui? — reagiu, atrevida.

E então eu percebi que não adiantava mais. Aquele jogo de gato e rato iria continuar indefinidamente, e eu odiava ser provocado, testado, impossibilitado de agir conforme desejava. E era o que fazia desde que a conheci. Eu me privava de algo que tomava conta de mim, um desejo que exigia ser satisfeito.

— Eu tentei te proteger — falei, baixo, duro, fazendo-a estremecer visivelmente. Fitei seus lábios que me deixavam doido e seus olhos enormes e ingênuos. E foi ali que me decidi. Dei um passo à frente, e, quando me viu tão perto, pareceu assustada. Agarrei seu braço com firmeza. — Mas você não quer ser protegida. Depois não diga que não avisei.

— Theo... — Ela deixou escapar em um arquejo, perdida em meu olhar esfomeado.

— Theo... — Bruno tentou me chamar, confuso.

Eu o ignorei. Deixei tudo para trás. Ele, aquela festa, os negócios que poderia fazer ali, meus princípios, minha decisão de não mostrar a ela o quanto eu podia ser um filho da puta pervertido e machucá-la. Sem mais uma palavra, puxei-a comigo e levei-a em direção ao jardim ali perto. Meu corpo todo clamava por ela, meus instintos sendo mais vorazes que minha razão. Era aquele poder que ela tinha sobre mim, de tirar totalmente o meu controle. Era o que mais me enfurecia.

Ela não reclamou nem tentou escapar. Deixou-se levar, obediente, quieta, exatamente como eu gostava e mais mexia comigo. A cada passo, eu sentia a

voracidade crescer dentro de mim, expandir-se, tomar-me como um todo. Quando saímos para o jardim e contornamos o salão, o movimento e o barulho ficaram para trás. Não aguentei esperar chegar ao estacionamento. Sabia que precisava ter um pouco dela antes de tomá-la por inteiro ou não conseguiria nem ao menos dirigir.

Era mais escuro lá fora e puxei-a para uma parede, encostando-a ali. Eva arfou quando a encurralei e fitei seus olhos com fome, pressionando o corpo dela, deixando-a sentir como eu a desejava, fechando minha mão com firmeza em volta de sua garganta. Perdeu o ar e a voz e deixou mais do que explícito o quanto se sentia mexida e cheia de desejo, entregue a tudo que eu quisesse fazer. E eu queria muitas coisas, tudo, cada ato sujo e pecaminoso que passava por minha cabeça.

— Você vai ser minha — falei, baixo, mantendo os dedos firmes em sua garganta e o polegar em seu queixo. Meu olhar esfomeado desceu de seus olhos para sua boca vermelha, minha perdição. Minha outra mão estava em seu quadril, mantendo-a imóvel, pressionando seu ventre com meu pau completamente ereto, minha coxa entre as suas pernas. — E, depois de mim, você nunca mais será a mesma, Eva.

Ela soltou um gemido entrecortado, agoniado, rendida. Sem que eu soubesse, também me rendi quando fui em direção à sua boca e a tomei para mim.

7

eva



Seus lábios tocaram os meus e perdi o que eu já não tinha desde o momento em que o vi caminhar até mim naquele salão, vestido de preto, com seu olhar intenso e a expressão carregada e dominadora de controle. Tornei-me uma massa sôfrega de sensações desconexas sob sua mão grande e firme em minha garganta, sob seu corpo forte e duro contra mim e seu cheiro que me inebriava quando me encurralou naquela parede e me olhou como se fosse me engolir viva.

Fui completamente arrebatada. Seus olhos pesados de tesão, sombreados pelos cílios densos e longos, não velavam aquele intenso brilho azul. Era um homem em todos os sentidos da palavra, viril, másculo, duro, extraordinário. Fiquei sem ar, sem fala, sem razão. Tudo que vi foi Theo, tudo que senti foi ele, penetrando meus sentidos, tomando-me com sua potência e energia, tornando-me dele antes mesmo de possuir meu corpo.

E então me beijou. Parei de pensar. Só senti. A textura dos lábios contra os meus, a firmeza da boca se movendo contra a minha, o hálito que era só dele e agora estava dentro de mim. Não fui saboreada nem simplesmente beijada: eu fui consumida por uma espiral de paixão avassaladora, pois Theo inclinou a cabeça e tomou minha boca, moveu seus lábios contra os meus, esfregou-os em mim e só pude gemer, tremer, desabar. Quando sua língua me penetrou e buscou a minha, sem vacilar nem se conter, girando, envolvendo, sorvendo, consumindo, eu deixei de ser eu mesma. Eu fui tudo que ele quisesse fazer de mim.

Era uma morte. Morri para tudo que não fosse ele e, em sua boca, sua língua, sua pele, renasci. Alucinada por sentimentos e sensações nunca antes sentidas, eu quase caí, arrebatada, fora de eixo, mas Theo me segurou, me fez tomar mais dele, receber sua língua e colar a minha na dele, beijá-lo com a mesma fome com que era beijada.

Beijou-me longa e profundamente. Mordeu e lambeu meus lábios, apertou minha garganta o suficiente para não me dar escapatória e receber o ar que soprava dentro de mim. Eu me alimentei do seu gosto, sua saliva embriagante, sua energia pulsante. Senti a parede atrás de mim, gelada, e o corpo quente e duro dominando o meu. O calor era tanto que eu queimava, ardia, combatia o frio como se ele não fosse nada. Seus dedos se enterraram na carne macia do meu quadril, seu peito musculoso pressionou meus seios doloridos, e eu palpitei entre as coxas, melada, fervendo, ansiando pelo membro longo e grosso que se moldava em meu ventre.

Quis cada parte dele. Não consegui me mover, nem mesmo para erguer as mãos e segurá-lo, pois estava embriagada demais de paixão, perdida entre sensações delirantes de prazer. E lá fiquei, entregue, beijando-o tanto quanto me beijava, as bocas se comendo e se fartando, mais e mais, em um beijo que não acabava, mas crescia, agigantava-se e consumia a nós dois.

Eu estalava de tanto tesão. Meus mamilos doíam contra seu peito e minha vagina latejava sem controle. Sem pudor ou razão, arquejei e gemi em sua boca em um lamento que implorava por mais, por qualquer alívio para tudo aquilo que pulsava e ardia dentro de mim, para o corpo e a alma que não eram mais meus, mas doíam na necessidade dele. Theo me torturava, imobilizando-me, obrigando-me a ceder a seus caprichos e receber o que me dava.

Estremeci, esfreguei-me nele, busquei mais contato. Quis ser dele ali, sem me importar com nada, quase chorando de tanta paixão e volúpia, tanto descontrole. Ele me segurou e me beijou mais e mais, até não restar o que tomar, pois eu já era completamente dele. E então, só então, descolou a boca e abriu os olhos azuis, penetrando os meus.

Ali eu soube. Soube que estava perdida. Entregue e submissa, acompanhei o olhar quente e esfomeado que descia para minha boca e fitava meus lábios entreabertos com uma fome que se comparava à minha.

— Sua boca é ainda mais deliciosa do que imaginei — disse ele, rouco e baixo.

Pensei que me tomaria ali. A brutalidade dos seus sentimentos, explícitos no olhar que encontrou novamente o meu, deu-me a certeza de que não esperaria mais e quase supliquei, mas então Theo me soltou de repente e deu um passo para trás, fitando-me com o cenho franzido e carregado, algo como surpresa moldando sua expressão dura e cheia de luxúria.

Se eu não estivesse encostada na parede, teria caído, pois minhas pernas tremiam demais para me sustentar. Fiquei lá, com olhos arregalados, respiração entrecortada, sentindo-me subitamente abandonada, com um medo terrível de que ele voltasse a resistir. Eu não suportaria, não depois de estar impregnada de seu

gosto e seu cheiro. Eu não sabia mais ser eu sem ele, sem pelo menos uma parte dele. Era como estar incompleta.

Abri a boca para implorar, mas então aproximou-se com tudo, agarrou meu braço e puxou-me contra seu peito com violência, olhos ferozes e famintos. Sua voz vibrou em minhas terminações nervosas.

— Vamos sair daqui.

E foi então que entendi. Theo havia sido tão golpeado quanto eu. Não fui a única a sentir aquela paixão avassaladora. Ele lutava para não me tomar ali, como eu queria, como ele também desejava.

Não falou mais nada. Olhou-me e levou-me com ele, em passos rápidos e longos, sem soltar meu braço. E eu fui, pois não havia mais o que fazer. Eu tinha perdido minhas escolhas.

Eu tremia sem parar. Mesmo depois de entrar em seu carro, enquanto ele dirigia sério e calado, eu não consegui me recompor por inteiro. Meus lábios ardiam, seu gosto delicioso rolava em minha língua, meu corpo formigava e fervia. Nunca estivera tão consciente de minha pele sensível, dos meus mamilos duros, da minha vagina melada e inchada. Eu me sentia mulher. Pronta para ser tomada por um homem. Por Theo.

Não sabia para onde ele me levava, mas, ao ver que chegávamos ao limite de Pedrosa, quase em Capinópolis, lembrei-me de que tinha uma residência ali. O local para onde levava suas submissas e, segundo informações de minha mãe, um antro onde colocava em prática suas taras.

Fiquei mais nervosa ainda. Sensações diferentes se juntaram às que já me golpeavam. Senti-me só mais uma das mulheres que ele fodia e colocava em correntes, e isso, embora eu não devesse me importar, incomodou-me. Tudo que ele me havia feito sentir tinha sido tão único e especial, tão forte, que por um momento tive a certeza de que também fora especial para ele. No entanto, Theo iria me tratar como sempre tratou as outras.

Não entendi minha dor. Angustiada, observei-o virar em uma rua sem saída e ir até o final, onde havia uma casa grande e luxuosa de dois andares, cercada por muros altos e eletrificados. Havia seguranças em uma guarita, que abriram o portão ao reconhecê-lo. Theo parou o carro em um pátio em frente à entrada, onde apenas uma luz dourada incidia sobre a pesada porta de madeira da casa pintada em amarelo pálido. Em frente, um jardim também recebia uma iluminação dourada.

Reparei apenas superficialmente na casa, pois tremia, nervosa e excitada. Tentei pensar em minha mãe, no que dissera sobre aquele lugar, mas só consegui notar o motor do carro sendo desligado e Theo soltando o cinto de segurança. Não o olhei, mas soube quando saiu do carro, bateu a porta e veio até mim.

Soltei o cinto, tremendo, e saí do carro. Disse a mim mesma que estava ali pela vingança, mas era uma mentira tão deslavada que até me envergonhava. Eu chegara ali porque estava de quatro por Theo Falcão, dominada por tudo que ele despertava em mim, embriagada pelo que ele era, ansiando pelo que faria comigo e que eu tinha desejado durante todos aqueles dias desde que o conheci.

Ele escancarou a porta e voltou os penetrantes olhos azuis para mim, ordenando:

— Entre.

Era a hora. Estremeci, mas não recuei. Passei por ele e entrei.

Eu esperava encontrar uma espécie de calabouço, com correntes, chicotes e paredes negras, mas passei por um hall elegante e cheguei a uma sala de estar luxuosa, em madeira, com decoração em tons mel e azul, bem masculina. Ouvi que ele se aproximava e parei no meio do cômodo. Então me virei e o olhei.

Parou à minha frente. Apenas nos fitamos, mas a fome continuava lá. Eu o sentia mais controlado, mais dono de si, mas seus olhos ardiam.

— Não era para você estar aqui, Eva — falou, baixo.

Tive medo de que desistisse. Arregalei os olhos e preparei-me para pedir que me deixasse ficar, sabendo que morreria se me mandasse embora, mas ele continuou:

— Quero que veja o que espera por você. E se decida.

— Já me decidi... — murmurei e fitei sua boca tentadora, com o lábio superior bem-feito e o inferior carnudo, que tinha me deixado completamente louca com aquele beijo. Senti uma ânsia profunda de ser toda dele, da maneira como quisesse.

— Veja tudo primeiro — insistiu duramente. A voz era fria e contida, mas o corpo parecia prestes a atacar. Estendeu-me a mão direita e fitou meus olhos. — Venha comigo.

Não vacilei. Nunca tinha sentido todo aquele tesão até ser tocada e beijada por Theo. Desde que o vi pela primeira vez, mesmo o temendo, mesmo sabendo que nunca teríamos um futuro, pois estávamos em campos inimigos, ele não tinha saído da minha cabeça. Era homem demais para mim, intenso e bruto, e com certeza me faria sentir mais medo do que jamais senti na vida. Mas eu o desejava tanto, estava tão obcecada por ele, que sabia que nada me faria desistir. Nem suas perversões nem aquela vingança.

Segurou minha mão. Não agarrou meu braço nem meu pulso nem foi bruto. Só colou sua palma grande e macia na minha, com aqueles dedos longos, e me olhou, silencioso, sem precisar falar para se fazer entender.

Segui atrás dele pelas salas de estar e de jantar. Notei a decoração de bom gosto sob uma iluminação difusa, mas estava mais preocupada em respirar e

acalmar meu coração, que batia violentamente contra as costelas. Entramos em um corredor e passamos por algumas portas fechadas até chegarmos à última do lado esquerdo, de madeira escura. Abriu-a. A iluminação foi acionada automaticamente. Fiquei surpresa ao ver uma escadaria de madeira. Era um porão.

Theo foi à frente, sem soltar a minha mão. Com certeza percebia meus tremores violentos. Senti-me como um animal indefeso sendo levado por um caçador para a armadilha, com a diferença de que eu não resistia. Mordi os lábios para impedir que os dentes batessem. Minhas pernas pareciam gelatina quando descii os últimos degraus.

Chegamos a uma saleta simples, sem móveis e com paredes brancas nuas. Havia apenas uma porta de madeira alta e escura, com arabescos entalhados. Quando Theo agarrou a maçaneta de bronze e girou-a, quase saí correndo. Estaquei, abismada, imobilizada diante do imenso salão diante de mim. Era como entrar em outra época, um local de torturas medievais.

— Este é meu calabouço. — A voz baixa e fria de Theo me tirou da paralisia. Soltou minha mão e indicou à sua volta. — Olhe.

Eu não podia fazer outra coisa além de olhar. Não me movi. Senti que Theo me observava, absorvendo cada reação minha. E foi impossível esconder o choque.

As paredes eram grosseiras, com tijolinhos desencontrados. O chão era de cimento, sem luxo. O teto alto segurava vigas de madeira das quais pendiam ganchos, polias e correntes suspensas. Lustres belíssimos contrastavam com a secura e a aridez do lugar, espalhando uma luz dourada que só amenizava em parte o aspecto brutal do ambiente.

Mal ousei respirar. Meus olhos arregalados percorreram tudo: a enorme cruz de madeira em que uma pessoa poderia ser presa de pé, um cavalo de madeira cheio de amarras de couro, uma gaiola de quase dois metros de altura com uma maca preta e correntes nas paredes. Depois dela, um sofá negro e antigo diante de um pufe também negro sobre um grande tapete persa. Havia um bar ao lado, cheio de bebidas.

Mais adiante, vários chicotes, palmatórias e objetos desconhecidos para mim, perfilados em uma estante, organizados, avisando claramente o que fariam. E então mais apetrechos de madeira, um balanço de couro, coisas que eu nunca tinha visto nem sabia o que eram, mas que obviamente serviam para prender uma pessoa. Depois vinha uma cadeira ginecológica preta, com apoio para pendurar as pernas. E então, em outra parede, um nicho com um espelho largo e comprido e uma cama ampla com lençol vermelho-vivo. Havia um armário preto, grande e antigo ao lado e amarras nas cabeceiras e nos pés da cama. Para completar, um banheiro enorme, sem porta, com um boxe gigantesco e uma banheira num canto,

de granito negro. Somente o vaso sanitário e o bidê eram protegidos por uma parede para oferecer mais privacidade.

Eu tremia violentamente. Sem poder me conter, olhei para Theo, que não tirava os olhos de mim.

Mesmo sabendo que ele gostava de jogos de submissão, nada se comparava a entrar num ambiente como aquele. Eu já imaginava o chicote cortando minha pele e toda a violência que Theo poderia usar. Abracei a mim mesma, dividida, dominada pelo desejo que ele despertava em mim e o medo do que poderia fazer quando me tivesse nas mãos.

— Olhe bem, Eva. É isso mesmo que você quer? — Sua voz era mais dura do que nunca e seu olhar, cortante.

Não, eu não queria aquilo. Eu tinha medo da dor. Não queria que Theo batesse em mim, mas, sim, que me tocasse, me amasse. Mordi os lábios, pois queria perguntar muitas coisas, queria entender, mas sabia que ele não me daria oportunidades naquele momento. Exigiria uma resposta para a escolha que me dava.

Senti-me perdida. A vontade de chorar veio sem que eu esperasse, porque, mesmo apavorada, eu não conseguia parar de desejá-lo. Era uma fome que não arrefecia, um desespero que eu sabia que não se acalmaria. Nem sequer pensei na vingança ou em me sacrificar por ela. Eu realmente fiquei dividida entre Theo e o medo. Seus olhos cravavam-se nos meus. Não pude evitar ser totalmente sincera:

— Eu tenho medo. Não conheço nada disso. — Pensei em seu beijo, em seu cheiro e em seu toque. Só olhá-lo já me deixava louca. Ele era lindo demais, másculo, sensual. Sabia que seria um tormento ficar longe dele sem ao menos tentar. E tardiamente lembrei-me de que o plano sempre tinha sido seduzi-lo. — Mas não posso desistir.

— Essa é sua resposta final?

— Sim. Eu fico — respondi, num fio de voz. — Não consigo ficar longe de você.

Isso o abalou. Seu semblante mudou, e a nova expressão dizia que me faria dele de todas as formas possíveis. O medo ainda me fazia tremer, mas foi o desejo que fez meu coração disparar quando Theo veio devagar até mim. Antes que passasse, que me tocasse ou fizesse qualquer coisa, falei, baixinho:

— Eu sou virgem.

Ele estacou. Não tirou os olhos dos meus por um segundo sequer e percebeu meu medo, minhas inseguranças, parecendo em dúvida por um momento. Soube que poderia desistir e completei, tomando coragem e diminuindo a distância entre nós até só restar um palmo:

— Seja o primeiro, me faça sua mulher...

— Porra, Eva. — Theo agarrou meus braços e puxou-me contra si, colando-me em seu peito. Sua respiração chegava ao meu rosto, os lábios tão próximos dos meus. Fui consumida por seu olhar inflexível. — Eu sabia que você era inexperiente, mas virgem... Eu sou um perverso. Depois que começar, não vou poder parar.

— Então comece... — pedi. Nem o medo da dor e do desconhecido me impediriam de ser dele, pois eu não conseguia mais pensar ou desejar outra coisa. Eu não conseguiria mais respirar sem estar no mesmo espaço que Theo. Era como se uma febre me consumisse, deixando-me viciada naquele homem.

Por um momento, Theo não disse nada. Seu olhar percorreu lentamente cada parte do meu rosto. Testa, olhos, nariz, lábios. Algo nele se suavizou. Não foi explícito, mas percebi.

Esperei que me beijasse, que começasse a me fazer mulher ali, naquele ambiente pesado como um calabouço medieval e cheio de apetrechos sexuais de dominação, mas, para a minha surpresa, deu um passo para trás. Manteve a mão apenas em meu braço direito, com firmeza, mas sem me machucar.

— Venha comigo.

É claro que fui. Silenciosamente, eu o acompanhei pelas escadas. Não entendi o que pretendia fazer quando chegamos ao corredor e seguimos em frente até a sala.

Lancei um olhar a Theo, sério, compenetrado e pensativo. Estremeci, em uma expectativa que mexia com cada célula e nervo do meu corpo. Eu só conseguia pensar que finalmente me faria dele, mas ao mesmo tempo temia que me levasse embora dali.

Uma escadaria de madeira na sala levava ao andar superior, e foi para lá que nos dirigimos. Aliviada e ansiosa, percebi que chegávamos a uma suíte espaçosa e linda, com uma enorme cama com cobertura branca, totalmente diferente do ambiente no porão. Era elegante e luxuosa. Theo acendeu uma luminária e parou ao lado da cama, ficando à minha frente e soltando-me.

Nós nos olhamos. Tudo dentro de mim ganhou um novo sentido. Era como chegar ao momento mais importante da minha vida, que eu sabia que me marcaria para sempre. Emoções indescritíveis me bombardearam, meu corpo ardia, aguardava, ansiava por ele.

Não me tocou, embora seu olhar fosse faminto, com uma intensidade que me deixava de pernas bambas. Desceu-o por todo o meu corpo, desde os cabelos até a ponta das botas.

— Quando vi você assim, de coelhinha, naquele salão, fiquei louco — disse ele, com a voz baixa e rouca, enquanto encontrava meus olhos. — Tinha noção do que ia fazer comigo?

— Não — murmurei.

Prendi o ar quando ele começou a tirar o paletó preto sem afastar o olhar. Largou-o em uma cadeira ali perto enquanto eu notava como a blusa de malha se colava aos músculos dos seus braços e do seu peito. Era alto e tinha um corpo elegantemente modelado, lindo. Sem pressa, segurou a barra da blusa na cintura e, num gesto másculo, tirou-a pela cabeça.

Sua beleza viril, agressivamente estonteante, abalou-me. Quando me fitou, vestindo somente a calça e os sapatos, não pude evitar que meus olhos percorressem seus ombros largos, o peito musculoso e liso com mamilos pequenos, os bíceps modelados. Músculos duros marcavam seu abdome até o umbigo, onde os pelos escuros desciam e sumiam sob o cócs da calça. Engoli em seco.

Mordi os lábios nervosamente quando ele tirou os sapatos italianos usando os pés e levou as mãos até o cinto, tirando-o, abrindo a calça. Paralisada, fitava seus olhos, seu peito, suas mãos, sem poder respirar, meu coração galopando no peito. Quando desceu o zíper e a calça escorregou para baixo, deixando exposta sua cueca boxer preta, eu quase desfaleci.

Nada me preparara para vê-lo se despindo para mim. Lembrei-me dos tantos homens que vi se despindo para minha mãe, mas nenhum deles chegava aos pés de Theo. O que eu sentia era inigualável, absurdamente sexual e emocional. Eu latejava, tremia, hipnotizada e encantada.

As calças caíram no chão, e, num movimento fluido, Theo livrou-se delas. Com água na boca, olhei suas pernas perfeitas, as coxas musculosas, o volume protuberante do seu sexo. Eu tinha sentido que era grande quando me beijou e colou-se em mim. Agora parecia ainda maior. E só percebi o quanto quando tirou, devagar, a cueca.

Respirei fundo e arregalei os olhos. Seu membro estava totalmente ereto, comprido e grosso, muito grosso. Pelos escuros aparados rodeavam seu sexo e seus testículos redondos e morenos. Se a elegância das roupas que usava disfarçava um pouco sua agressividade masculina, nu ele era extremamente vigoroso, viril, um macho completo, poderoso. Com um misto de choque e excitação, fitei aquele membro robusto, cuja cabeça parecia um cogumelo grande, rodeado de veias. Era assustador e lindo.

Seus olhos azuis ardiam, penetrantes, quando se sentou na beira da cama e desfez-se das meias pretas. Fiquei lá, sem ar e sem voz, arrebatada, olhando-o, esperando, desejando. Mas não se ergueu. Acomodou-se no meio da cama, recostado nos muitos travesseiros ali, esticando as pernas à sua frente, tão lindo e sensual que me sentia a ponto de babar.

— Vem aqui, Eva — disse, baixo, em um tom tão autoritário quanto seu olhar.

O nervosismo me varreu de cima a baixo. Tremi tanto que era visível. Mordi os lábios e tentei me controlar, mas foi impossível. Sem saber ao certo o que Theo queria, fui até a cama e me ajoelhei nela, olhando-o. Meu coração parecia prestes a saltar pela boca.

— Sente-se nas minhas coxas, de frente para mim.

Aqueles olhos seriam o meu fim. Obedeci e engatinhei até ele, passando uma perna sobre sua coxa e depois a outra, até me ajoelhar em volta de seus quadris e sentar-me sobre suas coxas. Olhei rapidamente para seu pau, ali, tão perto de mim, vendo cada veia, abismada. Respirava irregularmente enquanto meu olhar passava pelos músculos do abdome e do peito, os ombros largos, a clavícula forte, o pescoço e o queixo firme, sombreado pela barba curta. Ela cobria suas faces e juntava-se ao bigode, deixando os lábios ainda mais másculos e tentadores. O nariz romano dava-lhe um ar agressivo e, somado aos olhos semicerrados e às sobrancelhas grossas, formava um conjunto lindamente masculino, completado pelos cabelos escuros quase ondulados.

Minhas mãos comicharam querendo tocá-lo, mas não tive coragem e apoiei-as em minhas coxas. Eu respirava em haustos, consciente de cada parte dele, do calor e da dureza do seu corpo, de sua beleza explícita e sua sensualidade latente. Sentada em seu colo, eu tremia sem parar, com olhos arregalados e corpo arrebatado.

— Parece uma coelhinha assustada — disse ele, erguendo as mãos até meus cabelos e enfiando os dedos entre os fios longos. Seu olhar prendeu-se ao meu. — Está com medo?

— Estou... — A palavra saiu num fio trêmulo.

— Não tenha medo.

Era difícil me concentrar no que ele dizia tendo seu corpo nu sob o meu, seu membro enorme tão perto, seu olhar duro dizendo-me que logo eu saberia o que era ser invadida, penetrada, tomada. Tentei focar em seus olhos, mas eles também eram perturbadores.

— Sabe por que a tirei do porão e a trouxe até aqui? — Theo segurou o arco com as orelhas de coelho e tirou-o, largando-o na cama. Todos os dedos de suas mãos se enterraram sob meus cabelos e massagearam minha nuca, firmes, tirando-me as forças.

— Não...

— Porque é sua primeira vez. — Agarrou um punhado do cabelo e puxou-o para baixo, obrigando-me a erguer o queixo e jogar a cabeça para trás. Gemi baixinho quando chegou mais perto de mim, passando os lábios suavemente desde meu queixo até minha garganta. Arrepios correram pela minha pele. — Vou ser bem convencional. Só desta vez.

Quis sentir alívio, mas estava abalada demais com o que ele me fazia sentir para me importar. Eu só conseguia notar suas coxas musculosas sob minha bunda, seus dedos emaranhados em meu cabelo com firmeza, seus lábios percorrendo minha garganta, mordiscando meu queixo, deixando-me louca. Desceu-os mais por meu pescoço, sob a orelha, perto da jugular. Ali se abriram e cravou os dentes em mim, chupando-me duramente.

Arquejei e estremeci, sem forças, de olhos fechados enquanto sua boca me sugava com firmeza naquele ponto do pescoço, dando-me a sensação de que um raio descia do meu ventre para minha vagina latejante, umedecendo-a por inteiro. Gemi de novo e ergui as mãos, desorientada, buscando-o sofregamente. Espalmei os dedos em suas costelas, e seus músculos e o calor da sua pele só me deixaram mais arrebatada.

Lambeu-me onde havia chupado e mordido. Então, desceu mais a boca até o trapézio, o músculo que fica entre o pescoço e o ombro. Ali, cravou os dentes de novo e deu um chupão firme e delicioso, que me encharcou e fez meus mamilos doerem de tão duros. Como se soubesse, continuou a me sugar naquele ponto e seus dedos desceram do meu cabelo para o colo pela frente do meu corpo.

— Ah... — murmurei, agoniada, quando as pontas passaram em volta dos meus seios sobre o maiô, apenas contornando-os, evitando os mamilos. Foi uma tortura e estremeci em arquejos agoniados. Theo chupou meu pescoço com mais força, e sensações enlouquecedoras me golpearam, fazendo-me gemer sem parar.

Suas mãos se afastaram dos meus seios e seguraram meus pulsos com firmeza. Ergueu a cabeça, encontrando meus olhos.

— Mantenha os pulsos para trás, cruzados nas costas.

Obedeci, respirando pesadamente, as pálpebras semicerradas. O pescoço latejava onde tinha me mordido e chupado. Lambi os lábios secos e seu olhar ficou mais intenso ao acompanhar minha língua.

Theo largou meus pulsos. Suas mãos pousaram em minha cintura e subiram lentamente pelas costelas até as laterais dos seios. Passaram por meus braços até as alças do maiô nos ombros. Seus indicadores deslizaram sob elas e então as puxaram devagar para baixo. Seus olhos percorreram a pele que ia se descortinando, desde os ombros até o alto dos seios.

Eu tremia e mordia o lábio, entrelaçando meus dedos nas costas. Não conseguia afastar o olhar de seu rosto carregado, sua expressão concentrada e máscula, seu desejo evidente. Como eu poderia resistir a um homem daqueles? Onde encontraria forças?

Senti vergonha e excitação extrema quando parou poucos centímetros antes de expor meus mamilos. Então ergueu os olhos para os meus e falou, em um tom duro:

— Eu adoro mamilos. Vou fazer você gozar só chupando-os e mordendo-os.

— Ai... — arquejei, sem controle, elevada e suspensa em um desejo pecaminoso e arrebatador.

— Mas não hoje. Hoje vou ser convencional, como prometi.

Eu quase pedi que não fosse, que fizesse tudo, exatamente tudo que quisesse comigo, mas nem me deu tempo para pensar antes de descer as alças do maiô até meus cotovelos, expondo meus seios. Olhou-os com uma expressão carregada de luxúria.

— Linda... Perfeita. — E desceu mais, parando em minha cintura, as alças presas em meus pulsos atrás das costas.

Quando firmou as mãos na base das minhas costas nuas e aproximou a cabeça morena, estremeci violentamente e respirei fundo, mas nada me prepararia para a quentura e a umidade de sua boca se fechando com firmeza em torno do mamilo esquerdo, chupando-o severamente. Todo o meu corpo reagiu, formigou, delirou. Olhei para ele, sem poder acreditar que me sugava com tanta perícia e força, vendo seus olhos fechados, sua expressão cruel e decidida, sua boca gulosa. Senti os dentes e a língua e comecei a choramingar, a despejar rios de excitação por toda a minha vagina, que parecia inchada, dolorida, palpitante.

— Deliciosa...

— Ah... Theo... Por favor...

Eu supliquei, sem saber o que desejava. Um alívio para aquela pressão fenomenal dentro de mim, mas ele não aliviou. Foi mais bruto, mordeu e deu chupões no meu seio até que dor e prazer se mesclassem em igual intensidade dentro de mim. Eu gemia sem controle, cruzando meus dedos para não o tocar, sentindo-me balançar de tanta luxúria e excitação.

Theo se tornou mais feroz, como se também estivesse arrebatado por um prazer enlouquecedor. Passou para o outro mamilo e deu a ele a mesma atenção, chupando-o violentamente enquanto me puxava em um golpe seco para si, colando-me em seu corpo. Gritei, surpresa, quando resvalei por suas coxas e minha vagina, que molhava a meia-calça e o fundo do maiô, esfregou seu membro grosso e duro. Suas mãos agarraram minha bunda e apertaram-me contra seu pau enquanto ele me sugava como se estivesse se alimentando de mim, faminto, voraz.

— Oh! — Perdi qualquer resquício de razão e esqueci tudo, a não ser o que fazia comigo. Meus sentidos gritavam, meu corpo era apunhalado por um desejo avassalador. Soltei meus dedos e enfiei-os em seus cabelos densos e macios, rebolando em sua ereção, mesmo com a dor agonizante, precisando de sua boca em meu mamilo.

— Não falei para manter as mãos para trás? — disse ele, autoritário, irado, afastando a cabeça e olhando-me vorazmente. Na mesma hora, girou o corpo e

derrubou-me na cama, vindo por cima, agarrando meus pulsos e prendendo-os acima da cabeça com apenas uma de suas mãos enquanto a outra ia em meu seio, apertando-o. Arquejei, choraminguei, abri mais as pernas porque seu pau estava pressionado contra minha vagina. — Não me faça perder a cabeça e surrar sua bunda na primeira vez, coelhinha.

— Ah, Theo... Por favor... — supliquei, fora de mim, movendo-me sob ele, sentindo-me ensandecida pelo tesão, pela volúpia que me arrasava.

Ouvi-lo chamar-me de coelhinha excitava-me mais, como se em meio a toda aquela força houvesse algo carinhoso. E havia mesmo, ou ele não se conteria por ser a primeira vez nem se importaria comigo. Isso me deixava ainda mais ligada a ele, dependente, abismada com aquela paixão que nunca julguei possível.

Fitei seus olhos penetrantes, e, por um momento, Theo apenas me olhou, feroz, com sua expressão de macho no auge do poder, pronto para tudo, para ser sempre o dominante. Desceu as mãos entre nossos corpos, por minha barriga, até onde o tecido do maiô se acumulava. Indagou, baixinho:

— Como está essa boceta? Pronta para mim?

Não tive coragem de responder e apenas arquejei, fora de mim. Seus dedos desceram mais, por dentro do maiô e da meia-calça, penetrando os pelos macios, sem que ele tirasse os olhos dos meus. Quando esfregaram meus lábios vaginais encharcados, lágrimas de puro tesão vieram aos meus olhos e choraminguei, estremeci, tentando respirar pela boca entreaberta. O dedo do meio deslizou entre os lábios e voltou molhado, rodeando o clitóris completamente empinado. E ali me arrebatou de vez.

— Tudo isso é pra mim, Eva? Está tão doida assim pelo meu pau?

— Ah, meu Deus... — supliquei, sacudindo-me quando massageou meu clitóris duro, espalhando um calor descontrolado pela vagina e pelo ventre. Latejei e movi os quadris, buscando um alívio para aquela pressão alucinante.

— Quer meu pau aqui, dentro de você? — exigiu, comendo-me com os olhos.

— Sim... Por favor...

— Você vai ter. Daqui para a frente, vou comer você sempre que eu quiser, Eva. Onde, quando e como eu quiser. E você nunca, nunca vai se negar a mim. — Era uma promessa dura e bruta, que não admitia negação.

— Sempre... — arquejei, submissa, tremendo e gemendo.

Theo me soltou de repente. Ajoelhou-se na cama entre as minhas pernas e, sem delicadeza, agarrou o maiô embolado na cintura, junto com o cóis da meia-calça. Puxou-os por meus quadris e bunda, despindo-me até os joelhos. Estava despenteado, seu peito subia e descia com a respiração pesada, seus olhos ardiam. Intoxicada por sua beleza arrasadora, apreciei-o com olhos apaixonados, maravilhados, descendo o olhar por sua barriga até seu membro poderoso.

Segurou minhas pernas para o alto e, sem delicadeza, arrancou as botas, largando-as no chão com um baque seco. Quando me deixou completamente nua, agarrou um joelho em cada mão, minhas pernas ainda erguidas. Então as abriu devagar, olhando-me nos olhos.

Eu fiquei lá, naquela cama, de braços erguidos, cabelo espalhado, olhos arregalados e perdidos de paixão, lábios entreabertos, mal ousando respirar enquanto era observada por inteiro, meus seios, minha barriga, meus quadris, meu sexo encoberto por pelos finos e claros, minhas pernas erguidas e abertas.

Fitou minha vagina com uma fome que me assustou e extasiou, percorrendo minhas pernas até os pés. Levou o pé direito até perto de seu rosto e, sem que eu esperasse, depositou um beijo suave na sola. Então voltou a me olhar de modo quente e penetrante, abaixando minhas pernas para a cama enquanto se deitava sobre mim.

Abri os lábios e as pernas. Senti todo o meu corpo reagir em um ímpeto de paixão. Meu coração estava prestes a sair pela boca e cada respiração era um sacrifício. Quando suas coxas se acomodaram entre as minhas, a base do seu pau encostou na minha vagina e sua barriga pesou sobre mim, eu choraminguei, alucinada, tremendo.

— Posso te abraçar? — pedi.

Algo aconteceu ali. Seu olhar intenso e carregado se desanuviou um pouco. Passou a mão grande e bela em meu rosto, desceu-a por minha nuca e firmou-a ali, entre meus cabelos, segurando-me. Seu peito pressionou meus seios. Ele estava sobre mim, lindo e poderoso, pronto para me tomar. Sua voz soou baixa:

— Pode.

Ansiosa, golpeada por tanto desejo, gemi e abracei-o com volúpia, colando os dedos na pele macia de suas costas, resvalando as unhas em seus músculos, puxando-o mais para mim. Ondulei sob ele e arquejei quando senti seu membro quente e duro pressionar meus lábios vaginais. Supliquei como uma moribunda diante da salvação, como se minha vida dependesse dele:

— Por favor, me faça sua... Por favor, Theo...

Ele respirou fundo, olhando-me. Vi ali a mesma fome, o mesmo desejo de nos fundirmos, e isso pareceu surpreendê-lo por um momento. Por fim, estendeu a mão, abriu a primeira gaveta da mesinha de cabeceira e pegou um pacote de preservativos.

— A primeira vez é sua — disse ele, baixo. — Para você. Todas as outras são minhas. À minha maneira.

Eu entendi e acenei com a cabeça, ansiosa, apaixonada. Solto-me o suficiente para abrir o invólucro e colocar o preservativo. E, antes que eu percebesse, já me agarrava sob a nuca de novo e me segurava firme para saquear minha boca em

mais um beijo voraz e embriagante, devorando os meus lábios, serpenteando sua língua deliciosamente.

Eu me dei, me abri, me rendi. Com meu corpo e minha alma, com cada sentido que eu tinha, agarrei-o, deslizei as mãos em suas costas e seu cabelo, choraminguei em uma necessidade pungente e febril. Theo segurou seu pau pela base e esfregou a cabeça robusta contra meus lábios vaginais molhados e inchados, que latejavam sem controle. E, quando penetrou a cabeça entre eles, ajeitando-a ali, eu soube que era a hora.

Não tive medo. Quis tanto aquilo, tanto, que chorei de expectativa, com sentimentos descontrolados, suplicando pelo corpo dele, pela posse que me tornaria sua, que me faria mulher. Sua mulher. Suguei sua língua sofregamente e ardi sob sua boca e seu corpo musculoso.

Theo também se descontrolou, tão cheio de desejo quanto eu, beijando-me como se estivesse se alimentando de mim, nossos corpos suados se encaixando, nossa energia se fundindo e vibrando, cada polegada de nossa pele buscando o outro. Moveu o quadril, e seu pau me encheu mais, parando e enrijecendo, ardente, ao encontrar a barreira do hímen.

Afastou a boca, consumindo meu olhar com uma fome de arrebatrar, mantendo-me cativa e aberta sob seu corpo, dominando-me, seus braços sob meus ombros, as mãos segurando minha cabeça. E foi assim, com os olhos fixos nos meus, que avisou duramente:

— Você vai ser minha agora. E nunca vai esquecer quem foi seu primeiro, quem te fez mulher. Nunca vai esquecer a sensação de ter meu pau enterrado na sua boceta.

Arquejei, alucinada e paralisada. Em uma estocada bruta e profunda, seu membro grande e grosso abriu-me de uma vez, entrando apertado e ardente, fazendo um grito estrangulado escapar da minha garganta e lágrimas pularem dos meus olhos. A dor foi intensa. Eu não estava preparada para ter tudo aquilo dentro de mim e estremeci, cravei as unhas em suas costas e chorei de verdade, sacudindo-me.

Mas Theo não permitiu que eu escapasse. Penetrou-me até o fim, enchendo-me tanto que sufoquei, gemi, me debati, o arranhei.

— Ai... Está doendo... — choraminguei, trêmula; mas, então, com aquele olhar que não perdia nada em mim, ele me manteve firme, mordiscou meu lábio e sussurrou:

— Fique quietinha. Acostume-se comigo. — E passou a mover-se para a frente e para trás, puxando um pouco para fora e enterrando o pau novamente, estocando até me abrir mais, obrigando-me a ter cada polegada dele, tão fundo que eu o sentia no útero, pressionando minha bexiga, empurrando. Ele estremeceu e

arquejou. — Porra, como você é gostosa, Eva... Vou querer você toda hora.

Com a mão espalmada sob minha nuca, ergueu um pouco mais minha cabeça, deslizou o olhar faminto até a minha boca, dizendo como se nem ao menos notasse que o fazia:

— Você é toda minha. Toda minha...

— Sim, toda sua, Theo... Tudo o que você quiser de mim é seu.

Mordeu meus lábios sensualmente. Começou a se mover lenta e profundamente, como se dançasse e me obrigasse a acompanhá-lo, misturando seus líquidos e os meus, aliviando um pouco a pressão, amenizando a dor. Estremeci. Lágrimas desceram pelo rosto sem controle, mas o prazer me sacudiu, e eu deixei que me comesse do jeito que queria e o recebi em uma ânsia que crescia e me consumia. A ardência cedia, dando lugar à sensação do seu pau deslizando em meu canal, minhas terminações nervosas despertadas, sua língua penetrando minha boca na mesma dança sensual.

Não notei em que momento passei a acompanhá-lo. Ondulamos e encaixamos os corpos com perfeição. Ergui os quadris e gemi em sua boca, pois o tesão crescia dentro de mim e a dor tinha passado a ser só mais um componente para apimentá-lo. Chupei sua língua, embriaguei-me com seu gosto, dei-me por inteira, sem volta, sem vacilar.

Theo me devorou. Seus movimentos ficaram mais e mais potentes e brutos. Segurou-me, beijou-me, enterrou seu pau em mim com volúpia, tomando cada polegada do meu corpo e da minha alma. Eu soube que estava perdida e, em algum lugar da minha mente diluída no prazer, dei-me conta de que nunca mais seria a mesma. Eu me viquei completamente nele ali. Para sempre.

O prazer me golpeou mais forte e gritei em sua boca. Ele bebeu meus gritos e gemidos, penetrando-me duramente, e então comecei a gozar e me sacudir, arranhando-o, agarrando-o, apertando-o contra mim, choramingando. Ele não deixou de me beijar nem aliviou as estocadas, elevando-me a píncaros nunca antes imaginados, fazendo-me perder completamente a razão. Subi e caí, rodopiei, me dei e gozei sem parar, a ponto de pensar que ia morrer serpenteando naquela luxúria arrebatadora e voraz.

Theo gemia também, lambia e sugava minha língua, metia tão profundamente dentro de mim que achei que não poderia mais viver sem tê-lo ali. Estremeceu e gozou. Senti seu pau inchar e ondular, de modo que não havia sequer uma parte de mim sem ele. Apertou-me mais e imobilizou-me para estocar sem dó até que desabei, arrebatada, lânguida, sugada. E se esvaiu todo, para depois parar, ainda bem fundo. Descolou os lábios e fitou-me com as pálpebras pesadas, a expressão dura, os olhos ainda famintos.

Não havia palavras para expressar aquilo. Mas não eram necessárias. Nós nos

falamos pelo olhar.

Theo

Ficamos na cama até nossas respirações se acalmarem. Tudo estava quieto, silencioso, menos o meu coração, que batia alucinado no peito. Tirei a camisinha cheia de esperma e sangue e deixei-a no chão ao lado da cama. Não toquei em Eva, porque ainda estava chocado com a intensidade do que sentira com ela e precisava de um tempo para mim, para entender o que tinha sido aquilo.

Olhei para o teto branco. Era difícil me concentrar quando seu gosto ainda estava na minha boca, seu cheiro me inebriava, seu corpo nu ao meu lado naquela cama. Havia muito tempo eu não sabia o que era transar com uma mulher sem jogos de dominação. Tinha me acostumado a agir assim. Ficava com elas por tempo suficiente para me satisfazer, às vezes por poucas horas, outras pela noite toda. Mas nenhuma me satisfazia só com sexo tradicional, baunilha. Isso tinha ficado para trás, em um passado distante, se é que um dia existira.

Eva moveu-se ao meu lado e, sem que eu esperasse, debruçou-se sobre mim. Eu a olhei de imediato, apoiada em um cotovelo e fitando-me com aqueles enormes olhos verdes cheios de emoção, os longos cabelos caindo despenteados pelos ombros, os lábios carnudos entreabertos. Seu rímel estava borrado, mas nada atrapalhava sua beleza pura, doce, única.

— Theo... — Não completou a frase, como se ainda não tivesse palavras para descrever o que sentia. Mas agiu. Ergueu a mão direita e acariciou minha face suavemente, passando-a pela barba cerrada, fitando-me como se estivesse surpreendida, dopada.

Eu também não disse nada. Para falar a verdade, não entendia tudo que sentia, o modo como estava ligado a ela. Era como se ainda estivesse dentro de seu corpo, tão enraizada a sentia em mim. E aquele toque terno só aprofundava essa sensação. Não sei por que não a impedi, não a dominei. Talvez por gostar daquilo, de algo que eu nem sabia o que era.

Meu coração bateu forte novamente. Fiquei imobilizado, olhando-a sem piscar. Cheirou meu pescoço, esfregou o rosto em meu peito, lambeu meu mamilo. Não o fazia com o intuito de seduzir, de me domar, mas porque parecia desejar ardentemente aquilo, sem controle, sem poder conter o que sentia por mim. Em sua inexperiência e doçura, deixava-me mais doido do que jamais estive. E eu, que pensava que já tinha visto tudo, que me guiava pela força e pela violência,

estava domado pela sua delicadeza.

Finalmente despertei do encanto que me havia lançado em sua sedução doce e delicada. Enfiei os dedos em seu cabelo, agarrei sua cabeça com firmeza e beijei-a, conduzindo-a, desejando-a tanto que meu pau chegou a doer, mas, mesmo quando voltei a ser eu mesmo, feroz, com ânsias de subjugar e dominar, senti que uma parte minha, bem funda e íntima, tinha sido invadida por Eva.

Ela tinha penetrado uma terra de ninguém, árida e esquecida.

E isso me assustou mais do que qualquer coisa.



Reagi como eu estava acostumado a fazer, empurrando dúvidas e sentimentos confusos para o fundo da mente, onde ficariam até que eu tivesse tempo para analisá-los com calma. Beijei-a com paixão, saboreando sua boca gostosa, tentando escapar de sua teia de sedução doce, usando minha perícia sexual para recuperar o poder e o equilíbrio.

O desejo estava lá, ardendo, estalando entre nós. E eu queria estar dentro de Eva de novo, tomando-a para mim, mostrando quem era o dominante naquela relação. Ao mesmo tempo, ainda estava arrebatado, meu corpo aceso, minha mente buscando respostas, tentando compreender o que era aquilo.

Joguei-a na cama e ergui-me, excitado, esfomeado, abrindo suas pernas, atento ao seu corpo. Apreciei os seios redondos e firmes, surpreendentemente cheios para o corpo delicado, assim como sua boceta linda, com lábios carnudos, manchados de seu sangue. Fiquei louco com aquilo. Sempre passei longe de virgens, mas saber que eu tinha sido o primeiro de Eva, que a abri e estive dentro dela, que ali era completamente minha, deu-me uma sensação de poder sem igual e um desejo que me desarmou em sua intensidade.

Agi por instinto, como um animal, sem racionalidade ou pudores. Nem por um segundo senti asco ou hesitei enquanto erguia e empurrava suas pernas em direção ao seu peito, expondo a bunda e o sexo para mim, tirando seus quadris da cama. Segurei-a com firmeza e desci a cabeça, levando minha boca direto para aquela boceta carnuda que tinha acabado de ser aberta por mim. Primeiro, dei pequenas mordidas ali, e Eva estremeceu da cabeça aos pés, gemendo, um pouco chocada. E então me fartei com seu cheiro de mulher, doce e gostoso, mesclado ao cheiro de sangue e aos seus líquidos, lambendo-a, chupando-a, ficando viciado naquilo, mantendo suas pernas contra o peito, presa ali para que eu a comesse do jeito que

queria.

— Ai, meu Deus... — arfou, surpresa, excitada, sacudindo-se sob mim.

Despejou mais de seu mel e suguei-o, metendo a língua ao máximo dentro dela, sentindo o gosto e o cheiro agridoce do sangue, que só me deixavam mais doido. Eva tateou a cama, agarrou o lençol, choramingou e tremeu sob meu ataque. Abri suas coxas para os lados e subi até capturar o clitóris duro e sugá-lo com força. Gritou, alucinada, completamente tonta. Era gostosa demais e lamentei estar tão excitado, doido para entrar ali e sentir aquela carne macia moldando meu pau, pois seria delicioso só chupá-la durante a noite toda.

Mas eu queria mais, queria tê-la sob mim pedindo clemência, recebendo-me em seu corpo, tomando aquela gana que me consumia e crescia dentro de mim. Naquele instante, ela soltou um gritinho agudo e agarrou meus cabelos desesperadamente em um gozo forte que a fez balançar, esfregar a boceta na minha boca, dizer palavras desconexas enquanto ondulava e era arrebatada por um orgasmo fulminante.

Sua receptividade e seu descontrole perante os prazeres do corpo me deixaram mais louco. Eu teria imenso prazer em ensinar a ela como se conter, como aproveitar ao máximo cada degustação do sexo. Seria uma aluna deliciosa, e eu já me imaginava sendo um professor muito bem recompensado.

— Foi gostoso? — perguntei, baixo, deslizando minha mão em sua coxa trêmula.

— Delicioso... — Mordeu o lábio inferior, ainda sob o efeito do prazer rápido e inesperado. Suas bochechas estavam coradas e as pálpebras, pesadas.

— Ainda não acabou — garanti, excitado, duro.

Eva desceu o olhar por meu corpo até meu pau duro e estremeceu visivelmente. Sua respiração ficou mais agitada e surgiu um ar de incerteza e antecipação no rosto, como se não soubesse o que esperar de mim. E era assim que eu queria.

Ajoelhado na cama, faminto, segurei a carne macia e firme de seus quadris com decisão e virei-a de repente, fazendo com que ficasse de bruços, dizendo severamente:

— Afaste o cabelo das costas e empine a bunda para mim, coelhinha.

Estremeceu sob minhas mãos e arfou alto, puxando os cabelos para um lado da cabeça, onde se espalharam sobre o travesseiro como um manto dourado. Olhei-os, deliciado por serem longos e sedosos como eu gostava e com sua reação obediente, mesmo insegura sobre o que eu faria com ela.

O que me estarrecia era me sentir tão mortalmente abalado por ela, apenas uma menina que até pouco tempo atrás era virgem. Empurrei essas questões para o fundo da mente e concentrei-me no momento, em seu corpo delicado exposto e oferecido para mim, em sua pele de porcelana que me tentava além da conta.

Vi as marcas vermelhas de meus chupões e mordidas em seu pescoço e fiquei mais excitado por ter marcado sua pele macia e perfeita, mostrando a quem ela pertencia. Então desci o olhar pelas costas bem-feitas, os braços sobre a cama, as mãos que agarravam os lençóis e denunciavam seu nervosismo. A cintura era fina e delineada, terminando em uma bunda linda, perfeita, redondinha.

— Sabe o que vou fazer com essa bunda? — Minha voz saiu baixa e rascante dentro do quarto silencioso.

Eva tremeu. Com o rosto de lado no travesseiro, fechou os olhos e mordeu os lábios em expectativa.

Mas não a toquei. Observei as pernas, chamando minha atenção, o contorno tentador das panturrilhas, o formato dos pés pequenos e curvos. Logo eu me encarregaria deles, como desejava fazer desde que vi aquelas unhas pintadas de vermelho em destaque contra a pele branca. No entanto, agora eu tinha outras prioridades.

Montei em suas coxas por trás, e Eva arfou baixinho. Minhas mãos buscaram os montes firmes de sua bunda e apertei-os com palmas e dedos, sentindo a carne, a pele, o formato. Abri-a de leve, e ver seu ânus minúsculo, rosado, virgem fez outra onda de tesão apertar meu pau até deixá-lo dolorido de tão esticado. Deixei sua bunda aberta enquanto descia a boca entre ela e, devagar, passava a língua no orifício.

— Ah... — Eva estremeceu por inteiro, sacudiu-se e agarrou-se mais ao lençol. Mantive-a firme contra a cama, presa e aberta, lambendo-a lentamente.

Ela começou a choramingar, a se empinar, com o corpo novamente ligado, aceso. Não tive pressa. Simplesmente a mantive cativa e fiz movimentos circulares com a língua ali, sentindo como era apertado e piscava sem controle. E então, sem que ela esperasse, virei um pouco para o lado e abocanhei um pedaço daquela carne macia e succulenta, que tinha um cheiro único que invadia meu olfato e parecia circular como uma droga em meu corpo. Mordi sem dó, não para ferir a pele, mas para que sentisse e ficasse marcada.

— Theo! — gritou, mas já era tarde, e eu chupava firme onde meus dentes tinham estado, sabendo que aquela pele imaculada guardaria a impressão de meus chupões.

Virei a cabeça para o outro lado, varrendo sua bunda, escolhendo onde eu queria me fartar, e cravando os dentes no meio da nádega esquerda, mordendo-a, fazendo-a gritar para depois começar a chupar.

— Ah, por favor... — suplicou com a voz chorosa, arranhando a cama.

Não aliviei. Mordi e dei chupões lentos e firmes em cada pedaço da bunda, deixando-a louca, alucinada, perdida entre sensações desconhecidas. Vi que sua boceta estava toda molhada, inchada, pronta para mais. Quase me ocupei dela,

pois era muita tentação me chamando, e eu sabia o quanto seu gosto me deixava doido, mas me contive e subi mais por seu corpo, dando uma mordida na parte baixa de suas costas, deslizando as mãos por sua pele, firmando-a na cama pelos ombros, ajoelhado atrás, roçando sua bunda com meu pau pesado.

Eva estava fora de si, sacudida e excitada embaixo de mim, suplicando por algo que nem sabia o que era, suspensa entre a dor e o prazer de minhas mordidas e chupadas enquanto eu não parava, escolhendo um ponto e atacando, firme, forte, até que suas costas estavam impregnadas das minhas marcas. Movi o quadril e esfreguei meu pau na maciez rotunda de sua bunda, mordendo seu ombro, segurando-a duramente contra o colchão.

— Theo... Theo...

Ela delirava, murmurando meu nome, tentando buscar meu pau, roçar-se mais em mim em busca de alívio para seu corpo aceso. Afastei-me apenas o suficiente para descer a mão e dar um tapa forte e seco em sua bunda, que a assustou e a fez gritar enquanto eu rosnava:

— Quieta!

Ficou imóvel imediatamente; só a respiração pesada e os tremores incontrolláveis denunciavam seu estado. Sua obediência me deixou mais doido e agarrei um punhado de seu cabelo, enrolando-o na mão, puxando sua cabeça para trás e tirando-a do travesseiro. Acomodei meu pau no meio de sua bunda e falei em seu ouvido, baixo, em tom duro:

— Só vou comer sua boceta se eu quiser. Você é minha. Para morder, bater, foder, beijar, fazer tudo, exatamente tudo que me der vontade. Entendeu?

— Sim... — arquejou, tremendo sob meu domínio, quietinha.

— Sim, o quê? Como deve me chamar?

— Sim, senhor... — murmurou, fazendo-me enlouquecer. Fechei os olhos por um momento, pensando em todas as coisas sujas que ainda faria com ela no meu calabouço.

— Escolheu bem sua fantasia. Uma coelhinha assustada e submissa que vai aprender a obedecer às minhas regras e exigências. Deve entender uma coisa sobre mim desde já... Odeio ser contrariado.

Ajoelhado na cama, movi o quadril, e a cabeça do meu pau encaixou entre as nádegas redondas, exatamente contra o orifício apertado de seu ânus. Lambi sensualmente sua orelha e fiz pressão ali, sem penetrar, só para que sentisse. Continuei a falar duramente, excitado:

— Posso comer você como e onde eu quiser. Nunca vai se negar a mim, mesmo com medo ou com dor. Vai apanhar, tomar meu pau, aceitar minhas mordidas e fazer tudo que eu mandar. A partir de hoje, sou seu dono. Não só na cama. Pelo tempo que eu desejar. Está entendendo, coelhinha?

— Sim...

Por um momento, fiquei abismado comigo mesmo. Respirei fundo enquanto um pensamento me bombardeava: *Porra, o que estou dizendo? Quando passei a me importar com o que uma mulher faz fora da minha cama, se o que sempre tive foi sexo?* Perturbado, eu só sabia que queria mais de Eva. Eu a queria totalmente disponível para mim pelo tempo que eu estipulasse.

— Nenhum outro homem pode tocar em você enquanto for minha — rosnei, furioso. — Quero seus olhos, sua boca, sua pele, seus desejos, todos para mim. Diga que aceita — exigi, concentrado, mas sentindo o coração bater com força dentro do peito e o sangue latejar nas têmporas, com vontade de penetrar meu pau nela. Seu ânus ainda não estava pronto, mas eu poderia deslizar mais abaixo e entrar na boceta toda molhada. Contive-me a custo, pois estava sem preservativo.

— Eu... aceito. Aceito... — arquejou, fora de si.

Aliviei o apertão na garganta e afastei a mão. Segurando seu cabelo, voltei a deitar sua cabeça no travesseiro e esfreguei meu nariz em suas mechas perfumadas antes de morder sua nuca. Eva me deixava doido. Eu perdia parte do meu controle com ela. Em geral, não sentia toda aquela ânsia de penetrar uma mulher. Curtia os jogos de dominação, mas uma parte de mim sempre se mantinha fria. Ela me fazia arder, tirando meu foco, desconcertando-me, como fez quando beijou meu corpo e me deixou sem ação.

Peguei um preservativo, sabendo que precisava ter mais dela para me desanuviar, recuperar um pouco do controle. Afastei-me o suficiente para cobrir meu pau dolorido com a camisinha. Então, acomodei-me atrás dela, abri sua bunda, ajeitei a cabeça nos lábios vaginais encharcados e inchados, esfregando-a ali até meter entre eles, dizendo em tom autoritário:

— Agora vou te comer, coelhinha. Vai tomar meu pau todo nessa boceta gostosa enquanto mordo as suas costas.

Eva tentou se conter, mas estremeceu em expectativa e não esperei muito. Enfie as mãos por baixo do seu corpo, agarrei seus seios e segurei os mamilos enrijecidos entre os polegares e indicadores. Girei-os com firmeza, arrancando gemidinhos entrecortados enquanto me deitava sobre ela, cravava os dentes em suas costas e enfiava duramente meu pau em sua boceta.

Meti com vontade. Terminei um chupão e passei para seu ombro direito, onde cravei os dentes e suguei, apertando seus mamilos, deixando-a enlouquecida. Ela agarrou a cabeceira da cama com força e passou a gemer em um lamento de puro êxtase, que me descontrolou ainda mais. Eu a mantive ali, comendo sua boceta deliciosa sem dó, enchendo-a tanto que estrangulava meu pau, que contraía involuntariamente os músculos para me sugar para dentro.

Era entorpecedor, alucinante, embriagante. Soube que me viciava nela, que a

desejaria incansavelmente dali para a frente, que não poderia vê-la sem desejar estar dentro da sua boceta. Teria que lutar para não ser dominado por um desejo maior que tudo que já senti, mesmo sendo um homem experiente. Aquela garota tinha me pegado de jeito, arrebatado minhas sensações de uma forma que nunca julguei possível.

Os espasmos de sua boceta foram minha perdição. Eu podia parar, me conter, e depois continuar aquela tortura indefinidamente, mas estava obcecado demais para pensar com clareza, para tentar prolongar o prazer. Eu necessitava dele e me descontrolava, perdia as rédeas da situação, entregava-me ao puro deleite de penetrá-la, sentir sua pele sob a língua, meu interior entrando em erupção, meu pau mais duro e potente que uma barra de ferro. E foi assim que explodi, gozando forte e longamente em seu interior delicioso e fechando os olhos, tão entregue que nem soube onde eu começava e ela terminava.

Gemi, rouco, e esfreguei a barba em sua nuca. Mantive-a cativa nos braços enquanto a devorava livremente, meu pau indo e vindo em sua boceta, o gozo jorrando até a última gota e o último espasmo. Então, diminuí os movimentos, saboreando um pouco mais antes de parar, respirar fundo e cheirar seu cabelo macio. Era deliciosa, perfeita, viciante. Meu coração batia como um louco, meu corpo ainda reagia e era difícil respirar.

Saí de dentro dela lentamente, arrancando um gemido abafado de sua garganta. Deitei-me ao seu lado, de barriga para cima, suado, tão satisfeito que havia uma sensação única de paz e langor dentro de mim.

Ela virou o rosto para meu lado, corada, com olhos que brilhavam como esmeraldas. Havia um ar de júbilo e inocência em sua face, como se tudo aquilo a surpreendesse. Fitava-me com tanta intensidade, tanta perplexidade, que indaguei, baixo:

— O que foi?

— Eu nunca... nunca pensei que fosse assim. — Virou-se por completo, e meu olhar desceu para seus seios, os mamilos intumescidos e vermelhos de tanto que os apertei.

— Como achou que seria? — perguntei, soando rascante pelo limite que tentava impor a mim mesmo.

— Suado, animal, mas... não intenso assim. O modo como me pegou, me beijou, entrou em mim... Como me mordeu e disse tudo aquilo... Theo, nunca senti tanto prazer! Nem sabia que isso existia.

— Eu ainda nem comecei, coelhinha.

Enfiou os dedos em meu cabelo, fitando-me, nervosa e apaixonada. Percebi que ela gostava de fazer aquilo, de espalhar os dedos entre os fios, acariciar as mechas. E que eu gostava também.

Deslizei a mão em suas costas e indaguei:

— Está doendo?

— Não. Sinto cada parte como se estivesse viva. Mas não dói.

— Vão ficar marcas — avisei.

— Era isso que queria? Marcar meu corpo como um vampiro?

— Vampiro? — Achei graça e sorri.

Eva me olhou ainda mais profundamente, dizendo, baixinho:

— Você devia sorrir mais. — E completou logo: — Sim, como um vampiro. Parecia se alimentar de mim.

— Foi isso mesmo. Eu me alimentei da sua boceta.

Arregalou um pouco os olhos, mais vermelha. Ri de sua vergonha e apertei-a mais contra mim, sentindo-me estranhamente relaxado. Era uma sensação nova ficar conversando assim na cama. Em geral, as mulheres continuavam submissas, esperando minhas ordens e mantendo uma distância emocional.

A única mulher com quem tive mais intimidade foi Abigail. Costumávamos ficar na cama após o sexo, conversando, tranquilos. A diferença era que, com Eva, o desejo continuava lá, fremente, unindo a vontade de tê-la de novo àquele carinho, àquele desejo gostoso e desconhecido de mantê-la junto a mim. Entre mim e Abigail havia uma amizade tranquila. Com Eva, tudo era intenso e perturbador.

eva

Eu vivia um sentimento de irreabilidade.

Estava como que dopada, arriada, dominada por Theo Falcão.

Tinha esperado gostar do sexo com ele, e tinha esperado dor, humilhação, até medo. No entanto, lá estava eu, completamente obcecada por ele, sem ar e sem fala, sem ver, ouvir ou sentir outra coisa que não fosse aquele homem. Eu nem conseguia pensar direito. Tentava voltar à tona, à realidade, mas, ainda embriagada de tanto prazer, de uma vontade louca de senti-lo junto a mim, eu continuava submersa em sensações nunca antes experimentadas ou imaginadas, seduzida e caída por ele.

Vingança. A palavra vinha ocasionalmente à mente. Eu a convocava como forma de proteção, mas ela escapava de mim, esvaía-se diante de tudo que eu havia vivido ali. Estava difícil controlar qualquer coisa e simplesmente parei de lutar, entregando-me ao momento, pois não havia outra coisa a fazer. Era muito

mais forte do que eu.

Tomamos banho juntos. Dentro do boxe, Theo me encostou nos ladrilhos e me beijou. Acariciou minha pele nua e molhada, deixou-me completamente excitada, esquecida de tudo que não fosse ele. Também o beijei e acariciei. Gostei de passar os dedos sobre os músculos úmidos e duros do seu peito e por sua barriga. Era impossível não ficar cheia de desejo, pois era um homem completo, um macho alfa que sabia muito bem o que fazia. Senti-me uma criança boba e perdida diante dele, pois tudo era novidade para mim, que não tinha nem metade da experiência ou do controle dele.

Não me penetrou. Apenas me acariciou e beijou durante o banho e enquanto nos enxugávamos. Seu olhar cheio de tesão me consumia.

Voltamos à cama, e eu soube que, com dor ou não, seria dele novamente.

— Já que sua boceta está dolorida, preciso me ocupar com outra parte do seu corpo.

Fiquei nervosa, sem ar, o coração já batendo como um alucinado. Continuou, falando com aquela voz que causava uma reviravolta dentro de mim:

— Posso pensar em uma ou duas coisinhas para fazer com essa boca macia e carnuda. — Seu olhar escorregou para meus seios. Os mamilos ficaram duros na mesma hora. — Ou com esses seios. Talvez com suas mãos.

Enquanto falava, eu me imaginei chupando seu pau, e minha boca se encheu de água. Imaginei-me também masturbando-o ou deixando que colocasse seu pau entre meus seios. Meu sangue corria agitado, o coração o bombeava violentamente, cada parte de mim alerta, excitada. Massageou suavemente a sola do meu pé e continuou com aquele tom perturbador:

— Tenho muitas opções. Como te colocar de quatro e comer sua bunda. — Era pornográfico. Seu olhar não desviou do meu nem por um segundo, arrebatando-me de uma forma que me imobilizava. Então, lentamente, ergueu meu pé até seu rosto e passou a ponta afilada do nariz pela sola. Eu contive o ar, já dominada pela luxúria. — Mas já fiz minha escolha.

Não acreditei quando segurou meu pé com as duas mãos e mordiscou suavemente a sola macia. Espalhou mordidas que causaram cócegas e espirais de prazer que correram pelas pernas e esquentaram minha vagina. Buscou meu olhar com os penetrantes olhos azuis, suas pálpebras pesadas, enquanto passava o queixo pela parte inferior do meu pé, arrepiando-me toda com sua barba. E então, sem que eu esperasse, abriu os lábios e enfiou o dedo mindinho na boca, chupando-o lentamente.

Foi como se chupasse meu clitóris, tamanho o prazer que senti percorrer minha vagina, melando-a. Arquejei, agarrando o lençol entre os dedos, soltando pesadamente o ar pela boca. Theo, sem tirar os olhos dos meus, chupou e lambeu

cada um dos meus dedos, massageando a sola do pé com os polegares, marcando-me com sua saliva, chegando ao meu âmagô, fazendo meu ventre se contorcer.

Quase implorei para que ficasse em cima de mim e me comesse. Não me importava com a dor. Eu queimava tanto que nem isso me impediria de abocanhar seu pau com a vagina gulosa, ansiosa por algum alívio. Mas Theo não tinha pressa.

— Acaricie seus seios, coelhinha.

Sua voz e aquele apelido só pioraram meu estado. Estremeci, mordi os lábios, obedeci sem nem ao menos pensar. Toquei meus seios como costumava fazer quando estava sozinha, antes de me masturbar, massageando-os, apertando os mamilos, mas ali, sob seu olhar, meus dedos do pé sendo chupados por ele, as sensações eram infinitamente mais intensas. Acho que gozaria se eu apenas roçasse meu clitóris.

Ele me olhava, sabia o que fazia comigo. Então, abaixou meus pés e encaixou-os, unidos, em volta do seu pau ereto, as curvas das solas se moldando em torno dele.

— Mãos na cama — disse, em tom autoritário. — Equilibre-se enquanto me masturba com seus pés. — Ele me ensinou como fazer, chegando mais para perto, ainda sentado, acomodando minhas pernas sobre as dele, movendo meus pés para cima e para baixo em volta de seu pênis.

Eu arquejei, apoiei-me na cabeceira e segurei-me no colchão. Logo peguei o jeito certo de mover os pés, masturbando-o, extremamente excitada com aquilo.

Theo me largou e esticou os braços um pouco para trás, deixando as mãos espalmadas na cama, os músculos em evidência, o olhar azul cravado em mim. Escravizada por ele e por minha sensualidade forte e latente, que me tornava um ser escancaradamente sedento de prazer, respirei com dificuldade, lambi os lábios e massageei-o com os pés, adorando sentir a carne dura e grossa, com o corpo tenso pela lascívia.

Seus olhos desceram para meus seios, minha barriga, minha vagina exposta naquela posição, com certeza reparando no quanto estava molhada, pronta, contraída. Isso só me endoideceu mais.

— Toque seu clitóris, Eva — ordenou, baixo. — Masturbe-se para mim.

Eu sabia que seria meu fim. Choraminguei, arquejei, mas obedeci. Quando levei a mão direita entre as pernas e passei o indicador pelo brotinho intumescido e dolorido como um nervo exposto, tremores violentos percorreram meu corpo, e os movimentos dos meus pés se tornaram mais rápidos e firmes em seu pau.

— Goze.

Foi só uma palavra. Dura, ríspida, súbita.

E, como se acionasse algo dentro de mim, ondulei e me contraí, arregalei os

olhos e senti o corpo estalar, o calor se espalhar, denso e voraz, por minha vagina e por meu ventre enquanto o orgasmo me varria sem dó. Caí contra os travesseiros escorados na cabeceira e, por um breve momento, parei os movimentos dos pés, pois não tinha condições de fazer mais do que gozar sob seu olhar, esfregando o dedo em mim mesma, lutando por um controle que não era mais meu.

— Continue — mandou. Movi os pés, voltando a massagear seu pau, embora o resto de mim continuasse largado contra aquela cabeceira, arrebatado pelo prazer satisfeito.

Vi a expressão dele se tornar mais carregada, o maxilar mais rígido, o olhar quase cruel. Tive certeza de que também estava no ponto, preparado para o gozo. E não estava enganada. Olhei para seu pau, e ele pareceu se encrespar mais enquanto o sêmen jorrava do orifício na cabeça volumosa, escorrendo, mesclando-se aos meus dedos, fazendo-me ir mais firme. Seu olhar e sua expressão diziam tudo. Foi como ver um vulcão entrando em erupção, e fiquei completamente focada nele, até mesmo sem piscar.

Theo terminou de gozar e agarrou-me, bruto, jogando-me na cama. Abri os lábios em busca de ar e já enfiava sua língua entre eles, beijando-me com força, deitando, pesado e musculoso, entre minhas pernas, dominando-me em um beijo que arrebatou meu corpo e roubou minha alma. Eu reagi imediatamente, girando minha língua contra a dele, abraçando-o com braços e pernas, dando-me tanto que esqueci quem eu era. Só sabia uma coisa: eu estava perdida.



Acabamos dormindo em minha casa. Acordei com a sensação irreal de que tudo aquilo tinha sido um sonho, nem ao menos sei por quê, mas o corpo nu de Eva contra o meu, seu cabelo espalhado em meu braço e a mão em meu peito eram bem reais.

Permaneci imóvel, sem poder parar de olhar para seu rosto suave e adormecido, as pálpebras fechadas, os lábios entreabertos. Era a própria imagem da pureza e da inocência. Tudo que havíamos feito naquela cama voltou com a força de um furacão, deixando-me chocado por um momento, impressionado com a intensidade e a novidade de tantas sensações e tantos sentimentos.

Por isso me afastei. Deixei-a adormecida na cama e fui ao banheiro, onde tomei uma ducha forte. Mesmo quando voltei, evitei olhá-la. Vesti uma roupa limpa, olhando-me no espelho, percebendo minha expressão preocupada. Isso acionou ainda mais o alerta dentro de mim, e, por um instante, busquei colocar os pensamentos em ordem, tentando ser o Theo de sempre, prático, controlado, frio.

Dali a quatro meses eu completaria quarenta e dois anos. Eu era um homem maduro, rico, poderoso, chefe de uma família e de um negócio que demandava minha atenção e dedicação. Sempre empreguei minhas energias nesses propósitos. Nada se interpunha em meu caminho nem atrapalhava o amor e a dedicação que eu dedicava aos meus irmãos e às pessoas sob a minha proteção. Meu objetivo era cuidar da minha família. E eu era feliz assim.

Abotoei a camisa, sério, analisando a situação. Não devia ter me envolvido com Eva, mas agora era tarde para lamentações. Estava feito, e o desejo que ela despertava em mim era bem real. Só me restava tomar as rédeas, tentar estipular as regras, tomar novamente o controle. Afinal, eu não tinha mais idade nem interesse em deixar o corpo dominar a mente. Os desejos podiam existir e ser

satisfeitos, mas eu a manteria a um braço de distância, atento, até que o fogo se abrandasse e aquela situação entrasse nos eixos.

Fui criado para ser o herdeiro da família. Meu pai se empenhou em me fazer como ele, duro, implacável, capaz de tudo para manter a fazenda e garantir nossos interesses. Fui cobrado até a exaustão, vi coisas que me fizeram amadurecer muito antes do tempo e só não me tornei um homem pior por causa de Tia. Ela me dava carinho e afago quando meus instintos mais agressivos e arrogantes vinham à tona e aparou um pouco as arestas da minha personalidade naturalmente dominadora, que só endurecia mais sob a educação do meu pai.

O amor por meus irmãos também me abrandou. Eu queria protegê-los. Esse era meu objetivo de vida. Saber que estavam felizes e seguros me dava paz, quebrada apenas pelas incertezas causadas por Micah, de quem eu não tinha notícias havia muito tempo. Mesmo depois da tragédia que se abateu sobre minha família, que deixou meu pai naquela cadeira de rodas por consequência das ações de Micah, ele ainda era meu irmão. E, de alguma forma, a culpa não era inteiramente dele, já que acompanhei o quanto foi maltratado e abandonado. Se meu pai foi pouco carinhoso ou atencioso conosco, foi muito pior com Micah. Era agressivo, violento, parecia odiá-lo. Eu sabia o porquê, mas nada desculpava aquele posicionamento, que ocasionou toda a tragédia.

No início, todos ficamos chocados, e Micah fugiu. Uma história foi inventada, e o segredo foi mantido entre nós. Tia, eu, Pedro e Heitor sabíamos a verdade. Joaquim e Gabriela eram jovens demais e ficaram a par somente do necessário.

Depois, eu tentei encontrar meu irmão. Essa era uma luta que durava quinze anos. Ele se especializara em se esconder. Chegou a aparecer em uma favela, e foi levantada a hipótese de ter virado um traficante de drogas perigoso, mas, antes que o alcançássemos, sumiu de novo. Os investigadores seguiam pistas, mas acabavam chegando atrasados ou não encontrando nada. Havia alguns anos que não tínhamos notícia nenhuma e cheguei a pensar na possibilidade de Micah estar morto.

Era uma das culpas que eu carregava. Primeiro, não ter evitado aquele dia fatídico em que minha mãe morreu e em que, exaltados, Micah e meu pai se enfrentaram pela última vez. Segundo, por não ter encontrado meu irmão a tempo, antes que se tornasse um bandido, um viciado ou um homem morto.

Sacudi a cabeça, tentando não me entranhar naqueles pensamentos. Era muita coisa a resolver e com o que me preocupar ao mesmo tempo. Quando se cuidava de um negócio gigantesco e de uma família, toda a preocupação e a responsabilidade eram poucas, ainda mais enfrentando roubos de gado e ameaças de vingança. Naquele momento, tudo parecia suspenso, parado, mas eu sabia que logo alguma coisa aconteceria e exigiria a minha atenção.

Não seria uma menina que me distrairia. Se eu estava sexualmente obcecado por ela, resolveria isso. Tinha tentado evitar, mas Eva me provocara além da conta. E agora teria o que procurou. Eu faria com ela o que tivesse vontade, até enjoar. Tinha certeza de que teríamos momentos inesquecíveis juntos, pois havia uma atração faminta entre nós. Mas seria só isso.

Decidido e mais controlado, voltei ao quarto, arrumado, penteado, pronto para voltar à minha casa e à minha vida.

Parei ao ver Eva na cama, nua, totalmente exposta, os cabelos longos e loiros espalhados como seda em ondas desconexas. Uma sensação estranha me invadiu. Meu coração bateu mais forte e uma onda de tesão varreu meu corpo. Levei o olhar ao rosto lindo, doce e sensual ao mesmo tempo.

Enquanto as imagens mais pornográficas surgiam em minha mente e eu pesava a possibilidade de passar o sábado ali ou no calabouço, matando aquela fome, decidi usar meu lado racional para sobrepujar o desejo e disse a mim mesmo que precisava passar um tempo longe dela. Aqueles dias de carnaval viriam a calhar, pois eu não a veria no escritório e poderia evitá-la na fazenda até estar mais imune aos seus encantos.

Como se soubesse que era alvo dos meus pensamentos e desejos mais complexos, Eva se mexeu e abriu os olhos de repente, um pouco assustada e confusa. Pareceu ficar abalada ao me ver, virando-se um pouco. Foi impossível não reparar nos seios redondos e lindos, com aqueles mamilos rosados, na boca carnuda e no modo como me olhou, tão admirada e faminta que meu pênis ficou duro, apertado dentro da calça.

Trocamos um olhar ávido, cobiçoso, que dizia mais do que mil palavras. Percebi que estava pronta para mim, que me queria com um desejo que se equiparava ao meu, embora ligeiramente tímida, corada, perdida. Eu poderia dar três passos e pegá-la naquela cama, mostrar o que eu ainda queria fazer com ela, jogar minhas dúvidas e meus questionamentos para o alto e aproveitar. Quase fiz isso. Só o autocontrole me impediu. Eu não estava conseguindo ser dono de mim perto dela, e era isso que me enlouquecia, me obrigava a buscar uma forma de ser novamente o dono da situação.

Foi uma luta me conter, mas coloquei a decisão que havia tomado na frente do desejo, mantendo-me firme nela. Acenei com a cabeça e caminhei implacavelmente em direção à porta. A frieza na minha voz surpreendeu até a mim mesmo:

— Está na hora de ir, Eva. Espero você lá embaixo. Não demore.

Não esperei para ver seu olhar ou sua reação. Saí antes que algo me fizesse ficar.

Eu tomava um gole de café quente e puro quando ouvi seus passos atrás de

mim. Virei-me devagar. Mesmo sabendo que encontraria Eva, fui invadido pelo desejo ao olhar para ela. Com exceção do arco com orelhas de pelúcia, que segurava em uma das mãos, usava de novo aquela fantasia quase orgástica de coelhinha. Porra, como um homem podia manter seus princípios e decisões diante daquilo?

Nervosamente, passou a mão pelo longo cabelo penteado. Seu rosto sem maquiagem mostrava o quanto era jovem. Parecia ter menos que seus vinte e dois anos. Para mim, parecia ter dezoito anos, no máximo, e isso só aumentou a sensação de que eu era a porra de um velho devasso e de que as diferenças entre nós eram absurdamente palpáveis.

— Vamos. — Passei ao seu lado sentindo vontade de ficar, mas me obrigando a ir. Abri a porta e segurei-a, virando-me para olhá-la.

Ela veio, quieta, fugindo do meu olhar, agarrada naquelas orelhas de coelho. Saímos em silêncio. Enquanto entrava no carro, de cabeça baixa, Eva roçou de leve em mim. Foi o suficiente para acordar uma gama de sentimentos e um tesão avassalador. Cerrei o maxilar, com raiva do poder que ela tinha sobre mim, cada vez mais decidido a acabar com aquilo.

Eu sabia que ela estava marcada por minhas mordidas e meus chupões, mas não me senti culpado. Ao contrário, fiquei excitado ao lembrar-me de como tinha me deixado doido, como ainda sentia seu gosto na boca, sob a língua. Eu a marcaria quantas vezes fosse preciso.

Calei-me e dirigi para o centro de Pedrosa e, depois, em direção a Florada. Ainda era muito cedo. As ruas estavam vazias e a cidade, adormecida na manhã ligeiramente nublada. O carro seguia rápido pela estrada, solitário, enquanto cada um de nós se mantinha bem consciente da presença do outro.

— Foi uma noite perfeita, Eva. Não era minha intenção me envolver com você, mas a atração foi mais forte e aconteceu. Preciso deixar algumas coisas claras.

Não falou nada, como se não tivesse condições. Mal piscou, com os olhos fixos em mim. Eu tinha a sensação de que nem respirava.

Depois de parar o carro, larguei o volante, aparentemente muito sério e contido, mas a presença dela mexia demais comigo. Continuei em um tom falsamente imparcial e até frio:

— Não vou ser hipócrita e dizer que me arrependo ou que não vai voltar a acontecer, mas preciso que saiba que não haverá compromisso entre nós. Será apenas sexo, pelo tempo que for prazeroso para mim e para você.

— Eu sei — disse, baixo.

— Não quero estragar seu romantismo, por isso estou sendo absolutamente franco. Eu não namoro e não caso. Nunca amei nem vou levar adiante relacionamento com mulher nenhuma: o que elas têm de mim, e eu delas, é apenas

sexo. Puro e simples. Ou melhor, nada simples. Você viu o meu porão e do que gosto — completei, secamente, sustentando o olhar dela. O fogo dentro de mim desmentia minha frieza, mas estava bem guardado. — Não espere nada de mim, Eva. Absolutamente nada.

— Theo...

— Vou terminar de falar. Você é vinte anos mais nova do que eu, sozinha, desprotegida. Se tiver qualquer problema, me diga. Mas somos apenas o dono da fazenda e uma moça que trabalha no escritório. Vamos ser discretos. Não quero comentários aqui ou na empresa. Quando eu quiser ver você, eu a procuro. Não gosto de ser procurado.

Ficou muito quieta. Vi que reagiu às minhas palavras e ao modo como expus minhas opiniões friamente, quase como se o que vivemos não tivesse passado de uma bobagem sem a mínima importância, mas eu acreditava que era melhor estabelecer as regras. Eva devia saber exatamente o que esperar de mim.

— Entendi tudo — disse, baixo, e ergueu levemente o queixo, sem desviar os olhos, parecendo mais forte e decidida. Acenou com a cabeça. — Não se preocupe. Sei qual é a minha posição aqui. E você sempre deixou claro que seria só sexo. Se quer saber, eu também prefiro assim. Sou muito nova para me envolver. E serei discreta. Para falar a verdade, não sei se quero que tudo se repita. Foi muito bom, mas as próximas vezes não precisam ser com você, pois, como bem lembrou, não temos compromisso. Assim, está tudo bem. Fique tranquilo.

Sorriu e abriu a porta. Fiquei imobilizado com suas palavras. Ao imaginá-la transando com outro homem, senti uma fúria violenta dentro de mim. Suas palavras, seu desprezo em relação a algo mais sério entre nós, em vez de me aliviar, perturbaram-me mais.

— Obrigada por tudo. Por ter me iniciado no sexo e me ensinado como ter prazer. Vai ser muito útil daqui para a frente. E quando quiser me procurar, se eu estiver disponível, podemos nos divertir um pouco mais juntos. Tenha um bom dia, senhor Falcão. — Sem desfazer o sorriso e parecendo bastante dona de si, Eva saiu e bateu a porta.

Caminhou para o portão de sua casa sem olhar para trás, com o maiô preto marcando as formas do seu corpo, o ridículo rabo de coelho em sua bunda e aqueles cabelos longos balançando nas costas. Olhei-a com um misto de desejo, irritação e raiva. Não entendi como me deixou daquele jeito, mas não gostei nada do que falou nem de pensar que eu havia apenas aberto caminho para outros que viriam. Respirei fundo, irado, mas contido.

Eva não olhou para trás. Entrou na casa, deixando-me com a sensação de que estava mais tranquila do que eu.

Liguei o carro, dei a ré e voltei pela rua em direção ao casarão. Disse a mim mesmo que deveria ficar feliz por tudo estar às claras e por Eva ter concordado tão rapidamente em não ter nenhum tipo de compromisso comigo, mas havia uma pressão em meu peito, uma fúria que só crescia dentro de mim, incontável e perturbadora, fazendo-me apertar o volante com força e indagar a mim mesmo com revolta: *Que porra é essa?*

eva

Quando entrei em casa naquela manhã não havia mais sorriso em meu rosto. Restava apenas um aperto no peito e a sensação terrível de que aquele homem havia arrancado um pedaço de mim.

Fechei a porta e andei até o quarto me desfazendo daquela fantasia ridícula, ficando nua enquanto minha pele ardia e meu coração se apertava, gelado. Senti uma estranha vontade de chorar, mas respirei fundo, recusando-me. O que era aquilo? Como uma pessoa podia ficar tão descontrolada e ser tão abalada por outra? Em que momento eu tinha perdido a capacidade de ser dona de mim mesma? O que Theo Falcão havia feito comigo?

Tomei banho, tentando conservar a raiva que eu sentia. Apesar de ter me aproximado dele em nome daquela vingança, tudo havia sido esquecido. Eu tinha sido tola ao me envolver tanto com ele, perder o foco e a cabeça, valorizar apenas as sensações prazerosas que despertou em meu corpo. Eu estava dopada por Theo, sem a capacidade de pensar ou de lembrar quem eu era. E isso era imperdoável! Principalmente porque ele havia apenas me usado e feito o que estava acostumado: foder uma mulher.

Não era isso que eu queria? Por que não estava satisfeita por finalmente tê-lo convencido a ser meu amante? Por que não conseguia me concentrar em meus planos?

Debaixo do chuveiro, fechei os olhos e deixei a água escorrer pela cabeça e pelo corpo dolorido, do qual eu nunca tinha estado tão consciente. Estremeci enquanto cenas da noite anterior passavam por minha mente.

Enxuguei-me, perturbada, irada, magoada. Cada pontada de dor era um lembrete do que havíamos feito. Ele ocupava cada recanto da minha mente e invadia minha alma. Latejava dentro de mim, deixando-me excitada e enfurecida, com um gosto ruim na boca, uma sensação de que havia sido desprezada, descartada como algo sem importância na vida dele.

Enrolada na toalha, descalça, fui à cozinha para fazer um café. Coloquei a água para ferver e encostei-me na pia, ligando o celular e vendo que havia recebido um monte de ligações de minha mãe. Aquele aperto no peito piorou e não senti vontade de falar com ela. Não queria contar como tinha sido me tornar mulher sob as mãos daquele homem nem que ela percebesse o quanto me sentia abalada e perdida. Era algo muito íntimo, muito particular, que nem eu mesma queria analisar, mas que não me deixava em paz.

No entanto, eu precisava organizar meus pensamentos, concentrar-me em quem eu era e no que estava fazendo ali. Além do mais, estava preocupada com minha avó Estela. Ela piorava no hospital, e eu não tinha notícias. Minha avó e minha mãe foram as que mais sofreram quando Mário Falcão matou meu avô e tomou nossas terras. Agora minha avó padecia de câncer em um hospital, ansiando pela vingança que esperava havia muitos anos.

Respirei fundo, tentando ser o mais contida e controlada possível, e liguei para minha mãe. Ela atendeu logo.

— Eva, você quer me matar do coração? Por que desligou o celular?

— Eu estava ocupada. — Passei o braço em volta da cintura, abraçando a mim mesma. Fitei o belo morro pela janela sem realmente vê-lo, muito nervosa e preocupada em mostrar uma segurança que não sentia.

Ela ficou em silêncio por um minuto. Então, indagou, baixo:

— Conseguiu?

— Sim.

— Foi pra cama com ele?

— Fui.

Pensei que comemoraria, mas se calou. O silêncio parecia pesado e sufocante.

— E como foi? — Seu tom era frio e estranho.

— Bem.

— Bem? Como assim?

— Mãe...

— Diga logo, Eva! Ele te machucou?

— Não — murmurei. Fechei os olhos, sabendo que ele só me fizera sangrar por dentro, indagando como eu poderia lidar com Theo se já estava tão abalada por ele.

— Não? Não usou aquelas taras dele? Eva?

— Theo... Ele me levou à residência particular dele em Pedrosa — falei, baixinho. — Aquele lugar que a senhora conhece.

— Claro! O antro dele! — disse ela com desprezo. — Bateu em você?

— Não. — Engoli em seco, com raiva, mas sabendo que não tinha jeito. Corri a mão trêmula pelo cabelo. — Como era minha primeira vez, ele... Ele não pegou

tão pesado.

— Tão pesado? Quer dizer que...

— Mãe, por favor. Não quero falar sobre isso.

— Como assim? Claro que temos que falar! Eu preciso saber como andam as coisas, orientar você! O desgraçado ainda não colocou as manguinhas de fora, mas isso vai acontecer. Precisa estar preparada. Agora me diga, como foi depois? Marcaram alguma coisa?

— Como imaginávamos, ele só quer sexo — falei, baixo.

— Sim, isso é óbvio. Cabe a você encontrar as brechas para seduzi-lo. Lembre-se de ser doce, submissa, fazer as vontades dele. — Ela parecia irritada. Respirou fundo e indagou: — E como foi para você? Como está?

— Estou bem.

— Por que não estou acreditando? Sua voz parece estranha. Conte o que está acontecendo, Eva.

— Mãe, acabei de perder a virgindade... É claro que ainda estou estranha! — Andei pela cozinha, tentando me livrar da angústia, da sensação perturbadora de que aquilo estava errado, de que eu me encontrava presa em uma situação que fugia ao meu controle. Desesperada, desabafei: — Eu não sou páreo pra ele!

— Como assim?

— Ele é experiente. Mais velho. Como posso seduzir um homem assim?

— Eva...

— Eu fiquei perdida, fiquei nas mãos dele! — exclamei. Sem que eu pudesse me conter, lágrimas vieram aos meus olhos.

— Isso é normal. Sabemos que é um homem lindo, atraente e que teve várias mulheres. Entendo o que está falando, mas é só sexo, filha. Precisa estar além dessas sensações, focada no que realmente interessa. Não pode perder a cabeça por ele. Nunca! Esse homem é um demônio! É nosso inimigo. Você está me ouvindo? — Havia raiva e certo desespero em sua voz. — Eva, responda!

— Estou ouvindo e sei disso tudo! Mas sou humana! — Suspirei, angustiada. — Mãe, eu não quero me sentir assim. Tenho medo de me envolver e...

— Não diga isso! — gritou, furiosa. — Você nunca, nunca mesmo, pode esquecer quem é Theo Falcão e o que ele e a família dele nos devem! Não é uma foda bem dada que vai fazer isso! Sua tola! E tudo que te ensinei ao longo da vida? E o fato de termos vivido na miséria? E sua avó, que está cada vez mais fraca naquele hospital? Nada mais importa agora que sabe o que é ter um pau grande e grosso dentro de você?

Parei perto da porta dos fundos, fechada, e escorei-me de costas nela, chocada, sentindo-me suja, burra, fraca. Ao mesmo tempo, uma desconfiança que já existia me fez indagar:

— Como sabe que ele é grande e grosso? Já se deitou com ele, mãe?

— Já te falei que não! — exclamou, com raiva. — É maneira de falar. O que importa é que você precisa parar com essas asneiras e se fixar no que planejamos. Não quero nem imaginar uma relação entre você e esse demônio! Eu o mato com minhas próprias mãos! Escute com atenção: se quiser se resfolegar com ele na cama, se quiser que seja mais prazer que sacrifício, eu entendo, mas lembre-se de que me tornei uma puta por causa deles. Eu perdi Gabriela por causa deles. Sua avó está definhando naquele hospital e pode morrer a qualquer momento por causa de uma doença que deve ter surgido devido a tudo que ela passou. Vale a pena deixar tudo isso para trás, deixar sua avó morrer sem que a justiça seja feita, porque você gostou de ser a putinha de Theo Falcão?

Eu empalideci, fechando os olhos. A sensação de angústia, desespero e sufocamento só piorou. Era como ser bombardeada por sentimentos diversos, que me puxavam em direções opostas, deixavam-me perplexa e envergonhada de mim mesma.

— O médico conversou comigo ontem. Ele disse que sua avó tem pouco tempo de vida. Espero que se apresse, que tenha nossa vingança em vista cada vez que for para a cama daquele tarado. Foco! Seduza-o. Faça-o comer em sua mão!

— Como? — Abri os olhos, ansiosa.

— Você vai saber como seduzi-lo. E tem mais... Você sabe qual é a maneira mais fácil de conseguirmos tudo que queremos.

— Qual é, mãe? — Até falar parecia me cansar.

— Engravide.

Não consegui responder.

— Sua avó tem perguntado muito por você. Dê um jeito de escapar daí e venha vê-la.

— Vou, sim.

Era arriscado, por isso eu evitava encontrar as duas, mas daria meu jeito. Eram tudo que eu tinha. E eu sofria com a doença da minha avó, sabendo que ela morreria em não muito tempo.

Senti os olhos cheios de lágrimas, mas contive o choro.

— Estamos juntas nessa, Eva — continuou minha mãe. — Chegou a hora de acabar com essa injustiça. Teremos nossa terra e nossa vida de volta. Não se deixe abater ou enganar, pois essa família é craque em fazer isso. Prometa pra mim.

— Eu prometo.

— Certo. Quando puder vir ao hospital, me avise.

Quando desliguei, estava arrasada, como se tivesse saído de uma guerra. Deixei o celular sobre a pia e arrastei-me para fazer o café, sentindo aquele

horrível aperto no peito. Era como cair em um poço profundo, sem volta, cada vez mais cercada pela escuridão.

Eu faria tudo para não perder a cabeça. Para ser forte, inteligente e determinada. Sim, eu o desejava e estava de quatro por ele. E sentia medo. Mas isso não me faria desistir. Eu descobriria uma fraqueza de Theo Falcão e a usaria a meu favor.

Ao longo do dia, tentei me recuperar, colocar os pensamentos em ordem, acalmar o corpo e a mente, livrar-me das angústias. Lavei roupa no tanque, ouvi música, fiz comida, vi televisão, mas nada conseguiu me fazer parar de pensar em Theo e de relembrar os momentos inesquecíveis e extremamente sensuais que eu tinha vivido com ele. A cada movimento em que senti o corpo dolorido, a cada vez que sua imagem me bombardeou, tive que parar, respirar fundo e tentar voltar a ser eu mesma.

Na manhã seguinte, continuei a resistir, mas não aguentei ficar em casa e saí. Encontrei e conversei com alguns vizinhos. Logo um carro parou ali perto e Gabi saiu dele, linda e animada. Disse que tinha vindo para me fazer companhia e foi impossível não ficar feliz.

Levou-me em uma caminhada para conhecer a escola, que não funcionava aos domingos, mas que tinha turmas até o quinto ano. Depois, as crianças passavam a frequentar a escola da cidade. Fiquei surpresa ao ver o cuidado e a qualidade da escola e ao saber que um transporte cedido pela fazenda levava e buscava as crianças. O posto de saúde e o centro esportivo também me impressionaram. Além das casas organizadas, os empregados tinham uma boa qualidade de vida.

Paramos no refeitório, onde fui apresentada a uma senhora muito simpática, que cuidava da cozinha junto com um homem que não parava de rir e olhar para mim e para Gabi, encantado. Minha irmã explicou que ele tinha problemas mentais, mas que era inofensivo. Chamava-se Rosendo e era um cozinheiro de mão cheia.

Caminhamos e sentamos sob uma árvore para simplesmente jogar conversa fora. Eu a observava, admirada com sua doçura e simpatia, pensando que eu seria tia. E a criança que ela carregava no ventre tinha meu sangue e o de Theo. Duas famílias inimigas que se encontrariam naquele novo ser que se formava.

Lembrei-me de novo de minha mãe mandando que eu engravidasse e afastei o pensamento rapidamente. Eu não queria aquilo. Eu encontraria outras opções.

Gabi insistiu que eu almoçasse no casarão, mas recusei, cheia de desculpas. Só se conformou quando prometi que iria com ela até o centro de Florada à noite para ver a cidade naquele domingo de carnaval. Acompanhei-a até seu carro, em frente ao meu portão, e não pude evitar as emoções que senti quando me abraçou e beijou antes de ir.

Quando entrei em casa, estava mais confusa e perturbada do que nunca.

Theo

Eu me sentia muito perturbado. Queria estar trabalhando, mas todo mundo parecia mais interessado em descansar e viajar durante o carnaval. Só me restava ficar como um animal enjaulado, sentindo-me preso em minha própria casa. Não queria sair e correr o risco de encontrar Eva, porque ela era a maior causa da minha perturbação.

Heitor chegou a perguntar se havia algum problema, vendo-me calado e fechado. Meus irmãos me lançavam olhares curiosos. Para evitar descontar neles minha irritação, fechei-me no escritório do casarão para analisar contratos e relatórios e adiantar um trabalho que já estava mais do que adiantado. Tentava fugir de uma tentação que se tornava cada vez maior.

No domingo à noite, meus irmãos e até Tia foram à cidade para ver a apresentação de uma banda de carnaval. Por ser uma cidade pequena, as comemorações eram muito tranquilas e interioranas, mas as pessoas se divertiam com as marchinhas, as fantasias e os encontros com vizinhos e conhecidos. Vários se sentavam no portão de casa para observar a farra ou andavam entre as barraquinhas de guloseimas.

Fiquei em casa e sentei-me na varanda, com os olhos fixos nas luzes que vinham das residências dos empregados. Sentia o corpo arder em um desejo imenso de ir até lá e bater na porta de Eva. Irritava-me tanto o domínio que ela tinha sobre mim que, se me fizesse procurá-la, eu a deitaria no colo e surraria a sua bunda para castigá-la por me deixar daquele jeito. Só esse pensamento já me deixava duro, excitado.

Com raiva, entrei em casa, peguei as chaves do carro e dirigi para a cidade. Pensei em dar um pulo no Falconetes, conversar com Abigail e tomar uma cerveja. Precisava me distrair um pouco e esquecer Eva.

Estacionei em frente a uma padaria, pois a praça estava fechada para os foliões. Saí do carro, guardando a chave no bolso do jeans, olhando em volta e atravessando a rua animada e cheia de gente que se divertia ao som de “Allah-La Ô”^[1].

Cumprimentei várias pessoas, e muitas fizeram questão de falar comigo. Segui em frente até ver o cabelo ruivo de Gabi perto de uma barraca. Ela usava roupas brilhosas e maquiagem e estava toda animada ao lado de Joaquim, que usava roupas comuns.

Sorri, já seguindo para o Falconetes, quando parei de repente. Joaquim se moveu, e vi Eva junto com eles, sorrindo e conversando animadamente com um

rapaz musculoso de cabelos claros. Reconheci Daniel, um jovem que morava na fazenda e trabalhava no frigorífico. Junto com a irmã, ele dava carona a Eva até o trabalho. Os dois pareciam muito próximos, animados, e ele não conseguia tirar os olhos encantados dela.

Fiquei imobilizado, observando os dois, loiros, jovens, combinando um com o outro. Fui invadido por um sentimento ruim e opressivo. Fixei o olhar em Eva, que estava linda com os cabelos soltos. E a boca... Porra, a boca pintada em vermelho-vivo mexeu com cada fibra do meu corpo e revolveu minhas entranhas.

— Theo, nem imaginei que te veria aqui — disse Pedro, parando ao meu lado com uma lata de cerveja.

Obriguei-me a desviar os olhos de Eva e fitar meu irmão, embora ainda pensasse nela. Ele apontou para uma barraquinha mais à frente, perto de onde estavam Joaquim, Daniel, Eva e Gabi. Só então vi Heitor sentado a uma mesa com duas mulheres.

— Vamos tomar uma cerveja com a gente.

— Claro — falei, entre os dentes, voltando a olhar para a garota loira que me infernizava de uma forma que eu nunca havia julgado possível.

Eva não tinha me visto e dizia algo a Daniel, fazendo-o rir e colocar a mão no braço dela, chegando muito perto. Eu quase rosnei enquanto andava ao lado de Pedro até a barraca. Falaram comigo no caminho e nem sei se cumprimentei as pessoas. Estava fixado nela, e, como se sentisse a vibração do meu olhar, Eva virou um pouco o rosto e me viu.

Pude notar cada nuance da sua reação: o modo como arregalou os olhos e entreabriu os lábios, o fato de que conteve a respiração, o nervosismo que a acometeu. Suas faces se tingiram, coradas, e ficou claro o quanto eu mexia com ela. Tentou disfarçar, mas seu nervosismo e a fome em seu olhar eram patentes, tão intensos quanto em mim.

Parei a poucos metros deles. Heitor me cumprimentou, animado, e apresentou-me às moças bonitas que os acompanhavam e que eu já conhecia. Falei qualquer coisa. Não quis sentar, mas aceitei a cerveja. Joaquim me viu também, deixou Gabi com Eva e Daniel e veio falar comigo.

— Theo, que legal que você veio! Também vou querer uma cerveja!

— Pega o copo aí, Tourinho — disse Pedro.

Meus irmãos ficaram felizes em me ver; em geral, aquele não era um tipo de entretenimento de que eu gostasse muito. Tomei a cerveja e falei com eles e com uma das moças, que puxou assunto, mas permaneci atento a Eva, tomando conta de cada respiração dela.

Tinha parado de sorrir e parecia tensa, sem olhar para mim, mas sabendo que era alvo da minha atenção. Ficou mais comedida com o rapaz, que continuou

animado. Então, vi Gabi chamando-os para nossa mesa e sua recusa. Ela disse algo, sorriu e também veio falar comigo.

— Nossa, a família reunida aqui! Nem acredito!

Sorri para minha irmã quando me abraçou e beijei seu cabelo. Ficou por ali, abraçada a Joaquim, conversando com a gente.

Como se quisesse me provocar, Eva deu-me as costas e continuou conversando com o rapaz. As pessoas passavam, animadas, e algumas paravam para falar conosco. As marchinhas mudavam e meus irmãos se divertiam, mas eu continuava ligado nela, furioso com a raiva que sentia ao vê-la tão perto do rapaz e notar como ele a olhava cheio de intenções.

— Acho que Daniel está caidinho pela Eva — comentou Gabi com Joaquim. — Até saí de perto.

— Eles não quiseram vir para cá?

— Não, Quim. — Sorriu.

Minha irritação só aumentava. Como o bom falcão que era, mantive os olhos de rapina fixos nela, sem me importar se alguém notava ou não. Mas não agi. Disse a mim mesmo que ela não me faria ser ridículo. Não interviria em nada. Eu era um homem, não um garoto bobo como aquele que só faltava babar pela atenção dela.

Mesmo assim, quase me descontrolei quando Eva disse algo no ouvido dele. Daniel concordou e segurou a mão dela, mas ela fez que não e apontou mais à frente. O rapaz concordou e apenas a olhou enquanto se afastava. Virou-se para nossa mesa e aproximou-se, parecendo feliz.

— Cadê a Eva? — indagou Gabi.

— Foi ao banheiro. Ela já vem. — Olhou-me, respeitoso. — Oi, senhor Falcão.

Acenei com a cabeça, sentindo-me um velho, pois tinha pelo menos vinte anos a mais que ele. E que Eva. Mas não pensei muito. Vi Eva se afastando cada vez mais, seguindo na rua entre os foliões. Terminei minha cerveja e coloquei o copo vazio na mesa. Alguém falou comigo, mas não vi quem nem ouvi o que disse. Simplesmente pedi licença e me afastei sem dar mais satisfações.

Irritava-me fazer aquilo, ceder ao descontrole daquele jeito, mas era mais forte do que eu. Vi seu cabelo loiro enquanto contornava o palco e se dirigia aos banheiros químicos, que ficavam mais afastados. Apressei o passo. Mais adiante, perto da fileira de banheiros, havia uma pequena rua onde ficava a escola, fechada àquele horário, vazia e um pouco escura.

O local não estava movimentado. Antes de chegar aos banheiros, Eva ouviu passos atrás de si e virou a cabeça, surpreendendo-se ao me ver. Estacou.

Eu fitei seus olhos, dominado pelo tesão e pelo ciúme, por um desejo alucinado de tocar nela, de fazer o que eu vinha evitando desde que a deixara em casa no

sábado pela manhã. Senti-me um animal faminto, olhar ardente, o sangue correndo rápido nas veias, cada fibra do meu ser ansiando pelo momento em que finalmente a teria sob meu alcance.

— Theo... — arquejou, tremendo, olhando-me faminta e sedenta, lambendo os lábios.

Lancei a ela um olhar duro que a calou. Sem pensar duas vezes, agarrei seu queixo, ergui seu rosto para mim e encurralei-a até que mal pudesse respirar, aprisionada pelo meu corpo, descendo o olhar até sua boca carnuda e vermelha.

— Essa boca me deixa louco — rosnei ferozmente.

Não havia mais espaço para palavras. Meu corpo ardia e clamava, meu descontrole, por fim, me vencia. Beije-a com voracidade, saqueando sua boca, saboreando-a, sentindo seu gosto como uma droga chegando à corrente sanguínea. Ali me senti vivo, latejante, completo. Ensandecido de desejo, fechei os olhos e tomei-a para mim, decidido, imobilizando-a. O beijo nos consumiu em seu fogo, deixando qualquer pensamento de lado. Era só paixão, estalando, queimando, tomando. Vencendo. Gemi, rendido.



Tive que me agarrar às laterais de sua camisa, perto da cintura, para não cair. Minhas pernas pareciam gelatina, e eu tremia tanto, mas tanto, que não controlava mais os músculos do corpo. Tinha virado uma massa de sensações e de sentidos, arrebatada pelo toque de Theo, seu cheiro, sua língua que devorava a minha e me inebriava com um gosto que era puro pecado.

Gemi, fora de mim, beijando-o com uma fome que poderia me matar se não fosse satisfeita. Senti seus dedos em meu rosto, meu queixo, meu pescoço, firmando minha cabeça para lamber, chupar e morder meus lábios como bem quisesse. Seu peito musculoso esmagava meus seios. O pau ereto e enorme estava pressionado contra meu ventre a ponto de senti-lo com perfeição através da roupa. Presa entre o muro e seu corpo, eu era beijada como se fosse dele. E era.

Estremeci quando parou de me beijar. Ergui as pálpebras pesadas para lamentar, sentindo minha boca arder, o coração tão alucinado que eu parecia a ponto de sofrer um infarto, cada parte de mim latejando, desejando, pedindo. Era uma necessidade absurda, que me consumia e alarmava, impossível de ser contida.

Fitei as pupilas dilatadas de seus olhos azuis. Seu olhar mau me deixou ainda mais abalada. Entreabri os lábios para suplicar por mais no instante em que a voz de Theo saiu baixa e grossa, arrepiando minha pele, vibrando em minhas terminações nervosas ultrassensíveis:

— Essa boca é minha, Eva. — Seu olhar e sua voz eram profundos, raivosos. O modo como me pegava era bruto, sem deixar escapatória. Senti-me completamente dominada, sem voz, sem chão, sem razão. — Só minha... Você só vai usar batom vermelho para mim. Essa boca foi feita para meus beijos, meu corpo, minha boca, minhas ordens. Feita só para mim. Você está entendendo?

Seus dedos se firmaram em minha garganta enquanto seu olhar me queimava, voraz, enraivecido, possessivo. Arquejei, presa ali, molhada e trêmula, arrebatada. Era uma paixão tão grande, uma necessidade tão absurda, que eu faria tudo, absolutamente tudo que Theo mandasse. Ser olhada e tocada por ele, sentir-me tão desejada e domada, fez com que eu apenas piscasse e deixasse escapar um arquejo trêmulo:

— Sim...

— Sim, o quê?

— Sim, senhor Falcão.

A mão esquerda dele continuou fixa em minha garganta. A mão direita desceu com firmeza entre nossos corpos, passando pelo meu colo e descendo sem delicadeza pela blusa tomara que caia. Meus mamilos enrijeceram, nus, e delirei quando esfregou-os e fechou a mão sobre um seio, apertando-o. Eu mal piscava, cativa de seu olhar penetrante. Seu hálito delicioso perto da minha boca só aumentou o domínio que tinha sobre mim:

— Se eu souber que você deixou alguém te tocar, em qualquer parte do seu corpo, do seu rosto, do seu cabelo ou da sua boca, eu não me responsabilizo pelos meus atos. — Torceu o mamilo entre o polegar e o indicador e gemi, gotejando na calcinha. — Não quero ver você perto desse moleque. Ele quer o que me pertence. E o que é meu, eu não divido, não compartilho. É só meu. Completamente. Está entendendo, minha coelhinha?

— Ah... — ofeguei, alucinada, agarrando-o pela cintura, tão arrebatada pela luxúria que estava a ponto de suplicar por qualquer alívio. Seu sentimento de posse e seu domínio sobre mim só me deixavam mais excitada, pois eu o queria do mesmo jeito e queria ser dele mais até do que respirar. Eu precisava de Theo desesperadamente.

— Cada pedaço do seu corpo delicioso é meu. — Seus dedos desceram por meu corpo e subiram pela coxa, por dentro da saia. Não foi delicado quando apertou meu pescoço e puxou a calcinha para o lado junto à minha virilha, sentindo-a encharcada. Foi fácil deslizar o dedo do meio para dentro de mim, e eu estava tão excitada que meus músculos se fecharam em volta do seu dedo incontrolavelmente, puxando-o para dentro. Choraminguei, sem ar, abrindo a boca e suplicando com os olhos.

Theo meteu o dedo em meu canal, indo bem fundo em estocadas brutas, aproximando-se da minha boca e mordendo meu lábio inferior. Aliviou um pouco a pressão na minha garganta ao mesmo tempo que me beijava e soprava seu ar para meus pulmões. Eu o tomei, sôfrega, alucinada, sendo penetrada e beijada sem dó enquanto o prazer me varria em ondas violentas.

Antes que eu pudesse sugar sua língua, ele afastou novamente a boca e apertou

minha garganta, olhando nos meus olhos, só o suficiente para mostrar que eu era sua presa. Movia a mão direita entre minhas pernas, penetrando o dedo na vagina palpitante e melada, que o apertava convulsivamente. Eu não aguentei e comecei a gozar e latejar, gemendo em um miado, perdida em seus olhos e em suas mãos, enrolando meus dedos em sua camisa. Não desabei porque estava bem presa contra aquele muro. Enquanto o orgasmo me arrebatava, Theo continuou, com aquela voz baixa e autoritária contra meus lábios:

— Só eu posso comer essa boceta. E te fazer gozar. E não só sua boca e seu corpo me pertencem, e sim você toda. Se eu pegar você de sorrisinhos com Daniel ou qualquer outro homem, vai me pagar caro. Eu avisei. Você é minha na cama e fora dela. E quero sua obediência completa. Por acaso você ainda não entendeu isso, coelhinha?

Apesar de ondular em um prazer longo e delirante, eu ouvia cada uma das suas palavras, cada sílaba rascante que proferia. Seu corpo, seu cheiro, seu olhar e sua voz eram um todo a me comandar, a imperar sobre meus sentidos e minha vontade. Nunca me senti tão ligada a outra pessoa. Cada parte minha respirava e reagia por causa dele, em função dele. Sem Theo, eu morreria, e essa certeza me fez sentir um medo absurdo em meio ao prazer fenomenal. Choraminguei, sabendo que eu já era irremediavelmente dele.

Desabei após o gozo, arrasada, desbravada, entregue. Theo me segurou e pressionou-me mais contra aquele muro, consumindo-me com seus olhos devoradores, aquela ruga pronunciada entre as sobrancelhas grossas dando-lhe um ar perigoso e deixando-me grogue. Gemi baixinho e estremeci quando moveu o dedo lentamente dentro do canal sensível, puxando-o para fora, esfregando meu clitóris inchado.

Tentei pensar, mas foi impossível. Eu só conseguia olhar para ele, súplice, docilizada, subjugada. E para que palavras quando era óbvio que eu estava enredada em sua sedução, de quatro, dominada?

— Entendeu tudo, coelhinha, ou precisa de mais um lembrete? — exigiu, baixo. Segurou meu clitóris entre as pontas do polegar e do indicador, dando um leve beliscão.

— Sim... — Lambi os lábios e firmei a voz, tentando pensar mesmo enquanto ele me arrebatava passando os dedos encharcados entre meus lábios vaginais em carícias que me deixavam dopada. — Mas... Mas...

— Mas o quê? Diga.

— Você disse... que era só sexo.

Theo parou de me acariciar. Tirou a mão da minha vagina e largou meu cabelo. Quando deu um passo para trás, senti-me abandonada e escorei-me no muro, respirando pesadamente.

Ele parecia contido, com uma expressão séria, mas seus olhos azuis ardiam e as pálpebras estavam pesadas quando deslizou o olhar por mim, desde os pés até meu rosto, passando pela saia meio erguida e pelos seios expostos pela blusa que descera até a cintura. Sua voz soou severamente áspera:

— Eu disse e é só sexo mesmo, mas, enquanto estiver transando comigo, quero exclusividade. Total. Quero saber se entendeu.

— Entendi. — Corada, ainda tremendo bastante, ajeitei a blusa e a calcinha, cobrindo-me. Não conseguia me desviar dos olhos dele. Era impressionante como eu o queria, como faria qualquer coisa para estar com ele. Em nenhum momento me passara pela cabeça olhar para outro homem. Não existia nenhum que me fizesse pensar em desviar os olhos de Theo Falcão, e essa certeza era esmagadora e assustadora. Eu me sentia emocionalmente desprotegida com ele. Presa, imobilizada, domada. Por isso, tentei reagir, fitando-o nos olhos. — E você, Theo? Será exclusivamente meu?

— Não tenho o costume de me envolver com mais de uma mulher ao mesmo tempo. — Foi tudo o que ele disse, e não entendi o alívio que me envolveu. Por algum motivo, soube que não suportaria vê-lo com outra mulher. Não quis pensar sobre isso, mas eu o queria tanto que me enfurecia imaginar outra mulher sequer olhando para ele.

Seu olhar não se alterou, mas sua voz me calou por dentro:

— Agora não tem mais volta. Eu te disse que depois que eu começasse, não voltaria atrás. Você foi avisada.

E eu soube que, depois de Theo, nunca mais voltaria ser a mesma.

Quando entramos no carro dele, eu estava nervosa demais. Com tudo. Com o que eu sentia e com o que aquele homem fazia comigo, mas principalmente porque eu percebia a energia volátil e perturbadoramente cruel que emanava dele. Lembrei-me do seu porão, de tudo que havia lá, e soube que o momento havia chegado. Theo exigiria muito mais de mim, e o medo ganhava espaço, mesmo tendo certeza de que eu faria tudo que ele mandasse.

Fechei os olhos por um momento, tentando pensar e me acalmar, mas era impossível. Ainda mais quando sua voz ecoou de repente, baixa e dura:

— Tire a sua roupa.

Arregalei os olhos e virei-me para ele, deparando-me com seu perfil másculo concentrado na estrada. Como já tínhamos chegado ao centro de Pedrosa, e era carnaval, carros e pessoas passavam de um lado para outro.

— O quê? — murmurei.

Theo apenas me lançou um olhar, sério e autoritário o suficiente para levar meu

coração à boca.

— Uma vez, eu disse a você que não gosto de regras. E é verdade. As únicas que levo em consideração são as minhas. Gosto dos jogos de dominação, sou sócio de um clube exclusivo onde mulheres adestradas realizam todos os meus desejos, mas faço, sempre, o que eu quero. E uma das coisas que mais prezo é a obediência, Eva. Quero que preste atenção nisso.

Senti meu rosto ficar vermelho. Uma parte de mim quis se revoltar, mas outra, bem maior, estava excitada com aquele jogo até então desconhecido para mim.

Theo repetiu baixo:

— Tire a roupa.

Mordi os lábios, estremecendo, olhando para a frente e sabendo que não adiantava tentar adiar uma decisão. Estávamos protegidos pelo vidro fumê e ninguém me veria nua, mas várias outras coisas poderiam acontecer e colocar-me em uma situação constrangedora. Sem contar me despir para ele assim, me expondo sem seu toque, seu beijo, sem ser estimulada.

Mesmo envergonhada e nervosa, levei as mãos trêmulas ao zíper da saia e abri-a. Não demorei, com medo de perder a coragem. Soltei o cinto de segurança e comecei a me despir. Em segundos, eu erguia o quadril para tirar a última peça, a calcinha, deixando as roupas no chão. Completamente nua, coberta apenas pelo cabelo que caía sobre os seios, fiquei imóvel no banco e olhei para ele, tremendo, muito aflita e tumultuada, com as mãos cerradas ao lado do corpo.

Theo olhava para a frente como se não estivesse nem aí para mim, completamente nua a seu lado. Contive o ar, baixei os olhos e concentrei-me em meus joelhos muito unidos, acanhada e constrangida, sem entender como eu podia obedecer-lhe assim. Sentia-me envergonhada e, ao mesmo tempo, excitada. Meu corpo ainda guardava resquícios do gozo, minha vagina melada, o gosto dele na boca.

Ele parou o carro, sem desligar o motor, e vi que estávamos diante de um sinal vermelho. Dessa vez, quando lancei um olhar a Theo, ele me olhava fixamente. Estremeci, pois nunca me pareceu tão malvado e duro. As sobrancelhas franzidas sombreavam seus olhos semicerrados, os lábios carnudos ligeiramente separados.

Um grupo animado de jovens atravessou a rua na frente do carro, fazendo algazarra, e me assustei, levando rapidamente os braços aos seios. Mesmo que não pudessem me ver, senti-me exposta, devassa, imoral. Fitei Theo novamente, a ponto de suplicar, mas parei, chocada, quando ele levou as mãos ao cinto de couro preto e o puxou num gesto rápido.

Não se despiu. Ignorando meu olhar arregalado, meu medo evidente, segurou-me pela nuca e puxou-me um pouco para ele. Ordenou secamente:

— Erga seus cabelos.

Obedeci de imediato. Segurei as mechas com as duas mãos e as ergui. O sinal abriu, algum carro buzinou e depois passou veloz ao nosso lado. Abismada, sem ar ao ter Theo tão perto de mim, eu o vi passar o couro em volta do meu pescoço e prender a fivela na frente da garganta, firme, mas sem apertar. Era como uma coleira, com a parte restante do cinto pendurada. Segurou a ponta e puxou-a para baixo. Seu olhar azul quase me queimava viva ao ordenar:

— Abra minha calça e me chupe enquanto dirijo.

Não esperou. Passou a marcha e pôs o carro em movimento, concentrando-se em dirigir.

Desci o zíper da calça dele, cuidadosa, mas não esperei nem me prolonguei; estava nervosa e excitada demais para isso. Quando abaixei a cueca branca e vi seu pau despontar diante de mim, enorme e poderoso, cheio de veias, perdi a cabeça de vez.

— Como você é lindo... — murmurei. Nem sei se Theo ouviu, pois foi algo íntimo, abafado, ansioso.

Agarrei-o pela base grossa. Senti-o tenso, duro demais, e não aguentei. Lambi-o de baixo até em cima, com a boca toda molhada e a língua para fora. Deliciei-me contornando-o.

Theo acelerou o carro e agarrou o volante com uma das mãos. A outra tomou um punhado do meu cabelo enquanto ele ordenava asperamente:

— Chupe até a garganta, coelhinha. Forte e fundo.

Esqueci-me do mundo. Esqueci que estava nua naquele carro e me lambuzei, sugando, lambendo, mordiscando, me deliciando. Minha vagina palpitava e apertei uma coxa contra a outra, excitada, esfomeada, submissa.

— Faça-me gozar — ordenou, bruto.

E eu tentei sem sacrifício, pois aquilo tinha despertado todo o meu corpo e eu estava necessitada como se não tivesse tido um orgasmo havia pouco tempo.

Nem percebi que nos movíamos até o carro parar em frente à casa dele, depois de passar pelos portões e pelos seguranças. Theo agarrou meu cabelo e ergueu minha cabeça, obrigando-me a olhá-lo. Seu olhar escureceu ao deparar com minha boca úmida e inchada.

— Trouxe seu batom?

Eu pisquei, tentando voltar à realidade. Então me lembrei do batom, do celular, da chave e do dinheiro que eu trazia nos bolsos da saia. Fiz que sim com a cabeça. Largou meu cabelo, parecendo furioso. Ou talvez fosse o tesão violento que sentia e que estava explícito em sua expressão.

— Passe-o.

Trêmula, abaixei-me e peguei a saia. Consegui achar o batom. Foi difícil conseguir passá-lo no estado em que eu estava, mas me concentrei e, por fim,

terminei. Theo tomou o batom e enfiou-o no bolso da calça, ordenando:

— Olhe para mim.

Seus olhos fitavam minha boca. Algo ocorreu ali. Seus traços se carregaram, seu olhar era extremamente bruto. Havia algo perigoso nele, que me arrebatou ainda mais.

Não disse nada. Agarrou a ponta do cinto e saiu do carro, levando-me com ele naquela coleira improvisada. Chocada, pisei no chão, descalça, e fui recebida pela brisa fria da noite. Tentei esconder meus seios com os braços, mas bastou um olhar para que eu os baixasse e o seguisse até a porta.

Theo não a abriu. Encostou-se nela, virando para mim a calça ainda aberta, seu pau ereto e nu e seu olhar malévolo. Apontou para o tapete cor de cobre e disse, baixo:

— Quero essa boca vermelha em meu pau. E esses olhos nos meus.

E, para completar a dominação, agarrou um punhado de cabelo no alto da minha testa e levou minha cabeça entre suas pernas. Talvez eu devesse me sentir humilhada, abusada, mas eu estava faminta e queria desesperadamente aquilo. Fechei as duas mãos na base do seu pau, direcionei-o para mim e, obedientemente, não desviei meu olhar ao metê-lo na boca.

Esqueci o mundo e parei de pensar. Estava tão gostoso que me delíciei e me fartei, tornei-me mais voraz, quase consegui tê-lo todo dentro de mim. Eu sentia um desespero, um desejo avassalador, uma sensação única de pertencer de corpo e alma a alguém. Prostrada, de joelhos, com os olhos lacrimejantes presos nos dele, mostrei o quanto me dava e me entregava, sugando-o, salivando tanto que escorria por meu queixo.

— Porra, coelhinha... — rosnou, duro e inchado em minha boca. Sua expressão carregava deixava claro que estava em seu auge de excitação. — Essa boca vermelha e gostosa vai me deixar viciado. Vou levar seu batom no bolso, e, quando eu mandar, vai passá-lo, cair de joelhos e me chupar.

Theo agarrou meu cabelo no alto com mais firmeza, puxou a coleira e se enterrou até entrar todo, bruto, grosso, tirando meu ar. Engasguei e fiquei com os olhos cheios de lágrimas, então ele puxou o pau para fora e busquei o ar pesadamente. Não demorei, pois o queria. Já ia voltar a chupá-lo quando largou a ponta do cinto e agarrou o pau com a mão, ordenando, raivoso e excitado:

— Abra a boca.

Quando obedeci, olhando-o, ele começou a se masturbar. Na mesma hora, contraiu as sobrancelhas em um olhar duro, abriu os lábios e soltou um rosnado baixo e rouco, ejaculando em minha boca aberta, os jatos quentes fazendo o líquido grosso e levemente amargo escorrer por meu queixo, pingar em meu pescoço e colo, espalhando-se em mim. Ficou mais louco ainda quando lambi

meus lábios e engoli o que tinha dentro de mim, obediente, abrindo a boca para receber mais.

Gemeu e enfiou o membro ainda duro em minha boca, agarrando minha cabeça com as duas mãos enquanto eu o sugava e chupava os resquícios do seu prazer. Quando acabou, simplesmente encostou minha cabeça em sua coxa, com os dedos entranhados em meu cabelo e a respiração pesada.

Fechei os olhos, arrebatada e excitada, e me dei conta de que estava ansiosa por mais, como uma viciada. Meio que ainda grogue, um tanto perdida, eu abracei suas pernas e tive um medo visceral, que me deixou sem ar. Foi um medo terrível de me apaixonar.

Theo

Entramos no porão, onde ficava o calabouço, e quem me visse, com as roupas intocadas e o semblante contido, nunca adivinharia o quanto eu estava perturbado nem a gama de sentimentos que me golpeavam e preocupavam.

Fiz com que Eva andasse à minha frente, descalça e nua, não apenas para ter o prazer de admirar seu corpo, sua bunda redonda e linda, mas também porque eu teria algum tempo para me recompor sem que ela visse.

Eu quase nunca perdia o controle. Pouquíssimas vezes isso tinha acontecido e nunca por uma mulher. Como aquela menina podia ter me desestruturado em tão pouco tempo? O que havia nela que mexia com minhas entranhas e meus sentimentos a ponto de me incomodar e desequilibrar?

Paramos dentro do calabouço, e seus olhos fitaram em volta, assustados. Eu sabia que temia aquilo, que se perguntava o que eu faria com ela. Entreabriu os lábios quando me aproximei e ficou quietinha enquanto eu soltava o cinto.

Ainda havia esperma em seu queixo e pescoço. Isso me deixou extremamente excitado, não só por me fazer recordar como me chupou de um jeito obediente e gostoso com aquela boca vermelha, mas porque estava marcada por mim. As marcas das mordidas em suas costas tinham clareado, quase sumido. E eu já queria marcá-la de novo.

— Vá ao banheiro e se limpe. Faça o que tiver que fazer lá antes de voltar — falei, baixo, como se a ignorasse. Não fiquei para ver se obedeceria. Virei-me e fui até o bar.

Servi-me de uma dose de uísque importado puro. O líquido ardente funcionou como uma espécie de tranquilizante às perturbações que me assolavam. Sentei-me

no banco do bar e, então, servi outra dose, agora a saboreando com calma.

Observei Eva voltar ao calabouço, um tanto tímida, mordendo os lábios, evitando me olhar diretamente. Não era alta, escultural, malhada nem cheia de truques como a maioria das mulheres que eu escolhia. Era pequena, delicada, pele clara, cabelos longos demais. Uma menina recém-saída da adolescência. Mas tinha seus próprios encantos. Os cabelos sedosos e muito louros eram sensuais e combinavam perfeitamente com os pelos finos e macios que cobriam sua boceta. Os olhos enormes no rosto doce eram lindos. A boca polpuda, cheia, tentaria qualquer homem. E o corpo possuía curvas delicadas, com destaque para os seios redondos e empinados com mamilos rosados.

— Por que está aqui? — perguntei, de repente, parando à sua frente.

Piscou e lambeu os lábios fitando meus olhos, meio confusa. Seu nervosismo aumentou e balbuciou:

— Porque... Por sua causa.

— Por sexo, coelhinha?

— Sim.

— Sim, o quê?

— Sim, senhor.

Excitava-me demais quando se dirigia a mim daquela maneira respeitosa. Entretanto, eu via em sua expressão que não era só sexo. Era mais. Parecia tentar evitar que eu percebesse, mas sua ansiedade a delatava. Por um momento, indaguei-me se sentia aquela ligação ímpar entre nós, aquela atração que parecia furar o bloqueio do aspecto apenas físico.

Fitando seriamente seus olhos, tentando não me distrair com seu corpo nu e os seios que chamavam meu olhar, eu disse seriamente:

— Algumas regras precisam ser estabelecidas para os praticantes da relação de dominação e submissão.

— Você disse que não segue regras — lembrou-me, percorrendo meu rosto com seu olhar como se me admirasse.

— Só sigo as minhas regras. E é nisso que quero chegar. Não é uma relação de violência gratuita, mas consentida. Nunca vou fazer algo que você não queira. Parto do pressuposto de que, por mais que a incomode ou a machuque, você está permitindo, tendo prazer, e não fazendo apenas para me agradar. Está entendendo, coelhinha?

— Sim, estou. — Escutava, atenta.

— A maioria das pessoas escolhe senhas. Uma palavra de segurança que é dita quando o submisso não suporta mais as torturas. Eu não gosto disso. Parece infantil, um jogo bobo. Prefiro ser bem mais direto. Simplesmente diga que não quer mais, de modo claro e objetivo. E eu vou parar.

Concordou com um gesto de cabeça, analisando o que eu havia dito.

— E se eu pedir que pare involuntariamente, sem realmente querer?

— Eu posso perceber e continuar, mas evite. Diga apenas quando realmente for o que deseja, para não ficar cansativo para ambos.

Não completei que eu nunca mais tinha procurado mulheres que, por qualquer coisinha, já pediam para parar. A submissão também significava se doar para satisfazer o outro e aguentar certos desconfortos, sabendo que, ao final, receberia uma recompensa que valeria a pena. Era isso que alimentava dominador e submisso.

Notando sua fragilidade, perguntei-me se Eva suportaria quando eu realmente me tornasse bruto. Era uma submissa por natureza, mas pouco experiente e amedrontada. Uma parte minha desejou que ela não aguentasse e me desiludisse, pois assim seria mais fácil me livrar daquele domínio emocional que ela parecia ter sobre mim.

— Está com fome? — perguntei. Ela fez que não com a cabeça. — Sede?

Quando negou, senti que estava na hora, e o desejo cresceu voraz dentro de mim. Fitei sua boca e, sem saber ao certo por quê, tive vontade de puxá-la para meus braços e beijá-la, mas não o fiz. Ao contrário, tentei me manter frio ao apontar para o cavalo de madeira em um canto.

— Deite-se de bruços ali.

Eva estremeceu. Olhou rapidamente para o cavalo, e depois para mim, nervosa, como se estivesse prestes a correr dali sem nem ao menos termos começado. Esperei, apenas olhando-a, sério. Mas não fugiu. Engoliu a saliva e caminhou para lá.

Tratava-se de uma espécie de banco comprido, com quatro pernas de madeira abertas para os lados e a parte de cima coberta por um couro macio. Quando ela se deitou ali, de bruços, o animal irracional e violento que vivia dentro de mim rugiu, e percebi o quanto me sentia completo quando podia deixar minhas taras saírem do meu interior.

Fitei seu corpo nu, os cabelos longos que se espalhavam, a bunda exposta. Parei à sua frente. Ela me olhava apavorada, excitada, corada. Abaixei-me e segurei seu braço, esticando-o sobre um dos pés do banco, onde havia uma faixa de couro. Passei-a em volta de seu pulso com firmeza. Fiz o mesmo com o outro braço. Quando me levantei, ela ainda me olhava em expectativa, parecendo nem respirar.

Admirei sua coragem. Sendo nova naquele tipo de relação e me conhecendo havia tão pouco tempo, estava confiando demais em mim. Mas não demonstrei. Andei até atrás dela e, antes de prender suas pernas abertas nos pés do cavalo com as tiras de couro em volta dos tornozelos, acariciei suavemente suas costas e

bunda, excitado, adorando sentir a maciez.

Ficou quieta, submissa, deixando que eu a prendesse. Por fim, passei um cinto de couro em volta de sua cintura, mantendo-a segura contra o cavalo. Poderia se debater à vontade, mas só sairia dali se eu a soltasse.

Passei as mãos por suas costas, afastando o cabelo para um lado. Meu coração batendo com força por saber que a tinha ali, totalmente à minha disposição. Estava na altura perfeita para foder sua boca ou sua boceta e seu ânus por trás. E embora eu já estivesse ereto, mantive o controle e a deixei lá, voltando ao bar.

Servi mais uma dose de uísque. Senti o olhar dela queimando sobre mim, mas não a fitei. Como se não estivesse ali, andei, calmo, até o aparelho de som e escolhi uma música.

Caminhei até um sofá confortável que ficava ao lado do cavalo de madeira e me sentei, finalmente olhando para Eva enquanto segurava meu copo de uísque. Ela estava quieta, de frente para mim, olhando-me. Eu me sentia como se uma tempestade se armasse dentro de mim e passava os olhos pelas mechas douradas de seus cabelos.

Pensei nas inúmeras mulheres que eu tinha levado até ali e em tudo que havia feito. Nas tantas vezes em que tinha gozado. E tive certeza de que nunca me sentira daquela maneira, tão ligado e perturbado, tão consciente de tudo. Não quis me conscientizar disso, mas o fato de que Eva era diferente já estava patente, era impossível negar. E isso me enraivecia.

Deixei o copo ainda com uísque sobre uma mesinha e me levantei. Fui até ela com o intuito de mostrar a mim mesmo que Eva poderia ser igual às outras se eu quisesse. Quando a usasse da maneira que desejava, aquele encantamento diminuiria. Era uma questão de parar de vê-la como uma menina e enxergá-la como uma mulher.

— Sabe o que vou fazer com você, coelhinha?

Minha voz a alertou, assim como meus dedos em seus cabelos, deslizando até a nuca. Seus olhos enormes estavam erguidos para mim enquanto puxava o ar pelos lábios entreabertos, muito focada e nervosa.

— Não — arquejou.

— Quero que me chame de “senhor”. Quando estiver aqui, é assim que vai se referir a mim.

— Sim, senhor.

— Quer saber o que planejo?

Eu prendia seu olhar, de pé ao seu lado, deslizando os dedos por suas costas macias e fazendo suaves círculos que arrepiavam a sua pele. Lambeu os lábios e acenou com a cabeça em expectativa.

— Vou foder você por horas, coelhinha. Ficaré aqui até eu estar satisfeito de

tanto comer sua boca, sua boceta e sua bunda. Vou te comer tantas vezes que nunca terá coragem de chegar perto de outro homem. Vai ficar viciada no meu pau, enjoada de qualquer outro que encoste em você. — Vi o quanto ficou excitada, ainda mais nervosa, mordendo os lábios, sem saber o que dizer. Desci a mão, fazendo o contorno pronunciado da sua coluna até o final, onde começava o arredondado da bunda. Sem que esperasse, dei um tapa forte em uma das nádegas, e Eva deu um grito assustado que fez meu pau endurecer ainda mais. — Vai apanhar tanto que não conseguirá se sentar por dias. E depois, quando eu acabar, vou colocar você em uma coleira. Vai ser minha vadiazinha safada até irmos embora.

Afastei-me, e ela virou a cabeça, tentando acompanhar meus movimentos. Fui até a estante onde guardava vários apetrechos sexuais e peguei aqueles que queria. Coloquei-os sobre uma mesa com rodinhas e empurrei-a até o cavalo, fazendo questão que Eva visse tudo aquilo. Mantinha meu desejo aparentemente contido, embora só tê-la ali e antecipar meu prazer já me deixasse doido.

Seus olhos se arregalaram para os objetos sobre a mesa. Calmamente, abri uma embalagem de *plugs* anais, que já vinham esterilizados. Era um conjunto de quatro *plugs* feitos de titânio, por ser um material leve e resistente. Variavam em tamanho, indo do menor e mais fino para o maior e mais grosso. Tinham o formato de uma gota, com a ponta fina engrossando até a base, de onde saía um enfeite com uma pedra, que imitava uma joia redonda e brilhante. Havia esmeralda, rubi, safira e ônix. Peguei o menor e o girei entre os dedos, fitando-a.

— Sabe o que é isso?

— Eu... eu imagino... senhor.

— Vai ter meu pau em sua bunda hoje, coelhinha, mas, antes, eu a abrirei aos poucos, até que não seja doloroso me receber todo dentro de você.

Deixei o *plug* junto aos outros objetos e, sem pressa, comecei a desabotoar minha camisa.

Ela ouvia, quieta, mordendo os lábios, acompanhando com o olhar a camisa que larguei no chão e meus dedos abrindo a calça. Eu a vi lamber os lábios e admirar meu corpo, faminta, estonteada. Demorei-me de propósito. Tirei os sapatos e o jeans e mantive a cueca branca. E assim me aproximei lentamente dela, parando a poucos centímetros do seu rosto. Não a toquei.

— Cheire meu pau — ordenei. — Quero sua boca nele sobre o tecido.

Arquejou, nervosa e excitada, embargada pela lascívia. E, presa naquele cavalo, com a bunda vermelha e a pele arrepiada, ergueu o rosto e esfregou a face e o nariz contra o volume do meu saco e do meu pau, cheirando-me, massageando-me como uma gata, soltando pequenos arquejos. Eu a olhava, duro, cerrando os dentes, mais enlouquecido do que pensei que ficaria. E quando abriu

a boca e mordiscou suavemente a cabeça robusta, molhando a cueca, chupando docemente, quase agarrei seus cabelos e penetrei sua boca com violência. A única coisa que me segurou foi minha decisão em manter o controle.

Eva apoiou o queixo na ponta do couro e abriu os lábios, com os olhos fixos nos meus, muito corada e abalada. Seu tesão era tão explícito que só acumulou o meu. Movi o quadril devagar e entrei em sua boca até a metade, enchendo-a.

— Porra! — Furioso pelo modo como eu reagia, saí de sua boca e agarrei uma palmatória de madeira com furinhos, que estava sobre a mesa. Contornei o cavalo e parei atrás dela, vendo sua boceta inchada e molhada pronta para mim e sua bunda, pedindo um castigo por ser tão gostosa e me enlouquecer tanto. Não fui delicado nem a preparei. Desci o objeto plano e duro, acertando as duas nádegas redondas, e Eva gritou de susto e por causa da dor ardida. — Você é minha. Não esqueça isso, coelhinha. Para bater e foder. Para usar como eu quiser. Agora conte quantas vezes vou surrar sua bunda. Conte!

— Um! — arquejou em um fio de voz, amedrontada, tentando se sacudir, escapar, mas completamente presa em suas amarras. Bati mais uma vez, forte e duro. Gemeu em um lamento e começou a chorar, mas mesmo assim murmurou: — Dois...

— Peça mais. — Minha voz saiu baixa e bruta.

— Por favor... — choramingou. Pensei que pediria que eu parasse, mas suplicou, agoniada: — Me bata mais, senhor.

E bati. Firme e duro.

— Três! — gemeu.

Bati de novo e de novo, olhando para a pele completamente vermelha, para as marcas dos furinhos. Meu coração disparava. Eu sentia o sangue correndo violentamente nas veias e ficava cada vez mais feroz.

— Quatro! Cinco! — E, mesmo chorando, para a minha surpresa, começou a suplicar: — Senhor, mais! Bata mais! Por favor!

Dei mais duas palmadas fortes e ela se engasgou em seu choro, soluçando, contando em um lamento fino:

— Seis! Sete...

Parei, pois não queria machucá-la além do suportável, mesmo que sua entrega tão completa quase me tirasse do sério. Cheio de tesão, liberei-me da cueca, larguei a palmatória na mesa e falei num rosnado:

— Você vai receber uma recompensa por se comportar bem, coelhinha.

Abaixei-me, segurando as bandas quentes de sua bunda e abrindo-as, expondo o ânus e a boceta para mim. Ela gemeu, miou, arquejou. Lentamente, rodeei o buraquinho virgem com a ponta da língua, lambendo-a. Eva ficou enlouquecida e gemeu sem parar, murmurando:

— Senhor... Senhor...

Porra, ela me deixava doido! Desci a língua até a boceta melada e fartei-me em seu gosto doce, metendo-a entre os lábios inchados, recebendo tudo que despejava em minha língua, subindo de novo até lambeir seu ânus e forçar a ponta nele. Continuava a choramingar, fora de si. Eu a lambi por inteiro e, por fim, mordi os lábios carnudos até perceber que suplicava palavras desconexas. Quando cheguei ao clitóris e o chubei com firmeza, tremores violentos sacudiram seu corpo e percebi que estava a ponto de gozar. Deixei-a na mesma hora.

— Por favor... — pediu, angustiada, virando o rosto avermelhado para me olhar quando parei ao lado da mesa e abri um tubo de lubrificante. Seus olhos estavam pesados, vidrados, ardentes. — Por favor, senhor...

— Coelhinha, você acha que vai ser fácil assim? — Dei um leve sorriso. Ela não tirou os olhos de mim, mordendo os lábios ao ver que eu despejava o líquido oleoso nos dedos. — Sua bunda está doendo?

— Queimando... — sussurrou.

— Vai doer e queimar mais.

Voltei para trás dela. Passei os dedos lubrificados em volta do seu ânus, mantendo a bunda, vermelha e marcada, aberta. Quando forcei a ponta do dedo do meio ali, Eva arfou e choramingou. Mesmo apertada, o dedo entrou com relativa facilidade. Fui cuidadoso ao penetrá-la, excitado, antevendo o momento em que meu pau estaria ali. Ficaria tão acostumada com sexo anal que abaixaria a calcinha e me daria seu cuzinho em qualquer lugar que eu mandasse. Do jeito que eu gostava.

Espalhei o óleo até poder enfiar meu dedo com facilidade dentro dela. Satisfeito, eu o puxei fora. Agarrei o menor *plug*, ornado com uma safira arredondada. Passei lubrificante no objeto e despejei mais um pouco no ânus de Eva. Quando posicionei a ponta ali, avisei rudemente:

— Não se contraia. — E forcei.

Eva gemeu alucinadamente e contraiu-se assim mesmo. Abaixei a cabeça e mordi sua bunda já dolorida, fazendo-a choramingar e se debater. Então, comecei a enfiar o *plug* pequeno e fino dentro dela. Era muito para quem era virgem e obviamente apertada. Eu a distraí com leves mordidas espalhadas até encaixar todo o *plug*, só deixando de fora o adorno, enfeitando-a como uma joia. Ergui-me, admirando-a. O desejo dentro de mim era avassalador, fazendo o sangue latejar em minhas têmporas.

Deixei-a lá e tentei me recompor. Voltei ao sofá e sentei-me. Agarrei meu pau, masturbando-me de leve, e peguei o copo de uísque para tomar um gole. Eva me olhava, deitada de bruços, os cabelos espalhados de um lado, os lábios entreabertos, o tesão explícito em cada traço e na respiração pesada. Era

completamente excitante ter aquele poder sobre ela, fazer tudo que eu tivesse vontade, saber que estava ali molhada e aberta, com um *plug* no ânus, pronta para mim.

Terminei a bebida. Tentava torturá-la com a espera, mas era eu que me sentia torturado. Por fim me rendi e me levantei. Parei na sua frente.

— Abra a boca — ordenei, bruto, erguendo meu pau e encostando-o na barriga, onde algumas veias se exaltavam. Aproximei-me dela. — Chupe meu saco, coelhinha.

— Sim, senhor.

Era embriagante o modo como se submetia a mim, como se ansiasse por isso, muito excitada e corada, muito minha.

Eva chupou-me deliciosamente. Então, foi para o outro lado e fez o mesmo. Eu estava teso, duro, ereto a ponto de ejacular. Olhei-a e afastei-me. Lambeu os lábios rubros com o olhar de quem queria mais.

E eu dei. Porque não suportava mais tanto desejo. Peguei um preservativo na mesa e coloquei-o no meu pau enquanto ia para trás dela. Sem preâmbulos, segurei seus quadris com firmeza e penetrei sua boceta polpuda e molhada. Gritou, pois o *plug* anal a deixava ainda mais apertada e cheia.

— Está doendo, coelhinha? — rosnei, indo até o fundo, adorando o modo como sua carne escaldante me estrangulava.

— Sim... — arquejou.

Eu a fodi com dureza, comendo-a com tudo, sem pena. Dei um tapa forte na lateral de sua bunda e exigi rudemente:

— Sim, o quê?

— Sim, senhor! Ah! Ah!

Passou a chorar, mas não parei.

— Porra, você é gostosa demais... — A fome e o desejo de dominação rugiam violentamente dentro de mim. Estoquei sua boceta até ela chorar e gemer fora de si, suada, sacudindo a cabeça, fazendo o cabelo comprido se espalhar em seu rosto, mas ainda não era o bastante. Excitado além da conta, puxei o *plug* do seu ânus. Voltei a comê-la com fúria, metendo rudemente meu pau nela. — Isso, coelhinha. Chore com meu pau enterrado dentro de você.

— Ai... — Ela berrou quando posicionei de novo o pequeno objeto em seu ânus e o forcei. Por meu pau estar dentro de sua boceta, entrou muito mais apertado até se acomodar e ficar lá, enfeitando o que já era lindo. Alucinado pelo tesão, deitei sobre suas costas, e ela sentiu-me em cada canto enquanto eu também empurrava o *plug* com minhas estocadas. Agarrei seu cabelo, afastei-o do caminho e mordi sua nuca macia, tomando-a como se fosse uma cadela no cio. — Oh, Deus! Ah!

Fui bruto, violento, descomunalmente viril. Não pude parar, nem mesmo quando a senti ondular sob mim e gemer em seu orgasmo. Eu queria deixá-la desesperada, fodendo-a durante a noite toda, mas não consegui sair daquela boceta que me puxava para dentro, apertada e voraz, quente como uma fornalha, completamente molhada.

Perdi o controle. Cravei os dentes em seu pescoço e gozei também, com meu pau bem enterrado, sentindo ondas de ejaculação me percorrerem, mantendo-a presa e cativa sob mim enquanto a devorava sem dó nem piedade. Gozamos praticamente juntos, mesclando nossos gemidos, e senti um tesão tão violento que rosnei alto como um animal, ensandecido, comendo-a vorazmente.

Foi longo e mais intenso que qualquer prazer que já senti. Eu me esvaí completamente dentro dela, entregue, sem controle, sem razão. Fechei os olhos e me dei. Entreguei-me, sem nem ao menos saber o que fazia.



Eu estava desabada sobre aquele cavalo de madeira, quase morta, sem coragem nem para respirar. Não havia uma parte do meu corpo que não ardesse, latejasse, palpitasse. Meu coração batia intensamente contra o peito. Eu era toda sensações, esquecida do resto do mundo, abalada pelo prazer descomunal que me deixara dopada e exaurida.

Theo tinha saído de dentro de mim, fazendo-me gemer baixinho, subitamente vazia, mas ainda melada, com contrações esporádicas na vagina. O *plug* continuava encaixado em meu ânus, fazendo pressão, dando a sensação levemente incômoda de dilatação. A bunda estava dolorida depois do uso da palmatória, ainda bem quente e ardida. Meus pés e mãos estavam dormentes por causa daquela posição.

— Eu devia estar com medo — falei, baixinho.

— E não está, coelhinha?

Esse apelido, dito em sua voz grossa e baixa, deixava-me doida. Ao mesmo tempo, algo em seu olhar me fazia sentir especial, como se eu fosse dele. E isso simplesmente acabava comigo.

— Um pouco — confessei.

— Medo de quê? De sentir dor? Ou de mim?

Passou o indicador suavemente pelo seu lábio inferior carnudo. Meus olhos varriam seus traços, as finas linhas de expressão, a pequena cicatriz abaixo do seu olho direito. Fui invadida por uma mescla de culpa e vergonha, ainda mais quando desci o olhar e vi a pequena marca do tiro em seu ombro. Senti-me muito mal porque, de alguma forma, eu havia participado daquele ataque. Imaginei o que faria comigo se soubesse.

— Eu tenho um pouco de medo de você — murmurei.

Não falei que sentia muito mais que medo. Que meus sentimentos estavam abalados e que estava até obcecada por ele. Não podia olhá-lo ou o tocar sem desejá-lo com uma fome absurda, que até me apavorava. Eu perdia a razão ao seu lado. Esquecia o resto do mundo. E quando lembrava, como naquele momento, ficava abismada por me perder tanto, por esquecer o foco.

— Seu medo não é infundado — disse ele, um tanto seco. E, para meu total desconforto, puxou o braço sob meu corpo e me soltou, sentando-se na cama.

Não explicou muito bem o que quis dizer com sua frase e caminhou em direção ao banheiro. Eu o olhei, calada, e senti um fio de suor percorrer minha barriga. Naquele momento, fui invadida pela amplidão daquela relação, como se uma venda fosse tirada dos meus olhos. Uma venda que eu mesma havia colocado para me enganar e não enxergar a realidade. Na mesma hora, meu coração disparou e me encolhi, angustiada.

Theo Falcão não era um homem para brincadeiras. Ele era perigoso. E eu estava ali, em sua cama, nua, com a bunda ardida após as surras com a palmatória, um *plug* anal enchendo-me, a vagina ainda cremosa e sensível depois de suas estocadas vigorosas, cercada por uma infinidade de chicotes, uma gaiola e outros objetos de tortura. Ele era o homem que comandava a Falcão Vermelho desde que o pai ficara impossibilitado de exercer a liderança, que talvez tivesse dado fim ao meu namorado Flávio, que matou Abel friamente e que reagiu ao atentado organizado por Lauro e matou dois homens. Isso era o que eu sabia. Ele era capaz de tudo. Tinha acabado de admitir que eu devia ter medo dele. E eu estava ali, enganando-o, pronta para levar adiante uma vingança arquitetada havia muito tempo.

Tudo isso me perturbava, mas eu dizia a mim mesma que tinha meus motivos. Tinha visto o que minha mãe e avó passaram, sabia que Mário Falcão havia destruído nossa vida, tinha consciência de que aquela família nos desgraçara. Perdemos nossas terras, nossa dignidade. Minha mãe deixara Gabi para trás em um momento de desespero que eu ainda não entendia. Eles nos obrigaram a agir. E agora a vingança estava em minhas mãos. O problema era que eu não me sentia preparada para aquela responsabilidade. Enganar, mentir e fingir estavam começando a pesar dentro de mim, a me sufocar. E tudo era culpa de Theo.

— O que houve, coelhinha? — Sua voz baixa e grossa penetrou minha consciência agoniada, e senti seus dedos incrivelmente suaves nas costas.

Na mesma hora, afastei o rosto do travesseiro e olhei-o sentado na beira da cama, ainda nu, quase me perfurando com seu olhar penetrante, arrebatando-me de vez com sua expressão máscula. Tive vontade de chorar, mas lutei e me contive. Como eu suportaria passar tanto tempo assim, cheia de dúvidas e sentimentos exaltados?

— Nada.

— Era por isso que eu não queria me envolver com você, Eva. Avisei que ia querer tudo. E nem ao menos comecei. Isso... — Desceu a mão por minha bunda ainda quente, contornando-a em uma carícia firme, deslizando os dedos entre as duas nádegas até a safira que enfeitava meu ânus e parando ali, segurando firmemente a joia. — É só o começo.

Sem que eu esperasse, começou a puxar o *plug* para fora. Imobilizei-me e tentei não me contrair ao sentir aquela sensação diferente. Fiquei hipnotizada por seus olhos nos meus, aquelas sobrancelhas franzidas dando-lhe um ar cruel, o nariz romano e a barba cerrada completando a aparência de homem duro e perverso.

— Estou ainda me controlando, levando em consideração o fato de que você é nova nesses jogos — continuou. Ergueu a outra mão, abrindo os dedos em volta da minha garganta com firmeza, esfregando o polegar em meu lábio inferior, que entreabri ao soltar pesadamente o ar. Penetrou-o em minha boca e observou, tendo ao mesmo tempo um polegar em meu ânus e outro entre meus lábios. Meteu-os fundo, e estremeci, loucamente excitada, chupando-o. Seu olhar escureceu e as sobrancelhas se franziram. — Mas não se engane. Sou muito pior do que isso.

E, como a comprovar suas palavras quase ameaçadoras, fez pressão em minha garganta e susteve meu ar. Tentei respirar e só consegui fazê-lo com mais dificuldade enquanto ele tirava o polegar do meu ânus e dava um tapa bem forte em minha bunda. Assustada, quis gritar, mas a voz não saiu. Uma corrente de medo e de tesão me varreu. Percebi que Theo havia mudado, ficado mais bruto, excitado; o pau, antes em descanso, agora estava ereto.

De repente, soltou-me, e o ar saiu em um arquejo enquanto eu o via se levantar, alto e musculoso, pronto para me comer de novo. Dei-me conta de que não tinham sido apenas ameaças: sua intenção era me pegar mais vezes naquela noite.

— Fique assim, abraçada ao travesseiro e de braços. Não se mexa.

Nem ousei irritá-lo, mas não afastei os olhos enquanto trazia aquele carrinho cheio de coisas até o lado da cama. Fiquei muito apreensiva quando pegou uma coleira preta com corrente de metal e deixou-a ao lado da cama, bem perto dos meus olhos, como a mostrar o que me aguardava. E então se incumbiu de pegar o *plug* de ônix, que era alguns centímetros maior e mais largo que o que tirara de mim. Apreensiva, eu o vi espalhar o gel lubrificante e sentar-se na beira do colchão, olhando-me.

Mordi os lábios e não fiz nada além de pousar minha cabeça de lado no travesseiro que eu abraçava e fechar os olhos, apavorada e excitada. Mesmo extremamente satisfeita, sentindo o corpo arrebatado, era perturbador saber que eu ainda ardia por ele, como se bastasse me olhar daquele jeito arrebatador para

que todas as minhas defesas fossem derrubadas.

Quando forçou o objeto para dentro de mim, mordi os lábios, contendo um gemido e fazendo o possível para não me contrair.

A ponta mais fina entrou, e então o restante, enchendo-me e esticando-me, doendo, mas sem ser demais para suportar. O pior era sentir o peso do olhar de Theo e tentar aparentar um controle que eu não tinha. Ele parecia observar cada nuance, como se isso o excitasse mais. Empurrou até o *plug* se encaixar e só deixar a pedra ornada a ônix aparente.

Aquilo ardia e me dava a sensação de pressão, de estar muito cheia. Pensei que Theo me tocaria e tive um desejo insano de que me beijasse na boca, mas ele permanecia distante de mim, com sua expressão fechada, seu olhar ardente, escondendo tudo que pensava. Então, pegou a coleira e ordenou:

— Levante a cabeça.

Exigi a mim mesma que me rebelasse, mas não consegui. Obedeci, quietinha, e senti o couro ser preso em volta do meu pescoço. Theo segurou a ponta da corrente e se levantou, ficando de pé ao lado da cama. Seu pênis estava completamente ereto. O corpo perfeito deixava-me excitada, ansiosa, mas eu também experimentava a sensação incômoda de ser humilhada.

— Fique de joelhos no chão.

Nervosa, movi-me, ficando de quatro na cama e saindo dela devagar, parando à sua frente, sentindo o chão frio sob os pés. Olhou-me muito sério, segurando a ponta da corrente, esperando que eu obedecesse, mas algo mais forte e potente palpitava dentro de mim, e não era só desejo. Lembrei-me da foto com a mulher na coleira e o *plug* no ânus, e algo doeu dentro de mim, pois ele me usaria da mesma maneira. Desejei ser diferente para ele, ter mais do que seu corpo e suas ordens.

Nem percebi o que fazia até me jogar nos braços de Theo e abraçá-lo com força, colando meu corpo no dele e beijando-o com uma fome que até me assustou. Esqueci que estava naquele calabouço com um objeto cravado dentro de mim e uma coleira que deveria me causar humilhação. Esqueci que aquele homem deveria ter meu ódio, e não meu desejo voraz. Eu só precisava de mais, saber que eu não era só uma escrava qualquer, que havia algo muito forte entre nós que não golpeava somente a mim. Era uma necessidade devoradora, e agi puramente por instinto, sem poupar nada do que sentia ao beijá-lo com paixão, saboreando seus lábios, infiltrando minha língua entre eles.

Acho que ficou tão surpreso que abriu a boca, e era tudo o que eu queria. Gemi, angustiada, sentindo o coração a ponto de sair pela boca, gritando por ele com cada ínfima parte minha. Lambi sua língua e beijei-o tão apaixonadamente que, por um momento, Theo me segurou firmemente contra ele e ficou imóvel. Então,

tomou a posse do beijo e saqueou minha boca, agarrando meus braços e arrancando-os do seu pescoço. Mas não me soltou. Torceu-os em minhas costas e os prendeu ali, esmagando meus seios em seu peito e meu ventre contra a coluna dura e longa do seu pau, até que eu estivesse presa entre seus braços e inclinasse o rosto para ser arrebatada por seu beijo faminto e delicioso.

Foi quente e enlouquecedor. Eu achei que morreria de tanta paixão. Minhas pernas bambearam. Tinha procurado sua boca com tanto desespero que bati o lábio em seu canino e senti que me ferira. O gosto de sangue se misturava ao sabor natural dele, e não nos importávamos com aquilo. Línguas e lábios se devoraram. Meu corpo parecia queimar contra sua pele quente e ronronei, deliciada, em sua boca. Não sei se isso o alertou ou se simplesmente não foi tão abalado quanto eu, mas, de repente, Theo, ainda agarrando meus braços, afastou-se e olhou-me, furioso, franzindo o cenho.

Primeiro, fitou minha boca; depois, meus olhos. Indagou em um tom cortante:

— Foi isso que mandei você fazer? Me beijar?

Arquejei. Minha respiração estava entrecortada e difícil, e o desejo, junto com algo mais profundo e desesperador, me corroía por dentro. Abri os lábios para suplicar que me abraçasse e beijasse, que me desse mais dele, algo que eu nem sabia o que era, mas que necessitava. Em vez disso, Theo me largou, irado, e disse secamente:

— Obedeça. Agora.

Parecia realmente furioso. Mordi o lábio, ficando vermelha, enchendo-me de vergonha de meu descontrole. Sem pestanejar, caí de joelhos no chão frio e baixei a cabeça, agradecendo pelos cabelos compridos que esconderam como eu me sentia. O que estava dando em mim? Por que estava agindo daquele jeito, com tantos sentimentos gritando por dentro e descontrolados para sair?

— Fique de quatro, como uma cadela. — Seu tom era bruto e ofensivo.

Por um momento, senti raiva e vontade de chorar. Meu peito ardeu. Mas obedeci. Apoiei no chão as mãos, os joelhos e as pontas dos pés. Senti a corrente ser esticada, e Theo andou, puxando-a, fazendo a coleira apertar meu pescoço. Só coube a mim acompanhá-lo, com os cabelos caídos em volta do meu rosto, os olhos marejados fixos no chão.

O que eu estava fazendo? Por que, mesmo naquele momento de humilhação, mesmo quando eu queria carinho, sentia um desejo insano de obedecer a ele? Meu corpo continuava a arder e latejar. Nada era capaz de parar aquele fluxo alucinante de desejo e dependência que eu tinha desenvolvido em relação a Theo. Estava ficando obcecada por ele, e isso iria ser minha perdição.

Aquilo parecia mais vergonhoso não por eu estar nua, com um *plug* no ânus, de quatro e presa em uma coleira, mas pela situação que havia criado. O que eu tinha

feito? Por que o beijei daquela maneira louca, como se fosse morrer se não o fizesse? Então me dei conta de que, quando o peguei de surpresa, ele me beijou de volta. Com muita vontade. E foi então que entendi sua irritação. Mesmo que por um breve momento, também perdeu a cabeça por mim.

Parte da minha angústia sumiu quando entendi isso. E, seguindo-o como uma escrava naquele chão frio, senti o coração disparar. Era isso. Eu mexia com Theo, mesmo que ele não quisesse. Por isso tinha voltado atrás depois de dizer que não teria nada comigo. Duas vezes ficara enciumado e me tirara de um local público para me beijar e levar para seu calabouço. Não era tão imune a mim quanto queria parecer. Podia ser um dominador natural, mas eu não era uma submissa qualquer. De alguma forma, penetrei em sua carapaça.

Theo foi até a parede e prendeu uma das argolas da corrente em um gancho alto. Percebi que aquela altura só me permitia ficar de pé; caso contrário, eu me enforcaria. Com muita frieza, foi até a mesa com rodinhas e a trouxe até nós. Veio até mim, trazendo uma corda, e disse secamente:

— Estenda as mãos.

Tive medo dele. Senti que eu o tinha irritado demais. Mas nem assim me neguei. Quando estiquei os braços, uniu meus pulsos rapidamente, com perícia. Seu semblante era fechado e arrependi-me do que eu tinha feito, mesmo que levada por um desejo indescritível.

Vendo Theo nu e bravo na minha frente, dando-me desprezo, tratando-me como uma mera escrava, percebi o que latejava dentro de mim e me deixava dependente dele, querendo ser diferente das outras, desejando mais do que só o seu corpo.

Arquejei, apavorada, dolorida, e Theo parou, fitando-me. Meu coração disparou, as pernas bambearam, e entendi o que era aquela obsessão sem limites que ele despertava dentro de mim. Não quis nomear esse sentimento, mas soube com uma certeza tão grande que não deixava espaço para dúvidas. Eu estava apaixonada por Theo Falcão.

Sem comentar nada, ele ergueu meus braços e prendeu a ponta da corda no mesmo gancho em que colocara a corrente. Então se afastou de mim.

Mantive os olhos baixos, ali de pé, nua e presa pela coleira e pelos pulsos unidos no alto da cabeça. Tentei não pensar naquele sentimento e em como tudo se tornava mais complicado. Eu me sentia completamente perdida, sem chão e sem eixo, entendendo por que perdia a cabeça em sua presença desde o começo. Era imperdoável, mas também incontrollável.

Meus pensamentos foram interrompidos por um estalo seco que me fez erguer os olhos. Arregalei-os quando vi Theo se aproximar de mim com um chicote preto na mão. Parecia um anjo caído vingador, moreno e nu, mau, pronto para tudo. Com o coração disparado, ainda tentei escapar. Sacudi-me nas amarras e

murmurei:

— Não...

— Lembre-se: se disser não, eu vou entender como tal. — Girou o cabo de madeira do chicote entre os dedos e as diversas fitas de couro, finas e compridas, moveram-se loucamente. Parou à minha frente e fixou meus olhos, exigindo: — Sim ou não?

O medo me golpeou, mas fitei sua íris azul, senti a energia pesada que vinha dele e soube que não lhe negaria nada. Nada. E talvez ali estivesse sua maior dominação sobre mim. Eu faria tudo que quisesse, incondicionalmente. Estava em suas mãos, apaixonada e obcecada, sem condições de impedir que me comandasse.

— Sim, senhor — murmurei.

Vi como seus olhos arderam. Então, ele me rodeou.

Tremendo de medo, fechei os olhos, antecipando o que poderia fazer comigo. Mordi os lábios, senti o pequeno corte e me concentrei ali. Foi quando senti a primeira picada das tiras batendo em minhas costas.

Cada golpe era como uma lambida ardida, acelerando as sensações, marcando minha pele com vergões vermelhos, uma dor suportável, mas que assustava, queimava, amedrontava, comichava terrivelmente.

Surpreendi-me ao sentir Theo controlado, não usando nem metade da força que com certeza possuía. Veio até mim e ordenou:

— Abra as pernas.

Lambi os lábios e fiz o que mandou. Parou a poucos palmos de mim. Seu olhar desceu ao meu e sua mão me tocou entre as coxas. Seus dedos esfregaram meus lábios vaginais e vi sua reação ao sentir como se melavam ali.

— Você gostou disso — murmurou, enquanto eu ansiava que me penetrasse com os dedos. Mas não o fez. Juntou os lábios vaginais com o polegar e o indicador e os esfregou, esquentando-os, mantendo os olhos nos meus. — Esse chicote é um dos mais leves que tenho. Saberá o que é dor quando eu usar uma pá e o cane. Então ficará marcada por dias, coelhinha.

Caminhou até o bar, encheu um copo grande com água gelada e o tomou, de costas para mim. Engoli em seco, percebendo que também estava sedenta. Não me ofereceu. Pegou um controle remoto e escolheu uma música. O som dramático de um rock começou a tocar, e ele então se serviu de uma taça de vinho tinto. Fitou-me e veio até mim, nu, lindo, ereto, parecendo um conquistador antigo de uma terra distante que saqueava cidades e prendia mulheres a seu bel-prazer.

— Tome um gole do vinho. Já que a corrompi sexualmente, vou fazer o trabalho completo.

— Já sou maior de idade. — Eu o lembrei.

— Não parece. Para mim, é uma menina. E eu sou um filho da puta egoísta por amarrar, surrar e comer você. E agora por embebedar você. E sabe o que é o pior, coelhinha? Eu não sinto culpa.

Abri a boca para negar, mas ele aproveitou e pôs a taça contra meus lábios, virando-a um pouco. Theo só parou quando tomei tudo. Então largou a taça vazia sobre a mesa e contornou-me, percorrendo minha pele com as mãos, da barriga até as costas, descendo por minha bunda. Abriu-a e segurou o *plug*, puxando-o fora. Gemi quando saiu e senti alívio e certo vazio. Mas não por muito tempo. Quando lambuzou o *plug* maior, de rubi, com lubrificante, pulando o de esmeralda, eu tremi. Era grosso e quase tão comprido quanto seu pau.

— Theo...

Olhou-me de cara feia. Mordi os lábios. Eu ardia de desejo, precisava dele. Calei-me enquanto voltava atrás de mim. Preparei-me, respirando, tentando usar o álcool que circulava em meu sangue para criar coragem.

Abriu minha bunda e pressionou ali a ponta fria. Quando empurrou o *plug*, devagar, senti a ardência e a dilatação do ânus, indo além da sua capacidade. Choraminguei, mas ele não parou. Segurou-me com um braço em volta da minha cintura, lambeu minha orelha e meteu o objeto até me abrir e penetrar fundo. Por fim, o *plug* se encaixou por completo e percebi que ele me olhava, admirando o rubi enfeitando minha bunda.

— Linda. Agora ficará pronta para mim.

Aquilo queimava e latejava, mas Theo já vinha para a minha frente e, sem que eu esperasse, encostava-me de novo na parede e beijava a minha boca. Retribuí, alucinada, trêmula, dolorida. Chupei sofregamente sua língua. Ele segurou minha garganta sobre a coleira com uma das mãos enquanto a outra se enganchava sobre minha perna direita e me abria.

— Essa boca deliciosa ainda será minha morte...

Gritei quando a cabeça do seu pau penetrou meus lábios vaginais. Mesmo tão molhada, ele era grande e restava um espaço mínimo com o *plug* em meu ânus. Sentia um misto de dor e tesão.

Theo parou de me beijar, mas não se afastou muito. Seus lábios estavam a poucos centímetros dos meus quando abriu os olhos e me fitou de modo penetrante.

— Coelhinha, acostume-se. Quero você pronta para ter meu pau enterrado na sua boceta ou na sua bunda na hora que eu quiser, em qualquer lugar. Está doendo?

— Sim, senhor...

— E assim? — Puxou o pau pela metade e o empurrou de novo. Eu estava tão pressionada e cheia que sentia minha bexiga a ponto de se esvaziar sem controle.

Arquejei e minhas pernas bambearam quando me amassou contra a parede ao meter mais. Olhava em meus olhos enquanto movia o quadril, penetrando-me cada vez mais fundo, até que estocava com mais facilidade dentro de mim e murmurava contra minha boca: — Que boceta gostosa... Macia e pequena, quentinha e molhada. Sabe que pode deixar um homem doido com essa boceta?

Bruscamente, virou-me de frente para a parede, pressionando-me ali contra meus braços, descendo as mãos até minha bunda e agarrando o *plug*. Tirou-o e gemi, alterada, nervosa, dilatada. Avisou ao meu ouvido, agarrando meu cabelo comprido:

— Agora vou comer sua bunda, coelhinha.

Assustei-me com sua violência. Em segundos, puxava meu cabelo e me fazia ajoelhar sobre o chão frio, caindo atrás de mim, forçando minha cabeça contra o chão e mandando cruelmente:

— Estenda as mãos à frente e me ofereça sua bunda.

Meus pulsos continuavam amarrados. Meus cotovelos se apoiaram no piso enquanto os cabelos caíam sobre o rosto e eu tremia incontrolavelmente. Sabia quem era Theo Falcão. Ele tinha avisado que abusaria de mim e gostava de violência, mas eu não estava preparada para o medo que me engolfou. Mesmo com o tesão disputando espaço, deixando minha vagina completamente encharcada, eu o sentia duro demais, cruel, furioso. Parecia determinado a não demonstrar nenhuma pena ou forma de carinho ou a mostrar que tudo até ali fora só um vislumbre, um aperitivo, de quem ele realmente era.

— Theo, por favor...

— Senhor. Quantas vezes preciso repetir até entender? — Sua voz tinha uma ira fria quando ordenou novamente: — Ofereça-me sua bunda. Agora.

— Eu...

— Agora, Eva.

— Por favor... — Eu ia pedir para que parasse. Senti as palavras rolarem em minha língua, mas então olhei para trás e encontrei seus olhos duros, brilhantes, furiosos. E algo se quebrou dentro de mim. Meu medo cedeu ao desejo, à paixão visceral, à vontade de ser dele, que era maior do que tudo. — Senhor, coma minha bunda, por favor — murmurei.

Theo se descontrolou visivelmente. Agarrou a corrente da coleira e puxou minha cabeça para trás enquanto colava o corpo em minhas costas e agarrava meu quadril com firmeza, dizendo, rouco, em meu ouvido:

— Toma meu pau todo, coelhinha. — Ele posicionou a cabeça robusta no ânus dilatado.

Mesmo estando lubrificada e pronta, doeu muito quando toda aquela carne entrou. Ele o fez com lentidão, saboreando cada polegada, queimando-me por

dentro enquanto rosnava:

— Agora você é toda minha. Sua boca. Sua boceta. Sua bunda.

Chorei de verdade, pois ele parecia um cavalo. Meteu tudo e, então, passou a estocar em uma dança com movimentos constantes de vaivém, abrindo-me, obrigando-me a aceitá-lo. Lágrimas pularam dos meus olhos e cheguei ao meu limite, sem saber se a dor ou o tesão eram mais fortes dentro de mim. E foi então que Theo acabou comigo, mordendo minhas costas e massageando meu clitóris sob meu corpo.

— Goze no meu pau, coelhinha. Goze.

Eu tremia, fora de mim. Ondas de desejo percorriam meu corpo, que se esticava entre o prazer das carícias, a ardência da pele após as chicotadas, a humilhação de ser presa e encoleirada e a dor da penetração bruta. Eu me senti alfinetada de todos os lados, louca por um alívio, emocionalmente abalada, cruamente fodida.

Algo se avolumava sem controle em meu interior. Chorei, supliquei palavras desconexas, me sacudi, e só cresceu mais e mais. Theo espalmou a mão grande, pegando toda a minha vagina, enfiando seu dedo do meio em mim, roçando meu clitóris com a palma. E quando disse outra vez, baixinho, “goze no meu pau”, eu me perdi de vez e soltei um grito que me assustou, mas que não consegui conter. Berrei e chorei ao gozar, movendo os quadris para a frente e para trás no pouco espaço que eu tinha, comendo seu dedo com a vagina palpitante e seu pênis com o ânus arreganhado e penetrado.

Desabei em contrações arrebatadoras enquanto Theo me comia com voracidade e rosnava, gozando também, até que acabei quase morta e ele continuou. Por fim, deitou-se sobre minhas costas, arfando, quase me sufocando com seu peso. Mas então eu já apagava, dolorida, sem poder suportar tanta intensidade. Fechei os olhos e me entreguei ao cansaço total.

Theo nem esperou amanhecer para me levar embora. Fizemos a viagem em um silêncio pesado e nunca o senti tão distante. Seu semblante era sério, fechado, sem dar margem a qualquer conversa. Era como se eu não existisse, o que deixava um gosto amargo na boca, uma sensação de que para ele não tinha significado nada.

Ao mesmo tempo, eu pensava no modo como me pegou e beijou, na intensidade, perguntando a mim mesma se ele seria assim com todas. Era um homem difícil de entender, complicado, diferente de qualquer outra pessoa que eu já houvesse conhecido.

Quando parou o carro em frente à minha casa, o céu ainda nem tinha clareado.

Encontrei seus olhos azuis, sem saber ao certo o que dizer. Percebi que a barba cerrada parecia mais cheia e que os cabelos ondulados estavam despenteados, dando-lhe um ar mais duro e selvagem. Era incrível como só olhar para Theo mexia com tudo dentro de mim.

Foi ele quem falou, de modo seco:

— Eu procuro você.

Era um mensagem clara. Significava “fique quieta no seu canto que eu chamarei quando quiser te comer”.

Abri a porta e tentei responder no mesmo tom frio:

— Sim, se eu estiver disponível, pode me procurar, Theo.

Agarrou meu braço antes que eu saísse. Não tive o que fazer a não ser erguer o queixo e encará-lo, tardiamente desafiadora.

— Você estará disponível enquanto eu quiser, Eva. Quando e onde eu quiser. Não esqueça isso.

Senti a raiva ganhar corpo e cerrei os lábios sem disfarçar. Para piorar, Theo me fitava com autoridade e segurança, certo do que dizia. Enchi-me de vergonha por saber que estava de quatro por ele, que bastaria estalar os dedos e eu correria até ele como uma cachorrinha adestrada.

— Talvez — completei, só para irritá-lo.

Franziu a sobrancelha. Tinha um olhar que desestabilizava qualquer um, e me encolhi um pouco, sentindo-me como uma criancinha birrenta.

— O que você quer, coelhinha? Me desafiar?

Sua voz baixa, estranhamente suave, me assustou. Soube, pela milésima vez, que ele era capaz de tudo. E recuei, cansada, sabendo que perderia feio aquela batalha.

— Não, senhor. Sei que se mandar que eu tire a calcinha agora e abra as pernas, vou obedecer. Só fico irritada que me coma a noite inteira e me trate como uma qualquer, apenas me dando ordens! — Tentei puxar os braços, mas não me soltou.

— Mas é isso que eu faço, e você foi avisada desde o início. — Puxou-me para mais perto de si, continuando em seu lugar no assento, ainda com o cinto de segurança. Até então parecia comprovar seu controle. Eu tinha que ir até ele, e não o contrário. Fiquei a poucos centímetros e não pude deixar de ficar nervosa ao fitar seus lábios sensuais, parecendo mais marcados devido ao bigode e à barba.

— Eu sei — murmurei, com raiva de mim mesma por querer mais, sentindo o desespero retornar com força total. Eu não queria desejá-lo tanto nem ficar obcecada ansiando por seu beijo.

Theo deslizou os olhos frios por meus traços e parou na minha boca. Algo

mudou, esquentou. Senti o desejo aumentar, formigar. Podia jurar que pensou em me beijar também, mas então fitou profundamente meus olhos, soltou meu braço e disse, baixo:

— Como eu falei, quando eu quiser, procuro você.

Era uma dispensa muito clara.

Não sei o que me levou a isso, mas cheguei perto dele e, sem que esperasse, dei um beijo em sua face, sentindo a barba contra os lábios. Foi um gesto de desafio e de carinho ao mesmo tempo e o pegou desprevenido. Nossos olhares se encontraram e vi como ficou imóvel, surpreso. Fui envolvida por uma satisfação única e saí do carro rapidamente. Quase corri para a casa e bati a porta atrás de mim. Ouvi o carro se afastando e fui para o quarto.

Abri os dois colchonetes, um em cima do outro, e forrei-os com um lençol. Joguei-me sobre eles com travesseiro e edredom, encolhendo-me, ainda abalada e desesperada. Sozinha, pude deixar os pensamentos e os sentimentos correrem livres e entreguei-me ao desespero.

Soltei um soluço angustiado e tentei lutar contra a certeza de que não estava nem um pouco preparada para tudo que acontecia comigo. Em nome daquela vingança que fazia parte dos meus dezenove anos de vida, eu estava ali, completamente apaixonada pelo homem que deveria odiar, enganar, seduzir. Um homem duro, autoritário, experiente, vinte e dois anos mais velho. Capaz de tudo. Como pude ser tão tola e achar que era páreo para ele, que eu poderia sequer arranhar sua carapaça?

Nem todos os pensamentos e os sentimentos por Theo foram capazes de me impedir de cair no sono. Simplesmente apaguei, encontrando o maior bálsamo que eu poderia ter.



Eu dormiria até as dez horas da manhã, no mínimo, mas acordei quando o celular tocou e tateei o chão, sonolenta, exausta, ainda de olhos fechados. Mesmo naquele estado, pensei em Theo, o que acabou por me despertar. Recordei imediatamente tudo que tinha feito comigo, tendo consciência de como me coloquei nas mãos dele. Não era qualquer mulher que conseguiria fazer isso.

Levantei-me, dolorida, pois o celular continuava a tocar e não estava ali. Gemi quando todos os meus músculos reclamaram, indo até uma cadeira onde tinha largado minhas coisas. Enquanto afastava o cabelo que cobria o rosto, bocejava e decidia com uma parte da mente a lutar com unhas e dentes para ser mais forte e controlada, aprendendo a dominar os sentimentos que ele despertava em mim, peguei o aparelho e vi o número da minha mãe.

— Eva? Por que demorou tanto a atender? — indagou, irritada.

— Eu estava dormindo. Aconteceu alguma coisa?

— Sim. Sua avó piorou muito e teve que ser levada para o CTI. Não conseguia respirar e a pressão caiu. Pensei que fosse morrer.

Senti um baque e despertei de vez, assustada.

— Mas agora...

— Ainda não está bem. Acho bom você vir. Não sei se ela passa de hoje, filha.

— Ah, meu Deus... — arquejei. Meus olhos se encheram de lágrimas e meu peito se apertou, tornando difícil respirar. — Estou indo agora.

Nós nos despedimos e apressei-me, nervosa, rezando para que minha avó se recuperasse, embora eu soubesse que isso era impossível. O câncer, que tinha começado no pulmão havia alguns anos, chegara a parecer curado. Três anos atrás, ele voltou, iniciando uma nova onda de internações e quimioterapia até vir o diagnóstico de que estava em fase de remissão. Depois de vinte e quatro meses,

o câncer voltou mais uma vez, e os médicos descobriram que tinha ocorrido metástase. Vários órgãos tinham sido afetados, incluindo o cérebro. Houve mais quimioterapia e radioterapia, até que só restou a internação e os tratamentos paliativos. Assim, éramos realistas, mas isso não queria dizer que não sofríamos ou, no fundo, esperássemos algum milagre.

O Hospital São José, uma instituição de caráter filantrópico criada havia quase um século, era o único na cidade que atendia pelo Sistema Único de Saúde. Era difícil conseguir uma internação nele, mas conseguimos devido à situação grave em que minha avó se encontrava. Ela estava lá havia meses, intercalando voltas para casa e novas internações.

Não fui a única a ter meu sobrenome falsificado para Camargo, quando, na verdade, era Amaro. Minha mãe e avó também usavam identidades falsas, pois não sabíamos até que ponto a família Falcão poderia chegar em sua investigação.

Quando cheguei ao hospital, subi ao CTI e logo vi uma mulher alta, loira e esguia encostada na parede, tomando café em um copinho de plástico. Ela ouviu meus passos e me fitou. Seus olhos castanho-claros frios se iluminaram um pouco ao me ver.

— Mãe. — Cumprimentei-a com um beijo no rosto, embora me sentisse fragilizada e sozinha, precisando de um abraço. — Como ela está?

— Melhorou. — Olhou-me de cima a baixo, atenta. — Você está abatida. O que houve?

Corei, lembrando-me da noite anterior, que passei sendo penetrada e usada por Theo Falcão, quase sem dormir. Sem contar a descoberta de que estava apaixonada por ele, a dor de ser tratada com frieza e todas as dúvidas que vinham me martirizando.

— Estou cansada — murmurei.

Acenou com a cabeça, parecendo fria, mas com o olhar raivoso. Mais uma vez, desconfiei de que algo a mais havia acontecido entre ela e Theo, mas não perguntei. Senti-me ainda pior.

— Pode entrar — falou. — Mas não fique muito tempo. O tempo de visita no CTI é de quinze minutos.

— Mas o que os médicos falaram?

— O que já sabemos. O câncer está tomando conta de tudo, e ela vai piorar ainda mais. Não tem o que fazer.

A vontade de chorar voltou, mas me contive. Acenei com a cabeça, respirei fundo e entrei.

Tive que lavar as mãos e vestir uma bata azul sobre a roupa. Vi minha avó

Estela deitada em um dos leitos, de olhos fechados. Fiquei chocada ao notar o quanto havia emagrecido e estava fraca. Os cabelos grisalhos pareciam mais brancos, as faces encovadas, a pele acinzentada. Aos sessenta e oito anos, aparentava ter mais de oitenta.

Controlei minha dor e meu desespero e me aproximei, tentando parecer forte e tranquila, acariciando suavemente sua mão manchada de veias estouradas por escalpes de soro, dizendo baixinho, quase em um lamento:

— Vó...

Ela abriu os olhos escuros. Pareciam nublados, sem vida, espelhando dor, morte, desesperança. O olho esquerdo estava maior e inchado, esbugalhado porque o tumor no cérebro empurrava o globo ocular. Sua aparência era de sofrimento, e o desespero me engolfou, pois não havia nada que pudéssemos fazer. Inclinei-me e beijei carinhosamente a sua testa, acariciando seu cabelo:

— Trate de ficar boazinha logo e parar de nos dar sustos.

Mesmo naquele estado, conseguiu sorrir num esgar. Sempre foi uma mulher dura, fria, alimentada pelo ódio e pelo desejo de vingança, mas nunca descontou esses sentimentos em mim. Ao contrário da minha mãe, que não gostava muito de carinho e de contato físico, minha avó era mais receptiva. Andava de mãos dadas comigo quando eu era pequena, levava-me para a escola, acariciava-me e sorria para mim em diversos momentos.

— Como está, Vivi? — murmurou, entrelaçando seus dedos nos meus.

— Bem, vó.

— Não parece bem. — Passou os olhos por meu rosto e ficou séria.

— Estou, sim. Agora me fale da senhora. Como se sente?

— Passei muito mal. Não conseguia respirar. Mas agora estou bem. Dentro do possível. — Contraiu a boca, irritada. Sua voz estava mais segura e olhava-me nos olhos. — Eu me recuso a morrer antes de recuperar nossas terras e esfregar isso na cara de Mário Falcão. Ele também não pode morrer. Luiza me disse que o plano está dando certo, que você está morando na fazenda. Sempre soube que nos representaria, Vivi.

Eu sangrava e me desesperava por dentro, confusa, sem saber o que fazer da minha vida. Com quem eu poderia desabafar, contar o quanto estava dividida, implorar por ajuda? Só podia contar comigo mesma.

— Mas ele a machucou? Ele a violentou?

Parecia realmente preocupada e olhava-me. O que ela faria se eu dissesse que sim? Sofreria? Sim. Mas seu ódio e seu desejo de vingança eram tamanhos que não me deixaria desistir.

Pensei em Theo, no jeito penetrante como me olhava com aquela ruga entre as sobrancelhas, no modo como me beijava e invadia meu corpo, cada parte dele,

sua voz, seu cheiro, sua dominação. E naquele jogo entre nós em que, mesmo me humilhando ou me tratando com frieza, ele me tinha nas mãos e me fazia gozar de modos arrebatadores. Era uma espécie de vício que despertava em mim, que a cada dia me tomava um pouco mais.

— Não — menti, pois, de certa forma, Theo tinha me machucado, sim. Fisicamente, quando me usou sem dó, mas ainda mais emocionalmente.

— Não mesmo?

— Não me machucou. — Respirei fundo e forcei um sorriso, aumentando a mentira: — Tudo está sob controle.

— Ah, querida... Não sei o que é pior: que ele te machuque com sua violência ou que a arrebate com sua sedução.

Esforcei-me para não demonstrar o quanto ela estava certa. Sacudi a cabeça.

— O que me incomoda é a sensação de que minha mãe teve algo com ele.

Ela apertou os lábios ressecados, suspirando. Parecia cansada, mas acenou com a cabeça, concordando. Senti o coração disparar. Meu peito apertou e minha barriga ficou gelada. Imaginar que Theo tinha sido amante da minha mãe me arrasou.

— Conte pra mim, vó.

— É bem simples. Luiza e ele estudavam na mesma escola. Só havia uma em Florada. Ela se apaixonou por ele. Justamente pelo filho mais velho do nosso inimigo. Acho que tinham dezessete anos. Burra. Foi uma burra, e bem que avisei. Na época, eu até dei uma surra nela, mas aquela só aprende levando na cara sozinha. — Parou para respirar.

— Eles... se envolveram?

— Ela andava atrás dele. Era um rapaz muito bonito mesmo, mas arrogante. Desprezou sua mãe. Sempre. E a idiota continuava atrás dele, como um cachorrinho. Nossas famílias se odiavam, e tudo estava prestes a acontecer, como já te contei. Estávamos no final de 1990. Eles iam se formar. Tinham uns dezoito anos. Foi quando aquela praga do Mário Falcão tomou nosso sítio e seu avô se revoltou e tentou matá-lo, acertando o capataz dele. Foi preso e ficamos sem nada. E, acredite, mesmo assim Luiza achava que ia ficar com Theodoro. Estava cega e louca. Planejava até engravidar dele para obrigá-lo a se casar ou sustentar o filho. Dizia que assim teríamos de volta tudo que nos roubaram, mas o que ela queria mesmo era se refestelar na cama do arrogante.

Eu mal respirava. Era pior do que pensei. Minha mãe tinha sido apaixonada por Theo e tentado o que me mandava fazer agora: prendê-lo com um casamento ou um filho.

— Eles... Eles chegaram a...

— Não. Nunca me contou detalhes, mas chegou a sair com ele só para ser

humilhada e desprezada. Chorou mais do que quando perdemos o sítio ou o pai foi preso. Luiza nunca esqueceu essa afronta. Viramos párias na cidade e chegamos a dormir na praça e na rua, sem nada. Meu marido estava na cadeia enquanto aquela gente maldita circulava de nariz em pé em seus carrões. Mas não ficaram satisfeitos com nossa desgraça. Ainda faltava o tiro fatal. Então, seu avô foi enforcado na cadeia. Claro que foi assassinado. E nós fomos escorraçadas da cidade. Perdemos tudo, Vivi. Nossas terras, nossa dignidade, nosso direito de ir e vir. Fomos vistas como a esposa e a filha de um assassino, pois todos admiravam o capataz de Mário.

Eu conhecia aquela história. Ouvi-a muitas vezes, sabendo que vivíamos em uma situação precária e injusta por conta daquela família, mas agora somava-se a isso a paixão da minha mãe por Theo e o desprezo dele. Isso me deixava mal, perturbada, pois ela parecia querer ir além de recuperar o que era nosso. Queria que eu tivesse Theo nas mãos, como ela nunca conseguira, e esfregar na cara dele que havia sido enganado.

Engoli em seco, mais angustiada. Aquela história se complicava cada vez mais.

— Lembro-me de um dia em que dormimos na praça, pouco antes de seu avô ser assassinado. — Minha avó ficava cada vez mais cansada, mas continuava, franzindo o rosto: — Todo mundo nos desprezava. O prefeito tinha tentado tudo para nos tirar dali. Aquele delegado Ramiro até nos ameaçou. Lembro-me de que passei à noite em claro, com medo de que fizessem alguma covardia. Sabe por que fazíamos questão de ficar ali?

— Não.

— Para que todo mundo visse que tínhamos sido roubadas, que nossas terras tinham sido tomadas injustamente. Que éramos fruto do ódio de um homem. Um homem ciumento que nunca aceitou o fato de sua mulher ser apaixonada por Pablo. Por meu marido. — Havia ódio em sua voz, e ela parou um pouco para recuperar as forças. — Por isso nos destruiu. E o matou.

— Chega, vó. Está muito cansada.

Calou-se, exausta, fechando os olhos por um momento e contorcendo o rosto em ódio e dor.

Fiquei imobilizada ali, assimilando aquela velha história permeada por novas informações. Sentia uma opressão horrível no peito, a sensação de estar presa em uma armadilha, impossibilitada de fugir. Era muita coisa nas minhas mãos: os anseios e ódios da minha avó, a ira e o amor não retribuído da minha mãe, minhas dúvidas e aquela paixão sem controle por Theo. Mãe e filha de joelhos pelo mesmo homem em épocas diferentes. O nosso inimigo em todas as formas. Como eu poderia lidar com aquilo?

Foi um sacrifício olhar para minha mãe quando saí do quarto. Entendi seu ódio

por Theo, pois a ira de uma mulher desprezada podia nunca se aplacar. E a dela só foi alimentada.

Desviei o olhar, muito cansada, sem coragem de encará-la sabendo que havia um homem, um inimigo, entre nós. E soube, ali, que eu precisava fazer tudo para me afastar emocionalmente de Theo. Eu estava a ponto de sufocar e enlouquecer.

— Vai me dizer o que está havendo?

— A senhora sabe o que está havendo. — Por um momento, a raiva me invadiu e senti um ódio mortal dela, da minha avó e de Theo, mas o pior foi a ira que senti contra mim mesma, por estar no meio daquilo. — Afinal, montou toda a vingança, não é? O plano A, com Gabi, não deu certo, o plano B, que era encontrar Micah, também não deu certo, então partiu para o plano C, que era me jogar na cama do seu antigo amor.

— Está maluca? — Ela estava furiosa.

— Não diga que é mentira. Sempre desconfiei. E minha avó contou tudo. Ela me disse o quanto você era louca por Theo e como foi desprezada.

— Foi uma paixão de adolescente! Ficou para trás!

— Ficou mesmo, mãe? Assim como ficaram para trás os planos de ter um filho dele, como quer que eu faça? E o ódio que sente sempre que o menciona?

Empalideceu. Depois, suas bochechas se tingiram de vermelho, e ela apoiou os cotovelos em uma mesa diante de si, olhando-me com raiva.

— Não diga o que não sabe. Tudo o que planejei foi por justiça, e não por despeito. Não tô nem aí para Theo Falcão! Quero mais que ele se exploda!

— Não posso levar esse plano adiante. E tem mais, mãe: Theo não vai comer na minha mão. É muito mais experiente que eu. Está me usando como faz com qualquer uma. No final das contas, vai me chutar e vamos continuar na mesma situação.

— Engravide.

— Não!

— Não seja burra!

— Não!

Acho que foi a primeira vez que a desafiei de verdade. Ela ficou surpresa, olhando-me. Eu sempre tinha sido muito pacata e obediente, sempre havia feito o que ela mandava, como se tivesse uma dívida com ela por ter cuidado de mim, mas agora me sentia abandonada, usada, jogada em um covil sem saber me defender. Era como se eu não tivesse importância diante daquela vingança maldita.

— Ingrata! — Agarrou meu pulso sobre a mesa e puxou-me para a frente, fitando meus olhos com raiva e baixando a voz: — Pensa que é a vítima? Quem teve que sustentar mãe e filha sendo fodida por homens nojentos e imundos?

Agora você reclama porque tem que transar com um, que para a sua sorte é um filho da puta bonito e rico? Talvez seja bruto e dê até umas porradas em você, mas tenho a impressão de que está gostando. Então, tá reclamando de quê, porra?

Eu não aguentei aquela pressão. Comecei a chorar e levantei-me tão rápido que a cadeira caiu para trás.

— Eva!

Cheguei à rua aos prantos, sem aguentar mais. Andei a esmo, percebendo que todo mundo me olhava, até conseguir pegar um ônibus. Encolhi-me em um canto e me entreguei à dor até me sentir vazia, dolorida, exausta.

Desci diante de nossa pequena casa, em uma rua sem asfalto. Eu tinha a chave e entrei na sala abafada, fechada, com um leve cheiro de mofo. Caí no sofá e lá fiquei, na penumbra, pensando. Precisava tomar uma decisão. Não podia permanecer daquele jeito. O problema era que me sentia sufocada, culpada, egoísta, confusa. Completamente perdida.

Fui ao quarto e puxei uma caixa que ficava embaixo da cama. Era minha e estava trancada com um cadeado. Eu a abri com uma das chaves, colocando-a sobre a cama. Ali encontrei uma infinidade de coisas ligadas à minha vida. Pedras de algum lugar onde morei, flores secas, cartinhas de amor trocadas na adolescência, um presente ou uma embalagem, um cacho de cabelo, uma roupa, um CD. Minha mãe dizia que eram porcarias, mas eram importantes para mim.

No fundo, estava o caderninho com capa amarela. Eu o tinha desde os nove anos. Estava amassado e as folhas tinham orelhas, mas era onde eu guardava pequenas lembranças, poesias, letras de músicas, pensamentos soltos. Por ser uma pessoa solitária, muitas vezes eu desabafava com o caderno.

Eu tinha escrito ali como me senti quando vi, pela primeira vez, minha mãe transando com um homem, como tinha sido beijar na boca de um coleguinha da escola, como eu desejava estudar e ser alguém na vida. Tinha falado do meu ódio pela família Falcão por ter nos obrigado àquela vida e do meu desejo de conhecer Gabriela. Eram lembranças soltas, fora de ordem, no meio de outras sem importância. Angustiada e sozinha, tive a necessidade de desabafar novamente.

Busquei uma caneta e abri uma página em branco. Comecei a escrever, sem pensar, apenas precisando de alguém para me ouvir:

Eu não sei mais quem sou ou o que quero. Sempre cultivei o ódio. Ódio do mundo, por ter sido privada de tanta coisa. Ódio da insegurança, pois nunca tive certeza de nada, nem mesmo de ser amada. Ódio da família Falcão, que roubou nossas terras e Gabi, que matou meu avô, que tirou nossa chance de felicidade. Eu queria salvar minha mãe da prostituição e minha avó da doença. E para isso precisava me meter com eles.

Agora eu só quero que isso acabe. Se tivéssemos ido embora, nós quatro, sumido no mundo, criado novas raízes, esquecido o que passou, talvez nossa vida fosse diferente. No entanto, não o fizemos. Deixamos Gabi ir. E agora eu queria ir também. Mas e minha avó naquela cama? E

tudo que minha mãe fez?

Em que momento eu mudei? Por que fui me apaixonar por Theo, mesmo sabendo que ele pode nos destruir? O que faço agora com essa vida miserável? E as dívidas que tenho com minha mãe e minha vó? E as injustiças que sofreram? E meu amor por Theo?

Eu quero gritar! Quero fugir e esquecer! Quero rir e ser feliz sem esse peso! Quero uma chance de escolher. Eu sei o que quero. E o que posso. Como vou sair dessa, meu amigo? Como vou continuar realizando uma vingança para destruir o homem que invadiu meu corpo e minha alma? O homem que eu deveria odiar?

Senti uma lágrima escorrer até a ponta do nariz e a sequei rapidamente, antes que pingasse no caderno. Tremendo, eu o fechei e caí encolhida na cama, cansada demais, parecendo ter o peso do mundo sobre mim. Fechei os olhos e pensei. Pensei muito. Precisava haver uma solução. E a única que eu via era interromper aquela vingança. Ainda não sabia como o faria. Precisaria de tempo para descobrir.

Theo

A casa ficou fechada durante a segunda-feira e a terça-feira de carnaval. Eu não tinha procurado por Eva, pelo contrário. Estava disposto a mantê-la o mais longe possível de mim e só procurá-la quando o desejo fosse incontrolável, mas, na tarde de segunda-feira, ouvi Gabi dizer a Joaquim que tinha ido chamar Eva para um passeio e ela não estava em casa. Fiquei imediatamente ligado. No dia seguinte, percebi que havia dormido fora de casa. Já era terça-feira à tarde e nem sinal dela.

Não entendi minha ira. Nem minha preocupação ou minha raiva por pensar em inúmeros cenários. Teria ido embora, fugido, assustada depois de nossa última noite juntos? Ou estava com outro homem longe dali? Não podia estar visitando parentes, pois era órfã. Onde diabos tinha se metido aquela mulher?

Sentado em um sofá na varanda, com os olhos fixos na estrada pela qual Eva teria de passar ao chegar, eu pensava em tudo. Lembrava-me dos seus olhos assustados, seu medo, sua paixão, sua doação. Como deixou que eu a usasse e humilhasse, como se submeteu, sempre me olhando como se esperasse mais. Mais carinho, mais beijo, mais uma palavra para abrandar a posse violenta.

Havia anos que eu sabia que não tinha sido talhado para romance e casamento. Meu amor era limitado a poucas pessoas, junto aos sentimentos de gratidão que eu tinha por Tia e de proteção que alimentava por meus irmãos. Por eles eu faria tudo. Eu morreria. Mas nenhuma mulher teria sobre mim o poder que minha mãe

teve sobre meu pai. E disso eu tinha certeza.

A violência e o autoritarismo fazem parte da minha personalidade, e só os lapidei aos poucos. Fui ensinado a me conter e a governar. Eu aprendi isso e me fiz sozinho, com a meta de ser o protetor dos negócios e da família, descarregando meus desejos cruéis e parte da minha natureza agressiva no sexo. Sob minhas roupas de grife, eu me sentia um animal. E era assim que me portava em determinadas ocasiões.

Levantei-me do sofá, revoltado comigo mesmo por estar ali, esperando por Eva. Eu não tinha nada a ver com ela. Pretendia transar com ela enquanto aquele desejo esfomeado persistisse, até ficar satisfeito e livrar-me daquela obsessão. Ponto-final.

Entrei em casa e fui ao escritório, pronto para trabalhar um pouco. Dediquei-me a alguns documentos, lutando para me concentrar, mas era interrompido a toda hora por lembranças da nossa última noite, do quanto fiz questão de deixar claro que era só sexo. E de como Eva quase me quebrou duas vezes, quando me beijou na boca no calabouço e quando me beijou no rosto dentro do carro. Mesmo naturalmente submissa, ela mostrava aquela rebeldia doce que me desestabilizava.

— Merda! — Corri a mão pelos cabelos e fechei a pasta com relatórios, levantando, andando pelo escritório como um animal enjaulado, buscando uma saída. Mas só parecia haver uma: foder Eva até que aquele encantamento acabasse e ela se tornasse só uma submissa a mais.

Indaguei a mim mesmo onde ela poderia estar e saí do escritório. Encontrei Gabi descendo as escadas para a sala. Como se lesse meus pensamentos, falou:

— Theo, estou preocupada com Eva. Faz dois dias que ela sumiu. Vou lá saber se já chegou.

— Fique aqui. Deixe que eu vou.

Olhou-me sem entender direito, mas não fiquei ali. Caminhei até a porta com passos fortes.

Estacionei em frente à casa de Eva. Não havia vizinhos por ali, mas as casas estavam abertas e ouvi televisões ligadas. Só a casa de Eva estava fechada, mas percebi uma luz nos fundos, que dava para o morro. Desci do carro, abri o portãozinho e contornei a lateral da casa, parando abruptamente ao vê-la. Estava de costas para mim, descalça, vestindo short e camiseta, cabelo preso em um rabo de cavalo, esfregando umas roupas no tanque cheio de água. Sobre o patamar da janela, o celular tocava “Freelove”^[1], do Depeche Mode.

Fui invadido por tantos sentimentos que me senti golpeado. Alívio, desejo, raiva, saudade, preocupação, ira, luxúria. Tive que dar um tempo a mim mesmo para não perder a cabeça e avançar nela exigindo satisfações.

Eva se virou de repente e tomou um susto ao me ver, arregalando os olhos, dando um gritinho e levando as mãos molhadas ao peito.

— Meu Deus... Quase morri do coração! Não o ouvi chegar.

Todo o autocontrole pareceu ir por água abaixo. Simplesmente caminhei decidido até ela e agarrei seus braços, fazendo-a abrir ainda mais os olhos e encostar no tanque, surpresa.

— Onde você estava?

— O quê?

— Odeio repetir minhas perguntas, Eva. — A ira me desconcertava, tirava minha razão, deixava-me pasmo.

— Eu... Eu... — Calou-se, de repente, e suas bochechas se tingiram. Para a minha surpresa, espalmou as mãos molhadas em meu peito e me empurrou, dizendo em tom de raiva: — Não tenho que falar nada!

— Tem, sim. E vai falar agora. — Não recuei. Encurrelei-a no tanque, que balançou, despejando um pouco de água na bunda e nas pernas de Eva.

— Já avisei que, enquanto estiver comigo, vai ser minha dentro e fora da cama. — Eu não a soltava e já sentia o corpo reagir por mantê-la tão colada em mim, por sentir seu cheiro. Estava possesso com sua rebeldia.

— Você só me usa, não é assim? Por que se importa aonde vou ou deixo de ir? — Ergueu o queixo. — Está com medo de que eu tenha procurado carinho na cama de outro homem, senhor? Afinal, com você é só uma foda. Se eu quiser beijos, se eu quiser ser acariciada, tratada com decência sem estar sob um chicote, tem que ser com outro!

Não acreditei que estivesse dizendo aquilo. Fui invadido pela fúria, por um ciúme que nunca imaginei que sentiria, e, fora de mim, eu a ergui e a sentei sobre o tanque, molhando-a toda e a mim, pressionando entre as suas pernas. Torci seus braços para trás e segurei seus pulsos com apenas uma das mãos, agarrando seu rosto com a outra, obrigando-a a me olhar. Falei, perto de sua boca e muito irritado:

— Não me provoque. Se eu souber que outro homem encostou em você, eu te mato, Eva.

— Cadê o “coelhinha”? Não é isso que sou para você, um bichinho assustado em que manda e desmanda? — Parecia disposta a me tirar do sério. — Me tira daqui, Theo! Estou encharcada! Me larga!

— Onde você estava? — Exigi, puto.

— Não interessa!

— Porra! Foi atrás de um macho para beijar na boca? É isso que quer? — Fora de mim, agarrei sua nuca e a beijei furiosamente, obrigando-a a receber minha língua, tomando-a em um beijo possessivo e abrasador, tão violento que nossos

dentes se bateram. Na mesma hora, o desejo se misturou à raiva, e eu tomei sua boca com tudo, até que me beijava de volta e gemia baixinho.

Colei-a com as pernas abertas contra meu pau duro na calça molhada, sentindo seu corpo contra o meu, saqueando sua boca. Quando senti que se dava, que se entregava, perdida, afastei a boca uns centímetros e exigi:

— Aonde você foi?

Ela respirava irregularmente. Parecia ter desistido da luta, mas havia algo que a perturbava, fazendo seus olhos espelharem dor.

— Fui visitar uma senhora de quem gosto e que está doente. Cuidei dela para que a filha pudesse resolver uns problemas.

— Mentira — rosnei.

— Verdade — disse ela, num fio de voz, e estremeceu. — Eu precisava ficar longe de você. Pensar.

— Pensar em quê?

— Pode me soltar?

— Não. Fale, Eva.

Suspirou como se soubesse que eu não aliviaria em nada a prisão entre meus braços. Mordeu os lábios, e eu olhei aquilo, louco para tê-los contra os meus. Minha vontade era fodê-la ali mesmo, com meu pau em sua boceta e minha língua em sua boca. Foi difícil me conter, mas queria saber o que a perturbava.

— Eu não posso mais — disse, sem força.

— O quê? — Franzi as sobrancelhas.

— Pensei que pudesse seguir em frente, mas não posso. É pesado demais para mim, Theo.

Fiquei chocado com suas palavras. Não pude acreditar no que ouvia e fitei seus olhos fixamente como se aquilo fosse irreal.

— Não posso negar que tive prazer. Mas tudo aquilo... O modo como me tratou...

— Eu avisei que eu era assim. Mostrei o calabouço para você. Nunca foi enganada.

— Sei que não fui. Eu achei que pudesse seguir adiante. — Sua voz era baixa, quase um sussurro. Seus olhos espelhavam dor, desespero, confusão. Tremia contra meu corpo. — Mas não posso.

Eu não conseguia soltá-la. Era difícil acreditar que Eva estava me dispensando, recusando-se a mim, ainda mais depois de me beijar daquele jeito, de deixar mais do que claro que me desejava. Estava explícito no rosto dela.

— Se quiser, vou embora daqui — completou. — Acho que é melhor.

Quase a beijei de novo só para provar que seria minha enquanto eu quisesse, que faria o que eu mandasse.

Tirei a mão de sua nuca e larguei-a. Dei um passo para trás, estampando no rosto uma gelidez que desmentia meu fogo interior, minha ira e revolta. Nunca tinha me sentido tão perturbado e confuso, tão abalado e perdido. Mas lutei contra aquilo.

— Não precisa sair daqui — disse, friamente. — Pode ficar tranquila. Seremos só patrão e funcionária a partir de hoje.

Eva desceu do tanque, entornando água, toda molhada, olhando-me com um desespero que me deixou ainda mais confuso. Era como se suplicasse algo com os olhos, e fiquei imobilizado, esperando que explicasse aquilo, mas respirou fundo e disse, baixinho:

— Nunca me importei com a diferença de idade ou classe social, mas não quero ser tratada como um nada, viver escondida como uma criminosa, nem ser ignorada como faz depois que está satisfeito.

— Você é muito inocente para mim. Eu nunca deveria ter me metido com você — falei num tom indiferente, como se pouco me importasse com aquilo. — Continue com a sua lavagem de roupa. Na quinta-feira, as coisas permanecem as mesmas. Você volta a trabalhar e a seguir sua vida.

— Sim. — Parecia perdida, sem saber o que fazer. Baixou os olhos, como se toda a rebeldia anterior a tivesse exaurido. — Obrigada.

— Sou eu que agradeço. Foi gostoso foder você.

E, sem mais uma palavra, saí dali.

Andei até o carro sem querer analisar aquilo nem como eu me sentia. Na verdade, ainda estava um pouco chocado. Era a primeira vez que uma mulher me dispensava. E logo Eva, de quem eu não esperava tal reação.

Voltei para casa sem entender o que tinha acontecido. Sentia que havia mais ali, algo que escondia de mim, porque sua boca dizia uma coisa e seus olhos, outra. Pensei se não existiria outro homem, algum namoradinho do passado, talvez até um morador da favela. Talvez tivesse passado os últimos dois dias com ele, provando o que era fazer amor em vez de só ser fodida, colocada em uma coleira e chicoteada.

Saí do carro possesso, quase me rasgando de raiva. Queria voltar, colocar Eva em meu colo, espancar sua bunda e depois comê-la como um animal, com toda a fúria que fervilhava dentro de mim. Mas isso só me fez tomar uma decisão definitiva.

Tinha acabado. Aquela garota era perigosa demais, mexia com coisas que eu nem sabia que possuía dentro de mim. Era melhor me livrar dela o quanto antes, seguir em frente, mantê-la a uma distância segura. Então eu voltaria a ser eu mesmo. Mesmo assim, a raiva continuava a me dominar como uma droga. Incontrolável. E Eva não saía da minha cabeça.

13

eva



Minha menstruação desceu com intensidade no dia seguinte e acordei com cólicas. Sentia-me mal, pesada, cansada. Resolvi abster-me de pensar e de sentir, pois não aguentava mais me dividir entre o que devia e o que queria fazer. Pelo menos agora Theo não tocaria em mim. Talvez assim eu pudesse analisar o que estava acontecendo com clareza e ter tempo para criar uma armadura que me defendesse dele. Não podia negar que estava surpresa com minha coragem, pois só eu sabia o quanto o desejava. Esta era minha vida: estar eternamente dividida entre sentimentos e desejos opostos.

Mesmo assim, o beijo que tínhamos trocado na noite anterior e as últimas palavras dele me perturbavam demais. Estava mais do que óbvio que era indiferente a mim e só queria sexo. E eu precisaria ser forte, voltar ao meu eixo, pensar com calma em como agir para não ser só mais um corpo usado por ele.

Tentei esquecê-lo. Andei pela fazenda em direção ao minirretiro mais próximo, onde se viam inúmeras cabeças de gado branco e com porte majestoso. Encontrei pessoas no caminho e cumprimentei-as. Algumas até pararam para falar comigo e se apresentar. Depois segui em frente, gostando de sentir a brisa suave do dia claro e ensolarado, conseguindo me acalmar.

A fazenda era belíssima, coberta por campos verdes e construções brancas e bem-cuidadas, cheia de equipamentos de altíssima qualidade. Andei a esmo e cheguei a um cercado menor, onde notei uma pequena caminhonete e uma movimentação de pessoas. Vi os longos cabelos ruivos de Gabi, que estava ali com Joaquim e os irmãos. Meu olhar foi atraído por Theo e estaquei.

Usava roupas informais: botas, jeans surrado que se colava nas coxas musculosas e na bunda bem-feita, camisa xadrez branca e vermelha com os primeiros botões abertos e chapéu de caubói enterrado na cabeça. Parecia

concentrado em conversar com um homem baixo. Meu coração disparou.

Pensei de sair dali, mas Gabi me viu e me chamou, animada:

— Eva, vem aqui!

Todos olharam para mim, mas só o olhar de Theo me fez tremer. Nós nos fitamos a distância e estremeci por dentro. Fiquei nervosa e ansiosa e perguntei-me se um dia eu seria imune a ele. Mas não tive tempo para pensar muito, pois Gabi se aproximou e me beijou, chamando minha atenção.

Fitei-a, mais uma vez surpreendida por parecer sempre feliz e satisfeita. Por um momento, quis ser leve como ela e apenas relaxar e aproveitar um momento sem tantas perturbações e obrigações na cabeça. Não pude deixar de sentir um pouco de inveja. Parecia que a melhor coisa que minha mãe tinha feito por Gabi fora deixá-la na fazenda. Indaguei como seria se eu tivesse sido criada ali, em vez dela. Haveria aquele desejo avassalador por Theo? Ou eu o veria como um irmão mais velho?

— Eva! Venha ver o touro reprodutor que Theo comprou! Ele veio da Holanda! Ainda é jovem, mas é maravilhoso! Enorme! Pura raça nelore!

E, na sua animação, já agarrava minha mão e levava-me com ela.

— Gabi... — Tentei pensar em alguma desculpa, incomodada ao me aproximar cada vez mais do grupo, principalmente de Theo, mas minha irmã continuou:

— Olha isso! Não é lindo?

Paramos perto da cerca e vi o touro branco e imenso. Parecia até gordo, de tão grande e pesado, andando e conhecendo o ambiente como se já fosse dono do local. Era impressionante.

— Sim, é lindo. — Virei-me para os outros, evitando fitar certos olhos azuis.
— Bom dia.

Todos me cumprimentaram, até três homens que eu não conhecia e que estavam por ali, menos Theo. Senti seu olhar penetrante, mas logo voltou a conversar com o mesmo homem e me vi acompanhando sua voz, como se fosse uma migalha.

Todos estavam animados com a aquisição, e Gabi fazia perguntas aos irmãos, que explicavam tudo a ela. Eu acompanhava a conversa, sem graça, esperando a primeira oportunidade para sair dali. Sentia-me uma intrusa. Tão logo consegui, sorri para minha irmã e falei:

— Bem, Gabi, agora preciso ir.

— Mas já?

Olhou-me e sorriu.

— Vamos, fique mais um pouco! Faça companhia para mim!

— É que tenho umas coisas para fazer e...

— Com licença. Estamos de partida — disse o senhor baixo que conversava com Theo e se aproximara para se despedir de Gabi. Falou comigo e foi muito

agradável. Os outros dois homens que o acompanhavam também se despediram. Então, entraram no caminhão e foram embora.

Fiquei entre Gabi, Joaquim, Heitor, Pedro e Theo. Com exceção do pai, a família da qual eu queria me vingar estava toda ali. Entre eles, minha irmã e meu amante. Antigo amante. Fui engolfada por uma sensação horrível que não soube explicar. Senti-me mal e só pensei em fugir, em ir embora o quanto antes.

Nesse momento, olhei para Theo, e ele me encarava de modo frio e penetrante. Empalideci. A sensação estranha piorou, fazendo-me sentir uma bandida falsa, uma pessoa maldosa. O ar me faltou. Aliadas a tudo que ele despertava em mim, vieram as lembranças do seu corpo penetrando duramente o meu e do seu desprezo. Fiquei desconcertada, nervosa, abalada. Dei um passo para trás e consegui balbuciar:

— Tenham um bom dia.

— Mas, Eva, fique um pouco mais! — insistiu Gabi. Sacudi a cabeça, sem poder tirar os olhos de Theo.

— Não dá. Mas... em outra hora a gente se fala. — Sentia-me realmente mal, desprezada por Theo. Era melhor ficar longe do caminho dele.

Fitei-o, pronta para fugir, e algo aconteceu ali. Uma energia viva parecia pulsar entre nós, e indaguei-me se um dia poderíamos nos olhar sem sentir aquilo. Podia parecer frio e indiferente, mas reagia a mim. E eu, a ele. Seu olhar não se abrandou. Sem que eu esperasse, perguntou:

— Sabe o que é um acasalamento dirigido, Eva?

Fiquei surpresa por se dirigir a mim, plantada ali entre eles.

— Mais ou menos — murmurei.

Theo apoiou um pé e os braços na cerca e lançou um olhar ao touro. Depois, olhou-me e disse, no tom imperioso que eu conhecia muito bem:

— Venha aqui.

Quase reagi no automático. Senti raiva por ser tão obediente, mas consegui travar meu corpo no último segundo e iniciamos uma guerra silenciosa. Eu queria ser mais forte e tinha que começar pelas menores coisas.

Gabi, Joaquim, Heitor e Pedro estavam em silêncio, observando-nos. O clima ficou pesado, e acho que todo mundo notou, embora não soubessem bem o porquê. Pensei em simplesmente não ir para ver o que Theo faria, mas decidi não o provocar tanto. Ainda não me sentia forte o suficiente para enfrentá-lo. Esperei uns segundos, que pareceram horas, e aproximei-me devagar.

Parei ao lado da cerca, a uma distância segura em relação a ele, fingindo interesse no touro. Nervosa, bombardeada por vários sentimentos, tentando concentrar minha atenção no animal dentro da cerca, e não no que estava ao meu lado, eu aparentava uma calma que não sentia. Estava a ponto de sair correndo

dali. Tudo em mim gritava por aquele homem, tão perto que me deixava doida, mas eu alimentava meu orgulho e minha força de vontade.

Theo explicou em um tom sério e quase frio:

— Acasalamento dirigido é a seleção dos melhores reprodutores com a melhor qualidade das matrizes. Muitos pecuaristas pecam quando se importam somente com o sêmen e esquecem que precisam escolher as melhores vacas. Vários aspectos devem ser levados em consideração, como a consanguinidade. Essa é uma das diferenças em relação ao acasalamento de monta. — Virou a cabeça e me fitou. — Está entendendo?

Eu o fitei e encontrei seus olhos azuis fixos nos meus. Percebi que os outros conversavam entre si, ainda animados com o touro, enquanto eu não entendia por que Theo me dava aquela atenção. Para provar que tudo estava bem entre nós e que não se sentia nem um pouco perturbado em minha presença? Ou só para me provocar?

Tentei me concentrar no assunto e voltei a fitar o touro, pois Theo me distraía.

— Sei que o acasalamento dirigido é feito por inseminação artificial e que o acasalamento de monta é natural.

— Exatamente. A qualidade das reses cai quando há consanguinidade. Quando o acasalamento é dirigido, fazemos uma série de programas para que esse aspecto seja controlado, e assim maximizamos o ganho genético do rebanho nelore. Vamos supor que eu escolha duzentas vacas para dez touros. Terei informações de cada um e totalizarei dois mil acasalamentos possíveis. Quanto maior a qualidade das matrizes, maior será a qualidade do gado.

— Entendi. Mas só fazem o acasalamento dirigido aqui na fazenda? — Eu observava o animal enorme e musculoso, que andava tranquilamente por ali.

— Não. Quando determinada vaca não fica prenha, passamos ao de monta, no qual, em geral, separamos trinta vacas para cada touro. Ou seja, elas são utilizadas com o objetivo específico de reprodução. — Sua voz era baixa e lenta. — A diferença em relação aos seres humanos é que, em geral, o homem escolhe com qual mulher vai sair, entre tantas, e aqui, entre o gado, nós escolhemos as melhores para eles.

Senti certa zombaria em sua voz. Olhei-o devagar. Ele me fitava atento e seco.

— O homem pode escolher várias mulheres, como o touro faz com as vacas — continuou. — Muitos homens podem se dar ao luxo de escolher as melhores. No caso, não para a reprodução, só para o acasalamento. E quando uma vai embora, há sempre outra na fila. Geralmente melhor.

Finalmente entendi o motivo da sua explicação e da sua atenção. Fiquei chocada ao entender que só serviam para dizer que não estava nem aí para mim, que logo estaria com uma mulher bem melhor. Não acreditei em tamanho

descaramento. Com raiva, senti o rosto arder e forcei um sorriso, tentando ser tão cínica quanto ele.

— Hoje, as mulheres têm uma coisa chamada liberdade sexual, que, infelizmente, suas vacas não têm, já que são escolhidas por vocês. As mulheres também possuem o direito de escolher e procurar um... macho melhor.

— É verdade. Mas nem sempre encontram. — Seu olhar era duro e arrogante. Tive vontade de dar um soco no rosto dele, naquele nariz afilado, mas fui salva por Gabi, que pôs o braço em volta dos meus ombros e indagou:

— Theo está dando uma aula sobre inseminação artificial?

— Sim. Seu irmão é muito educado ao perder tempo comigo. Afinal de contas, sei pouco sobre a fazenda. — Meus lábios doíam mantendo o sorriso forçado. E, só para mostrar que eu não estava nem aí para ele, completei: — Mas agora preciso mesmo ir. Tenho um encontro e passarei o dia fora. Já estou atrasada.

Percebi que Theo ficou muito sério, queimando-me com seu olhar sob as sobrancelhas franzidas. Quase senti sua irritação, sua vontade de me castigar, e gostei de saber que havia mexido com ele.

Afastei-me sem pressa, sentindo um arrepio na nuca, sabendo que me olhava. Respirei fundo e segui em frente, com raiva porque agora teria que arrumar um lugar aonde ir ou me trancar dentro de casa, mas valia a pena por ter acabado com aquele cinismo dele. Que raiva!

* * *

Theo e eu nos evitamos na Quarta-Feira de Cinzas, mas na quinta-feira voltamos ao escritório. Peguei carona com Daniel e Raquel, a irmã dele. Eu sabia que o belo rapaz me paquerava, mas, apesar de ser simpática, não o incentivava. Era quase impossível achar qualquer outra pessoa interessante quando a comparava com o Theo.

Comecei a trabalhar e estava na minha pequena sala quando o vi passar pelo corredor, elegante em uma calça social cinza-grafite de caimento perfeito em seu corpo e uma camisa azul levemente ajustada, marcando os ombros largos, os braços fortes e o peito musculoso. Estava lindo, com o cabelo penteado para trás e a barba aparada.

Quando ele saía para almoçar e eu ia para a sala do café, onde esquentaria minha marmita, nós nos encontramos de novo. Primeiro, olhou-me daquele seu jeito penetrante; depois, baixou o olhar por meu corpo e fixou-o no pote em minhas mãos. Fiquei nervosa e tentei disfarçar.

— Senhor Falcão. — Acenei educadamente com a cabeça.

— Eva — respondeu friamente e seguiu em frente sem qualquer outra conversa.

Segui para a sala do café, fingindo indiferença, mas abalada e até magoada. Sabia que continuava louca por ele, mas não queria pensar muito nem podia tomar uma decisão naquele momento. Teria que viver como os viciados em recuperação, levando um dia após o outro. O problema era que eu não estava acostumada a ser tão forte e não sabia se conseguiria. Minha sorte, ou meu azar, era que Theo não havia insistido e estava distante. Se ele viesse para cima, eu duvidava da minha capacidade de resistir.

À tarde, houve uma reunião na sala de Theo, e Eurídice, a secretária dele, pediu que eu servisse o café. Theo recebia três homens, e o mais novo ficou claramente interessado em mim quando me viu. Não me demorei, ficando ali só por tempo suficiente para pôr a bandeja sobre a mesa e despejar café nas xícaras. Senti o olhar de Theo sobre mim, mas nem olhei para ele, com medo de entornar o café quente. Pedi licença e saí.

Só o vi novamente quando entrava no carro de Daniel. Talvez a pedido do irmão, Raquel estava sentada no banco traseiro. Eu me acomodava quando Theo saiu do prédio e me olhou. Foi uma troca de olhares rápida, mas suficiente para mexer comigo. Fingi tranquilidade, mas enquanto Daniel dirigia, puxando assunto, animado, eu só pensava no martírio que seria ver Theo todos os dias.

Daniel me convidou para tomar um chope no Falconetes na noite seguinte, uma sexta-feira, pois haveria uma apresentação por lá. Não se falava em outra coisa na cidade. Eu disse que ia pensar. Quando chegamos, despedi-me dele e de Raquel e fui cuidar das minhas coisas.

Na sexta-feira, a cólica tinha passado, mas o fluxo estava forte e coloquei um absorvente grande para contê-lo. Joguei o pacote dentro da bolsa, para trocar durante o dia. Enquanto eu esperava a carona de Daniel, sentia-me mais agitada e agoniada. Era incrível como a menstruação mexia com meu lado emocional, e sempre era pior em um dos dias. Não chegava a ser uma TPM, mas eu ficava mais sensível, irritada e excitada. Cada hormônio do meu corpo entrava em polvorosa.

Cumprimentei os dois irmãos e só o olhar esperançoso de Daniel já me irritou. Será que ele não reparava que eu não estava a fim? Fiquei calada, enquanto Raquel tentava puxar assunto.

Por coincidência, Daniel estacionou justamente ao lado do Land Rover negro de Theo quando ele saía do carro, elegante em um terno preto e camisa branca sem gravata. Saí do carro e nos olhamos tão intensamente que eu quase senti as faíscas estalarem.

— Eva. — Cumprimentou-me, bem mais controlado do que eu.

Ainda mais agitada pelos hormônios, apenas acenei com a cabeça, com medo

de simplesmente me jogar aos seus pés, agarrar suas pernas e suplicar por qualquer migalha. Estava difícil ser forte enquanto eu pensava em Theo vinte e quatro horas por dia e rolava na cama sentindo falta dele, com dificuldade de ser racional. Tudo parecia estagnado. Eu tentava pensar, achar saídas, mas só sentia desejo, saudade e raiva de mim mesma.

Aquele dia foi pior do que o anterior. Encontrei Theo várias vezes, e ele estava ainda mais frio. Praticamente me ignorou, como se eu fosse uma peça do escritório, inanimada e sem importância.

À tarde, eu estava junto à mesa de Eurídice, esperando alguns documentos que precisaria digitar, quando uma mulher perfumada, bem-vestida e maquiada entrou. Eu a fitei desde os cabelos lisos num corte chanel até a ponta dos sapatos finos, passando pelo corpo curvilíneo e pelo decote generoso. Devia ter uns quarenta anos e era linda. Eu a reconheci como a viúva negra da cidade, a dona do Falconetes, Abigail.

— Boa tarde. — Cumprimentou-nos com um sorriso simpático e caloroso. — Theo está aí, Eurídice?

— Claro, Abigail. Vou avisar que você chegou. Eva, são esses documentos aqui. — Entregou-me os papéis, mas nem a ouvi direito, olhando para a outra mulher. Fui envolvida por uma onda violenta de ciúmes, pois, em nossas investigações, tínhamos descoberto que Theo havia sido amante daquela mulher por anos. Foi a única com quem ficou por mais tempo e com quem mantinha uma estreita relação de amizade. A secretária me chamou de novo: — Eva?

— Hã?

Consegui conter parte da angústia, embora os sentimentos se revolvessem dentro de mim. Peguei os papéis e forcei um sorriso para as duas.

— Com licença.

— Toda. — Abigail acenou com a cabeça, sem perder o sorriso. Enquanto eu me afastava, ouvi-a dizer a Eurídice: — Vim não apenas a negócios. Vou ver se consigo arrastar Theo ao Falconetes. Vai ter um show lá. Esse homem só quer saber de trabalho! Precisa se distrair!

— Eu também acho. — Eurídice baixou o tom de voz, confiante, mas escutei quando continuou: — Ainda tenho esperanças de que vocês se casem. Ele precisa de uma mulher para amansá-lo e cuidar dele.

— Amansar? — Abigail riu. — Já perdi essa pretensão!

Entreí em minha sala, irritada e cheia de ciúmes. Deixei a porta aberta e passei a digitar os documentos, mas atenta ao que acontecia lá fora. Não conseguia me concentrar no trabalho e demorei mais do que o normal, ansiosa e angustiada, imaginando o que estariam falando ou fazendo dentro do escritório. Indaguei a mim mesma se ainda eram amantes ocasionais.

Para terem ficado tantos anos juntos e ainda serem amigos, eles deviam se dar muito bem. Ela não se assustava com o jeito dominador dele. Quantas vezes teria visitado seu calabouço? Poderiam terminar aquela noite juntos lá, onde ela seria escrava dele?

— Droga! — murmurei, angustiada, quase me rasgando por dentro.

Era impossível fazer qualquer coisa. Por fim, ouvi os dois conversando enquanto se aproximavam pelo corredor. Pela porta aberta, vi que pareciam se dar realmente bem e que Theo sorria de verdade, como nunca o tinha visto fazer. Não eram sorrisos leves ou cínicos. Eram de prazer, mostrando os dentes brancos e bem-feitos, com os caninos ligeiramente mais salientes. Colocou a mão nas costas dela enquanto chamava o elevador, fitando-a com sensualidade. Abigail parecia toda satisfeita e charmosa, e os dois estavam muito perto e íntimos.

Senti os olhos se encherem de lágrimas e percebi o quanto estava ferrada. Era impossível negar que eu estava completamente louca de paixão por Theo e já me arrependia amargamente de ter me afastado. Porque eu não queria aquela distância. Preferia mil vezes receber suas migalhas do que ser obrigada a vê-lo todos os dias e ter somente sua indiferença.

Com muito custo, terminei de digitar os documentos e entreguei-os a Eurídice. Ela agradeceu e disse que estava na hora de ir para casa. Nós nos despedimos e fui até minha sala. Peguei minha bolsinha e, sabendo que não teria paz na fazenda, liguei para Daniel.

— Oi, Dani.

— Oi, Eva. Passo aí para te pegar em uns dez minutos. Estou deixando Raquel na casa do namorado dela. Chego logo.

— Ah, tá. É que lembrei que me falou sobre o show no Falconetes. Queria saber se o convite ainda está de pé.

— Claro! — Ele se animou todo. — Que maravilha! Vou deixar Raquel e volto pra irmos juntos.

— Certo, eu espero.

Depois que desliguei, percebi que estava cansada de remoer a saudade que sentia de Theo. E decidi que ia mostrar a ele que não estava nem aí para seus encontros com Abigail ou quem quer que fosse.

Abri minha bolsa e a remexi até achar o que eu queria. Fui ao banheiro e passei um batom bem vermelho, lembrando-me da tara de Theo por aquilo e de sua ordem de que eu só usasse batom vermelho para ele. Penteei meus cabelos até estarem soltos e brilhantes, passei perfume entre os seios e atrás das orelhas. Depois, lavei-me por baixo e troquei o absorvente, irritada com tanto sangue. Pronta, ajeitei o vestido, que era comportado, peguei minha bolsa e saí para esperar Daniel.

Theo

O Falconetes já enchia quando chegamos no final de tarde. O movimento começava cedo por ali nas sextas-feiras.

— Quer um uísque? — indagou Abigail, já indo para trás do balcão e servindo uma dose, sabendo como eu gostava. Sorriu.

Sentei-me em um dos bancos junto ao balcão, abrindo meu paletó e cumprimentando as pessoas próximas. Aceitei o copo que colocou diante de mim. Ela apoiou os cotovelos no balcão, continuando nossa conversa:

— Como eu dizia, Theo, fiz exatamente o que você falou. O investimento foi perfeito! O lucro será absurdo. Se continuar assim, daqui a pouco estarei rica!

— Assim espero. — Sorri de volta para ela. Eu a orientava em alguns investimentos seguros e de retorno rápido.

— Mas sei que você está sempre muito ocupado. Não posso ficar atrapalhando seu trabalho.

— Sabe que não atrapalha.

— Que bom. — Observou-me tomar um gole do uísque. Então, como quem não quer nada, indagou: — E como vão as coisas no clube Triquetra?

— Tem algumas semanas que não vou lá — respondi, dando de ombros. Eu a tinha levado lá algumas vezes enquanto ainda nos relacionávamos.

— Tudo isso? — Pareceu surpresa e sorriu. — Entendi. Está saindo com alguém.

Pensei em Eva. Fiquei calado. Não gostava muito de trocar confidências, embora não me importasse de responder a Abigail. Tínhamos intimidade, e ela mesma já havia me contado sobre seus casos. Mas eu não queria falar sobre Eva.

— Por enquanto, estou sozinho.

— Que novidade! — exclamou. Sabia o quanto eu gostava de sexo e estava surpresa com minha resposta.

— Que show vai ter aqui hoje? — perguntei, mudando o assunto.

— Sabe que estamos à procura de um cantor ou uma cantora para o Falconetes, mas ainda não demos sorte. Hoje vem um homem se apresentar. Ele toca em bares de Belo Horizonte e está só de passagem. Na semana que vem, teremos um grupo de cantoras e dançarinas. Vamos ver o que sai daí.

Enquanto Abigail comentava o quanto as apresentações anteriores tinham sido ruins, passei os olhos pelo bar, reparando que enchia rapidamente. Eu não gostava muito de tumulto e não me demoraria por ali. Talvez assistisse a um ou dois números do cantor, afinal ainda não estava muito animado com a ideia de voltar

para casa.

Eu me sentia irritado, precisando de algo para extravasar aquele bando de sentimentos estranhos que se acumulavam dentro de mim. Pensei em seguir para o clube. Pelo menos lá jogaria com alguma mulher e me aliviaria. O problema era que eu não sentia vontade, o que me deixava mais possesso ainda.

A imagem de Eva surgiu nítida em minha mente, e a raiva só se acumulou mais dentro de mim. Eu sabia que ela era a culpada por tudo aquilo, mas não conseguia impedir que tivesse aquele poder. Desde a noite em que me deu o fora, eu fingia que não estava nem aí, como se pouco me importasse estar com ela ou não. Era um homem controlado e experiente e podia fazê-la acreditar no que eu quisesse. O problema era o que eu sentia e sabia que sentia. Isso me deixava louco. No fim, queria realmente ser indiferente a ela, e isso eu não era.

Era um custo me controlar. Cada vez que a via, que percebia alguém olhando para ela, como os rapazes naquela reunião em meu escritório, eu ficava possesso, sufocado de tanta raiva. A frieza era só uma capa superficial para conter aquele vulcão furioso que a cada dia tomava mais conta de mim.

O problema era que eu não imaginava que seria tão difícil me controlar. Tinha sido difícil admitir a mim mesmo que estava fulo de ciúme, mas isso só significava que eu era possessivo. Algo que estava cansado de saber. Eva ainda era alvo do meu desejo e da minha luxúria. E, enquanto fosse assim, eu a quereria fazendo as minhas vontades. Desejava-a como amante.

Ao mesmo tempo, não era só isso. E aí estava minha maior dificuldade, que era aceitar que me importava com ela. No fundo, me sentia um crápula por tê-la fodido e pelo modo como a tratei. Não no sexo, pois eu já havia me aceitado como era, mas por ser tão nova e sozinha, ter aquele olhar frágil, ter despertado em mim um sentimento estranho de proteção, de carinho, como nenhuma mulher fez. Nem mesmo Abigail. Lutando contra isso, eu tinha demonstrado exatamente o contrário, fingindo não estar nem aí para ela. Fui o mais frio possível. E assim a afastei.

Era revoltante me sentir tão perdido. Porra, eu era um homem feito e experiente! Como uma garota podia me pegar daquele jeito? Eu ainda estava perplexo, sem entender, e, na verdade, sem nem querer analisar o que acontecia, desejando simplesmente me livrar daqueles sentimentos perturbadores.

— Está me ouvindo, Theo?

Fitei Abigail, percebendo que não tinha ouvido nada do que falou. Ela suspirou e pegou meu copo vazio.

— Mais um?

— O último. Ainda vou dirigir.

— Certo.

— Senhor Falcão, é um prazer encontrar o senhor aqui. — Um dos capatazes da fazenda tinha acabado de chegar e me cumprimentava.

Troquei um aperto de mão e algumas palavras com ele, que me convidou para jogar sinuca com os amigos.

— Mais tarde — respondi, e ele se afastou, sorrindo. Eu já ia me virar novamente para o balcão quando um luminoso cabelo loiro chamou minha atenção. Olhei fixamente para a porta e fiquei paralisado quando vi Eva.

Ela sorria, linda e doce. A boca carnuda tentadora pintada em um tom vermelho-escuro. Senti cada célula do meu corpo reagir. Não acreditei quando meu coração disparou, batendo com força contra as costelas, a respiração pesou e cada parte de mim se concentrou somente nela. O desejo voraz tomou conta de mim e tive que conter a ânsia de me levantar, agarrá-la e tirá-la dali. Foi então que a vi falar com alguém e percebi Daniel ao seu lado.

— Theo?

Em algum lugar da minha mente embrutecida, ouvi uma voz me chamar, mas não consegui tirar os olhos de Eva. Meus sentidos estavam concentrados nela, irado, ciumento, possesso. Parecia que todo o controle que havia conseguido manter naqueles dias tinha ido por água abaixo. Eu sentia as emoções virem num crescente, abalando-me. Vê-la ao lado de outro homem, sorrindo para ele com aquela boca vermelha que devia ser só minha, me deixava louco.

— Theo? O que houve?

Abigail tocou em meu braço. Consegui conter parte da minha ira e, com muito custo, olhei para ela, embora a imagem de Eva parecesse gravada a ferro e fogo em minha mente. Meu coração continuava acelerado e me dei conta do meu estado, surpreendido pelo poder que Eva tinha sobre mim.

— Aconteceu alguma coisa? — Abigail franziu o cenho e lançou um olhar na direção de Eva. — Conhece aquele casal? Não é a menina que trabalha no seu escritório?

— Não aconteceu nada. — Praticamente rosnei a resposta, ignorando sua pergunta sobre Eva. Peguei o copo e tomei o uísque num só gole, fitando-a, sabendo que precisava me acalmar. — Mais uma dose.

— Você não disse que ia dirigir?

Meu olhar irritado a convenceu a despejar o líquido âmbar em meu copo.

— Conheço você — murmurou. — Está com raiva. Posso ajudar?

— Não. Está tudo bem.

Não insistiu, mas lançou um olhar desconfiado a Eva e Daniel, certamente curiosa, sem entender nada. Talvez nem passasse por sua cabeça que eu poderia estar envolvido com uma moça tão jovem. Afinal, Eva parecia ter dezoito anos, ainda menos do que tinha, e, em geral, eu preferia mulheres mais velhas e

experientes.

Tomei outro gole e voltei a olhar fixamente para aquela garota que estava sendo a minha perdição. Uma garçonete tinha colocado duas garrafas de cerveja na mesa, e agora os dois brindavam, enquanto Daniel dizia algo perto do seu ouvido. Precisei de todo o meu autocontrole para não o afastar debaixo de porrada.

Eva nem parecia ter me visto. E isso me enfurecia ainda mais. Disse a mim mesmo para ignorá-los, mostrar indiferença, mas era como se eu já tivesse ultrapassado os limites de um controle que mantinha parcamente. Tomei o uísque e bati o copo vazio no balcão. Abigail me observava sem entender, mas meu olhar lhe dizia para servir mais uma dose.

Abigail puxou assunto enquanto sua irmã e uma garçonete ajudavam a atender os clientes no balcão. Ela dedicava toda a sua atenção a mim e tentei conversar, me desligar do que acontecia na outra mesa, mas meu olhar teimava em se voltar para lá.

eva

Eu sentia o olhar de Theo em mim como se me queimasse. Era difícil demais fingir que não o via, que ele não estava ali. Ao mesmo tempo, eu mal prestava atenção ao que Daniel dizia e sorria como uma boba, nervosa.

Olhei para a bebida que a garçonete tinha sugerido e só então notei que a cerveja era vermelho-sangue e meio cremosa, linda, com uma imagem sensual de um casal. Chamava-se Red Secret. A tampa também era vermelha e estava solta displicentemente sobre a mesa.

A cor da bebida e aquela imagem pareceram me tornar mais consciente de Theo, de tudo que fizemos juntos e da paixão carnal que nos ligava. Ansiosa, tomei um gole e senti o líquido gelado preencher minha boca e escorregar pela garganta.

Era deliciosa, e, para me acalmar, bebi rapidamente. Entretanto, algo pareceu esquentar dentro de mim, como se o líquido tivesse virado lava em meu estômago. Ao mesmo tempo, senti um calor gostoso se espalhar por meus membros, causando uma sensação de prazer. Fiquei surpresa e lembrei que a garçonete havia dito que a cerveja era nova por ali e indicada para mulheres, pois tinha mais efeito sobre o bem-estar e a libido femininos.

Eu não tinha acreditado, mas agora estava surpresa. E ainda mais agitada, com

vontade de olhar para Theo, mostrar a ele o que fazia comigo, como eu me sentia acesa, saudosa, excitada. Estava travando uma verdadeira batalha para me controlar.

— Tudo bem, Eva?

A voz de Daniel me tirou dos meus pensamentos e sentimentos perturbadores. Eu o fitei com um sorriso e acenei com a cabeça. Ele se levantou e convidou:

— Vamos dançar?

Pensei em recusar. Queria tomar mais uma cerveja e ficar ali relembrando meus momentos com Theo, mas sabia que não devia, que tudo aquilo era uma loucura.

Vê-lo na companhia de Abigail me deixava cheia de ciúmes. Sorri e levantei-me, aceitando a mão de Daniel e decidida a provar a mim mesma que podia resistir a Theo.

Theo

— Quer comer alguma coisa, Theo?

— Não, obrigado. — Eu estava tentando beber com mais calma, sentindo minhas emoções já alteradas demais. Tinha medo de perder a cabeça.

Abigail continuou a conversar, sorrindo, realmente feliz por eu estar ali, mas estava difícil manter meu interesse, pois só conseguia pensar em Eva. Olhei na direção da mesa dela e fiquei paralisado quando a vi indo para a pista de dança com Daniel.

Em meio a tudo que eu sentia, vi a expressão babaca no rosto de Daniel, enfeitiçado por Eva, e me dei conta de que eu devia ter a mesma aparência. Ou até pior.

Virei-me para Abigail, que me olhava, desconfiada e confusa.

— Vou embora — avisei, terminando meu uísque.

— Fique mais um pouco, Theo. Sinto que não está bem. Não quer conversar comigo?

— Não.

— Theo... Somos amigos.

— Eu sei. Mas está tudo bem — falei, puto. — Veja a conta pra mim.

Tirei as notas e coloquei sobre o balcão. Abigail voltou com a conta quando aquela música terminava. Paguei e perguntou-me algo sobre um investimento. Tentei me concentrar, embora minha mente parecesse cheia de algodão. Nem sei o

que eu disse a ela, porque só conseguia pensar em Eva, e, fora de mim, busquei-a novamente.

Tomei um susto ao ver que se dirigia à porta com Daniel.

Meu coração parou. Tive certeza do que iam fazer. Transar. Aquele filho da puta ia pôr as garras em cima dela. Da *minha* coelhinha.

— Porra... — arquejei, alucinado de fúria e ciúme.

— Theo? — Abigail estava mesmo preocupada. — Meu Deus, o que...

Eu não prestei atenção nela. Estava a ponto de perder o controle.

E, mesmo enquanto tentava me convencer a não agir, a me conter, eu já me levantava sem nem olhar para trás. Não vi Abigail nem ninguém. Estava surdo, cego e louco. Só via a porta e perdia o que já praticamente não tinha desde que aquela maldita coelhinha entrou em minha vida: controle. Com o coração disparado, levado pela fúria e decidido a tomar Eva para mim e ensiná-la uma boa lição, eu corri para a porta e joguei a porra do meu orgulho no chão. Que tudo se fodesse!



14

Theo

Cheguei como um animal ao estacionamento do Falconetes, e, como eu esperava, o carro de Daniel não estava mais lá. Não perdi tempo e entrei no meu Land Rover, já o colocando em movimento. Sabia que deveria parar, que estava agindo como um louco, mas não tive condições de obedecer à minha razão. Eu era puro instinto, tomado por uma ferocidade incontável que encobria meu discernimento, fazendo-me reconhecer que estava cansado daquela brincadeira. Eva era minha e ia entender isso por bem ou por mal.

Acelerei pela estrada vazia e escura, cercada de campos e árvores. Meu coração batia intensamente, e eu contraía o maxilar para conter um pouco aquela raiva assassina.

Depois de uma curva pronunciada, que fiz sem diminuir a velocidade e cantando pneus, vi o carro de Daniel e perdi a cabeça de vez. Afundei o pé no acelerador e, em segundos, emparelhei minha Land Rover, bem maior e mais rápida, ao lado do carro dele. O garoto olhou-me apavorado, sem entender, mas meu olhar feroz foi direto a Eva, ao seu lado, que se inclinou e me fitou com olhos enormes e chocados.

— Pare o carro — ordenei, falando alto e puto.

— Senhor Falcão... — Daniel não sabia se olhava para a frente ou para mim, visivelmente assustado.

— Pare agora, porra!

Eu estava disposto a jogar minha Land Rover na frente do carro dele e fechar a estrada, mas o garoto diminuiu a velocidade e parou no acostamento. Eu estacionei meu carro na frente do dele e pulei para fora, indo em passadas largas e decididas até Daniel. Meu olhar era furioso e minhas mãos coçavam para ensinar o moleque a não se meter com a minha mulher.

— Senhor, o que... — Ele abriu a porta.

Eu o agarrei pelo colarinho e o arranquei de lá. Era alto e musculoso, talvez me desse trabalho, mas, do jeito que estava, eu o moeria se me provocasse. Olhou-me sem entender, com os olhos quase pulando das órbitas, tão chocado que nem reagiu quando o joguei contra a porta traseira do carro.

— Theo! — gritou Eva, saindo do carro e correndo, desesperada, até nós. — Pare com isso!

Eu a ignorei. Olhei nos olhos de Daniel e praticamente rosnei:

— Escute o que vou te falar, seu moleque! Suma da minha frente ou eu não respondo por mim!

— Mas eu... Eu...

— Theo! — Eva tentou agarrar meu braço, tremendo. — Theo!

— Se eu te pegar perto dela de novo, não vai ter mais aviso. Não quero nem que olhe para ela. Esqueça que Eva existe. — Minha voz era baixa e gelada e meu olhar, assassino. Eu apertava o colarinho dele e tinha o outro punho fechado. A violência estava tão viva em mim que quase me fez esmurrá-lo, mas o medo e a confusão no olhar do garoto me detiveram.

O rapaz continuou imóvel, estatelado contra o carro, com a boca aberta e os olhos arregalados, sem poder acreditar no que estava acontecendo. Eva tentou puxar meu braço, que mal se moveu.

— Theo, pare com isso! Está louco?

Voltei apenas meus olhos para ela, furiosos. Reagiu imediatamente, soltando-me, abalada, contendo a respiração e levando a mão ao peito. Daniel chamou novamente minha atenção quando balbuciou:

— Senhor Falcão, eu não sabia que... que Eva e o senhor... que ela...

— Agora já sabe. — Lutando para domar minha agressividade, eu me forcei a largá-lo, ainda irado, respirando pesadamente, mantendo os punhos cerrados ao lado do corpo. — Ela é minha. Saia daqui.

Daniel se ajeitou, nervoso, lançando um olhar preocupado a Eva e depois a mim. Tornou a olhar para ela, como se quisesse uma confirmação de que estava bem, de que eu não a forçaria a nada. Apesar da raiva, admirei-o por não ser um babaca que fugia com o rabinho entre as pernas.

— Está tudo bem, Daniel — disse ela, baixinho. — Me desculpe.

Ele não falou nada, mas ficou vermelho como um tomate. Tardamente percebia o que estava acontecendo e acho que pensou em me enfrentar, mas então me fitou e sentiu que não seria páreo para mim. Sem uma palavra, entrou no carro e bateu a porta com força. Dei um passo para trás, agarrei o braço de Eva e tirei-a do caminho. Ficou imobilizada enquanto o rapaz ligava o carro e saía rapidamente, sumindo pela estrada escura, iluminada só pelos faróis de minha Land Rover.

— Me larga! — exigiu ela em um tom agressivo que me surpreendeu, soltando chispas pelos olhos, apertando com raiva aquela boca vermelha que era minha perdição. — Me solta, Theo!

— Acha que vim até aqui e vou te soltar agora?

— Não me importa por que veio aqui! Não quero que encoste em mim! Não sou só mais uma foda? Não disse que tinha mulheres melhores?

— É uma foda deliciosa, a melhor que já tive, que me deixa doido, louco de desejo, que me faz perder o sono, coelhinha. — Segurei seu outro braço também e a puxei para mim, franzindo o cenho, decidido, ainda corroído pela raiva.

— Não me chame assim! Se acha que vou com você, está muito enganado! Só falei aquilo para Daniel não acabar sendo massacrado por você. Já conseguiu o que queria. Agora me solte! — gritou, furiosa, com os olhos cheios de lágrimas.

— Precisa aprender a ter bons modos, e estou ansioso para ensinar — resmunguei. Sem nenhuma cerimônia, comecei a andar em direção ao carro, segurando firmemente um dos seus braços.

— Não vou com você! Prefiro ir a pé!

Ignorei-a. Ela se debateu, tentando parar de andar e libertar o braço, a ponto de se machucar.

— Seu grosso! Seu... Ah! — gritou, assustada, quando, cansado, eu a joguei sem cerimônia sobre um ombro e agarrei suas pernas, andando como se carregasse uma boneca. Agarrou-se às minhas costas, chocada. — Theo!

A conversa tinha acabado. Abri a porta do carro e joguei-a lá dentro pelo lado do motorista, entrando logo em seguida e obrigando-a a passar para o assento ao lado. Nunca a tinha visto assim, descontrolada, revoltada. Sabia que tentaria sair pelo outro lado, mas então eu já batia a porta, travava as saídas e ligava o motor. A música voltou a explodir dentro do carro e saí dirigindo.

— Você não pode fazer isso! Não é meu dono! Eu já disse que não quero, e você tinha me falado que respeita isso! Eu repito: NÃO!

Eu a olhei. Respirava irregularmente e seus olhos brilhavam para mim. Os cabelos se espalhavam, longos e selvagens, por seus ombros e seios. Senti um tesão arrebatador, uma vontade quase louca de parar o carro e fodê-la ali mesmo. Joguei o carro para o acostamento e a encarei. Metade de mim queria ignorar aquela recusa, mas a outra parte me alertava do que eu tinha feito, agindo como um louco, um homem das cavernas.

Nossos olhares estavam grudados. Respirei fundo e nem sei como minha voz soou calma:

— Não posso te deixar sozinha nessa estrada.

— Prefiro isso!

Estava realmente possessa.

Por um momento, não falamos. O clima era cheio de energia palpitante, de raiva e de tesão.

— Eu vou te levar para casa, Eva — falei, sério.

Parecia a ponto de gritar e me agredir.

Pensei que espernearia, mas ficou muito quieta. Olhou para a frente, ignorando minha presença, furiosa. Eu voltei a dirigir e apenas a música e o ronronar do motor romperam o silêncio.

Passamos pela porteira da fazenda. O clima quente ardia entre nós e meu desejo quase me consumia vivo. Segui para a casa dela e parei, segurando o volante, virando o rosto para olhá-la com uma fome voraz. Ainda não podia acreditar no modo irracional como tinha agido.

Fitava-me em um misto de emoções: medo, irritação, desejo. Este parecia latejar, potente, ensandecido, esquentando o ar, mas ainda assim falou com irritação, sabendo o que eu desejava dela:

— Eu não quero.

— Você quer. E eu também.

— Não...

Destravei as portas. Antes que Eva abrisse sua porta e saísse, segurei seu pulso e falei, baixo:

— Não vou machucar você.

— Eu já disse que...

Não me reconheci naquele homem ciumento e impetuoso que agiu sem pensar. Ainda assim, não queria ir embora. Por isso a puxei contra mim, enfiei os dedos em seu cabelo e beijei sua boca com uma ânsia que se equiparava à necessidade de respirar.

Eva resistiu no início, mas algo pareceu estalar, explodir. Agarrou-me com a mesma fome e quase nos devoramos dentro do carro. O que havia entre nós era incontrolável, até mesmo perigoso, como se eu e ela caminhássemos em uma corda bamba emocional.

Quando a larguei, seus olhos ainda estavam raivosos e a respiração, entrecortada. Mesmo tentando parecer forte, era apenas uma menina assustada. E foi isso que me fez abrandar o tom ao indagar:

— Ainda não quer?

De imediato, não respondeu. Por fim, olhou para fora e disse, baixo:

— Todos os vizinhos vão ver seu carro aqui.

— Danem-se os vizinhos.

Saí e abri a porta para ela. Quando saiu, segurando a bolsa contra o peito, parecia indecisa e dividida.

— Você pensa que não noto como me olha? Eu sei que me deseja do mesmo

jeito que desejo você. — Quando encostei meu corpo ao dela e segurei-a pelos dois lados do pescoço, deixando que sentisse como eu estava duro e excitado, fitei seus lábios e seus olhos e exigi: — Ele beijou sua boca?

Ficou imobilizada, trêmula, com os olhos nos meus. Não respondeu.

— Responda! — insisti. — Ele encostou em você? Algum homem tocou em você depois de mim?

Eu estava tão possesso que acho que perderia a cabeça se ela dissesse que sim. Não sei se percebeu, mas, por fim, murmurou:

— Não.

Vi em seus olhos que dizia a verdade e tive a certeza de que era minha. Aquela fome maldita que nos consumia tornava qualquer outra pessoa uma intrusa. Não havia espaço para mais ninguém

— Vou te castigar por pintar essa boca de vermelho, coelhinha. — Encostei meus lábios nos dela e os esfreguei devagar, bebendo seu hálito suave, sentindo sua textura, percebendo que meu coração batia com força.

— Eu não... Eu não estava mais com você... — sussurrou. Suas mãos subiam e deslizavam sobre o tecido do paletó em meus braços, estremecendo com o contato, fechando-se em volta dos meus pulsos. Achei engraçado, pois seus dedos nem se encontravam e não havia nenhuma sensação de estar preso.

— Estava, sim, e você sabe muito bem.

Ela entendeu o que eu quis dizer. Mesmo naquela breve separação, não deixamos de estar ligados. Era bem simples.

Enterrei os dedos em seus cabelos macios e tomei sua boca como eu desejava. Dei-me conta do quanto senti falta daquilo. Um único beijo já me deixava completamente abalado, ligado a ela, ávido por mais, muito mais.

Nem pensei que estávamos do lado de fora da casa e que algum vizinho poderia nos ver. Ainda não era tarde e algumas janelas estavam abertas. Eu só a pressionei com meu corpo e a beijei bem gostoso, matando a saudade, sentindo meu desejo furioso se mesclar a algo mais profundo e inexplicável, que parecia me envolver e viciar.

— Vamos logo, coelhinha. — Segurei-a pelo braço e abri o pequeno portão. — Pegue a chave.

— Theo... — Eva me acompanhava, meio perdida, subindo os degraus da varanda e tentando lutar contra o torpor e a paixão. — Isso é loucura!

Paramos na varanda escura, em frente à porta, e franzi o cenho.

Mesmo na penumbra, vi como ruborizou. Então, remexeu dentro da bolsa até encontrar as chaves. Desviou o olhar, encabulada. Eu estava impaciente.

— Abra a porta.

Finalmente, ergueu os olhos para os meus e disse, baixinho:

— Tenho medo de que isso se torne incontrollável.

— Não vai se tornar.

— Diz isso depois de quase bater em Daniel e me jogar dentro do seu carro?

Passei a mão pelos cabelos, sabendo que tinha exagerado.

— Já falei que não vou machucar você. Quer que eu vá embora mesmo?

Eva vacilou, como se tentasse me entender e se decidir. Era óbvio que o tesão estava lá, latejando entre nós, embotando a razão, deixando tudo mais exaltado.

Esperei sua resposta. Quando mordeu o lábio, vi que havia perdido a luta contra aquele desejo avassalador que nos consumia. Sacudiu a cabeça.

— Não é só isso. É tudo. O modo como você agiu e...

— E?

— Estou nos meus dias.

Eu entendi.

— Acha que isso me incomoda? — indaguei, baixo, sem nem piscar.

Remexeu-se.

— Vamos entrar, coelhinha.

— Mas... — Calou-se ao ver minha determinação. Não lutou mais. Abriu a porta com mãos trêmulas, fugindo do meu olhar.

Deixei que passasse e entrei. Tirei a chave e tranquei a porta enquanto ela acendia a luz.

Vi a sala pequena, onde havia apenas o antigo sofá desconfortável de dois lugares e uma mesa velha em um canto com uma televisão antiga. Franzi o cenho para a pobreza e a aridez de tão poucas coisas, lembrando-me de que tivera a mesma impressão quando visitei a casa em que ela morava na favela Sovaco de Cobra.

Eva quebrava aquela feiura, parada ali com sua pele de porcelana, os longos cabelos loiros, os enormes olhos que brilhavam cheios de sentimentos por mim. Era linda. Perfeita. Senti-me como se um vulcão entrasse em erupção em meu interior, abalando-me, deixando-me quente, feroso, enlouquecido.

Nervosamente, ela largou a bolsa sobre o sofá e tentou quebrar aquele clima lascivo e fervente que enchia o ambiente de energia sexual.

— Quer... alguma coisa?

Andei até ela, decidido, sem desviar o olhar nem um milímetro.

— Quero tudo.

Eu conhecia a planta da casa. Agarrei seu braço e levei-a pelo corredor para o quarto, empurrando a porta e acendendo a luz. Minha vontade era tirar logo sua roupa e jogá-la na cama, estar dentro dela o quanto antes, matando aquela fome que quase me devorava. Depois teria tempo para ir com mais calma.

Parei no quarto pobre, com um velho guarda-roupa quase desmoronando em um

canto, uma cadeira com algumas roupas encostada na parede e um colchonete de solteiro no chão, com lençol branco e travesseiro. Semicerrei os olhos, ainda segurando seu braço. Virei o rosto e a olhei.

— Cadê a sua cama?

— Não tenho cama.

Fiquei impressionado. Tentei me lembrar de seu antigo barraco, onde eu realmente não tinha visto uma cama.

— Você dorme nisso todos os dias?

— “Isso” são colchonetes. Um sobre o outro. Está ótimo para mim.

Sua voz parecia conter algum orgulho ferido, mas eu não conseguia acreditar que ela não tinha uma cama. Fiquei irritado, sem tirar os olhos do seu rosto. Puxei-a para mim, contra meu peito, obrigando-a a me fitar.

— Por que não me disse?

— O quê?

— Que não tinha uma cama.

— E por que eu diria isso?

Ergueu o queixo e exalei, agarrando seu cabelo e dizendo duramente perto de sua boca:

— Você merece uma surra por ser tão orgulhosa, coelhinha.

— Para você, tudo é motivo para me surrar.

— Vou adorar te ensinar umas coisinhas. — Suspirei. — Não acredito que não vou ter você em uma cama. Porra! Foda-se! Amanhã eu compro uma.

— Não.

Achei graça em seu rosto sério, sua expressão quase ofendida. Da sua nuca, meus dedos desceram e começaram a baixar o zíper de seu vestido pelas costas. Estremeceu, nervosa, mas continuou:

— Eu vou comprar minha cama.

— Vamos ver.

Agarrei seu vestido aberto e o descii por seus braços. Rapidamente, Eva o segurou contra o peito. Seus olhos muito grandes tomavam quase todo o rosto.

— Theo, meu fluxo está muito intenso. Não acho que...

— Isso não vai me impedir. Hoje nada me impedirá de ter você.

— Mas eu...

— Coelhinha, fique quieta — ordenei, já irritado com tanta conversa quando meu tesão quase me fazia gemer de dor. Baixei seu vestido e fiquei ainda mais excitado ao vê-la de calcinha e sutiã brancos e simples, de algodão, mas que em sua pele e em seu corpo perfeito pareciam a mais fina seda.

Eva estremeceu e escapou, dando passos para trás, fora do vestido e das sandálias, dizendo rapidamente:

— Então, eu... Eu vou ao banheiro me lavar e...

— Porra. — Agarrei seu pulso e puxei-a para mim, andando até parar ao lado do colchonete, fitando-a raivoso. — Só fique quieta. Pode deixar que eu cuido de você.

Olhou-me, vermelha, desconcertada, envergonhada. Ela não me conhecia. Não sabia que praticamente nada me impedia no sexo.

Sem esperar mais, ainda à sua frente, abri o fecho do sutiã em suas costas e puxei as alças por seus braços, tirando-o e largando-o no chão. Senti o pau latejar ao ver os seios que eu adorava, redondos e firmes, com os mamilos naquele tom de rosa lindo. Rosa como os lábios da sua boceta. Admirei-a com o olhar penetrante, e ela ficou quieta, mordendo o lábio, inteira à minha disposição.

Nunca senti tanto desejo. Não conseguia tirar os olhos dela. Tudo era absurdamente intenso, cada parte de mim concentrada naquela mulher. Quando segurei as laterais de sua calcinha e a desci por seus quadris, Eva tentou me impedir:

— Theo, estou usando absorvente. Eu preciso ir ao banheiro...

Simplesmente tirei sua calcinha, varrendo com os olhos os pelos aloirados e macios de sua boceta, descendo até as coxas e, então, ao sangue vermelho-vivo que encharcava o absorvente branco. Eva ficou imobilizada e fechou os olhos, com vergonha, mal sabendo o quanto me deixava louco.

Eu já tinha transado com mulheres menstruadas, mas, ali, vendo o sangue de Eva, senti algo inominável, a mesma fome e a mesma tara que experimentei quando vi o sangue de sua virgindade rompida. Era como se cada coisa nela me pertencesse. Sua pele, seu corpo, sua boca, sua saliva, seu sangue, seu tesão, sua dor, tudo. Eu queria tudo dela.

Saiu da calcinha, constrangida, abrindo os olhos, suplicando em silêncio por algo. Não imaginava o quanto mexia comigo, o quanto o que eu sentia passava muito longe do nojo.

Fiquei lá, completamente vestido na frente dela, deixando sua calcinha no chão com o sangue para cima, exposto, lutando para me conter, ansiando por sentir aquele cheiro diferente, único, que vinha de suas entranhas, um cheiro de mulher.

— Deite-se, coelhinha. — Minha voz soou densa, acho que por conta de tanto tesão, que fazia o sangue latejar em minhas têmporas.

Não reclamou mais. Simplesmente obedeceu, estendendo-se sobre o lençol branco no colchonete. Seus cabelos se espalharam no travesseiro e os lábios estavam tentadoramente entreabertos, já sem boa parte do batom após nosso beijo. Mas ela estava contida, tensa, nervosa.

— Abra as pernas.

— Theo...

— Como deve me chamar? — Semicerrei os olhos, começando a tirar meu paletó preto.

— Senhor. — Corrigiu-se, com as faces tingidas de vermelho e os olhos cravados em mim. Observei-a duramente e não precisei repetir. Mesmo com vergonha, abriu as coxas trêmulas para os lados.

— Mais — rosnei.

Seus joelhos caíram escancarados sobre o lençol, levemente erguidos. Deslizei meus olhos pelo pescoço esguio, os ossos modelados da clavícula, a pele impecável e branca, os seios cheios com mamilos endurecidos, a barriga lisa e o umbigo pequeno até a boceta rosada, que tinha os lábios delicados tingidos de vermelho, manchados de sangue fresco.

Meu coração bateu mais forte. Fui invadido por uma fome irracional e soube que mais uma vez seria diferente com Eva. Eu não queria só me deitar sobre ela e meter meu pau dolorosamente duro naquela cavidade quente e macia cheia de menstruação, de sangue. Eu queria cheirá-la. Queria o que nunca quis com outra mulher, sentir seu gosto de fêmea, saboreá-la na língua, provar sua essência como um animal, lambuzar-me em seu gozo e em seus fluidos.

Eu estava realmente fora de mim, embora parecesse controlado ao largar o paletó no chão e puxar a camisa. Desabotoei-a sem uma palavra, esquecendo-me até de respirar enquanto não conseguia tirar os olhos da sua boceta, que me hipnotizava. Eva olhava-me, alterada, arfante, nervosa, excitada, esperando que eu a atacasse. O que eu faria.

Larguei a camisa e tirei os sapatos. Abri o cinto de couro italiano e a calça feita sob medida. Antes de tirá-la, peguei um pacote de preservativos na carteira e o deixei sobre o lençol. Só então me livretei da calça, da cueca branca e das meias, ficando completamente nu, sentindo seu olhar em meu corpo, em meu pau rodeado por veias esticadas, latejantes, em meu saco pesado e duro.

Ajoelhei-me entre suas pernas, sabendo que minha fome me venceria, agarrando suas coxas e abrindo-as ainda mais. Lambi meus lábios quando aquele vermelho-vivo cegou-me para todo o resto, chamando-me fervorosamente, enlouquecendo-me.

— Theo... Senhor! — choramingou, agoniada em tremores, apavorada ao ver minha intenção, erguendo as mãos para se cobrir e me impedir.

Eu a olhei de modo autoritário, tão penetrante que parou com as mãos no ar e apenas suplicou, sacudindo a cabeça completamente envergonhada:

— Não, por favor...

— Mãos ao lado do corpo, coelhinha. Fique quietinha. Não quero que me toque enquanto faço o que quiser com você.

Ela estava tão nervosa e constrangida que pensei que lutaria, mas apenas gemeu

em um lamento derrotado e agarrou o lençol entre os dedos, estremecendo da cabeça aos pés. Então eu ataquei, esfomeado.

Levei o nariz aos seus pelos, cheirando-a, embriagando meus sentidos com o perfume acre e doce ao mesmo tempo, com aquela essência forte e feminina que para muitos seria motivo de vergonha, mas que para mim era completamente viciante e excitante. Fiquei alucinado e desci mais, por toda a sua boceta, cheirando-a antes de qualquer coisa, como um viciado. Minhas narinas flamejaram e minhas entranhas responderam àquele estímulo que me enlouqueceu, fazendo-me rosar baixo.

Deslizei as mãos entre suas coxas macias, por baixo, erguendo-as, empurrando-as abertas contra sua barriga, deixando-a inteiramente exposta para mim. Salivei, faminto, ansioso, vendo cada parte dela, abrindo a boca e passando a língua bem no seu sangue, no meio da sua boceta, entre os lábios carnudos e avermelhados. Eva deu um grito chocado. Senti o gosto levemente amargo em minhas papilas gustativas, ao mesmo tempo suave e doce, forte como uma bebida carregada, embriagante.

Meu pau se lubrificou, duro a ponto de doer, completamente ereto. Então, perdi o controle de vez, segurei-a com firmeza e meti a língua dentro dela, saboreando-a com um tesão escaldante, lambendo-a, sugando tudo que despejava em minha boca, chupando-a com um desejo voraz.

— Ah, meu Deus... — Eva choramingava, desesperada, chocada, entre tremores violentos que percorriam seu corpo.

Abria-a mais e virei a cabeça de lado, abocanhando um dos lábios vaginais carnudos, pegando a carne fina de dentro e a polpuda de fora, e puxando em uma mordida e um chupão forte, sugando-a até que gritou e se debateu, alucinada e fora de si. Era uma delícia sentir a boca e o queixo cheios do seu cheiro, seu sangue, seus líquidos melados que saíam e escorriam enquanto eu me lambuzava esfomeado nela.

— Senhor! — gritou. Eu rosnei, feroz, indo para o outro lado, sorvendo-a, dentes, lábios e língua cheios dela, abocanhando o outro lábio, sugando-o o máximo possível e com força, em chupões ásperos, profundos, duros. — Por favor, pare... Oh... Oh...

Deixei-a inchada e vermelha. Sua excitação a fazia sangrar mais, e o fluxo descia e escorria para seu ânus enquanto eu me manchava nele. Minha boca e meu nariz estavam cheios de seu gosto e seu cheiro enquanto, fora de mim, eu a lambia, deliciado, viciado, subindo até capturar o clitóris duro e chupá-lo duramente.

Eva começou a ondular, dizendo palavras desconexas e sacudindo-se. Desci a mão por sua coxa e espalmei-a em sua boceta. Senti o sangue quente, o mel macio

e espalhei-os por ela. Meti o dedo do meio naquela umidade flamejante e gemi com o que aquilo fez comigo. Ela se arqueou para trás, tirou as costas do chão e agarrou meus cabelos em rendição. Não a impedi.

Com a mão livre, puxei um preservativo. Mesmo não querendo tirar minha boca dali, tive que fazê-lo ou acabaria gozando. Estava realmente fora de mim, em meu limite, lambuzado, alucinado, faminto. Olhei-a enquanto tirava meu dedo cheio de sangue da sua boceta e rasgava a embalagem, cobrindo meu pau dolorido com a camisinha.

— Você é muito gostosa, coelhinha — falei, rouco, descendo sobre ela, mordendo o interior de sua coxa e fazendo-a gritar. Espalhei mordidas e chupões até a virilha, mordiscando então os lábios melados, azedos e doces, polpudos, esfregando meu nariz, meu queixo e minhas mãos, abrindo-a com dedos molhados para passar a língua bem no meio e sorver o sangue e o prazer misturados.

— Ah... — Ela ondulou sem controle, girando a cabeça, com os olhos pesados em mim, buscando-me com as mãos, a ponto de gozar. Então me ergui e montei entre suas coxas abertas, enfiando as mãos sob suas costas, agarrando seus ombros.

Esmaguei seus seios e ela olhou-me angustiada, cheia de tesão e surpresa, certamente sentindo o cheiro de sangue e de seu lubrificante natural que pareciam encher o ar, vendo sua marca em meus lábios e queixo. Não esperei mais, cerrando o maxilar e penetrando a cabeça do meu pau naquela boceta encharcada e quente, macia e apertada, que palpitava e me sugava como uma boca faminta. Meti duro, fundo, com força.

— Toma meu pau, coelhinha. Toma tudo.

E Eva tomou, abraçando-me, abrindo-se para receber minhas estocadas profundas. Gemidos entrecortados escapavam de sua garganta e seu rosto mostrava uma mulher completamente arrebatada. Fui bruto, comendo-a em um vaivém violento, enchendo-a com minha carne que nunca estivera tão dolorosamente inchada e dura. Meu pau era grande e grosso para sua delicadeza, mas não me contive. Empurrei até que tudo dentro dela a pressionasse e senti que jorrava líquidos para fora. O movimento fazia um barulho de chapinhar e melava nossos corpos.

— Porra, que gostosa! Quente e molhada... Eu estava louco de saudade — murmurei, sem precisar de mais nada, mas ainda querendo tirar tudo que ela tinha, fazê-la tão minha que nunca mais imaginaria o mundo sem mim, sem me ter fodendo-a. E enquanto metia duro, empurrando-a com estocadas brutas, ordenei, fitando seu olhos: — Beije a minha boca.

Não vacilou e não teve repulsa de tudo que eu era capaz, do seu sangue e dos seus líquidos impregnados em mim. Tirou a cabeça do travesseiro, sôfrega,

inclinando-a para tomar meus lábios com os seus, macios e carnudos, doces e apaixonados. Fechou os olhos e gemeu baixinho, serpenteando sua língua em minha boca, enquanto eu permanecia com os olhos abertos, finalmente envolvendo minha língua na dela, beijando-a com o coração disparado. Fiz com que deitasse a cabeça novamente no travesseiro e tomei posse do beijo, dominando-a ali como a dominava com meu corpo.

Meti com brutalidade e beijei com paixão. Acariciei sua pele, seu braço, sua axila, seu seio. Senti a suavidade da sua barriga. Adorei-a em toques suaves enquanto a fodia fundo e forte, parando apenas bem dentro da sua boceta para fazer um movimento circular com o quadril e logo em seguida estocando de novo. Sua respiração era agitada, seu corpo se fundia ao meu e se sacudia. Eva gemia e choramingava em minha boca, dava-se tanto que o gozo a consumia e já não era dona de si.

Suas unhas apertavam minhas costas enquanto ela se segurava em mim como se fosse cair, com as pernas bem abertas, chupando meu pau com a boceta, arrebatada por tremores descontrolados. Eu metia sem dó, comendo-a firme e forte, rosnando para me conter. Ergueu a cabeça e abriu a boca em meu ombro, bem em cima da marca do tiro, chupando-me ali e choramingando enquanto ondas e mais ondas de orgasmo a percorriam. E esse foi o meu fim.

— Ah, coelhinha...

Arquejei enquanto me contraía e gozava bem fundo, sentindo meu pau ondulando. Todo o meu corpo e minha mente se fundiam a ela, ao prazer descomunal e violento que me deixava perdido e entregue, que me fez agarrá-la e apertá-la embaixo de mim enquanto eu jogava a cabeça para trás e me esvaía. Por um momento, só consegui pensar que seria delicioso espalhar meu esperma em seu útero, misturá-lo ao seu sangue e seu gozo, banhá-la comigo naquela dança louca.

Apoiei o peso do corpo nos cotovelos para não a esmagar, ainda sem condições de sair. Fitei seus olhos pesados, lânguidos, devassados pelo gozo. Nossos lábios quase se tocavam. Nossas peles ardiam. Eu estava completamente enterrado dentro dela. E, enquanto nos fitávamos, soube que estava fodido.

— Eu nunca... — disse Eva, baixinho, parecendo abalada. — Nunca imaginei algo assim.

— Assim como? — Forcei-me a puxar meu pau para fora dela. Seu gemido quase me fez voltar. Senti-me estranhamente vazio.

Como o colchonete era estreito, encostei a bunda no chão gelado e xinguei, passando para o lençol e puxando-a contra mim para que nós dois coubéssemos ali. Eva deslizou a mão em meu peito, com a cabeça apoiada em meu ombro, sem tirar os olhos de mim.

— Você me lambeu... Meu Deus! — Baixou os olhos, ainda mais envergonhada.

— Não tenho nojo de nada que venha de você — falei, baixo, e ela me fitou rapidamente, corando e com olhos brilhantes.

Percebi que era verdade. Eu queria tudo dela. E o pior era que ainda continuava faminto.

— Não acredito que não tem uma cama — resmunguei, mudando o assunto.

— Nunca me fez falta.

— Como não? Isso parece uma folha de papel. Vou resolver isso amanhã.

— Não — disse ela, baixo, mas decidida.

— Já disse que essa palavra não me impede.

— E o que impede você, Th...? Senhor?

Olhei-a nos olhos.

— Nada. Nada me impede quando quero alguma coisa. E, nesse exato momento, nada vai impedir que você seja minha até quando eu quiser, coelhinha.

Surpreendeu-me ao sentar-se, dando-me as costas. Seus cabelos caíram em ondas desconexas quase até a cintura fina. Só isso já me deu tesão. Agarrei meu pau e arranquei a camisinha, cheia de esperma e sangue por fora. Sentei-me também, amarrando-a, olhando-a com interesse antes de descartá-la. E foi então que olhei à minha volta, coisa que Eva também fazia, mordendo o lábio.

Minha coxa e meus pelos púbicos escuros estavam melados de sangue, o mesmo que deixara seu cheiro em meu nariz, boca e barba. O lençol branco estava manchado de vermelho, assim como as coxas e a boceta de Eva. Arregalou os olhos para mim, vendo toda aquela lambança, completamente corada e chocada.

Tudo isso me excitou ainda mais. Senti a ereção voltar e deslizei minha mão para o meio das coxas de Eva. Com os olhos arregalados, segurou meu pulso e tentou fechar as pernas, sacudindo a cabeça.

— Não...

— Está se negando a mim? — indaguei, baixo, franzindo o cenho. Meus dedos estavam a poucos milímetros de sua boceta.

— Olha essa sujeira, esse cheiro, esse sangue. Não para de sair. Preciso de um banho.

— Agora não. Eu quero mais. Deite-se.

— Theo.

— Deite-se, coelhinha. — O sangue já corria rápido em minhas veias. Minha violência natural latejava dentro de mim, exigindo mais. — Segure a boceta e abra-a para mim.

Pareceu chocada e sacudiu a cabeça, dizendo que não.

— O sangue...

Eu a peguei de surpresa. Puxei-a pelos braços fazendo-a cair de bruços sobre minhas coxas, atravessada, espalhando os cabelos por toda parte. Um grito assustado escapou de sua garganta e tentou livrar-se dali, mas a segurei com a mão espalmada no final da sua coluna e, com a mão direita, dei uma bofetada forte em sua bunda, ordenando furiosamente:

— Quieta!

Parou imediatamente, com as mãos espalmadas no chão como se fosse se levantar e os cabelos cobrindo o rosto. Excitou-me demais sua obediência, mesmo que tardia.

— Não se mexa enquanto surro sua bunda. — Esfreguei a mão na marca vermelha deixada pelos meus dedos e bati em cima, com força, fazendo-a gritar. Minha respiração já se tornara densa e aquele tesão bruto varria-me por dentro, dando-me uma estranha calma. — Sabe por quê, coelhinha?

— Porque... Ai! — Choramingou quando dei mais dois tapas. Respondeu rapidamente, para escapar do castigo: — Senhor, porque eu disse “não”!

— Porque me disse “não” no tanque, achando que poderia me dispensar. — Esbofetei sua bunda seguidas vezes, com força, enquanto se sacudia. Já era minha e nem sabia. Eu ardia, sentindo meu pau duro demais sob seu quadril, mais excitado do que eu poderia julgar possível após gozar tanto. Surrei-a mais, deixando a bunda muito vermelha. — Porque se negou a mim por três dias e saiu com Daniel. Porque foi jantar na casa dele.

— Eu não fui, juro!

— Foi.

— Não! Theo, não...

— Porque não me chamou de “senhor”. Porque passou batom vermelho para ele. E porque me disse não agora. Você é minha, coelhinha. Só minha.

— Sim, senhor! Sim, senhor... Ai, está doendo... — Ela já chorava copiosamente.

Dei mais dois tapas e respirei fundo, contendo-me, sabendo que estava em seu limite. Olhei para aquela bunda redonda e vermelha, marcada por mim, e para o corpo atravessado ao meu, o sangue à nossa volta. Senti-me um verdadeiro animal, mas isso eu sabia que era.

O que me preocupou não foi isso. Eu já havia me aceitado. Monstro, carrasco, feroz. E, mesmo assim, as mulheres faziam fila para ser minhas submissas, para sentir o peso das minhas mãos nuas ou em luvas de couro, às vezes armadas com chicotes e outros instrumentos dolorosos. Mas não era nelas que eu pensava. Todas pareciam ter evaporado da face da Terra. Eu só conseguia ver, sentir e respirar Eva. Era uma fome voraz, um desejo absurdo. O que me tocou mesmo foi

a vontade que senti, em meio ao prazer de marcá-la, de beijar cada pedaço da sua pele, lambe-las suas lágrimas, confortá-la no colo. Foi um misto de tesão e ternura indescritível e assustador.

Por um momento, não a toquei. Fiquei quieto, sem entender o que era aquilo, o que havia abrandado em mim. Não tinha perdido a vontade de surrá-la ou submetê-la. Eu ainda a sentia. Era um desejo de algo mais.

Pegando-me desprevenido, Eva disse, baixinho, em um tom suave:

— Sou toda sua, senhor.

Meu coração disparou. Por um momento, fiquei sem ar, paralisado, invadido por sentimentos que me deixaram perplexo. Em meio às lágrimas e ao nervosismo, seus olhos espelhavam uma entrega total, uma submissão única, um desejo tão intenso que se equiparava ao meu. Então entendi que, mesmo com a dor, minha dominação a excitara, dobrara-a de alguma maneira.

Apoiou as mãos no chão e ergueu-se um pouco, esfregando-se com suavidade contra meu pau, parecendo levemente bêbada, uma devassidão espelhada em seus traços. Moveu-se para trás, murmurando docemente:

— Posso?

Eu estava mudo. Não esperava aquilo. Esperava amansá-la me enterrando em sua boceta, obrigando-a a me ter e fazendo-a gozar em volta do meu pau, vencida pelo tesão. Vi aonde queria chegar quando se ajoelhou na ponta do colchonete e agarrou meu pau com as duas mãos, descendo a boca sobre ele, metendo-o entre os lábios macios.

Fui invadido por uma luxúria violenta. Ainda pensei em agarrar seus cabelos, dominá-la, mas a boca era tão quente e gostosa, tão faminta, que não fiz nada, olhando os cabelos que se espalhavam em minhas coxas, a garota que mais uma vez se imiscuía dentro de mim sem que eu pudesse impedir.

Eva tinha me deixado faminto. Agarrei seu cabelo na nuca e forcei meu pau mais fundo, fazendo-a me tomar até a garganta. Ao mesmo tempo, consegui meter dois dedos no meio da sua bunda, avisando, baixo:

— Vou te comer aqui hoje, coelhinha.

Ela gemia e se acabava em meu pau. Eu estava criando uma garota sedenta por sexo, uma serva natural que gostava de ser minha, educando-a para ter prazer em me servir. E, no processo, me via tão envolvido quanto ela, tão dominado que sentia um aviso me espreitando e repetindo que aquilo não acabaria bem. Mas o desejo, a satisfação, era mais forte e aplacava todo o resto.

Eva choramingou e parou um pouco quando eu tinha três dedos enterrados em seu ânus. Eu já estava a ponto de ejacular e ela, de gozar.

— Vem aqui. Senta no meu pau.

Tirei os dedos e a ergui. Descabelada e vermelha, ofegante, olhou para mim.

Fui fulminado por sua beleza, por tudo que me fazia sentir. Tive um desejo insano de beijá-la, de dizer algo que nem eu sabia o que era, e isso me enfureceu. Passei o braço em volta de sua cintura e sentei-a de costas para mim, ordenando:

— Ajoelhe-se e incline o corpo para a frente.

Senti seu cheiro, um misto de perfume, suor, gozo e sangue. Fiquei louco, segurando meu pau com uma das mãos, puxando-a para mim com a outra. Esfreguei a cabeça no rego da sua bunda melada e lambuzada, mirando em seu ânus. Então percebi que estava sem camisinha. Não dava para engravidar ela ali e fui a porra de um irresponsável, mas não me importava com o resto. Eu só queria sua carne contra a minha e enchê-la do meu esperma.

— Vou comer sua bunda sem preservativo. Olha o que você faz comigo. Eu nunca comi ninguém sem proteção. Você me enlouquece, coelhinha. Você ainda vai me matar de tanto tesão — avisei, enquanto ela se segurava em meus joelhos e tremia em meus braços.

— Sim, senhor — disse, cativa, baixinho.

Isso me deixou ensandecido. Com as duas mãos, agarrei sua bunda pela lateral e pelo quadril, abrindo-a, trazendo-a para mim. Forcei meu pau no meio dela.

— Ai... — Choramingou com a ardência e estremeceu, mas não fugiu. Empurrei, e a cabeça esticou ao máximo o orifício, abrindo-a, penetrando-a. Gritou, mas não tive dó. Puxei-a para mim e enterrei-me apertado até a metade enquanto lágrimas caíam dos seus olhos sobre as minhas coxas.

Eva começou a gemer e a ter prazer com a penetração dura e dolorida. Empinou-se e cavalgou-me, fora de si, engolindo meu pau, alucinada. Escorreguei a mão por sua barriga e acariciei seu clitóris, fazendo-a enlouquecer de vez.

Ela gritava e pedia por mais.

— Quer mais, coelhinha? — perguntei, bruto, descendo o dedo entre sua boceta e espalhando o sangue que gotejava por sua carne, por meu saco logo embaixo e por sua barriga.

— Ah, senhor!

Meti o dedo do meio e comi sua boceta enquanto cravava duramente meu pau no meio da sua bunda.

— Ah, Theo... Ah, que gostoso, senhor... Sim, me dá seu pau... Por favor...

— Safada gostosa... Rebola! — Puxei-a de novo, sentada sobre mim, enterrando dois dedos em sua boceta, comendo-a com voracidade enquanto ainda gozava e me cavalgava, alucinada, apertando meu pau em espasmos.

Foi então que me acabei. Gritei, rouco, fora de mim. Nem me dava conta do que fazia, ejaculando quente e em ondas dentro dela, alagando-a com meu esperma, sentindo sua carne nua, delirando em um tesão espetacular.

Quando desabou sobre mim, suada, com os cabelos grudados na pele, cabeça

contra meu ombro, senti seu cheiro, a textura da pele de seu pescoço contra meus lábios, e continuei com os dedos naquela boceta molhada e palpitante, meu pau agasalhado em sua bunda. Nunca tinha estado em um lugar melhor.

Fechei os olhos e desejei não sair dali.

15

eva



Acordei com calor, sentindo-me levemente suada, mas com uma sensação gostosa de proteção. Sorri bobamente, ainda meio mergulhada na inconsciência, tentando entender o que era aquela felicidade que se espalhava dentro de mim. Foi nesse momento que senti o braço firme em volta da minha cintura e o calor que vinha do seu corpo encaixado atrás do meu. Meu coração disparou e fitei a parede branca, iluminada pela luz do dia.

Theo tinha dormido ali comigo, apertado naquele colchonete. Parecia inacreditável, mas era real.

Fiquei quietinha, sem coragem de me mexer e perder aquele contato, enquanto meu corpo reagia, bombardeado pelo desejo e pelas lembranças do que havíamos feito na noite anterior. Minha pele formigava, minha mente dava voltas, viva e pulsante, minha barriga se retorcia de nervosismo e excitação.

Tinha sido intenso, forte, maravilhoso, impressionante. Eu não conseguia parar de recordar cada detalhe. E, para coroar aquela loucura, Theo ainda estava ali. Poderia ter ido embora para sua casa, tão perto, mas, por algum motivo, tinha dormido ali comigo. E eu sabia por quê. Era aquela fome que nos consumia, que parecia nos atar sem que pudéssemos entender, mesmo existindo um mundo de diferenças entre nós.

Depois de termos transado e haver sangue para todos os lados, tomamos banho no pequeno boxe. Fiquei calada, constrangida, perturbada. Por tudo. Pelo sangue que escorria dos nossos corpos lambuzados, pela loucura que tinha sido transar com Theo naquele estado, pelo simples fato de estar ali, nua, com ele. Sentia seu olhar penetrante sobre mim, mas evitava encará-lo por vários motivos. Ele também estava calado, pensativo, sério.

Olhou-me enquanto eu enrolava a toalha em volta do corpo e franziu o cenho.

Sem uma palavra, puxou a toalha e me surpreendi.

— Mas o que...

— Não vai precisar se cobrir.

Senti um baque por dentro, porque seu olhar deixava claro que me queria mais naquela noite. Veio até mim em duas passadas e só pude prender o ar e ansiar, pois eu faria tudo, tudo que Theo quisesse. Agarrou-me pelo cabelo e pela cintura, erguendo-me do chão com facilidade em um beijo gostoso e embriagante, devorando a minha boca enquanto eu o abraçava pelo pescoço. Andou assim comigo até o quarto, onde eu já tinha trocado o lençol sujo de sangue por um azul-claro.

Dessa vez, Theo foi surpreendentemente doce. Nunca imaginei que ele pudesse ser assim, sabendo o quanto era dominador e feroz, mas beijou-me tanto, tanto, deitando-se entre as minhas pernas, que fiquei embriagada, dopada, abraçando-o e acariciando-o, apaixonada e entregue, sentindo meu coração a ponto de saltar para fora do peito.

Quando afastou a boca da minha, seus olhos duros e pesados nos meus, sombreados pelos cílios espessos, olhei-o com toda a gama de sentimentos que extravasavam do meu peito, sem poder escondê-los. Por um momento, ficou imóvel e tive medo que os visse, que notasse como eu estava loucamente apaixonada por ele.

Algo aconteceu. Brevemente, também achei ter visto aquelas emoções em seus olhos, a surpresa quando sentimentos não convidados se infiltraram entre nós. Ficamos lá, imobilizados, olhando-nos, até que a realidade voltou e o segurou com firmeza. Seu rosto tornou-se mais duro. Sua voz saiu baixa e decidida:

— É só sexo, Eva.

Talvez não me chamar de “coelhinha” fosse o pior, pois parecia tornar suas palavras mais frias e verdadeiras. Ergueu-se um pouco e tive medo de que me abandonasse, pois eu precisava dele. Vi-me agarrando-o, a ponto de suplicar, mas apenas pegou o preservativo e o colocou. Quando voltou, eu já abria bem as pernas e tremia, fora de mim, buscando sua pele quente, seus músculos, qualquer parte que pudesse ser minha.

Fitou meus olhos ao pesar sobre meu corpo, novamente agarrando minha cabeça, enterrando seus dedos em meu cabelo, deixando claro que me tomava e dominava mesmo daquela maneira mais comedida. Seu pau abriu caminho entre meus lábios vaginais melados de sangue e lubrificação e sua boca estava quase encostando na minha ao dizer:

— É o que vai ter de mim, coelhinha. — E penetrou-me duro, grosso, longo, enchendo-me até a alma, repetindo para que não restassem dúvidas: — Sexo. Vou te foder toda hora. Somente eu. Não espere mais do que isso.

Tive vontade de gritar, agarrá-lo e lutar. Porque eu queria mais. Tinha chegado a um ponto sem volta, a um desespero enlouquecedor, a uma paixão sem limites. E, quando me beijou, esfomeado, choraminguei e me dei, gemi e beijei, até que se enterrava em minha vagina e em minha boca, enterrava-se em minha alma e em meu coração.

Sem precisar me amarrar ou bater, me humilhar ou prender, Theo me tomou e gozou, gemendo, rouco, sem parar de me beijar, fundindo-se em mim de uma forma inesquecível, segurando-me como se eu fosse o bem mais precioso da sua vida. E ali eu acreditei que era, lutei para acreditar e sonhar, para desejar o impossível.

Deitou-se ao meu lado naquele colchonete estreito, puxando-me de costas para ele, de conchinha, mantendo-me contra seu corpo, respirando em meu pescoço.

Não acreditei que ficaria ali e, como se isso fosse bastar, segurei seu braço em torno da minha cintura para que não me deixasse. Ficamos em silêncio, como se qualquer palavra pudesse quebrar aquela falsa aparência de normalidade. Por dentro, eu ansiava, gemia, amava, desejava. Eu não entendia por que Theo me segurava daquele jeito, mas tinha até medo de respirar e fazê-lo mudar de ideia.

Ele se moveu, acordando, e senti como ficou rígido. Na mesma hora, fechei os olhos, com o coração disparado, fingindo dormir. Theo também ficou parado, e foi como se o tempo tivesse congelado. Então senti seu nariz deslizar em minha nuca, cheirando-me devagar. Quase arquejei quando um arrepio percorreu minha pele de cima a baixo. Moveu a mão, deslizando-a em minha barriga nua, percorrendo meu braço com o indicador, eriçando cada pelo do meu corpo. Então, não teve jeito. Estremeci e soltei o ar dos pulmões, entregando-me. Na mesma hora, ele me soltou e se afastou.

— Porra de colchonete! Como consegue dormir assim todas as noites?

Até achei engraçado, abandonando um pouco da seriedade dos meus angustiados pensamentos anteriores.

— Não vejo problema algum.

— Sua coluna vai ver daqui a alguns anos. Eu ficaria entrevado em dois dias!

Ri, sentando-me também.

— Mas você já é um senhor de idade.

Era para ser uma brincadeira. Ninguém compararia Theo a um senhor de idade. Mas me arrependi quando sua expressão se fechou e seu olhar ficou duro e cortante como uma navalha. Engoli o sorriso e mordi os lábios.

Ele se levantou.

— Theo...

Ignorou-me enquanto recolhia suas roupas. Passei o olhar por seu corpo, admirando-o, desejando-o, não querendo que se fosse. Enfiou a cueca e, logo

depois, a calça preta, abotoando-a e fechando o cinto.

Eu me ergui também, corada, dizendo sem graça:

— Foi uma brincadeira.

— Eu sei. — Enfiou os braços na camisa branca, mantendo os olhos fixos nos meus, sem achar nenhuma graça. Corei ainda mais, principalmente quando fitou meu corpo nu e disse friamente: — Mas acho que você não tem do que reclamar, ninfeta. O velhote aqui está dando conta do recado.

— Eu não... Não reclamei. — Tentei explicar que fora só uma brincadeira, para afastar aquele clima ruim entre a gente. Percebi que a diferença de idade ainda o incomodava e garanti: — Muito pelo contrário.

Theo abotoou a camisa, observando-me. E fiquei lá, nua, envergonhada, sem poder afastar os olhos, chateada por minha brincadeira sem graça.

— Você tem vinte e dois anos e, em julho, eu faço quarenta e dois — interrompeu-me, seco, pegando o paletó, vestindo-o e sentando-se na cadeira para colocar as meias e os sapatos.

Gelei. Se ele soubesse que eu só tinha dezenove anos, que só faria vinte no final do ano... Ele se levantou.

— Isso não vai me impedir de continuar te comendo, coelhinha. Vai ser meu prato principal até eu enjoar. Depois, você vai poder correr e dar para os moleques da sua idade. E terá aprendido um truque ou dois para ensinar a eles.

Fiquei chocada com suas palavras, ainda mais pelo tom de desprezo que me fez me sentir como uma puta. Arregalei os olhos. Theo fitou o luxuoso relógio de pulso, soltando um palavrão.

— Porra, eu tinha uma reunião às oito da manhã. Já passa de nove horas. Não deveria ter dormido tanto. Preciso ir. — Ele guardou a carteira no bolso, vestido, enquanto eu continuava nua. As diferenças entre nós, todas elas, eram gritantes naquele quarto. E, ainda naquele tom superior, seco, completou: — Vou mandar entregar uma cama. De preferência com uma grande cabeceira na qual eu possa amarrar seus pulsos para te foder.

Suas palavras cruas e sua agressividade me deixaram branca. Tudo que havíamos feito pareceu sujo, frio, sem emoção. O fato de ter dormido abraçado comigo foi sobrepujado pela sensação de que eu não era nada, só um corpo a ser devorado enquanto apetecia a ele. Puxei o ar, humilhada, cheia de dor e raiva. Ergui o queixo e falei, soando tão fria quanto consegui:

— Pois se quiser vir aqui me foder, senhor, vai ser no colchonete. Não quero sua cama.

— Não me provoque, coelhinha. Já devia saber com quem está se metendo.

— Eu sei. — Queria xingá-lo, mas preferi ser fria.

Largou-me como se não se importasse. Deu-me as costas e caminhou para a

porta. Só para me deixar mais revoltada, completou, falando sobre o ombro:

— Arrume a cama quando chegar. Se eu puder, venho te comer à noite.

E saiu, como se eu fosse uma prostituta qualquer.

Lágrimas pularam dos meus olhos, e eu tremi, magoada, inconformada, cheia de raiva. Tive vontade de correr e socá-lo. Acho que nunca o odiei tanto quanto naquele momento.

Theo

Eu fugi. Foi essa a sensação que tive quando saí da casa de Eva para o sol naquela manhã de sábado. Fugi de coisas que eu não entendia e sobre as quais não queria pensar, assim como de todos os sentimentos vorazes que ele despertava em mim. Nunca uma pessoa me fez passar do desejo à raiva, da ternura à paixão, tão intensamente quanto ela. Como naquele momento em que vê-la nua com aqueles cabelos longos me deixava louco de desejo e, ao mesmo tempo, eu sentia raiva daquela diferença de idade.

Peguei as chaves do carro no bolso e abri o portão da casa, mergulhado em pensamentos perturbadores, muito irritado e excitado.

— Bom dia, senhor Falcão.

Parei e olhei na direção da voz. Na casa vizinha, um homem molhava o quintal com uma mangueira e olhava para mim cheio de curiosidade. Ao seu lado, a esposa tinha os olhos arregalados, olhando de mim para a casa de Eva sem disfarçar. Foi então que notei outras pessoas. A vizinha da casa da frente, uma senhora debruçada na janela. Outras duas conversando agitadamente na calçada enquanto seus filhos brincavam ali por perto. Parecia que todo mundo tinha algo para fazer do lado de fora. E todo mundo olhava para mim.

— Bom dia. — Cumprimentei-os como se estar ali fosse absolutamente natural. Acenei com a cabeça e entrei na Land Rover sem mais conversa.

Era impressionante como qualquer coisa diferente causava rebuliço em uma cidade pequena. Pelo espelho retrovisor, vi o grupo se reunir, excitado, para conversar tão logo meu carro se afastou e sacudi a cabeça, com certa pena de Eva. Ela tomaria um baita susto quando saísse de casa.

Revoltado, parei o carro em frente ao casarão e pulei para fora. Ainda tinha que ir ao escritório, então só trocaria a roupa e tomaria um café. Percebi que estava faminto, já que meus únicos alimentos desde a noite anterior tinham sido as bebidas que tomei no Falconetes e Eva.

Felizmente, não deparei com ninguém ao subir para a minha suíte. Enquanto tomava banho, fui bombardeado por imagens deliciosas de Eva, de tudo que fizera com ela, e pela sensação de penetrá-la em cada orifício. Deveria ter transado com ela também naquela manhã, nem que fosse uma rapidinha, só para ficar um pouco mais tranquilo, sem que me perturbasse em cada segundo do dia.

Tentei esquecê-la enquanto me vestia e descia para tomar café. Conversei com Tia, com meu pai e com Heitor, que encontrei na cozinha, mas Eva parecia grudada em mim, o que me irritou profundamente.

A reunião atrasou, e, no intervalo dela, liguei para uma loja de móveis em Pedrosa. Analisando o catálogo na internet, escolhi uma cama enorme de quatro colunas, imaginando que talvez tomasse todo o quarto de Eva. Mas que se danasse. Encomendei o melhor colchão e travesseiros de primeira qualidade. Comprei também alguns jogos de lençóis e uma colcha felpuda.

Lembrei-me do resto de suas coisas, pobres e velhas. Calculei mentalmente o tamanho do quarto e comprei um guarda-roupa de madeira maciça, assim como a cama. Avancei pela página e, ao final da ligação, tinha encomendado um sofá, uma mesa mediana com quatro cadeiras, um rack, uma geladeira e um fogão de última geração e uma televisão grande, a mais moderna e mais cara.

O vendedor não acreditou quando eu disse que depositaria todo o valor da compra se entregassem naquele dia. Pediu um prazo até ao menos a segunda-feira, afinal, era sábado, a loja fechava mais cedo, teria que procurar transporte e montadores e mais um monte de coisas. Mantive-me irredutível e ameacei cancelar a compra. Na mesma hora, deu um jeito e garantiu que tudo chegaria à casa de Eva naquela tarde, inclusive os montadores.

Enquanto voltava para a reunião, eu me decidia se estrearíamos a cama naquela noite ou se eu a levaria para meu calabouço. Estava excitado e queria ensinar mais umas coisinhas a ela. O fato era que eu a teria de qualquer jeito, não importava onde. Ainda mais agora que não era segredo que éramos amantes.

A reunião demorou mais do que eu tinha previsto, talvez por causa do meu atraso. Era um assunto importante, o aumento das exportações de carne para países do Oriente Médio. A negociação corria muito bem e estava sendo finalizada por Valentina, eficiente como sempre, e mais três homens, dois deles representantes do país em questão e um tradutor. Ao assinarmos o contrato, Valentina sorriu para mim, satisfeita. Depois que os homens se foram, voltou à minha sala e sentou-se.

— Mais uma vitória. A Falcão Vermelho não para de se expandir. Parabéns, Theo!

— Parabéns a você. — Sorri e recostei em minha cadeira. — Toda a negociação foi iniciada por você. É a melhor assistente que alguém pode querer.

Quando eu morrer, vou deixar uma cláusula dizendo que você estará à frente de tudo por aqui com meus irmãos.

Ela riu, sem graça. Não era muito de demonstrar emoções espontâneas, mas nos dávamos bem e era uma pessoa de confiança.

— Tenho certeza de que não será necessário. Pedro daria conta quase tão bem quanto você.

— Não seja modesta.

Discutimos mais alguns pontos da negociação. Pouco antes das três horas da tarde, meu celular tocou. Pedi licença e o atendi.

— Senhor Falcão? Aqui é Oswaldo Lima, gerente da loja em que o senhor fez as compras.

— Sim. Como vai? Algum problema?

— Os entregadores ligaram. Estão com um problema, sim.

— Qual? — Franzi o cenho.

— A dona da casa se recusa a receber.

— Como? — perguntei, baixo.

— Ela não deixou que entrassem com os móveis e eletrodomésticos. Mandou devolver. E os rapazes estão lá, sem saber o que fazer.

Eu não acreditei. Senti a irritação crescer com tudo dentro de mim. Apertei o aparelho e encontrei os olhos escuros de Valentina, preocupados ao ver a minha mudança, a raiva que me dominava diante da petulância e infantilidade de Eva.

— O que faço, senhor?

— Peça para esperarem. Estou chegando lá para resolver.

— Pode deixar.

Desliguei, já me levantando. Valentina fez o mesmo.

— Algum problema, Theo?

— Sim, mas não é nada sério. Vá para sua casa. Já a fiz perder quase todo o seu sábado aqui. Seu filho e seu noivo devem estar sentindo a sua falta. Também vou para casa.

Nós nos despedimos e voltei à fazenda cuspiendo fogo. Minha raiva ainda aumentou quando vi o que acontecia. A casa de Eva estava fechada, o caminhão estava parado em frente e os três funcionários da loja, uniformizados, sentados na calçada à sombra de uma árvore. Vizinhos circulavam por lá, curiosos, reunindo-se em pequenos grupos em portões alheios. A senhora que morava em frente a Eva conversava com os rapazes, servindo-os de uma garrafa com água.

Com uma expressão de frieza, algo que eu estava longe de sentir, desci do carro, bem sério. Todo mundo olhava para mim. O silêncio era sepulcral. Caminhei até o portão de Eva sem cumprimentar ninguém. Acho que, se eu desse um grito, todo mundo sairia correndo, cada um para um lado. Muitos me fitavam

com uma espécie de medo.

Fui até a varanda e esmurrei a porta. Eva não abriu, o que me deixou mais possesso. Testei a maçaneta e cedeu. Empurrei-a e entrei, batendo-a atrás de mim, isolando os curiosos do lado de fora.

Eva estava enrodilhada no sofá, lendo um livro. Porra, o maior circo montado lá fora e ela ali, lendo um livro calmamente?

Olhou-me e percebi que não estava tão calma assim. Levantou-se, um pouco assustada, com a respiração agitada e os olhos quase saltando do rosto.

— Pode me explicar que palhaçada é essa?

— Por que não me diz? — Apesar de tremer, não desviou o olhar nem recuou.

— Dizer o quê, Eva? — Fui até ela, fora de mim, e agarrei seus braços, fitando-a nos olhos. — Que você parece uma criança boba e inconsequente? Que conseguiu juntar todos os meus empregados aí fora com sua besteira?

— Besteira? — Tentou se soltar, mas apertei mais. — Está me machucando, Theo!

— Você deveria estar agradecida. Vai ter uma cama onde dormir e sair daquele chão duro! — Eu a soltei, mas não me afastei.

— Eu não pedi nada! Eu disse que não queria! — Estava vermelha. Os olhos brilhavam de raiva. — O que pensa que sou? Uma prostituta? Você me tratou como uma quando saiu daqui e ainda por cima manda esse caminhão de coisas para todo mundo ver que sou sua puta? Que me sustenta?

— Eu não te sustento, merda!

— É o que todo mundo tá pensando!

— Foda-se o que todo mundo tá pensando!

Olhou-me acusadoramente, arfando, mais bonita do que jamais estivera com aqueles cabelos longos espalhados por toda parte. Senti o desejo guerrear com a raiva, mas não o deixei vencer. Avisei, entre os dentes:

— Os homens da loja vão entrar e vão montar os móveis. E você vai parar com essa infantilidade.

— Engraçado... De manhã, você ficou todo ofendido porque brinquei sobre nossa diferença de idade, e agora está me chamando de criança. Não sou criança. Sou uma mulher, e você sabe bem disso! — Parecia outra pessoa, raivosa, sem a docilidade que quase sempre exibia. Ergueu mais o queixo, sem recuar: — Não quero cama, televisão, nada! Aceitei a casa e o emprego, mas pretendo comprar o resto sozinha e pagar com o meu dinheiro!

Não dava para acreditar naquilo. E Eva continuou:

— Se você insistir, eu pego meu colchonete, minhas coisas e volto pra favela! Juro que volto, Theo!

— Faça isso. Experimente. Vai ver como arrasto você de lá nem que seja pelos

cabelos até aqui.

— Você não é meu dono!

— Sou!

— Não é! — gritou, histérica. — Não aguento mais isso! Não aguento mais isso!

— Porra, Eva, você está maluca? — Mesmo furioso, eu não entendia aquele ataque. Ela parecia estar no limite, alucinada.

— Eu não aguento... — repetiu, agora chorando e soluçando alto. — Chega, Theo... Chega...

Senti um medo estranho imiscuir-se em mim. Fiquei gelado, imobilizado.

— Como assim, chega? — indaguei, baixo.

— Não posso mais...

Agarrei seu cabelo e puxei sua cabeça, obrigando-a a me olhar. Fiquei surpreso com o desespero em seus olhos banhados de lágrimas, com a dor que espelhavam. Lembrei-me da última vez que me dissera “não” e me obrigara a passar três dias em penitência, furioso, fora de mim.

— Esse papo de novo? Por que não admite logo que está louca por mim? Essa noite não mostrou a você que não pode ficar longe de mim?

Arquejou, mordendo o lábio como se tentasse impedir a si mesma de falar. O quê? Eu queria ler em seu olhar, queria entender o que a deixava tão descontrolada, mas não conseguia. Por fim, murmurou, cansada:

— Eu não posso com você. É demais para mim.

— Pare de enrolar, Eva. O que você quer?

Olhou-me de um modo tão profundo, tão entregue e aberto, que ficou mais do que óbvio. Só faltou ela responder que era a mim que queria, mas pude ler em seu pensamento. Soltei-a, nervoso, abalado, franzindo o cenho.

Ela ficou imóvel, mordendo o lábio, esperando.

— Não vou me apaixonar por você — avisei, bruto, dando um passo para trás.

— Eu entendi. Mas não quero ser tratada assim.

— Você não sabia que seria assim? Está certo, me diga. Como você quer que seja? Quer que eu te convide para jantar com flores e violino?

— Não precisa ser cínico!

— Esse sou eu! — bufei, inconformado, abalado com aquela conversa. Olhei-a, sério, e falei secamente: — Nada vai me impedir de ter você. Nada. E do meu jeito. Vou explicar como vai ser e espero que seja a última vez que falaremos sobre isso. Você vai viver aqui e com conforto. Não me importo se alguém acha que sustento você. Terá o seu trabalho. Vamos transar aqui, na cama, no sofá e na mesa nova. Vamos transar no calabouço, no escritório, no carro, onde diabo for! Transar. Até um enjoar do outro. Então, cada um seguirá seu caminho. Vê como é

simples?

Eva continuou me olhando daquela maneira magoada, doída, até desolada. Fitei seus olhos, lutando para conter o mau gênio.

— Se colocar qualquer coisa aqui dentro, saio por essa porta e volto para a favela.

Mesmo falando baixo e em um tom magoado, havia decisão em cada sílaba, e vi um lado seu que eu não conhecia. Estava explícito que faria exatamente isso.

— As coisas vão entrar — afirmei, irado.

— E eu vou embora. Vai fazer o quê, senhor Falcão? Vai me amarrar ao pé da cama?

Nunca havia sido tão desafiado. Precisei respirar fundo e cerrar os punhos para conter a violência dentro de mim. Travamos uma luta silenciosa de olhares e fiquei surpreso quando não recuou. Senti-me completamente perdido, sem saber que atitude tomar, preso ali. Sabia que ela faria o que dizia. Assim como eu.

— Você não sabe com quem está se metendo, Eva.

— Acredite, eu sei — disse, baixo. Então, suspirou. — Eu sei que estou muito ligada a você para ir embora agora, mas é o que farei se trouxer qualquer coisa, ainda que seja só a cama. Não sou sua prostituta. E quero que isso fique bem claro para você e para essa gente aí fora.

Virei-me para a porta e saí. Lá fora, o burburinho continuava, mas todos se calaram ao me ver. Saí como uma fera, entrei no carro e fui embora, deixando aquilo para trás, sentindo o sangue latejar nas minhas têmporas.

Meu celular começou a tocar e soltei um palavrão. Era o gerente da loja.

— Senhor Falcão, desculpe-me ligar de novo, mas...

Respirei fundo.

— Mande o caminhão para o casarão da fazenda — falei, friamente.

— Sim, senhor.

Desliguei e saí do carro. Na varanda de casa, encontrei Joaquim e Gabi, cheios de amor no sofá. Sorriam ao me ver.

— Theo, até que enfim! Você não para mais em casa — disse Gabi.

Eu não estava bom para falar com ninguém. Nem queria ficar ali com meu mau humor.

— Um caminhão vai chegar com alguns móveis. Joaquim, pode pedir para guardarem tudo no porão? — pedi, sem mais conversa.

— Claro — respondeu. Seus olhos claros não escondiam a curiosidade. Gabi também estranhava, mas parecia ver que eu estava no meu limite e não insistiu.

— Obrigado.

Entreí em casa e fui para a minha suíte. Tirei a roupa, furioso, e tomei um banho para tentar me acalmar, mas nada deu jeito. Voltei ao quarto, nu, e peguei

uma cueca, um jeans e uma camisa qualquer. Ouvi o caminhão chegar e os barulhos dos homens descarregando. Isso me deixou mais possesso. Desci e fui ao bar. Servi-me de uma dose de uísque e tomei num só gole. Nada me acalmou.

Andei pela sala, mas então me senti enjaulado, irado, a ponto de explodir. Saí. O caminhão estava em frente ao casarão, e os homens transportavam tudo para o porão. Joaquim e Gabi cochichavam algo, e Heitor e Pedro haviam se reunido ali. O casal me olhou, sem graça, como se falasse de mim. Vi em suas expressões culpadas que já sabiam de tudo. Heitor também pareceu encabulado. Só Pedro manteve aquele sorriso debochado, como se se divertisse com a situação.

Quando o olhei, ele ergueu as duas mãos em um gesto de paz e disse em tom irônico:

— Calma lá, irmão, a culpa não é minha!

Fui até os homens, que tentavam tirar a geladeira de dentro do caminhão.

— Deixem isso aí.

Olharam-me sem entender.

— Mas, senhor...

— Ponham tudo de volta no caminhão. E levem para a casa. As coisas vão ficar lá.

Caminhei até minha Land Rover. Nem um pinga da raiva havia abrandado. Pelo contrário, só se avolumara em meu interior. Eu sabia que não deveria nem chegar perto de Eva assim, mas nada me impediria.

A chave estava na ignição, e eu dirigi até a casa dela. A maioria dos vizinhos tinha se dispersado, mas duas mulheres ainda batiam papo no portão de uma casa ao lado da de Eva. Arregalaram os olhos ao me ver. Saí do carro, sem falar com ninguém, e, só quando eu já estava na varanda e abria a porta da casa, uma delas gritou:

— Senhor Falcão, Eva não está aí. Ela saiu e foi para a estrebaria. Vi quando saiu em um cavalo na direção norte.

Deixei a porta escancarada e voltei-me para ela, surpreso com o quanto a mulher sabia. Uma fofoqueira nata. Acenei a cabeça e disse secamente:

— Já que estão tomando conta de tudo por aqui, façam algo de útil. O caminhão vai voltar. Heitor estará com os funcionários da loja. Digam a eles que podem entrar e montar tudo. Meu irmão tem liberdade para decidir onde cada coisa ficará.

— Sim, senhor — responderam quase juntas, vermelhas.

Enquanto saía para pegar meu cavalo, eu sabia que Eva iria me pagar por tudo aquilo. E caro.



Minha mãe tinha me dito onde ficavam nossas terras, que agora pertenciam à fazenda Falcão Vermelho. Estavam localizadas ao norte, depois do rio, um local agora utilizado como pasto para um pequeno lote de gado leiteiro, e não de corte. Eu nunca tinha estado lá, mas, naquela tarde, com tudo que sentia explodindo dentro de mim, senti necessidade de fugir e só pensei em conhecer o local que era um dos motivos para eu estar ali. As nossas terras roubadas por Mário Falcão.

Desolada e angustiada, pensei que aquela família tinha terras demais. A nossa terra nunca teria feito falta para eles, e meu avô já estava preso quando nos foi tirada por pura maldade e vingança, por orgulho ferido. E isso destruiu minha família, me fazia estar ali agora, perdida em meio a uma vingança da qual eu não sabia mais como participar.

Nunca imaginei o que Theo poderia significar para mim. Aquele sentimento tinha me devorado e latejava dentro de mim, criando uma imensidão de dúvidas. Eu via quem ele era, sabia do que era capaz, conhecia sua violência e determinação, mas não conseguia odiá-lo como o fazia quando não o conhecia. Porque, em meio àquilo, notava também o quanto era dedicado à fazenda e à família, o quanto era respeitado e justo. Theo me surpreendia, enraivecia e encantava. Ele me tinha nas mãos, e eu não sabia mais o que fazer com a minha vida.

Vi a ponte branca e curva ao longe. Cavalguei mais rápido até parar na margem do rio e deixar meus olhos varrerem as terras verdes do outro lado, vazias, sem gado. Não tive coragem de ir até elas, mas tentei visualizar a casa que um dia existira ali, de frente para o rio. A casa onde meu avô Pablo, minha avó Estela e minha mãe Luiza tinham morado até toda a tragédia acontecer.

Senti aquela dor dentro de mim e não aguentei ficar ali. Fiz a égua continuar

pela margem, sem suportar aquela visão, sentindo-me arrasada, oprimida, desesperada. O ódio parecia entranhado naquele lugar. Meu avô morreu por causa dele, pelo menos em parte, minha avó se alimentou do desejo de vingança, minha mãe perdeu a juventude e se prostituiu. E nunca esqueceram. Vidas tinham sido, e ainda eram, afetadas e modificadas.

Gabi, jogada no meio dos inimigos, fora criada como uma princesa. Nunca compreendi bem por que minha mãe a deixou ali, ainda tão pequena. Era uma loucura imaginar que aquele plano daria certo, que ela cresceria e, ao conhecer seu passado e saber o que os Falcão fizeram com nossa família, passaria para o nosso lado.

Como seu esquema não saiu conforme o planejado, eu estava lá, como a vingadora da minha família, no entanto, completamente perdida, apaixonada por meu algoz.

Imaginei o que Theo faria comigo se descobrisse. Do jeito que ele era, talvez me matasse com as próprias mãos. Teria ódio eterno de mim se soubesse que mandei os bilhetes e fiz os telefonemas para Gabi, que entrei sorrateiramente no quarto dela durante uma festa e deixei lá uma carta e fotos e, ainda pior, que fiz parte do plano que quase tirou sua vida. Sem contar o ataque que minha mãe planejou contra Tininha, uma antiga namorada de Joaquim, para incriminá-lo.

Respirei fundo, agoniada, quando me lembrei da pequena cicatriz abaixo do olho de Theo e do tiro no ombro. Ele podia ter morrido. E eu seria uma das culpadas. E agora eu me imiscuí na vida dele em nome de uma vingança, planejando seduzi-lo, me casar com ele, ter direito sobre aquelas terras para então tomá-las. Em uma separação, ele teria que me indenizar. Claro que, com um filho, eu teria uma garantia, mas isso já era demais, além do que pretendia. Não usaria meu filho como arma, como minha mãe fez comigo e com Gabi, e por isso me recusava a ficar grávida.

Cansada, parei perto de algumas árvores e desmontei. Amarrei a égua a um tronco e deixei-a lá, pastando, percorrendo com os olhos as águas rápidas do rio e as terras a perder de vista, cobertas pelo mato cerrado, por tons diferentes de verde, como um tapete. Passei entre as árvores e cheguei a um campo aberto por onde andei sem destino, precisando pensar e chegar a alguma conclusão antes que enlouquecesse.

Foi então que ouvi o galope e parei. Vi o cavaleiro que se aproximava em um enorme cavalo negro e, mesmo ao longe, reconheci Theo. Meu coração disparou. Ele não vinha com calma, e sim num galope rápido e explicitamente furioso. Conforme se aproximava, eu percebia não só a fúria em seu rosto como a energia violenta que o dominava.

Fiquei paralisada. O medo me dominou, incontável, avisando-me do perigo.

Nem pude pensar muito. Um alerta gritou dentro de mim e corri em direção à égua, só então me dando conta do quanto estava longe.

O pavor me engolfou. Corri o mais rápido que pude pelo mato, ouvindo o galope cada vez mais perto. Meus instintos me avisavam para fugir. Eu sabia que havia muito mais violência dentro de Theo do que ele demonstrava. E temi que explodisse de vez agora.

Soube que estava perdida, que chegava perto demais. Völtei a olhar para a frente. Vi uma árvore adiante e pensei em contorná-la, usá-la como escudo, por isso acelerei. Mas não fui páreo para ele e seu cavalo. Gritei, em pânico, quando o laço caiu em volta de mim e me apertou, prendendo meus braços ao lado do corpo, imobilizando-me pela cintura, puxando-me com violência.

— Ahhhh!

Cambaleei, puxada para trás com força, e caí deitada de costas sobre o mato, berrando e esperneando, assustada. Ouvi o bufar sinistro do cavalo e fui arrastada antes que o animal parasse, sem poder respirar, à beira de um ataque cardíaco. Então, olhei para o alto e o vi, enorme e feroz em cima daquele cavalo, sua silhueta recortada contra o céu cinzento e carregado de nuvens, descabelado, irado.

O pavor me sacudiu e gritei, rolando para o lado, tentando me levantar com os braços ainda presos ao lado do corpo, debatendo-me para me soltar. Consegui ficar de joelhos, mas o nó não abrandou, desequilibrando-me. Eu sabia que era inútil, mas o terror e o instinto de sobrevivência eram mais fortes. Fiquei de pé, cambaleante, os cabelos atrapalhando minha visão.

Não sei o que agiu primeiro, se meu cérebro ou minhas pernas, mas eu me vi correndo. E Theo deixou, acompanhando-me com o cavalo, como um gato que brinca com algum inseto antes de despedaçá-lo. Vi minha égua ao longe e comecei a chorar e lamuriar, sabendo que não conseguiria chegar até ela e escapar. Por algum motivo, eu realmente sentia medo, eu sabia que corria perigo e temia pelo que poderia fazer comigo.

Theo tinha me caçado como se eu não fosse mais do que uma presa encurralada. Deixou-me correr até chegar a um grupo de árvores, então puxou a corda e caí de novo. Ergui-me de joelhos, vendo que desmontava e vinha até mim, com o restante da corda pendurada em seu ombro, um olhar mortal no rosto frio e sem sentimentos, um chicote longo e preto na mão direita.

— Não... — balbuciei em um fio de voz, sacudindo a cabeça, conseguindo me levantar, desequilibrada, imersa em um medo aterrador. A violência parecia uma extensão da alma de Theo, uma parte intrínseca do seu ser. Por fim, consegui gritar: — Fique longe de mim!

Mas Theo não parecia ouvir e nem ao menos piscava. Tentei soltar meus

braços, gritei em meio à chuva que começava a cair se tornando cada vez mais forte e virei-me para correr, mas não dei mais que dois passos antes de a corda se esticar.

— Aonde pensa que vai, coelhinha?

Sua voz baixa e fria percorreu cada terminação nervosa do meu corpo e senti que eu era um pequeno animal preso, pronto para ser torturado e abatido. A chuva despencou de vez, misturando-se às minhas lágrimas, molhando-me, criando uma cortina em volta de mim que me desnorteou ainda mais.

Theo estava perto e me debati, mas ele apertou mais a corda, passando outra volta em minha cintura. Segurou-me por trás enquanto eu gritava e lutava, movida pelo desejo de fugir e pelo medo. Amarrou-me com rapidez, sabendo bem o que fazia, eliminando qualquer possibilidade de movimento da cintura para cima.

Presa, perdi o equilíbrio e tropecei, caindo de bruços sobre a lama, espirrando-a para todos os lados. Puxou-me como se eu não pesasse nada.

— Esse é seu castigo por me desafiar tanto e me deixar louco. Nunca o esqueça.

— Me larga, seu animal! — berrei, fora de mim, apavorando-me mais quando me virei e o vi jogar a corda sobre o galho de uma árvore.

Naquele momento, nós nos encaramos sob a chuva torrencial e gelada que não parecia ter esfriado a sua ira. Seus olhos azuis ardiam e arregalei os meus quando, sem uma palavra, içou a corda, suspendendo-me.

— Não! — gritei tão alto quanto era capaz, balançando as pernas quando meus pés saíram do chão, sendo erguida mais e mais. — Não, me solta! Ah!

Nunca senti tanto medo. Theo nem me deu atenção ao passar a corda em volta do tronco, atando-a ali. Eu só podia sacudir minhas pernas, aterrorizada com a sensação de impotência, pois estava completamente nas mãos dele em um lugar ermo.

— Por favor, me solta, Theo! — supliquei, chorando, encharcada. Parei de me debater, pois isso me balançava e aumentava o pânico.

Quando veio até mim, eu me desesperei. Estava em uma posição apenas um pouco mais alta que ele, por isso pôde me fitar nos olhos. Nunca tinha visto tanta violência e crueldade em uma pessoa. A raiva estava lá, dominando a aparente frieza. Não era um jogo de dominação, mas a dominação em si, crua e essencial, perturbadora, latejando dentro dele.

Segurou a minha calça, grudada no corpo e enlameada, e abriu-a em um safanão, descendo-a por minhas pernas com a calcinha. Eu me debati e gritei, chorei e esperneeiei. Não consegui sentir qualquer desejo, somente medo. Muito medo.

— Não, Theo, não...

— Senhor. É assim que deve me chamar. Quando vai entender isso de uma vez por todas?

Gritei a pleno pulmões e me sacudi, apavorada, chorando. Theo agarrou meu cabelo e ergueu minha cabeça, encontrando meu olhar. O ódio e a crueldade continuavam lá, mas tinha algo mais. Uma agonia, uma espécie de dor e desespero que não entendi, pois a vítima era eu. Ele era somente meu algoz.

Consumiu-me em seu olhar penetrante, que parecia querer mais de mim do que eu podia dar. Percebi que parecia arrependido quando murmurou, agoniado, fazendo um carinho no meu rosto:

— Você me deixou louco, coelhinha.

Eu soluzei. Uma parte de mim compreendeu que um animal vivia dentro dele e a luta que devia travar para se manter civilizado. Entendi, mas não aceitei, e me sacudi para me libertar do seu toque, furiosa.

Agarrou-me para me beijar, mas rosnei e tentei mordê-lo, fora de mim. Jogou a cabeça para trás e iniciou uma guerra. Seus instintos de dominação estavam despertados, querendo me dobrar, me domar, e, então, sua boca quente estava em meus seios arrepiados e molhados pela chuva, sugando um mamilo, fazendo meu corpo reagir contra a minha vontade.

— Odeio você! Odeio com todas as minhas forças! — gritei em meio ao temporal. Sua resposta foi me abraçar contra seu corpo.

— Me solta! Tira suas mãos de mim! Pelo amor de Deus, me deixa em paz! — Eu chorava enquanto suas mãos percorriam minha carne, sua boca deslizava em meus seios, sua língua lambia minha pele molhada e trêmula.

Gritei quando segurou a corda e puxou-a com força, erguendo-me mais, inclinando-se para mim. Só entendi o que pretendia quando ergueu minhas pernas e colocou-as em volta dos seus ombros. Fiquei pendurada, com a vagina diante de seu rosto. Ele mantinha a corda esticada com uma das mãos e, com a outra, agarrou minha bunda e puxou-me contra si, de modo que abocanhou minha vagina e chupou-a duramente.

— Ah... Ah... não... pare... pare... pare com isso! Por favor! Me solta!

Sua língua úmida e dura estava dentro de mim, penetrando-me, lambendo-me, alterando terrivelmente o que eu sentia. Era raiva, medo e mais, um tesão indesejado e louco, fora de hora. Eu não queria desejá-lo daquele jeito. Ondulei, fechei os olhos e joguei a cabeça para trás, sentindo as pequenas agulhadas da chuva contra a pele e as gotas que escorriam por minha boca aberta entre gemidos entrecortados.

Theo subiu a língua até o clitóris já inchado e sugou-o forte o suficiente para me abalar, espalhando um calor terrível dali para todo o corpo, deixando-me à beira do precipício. Fui arrebatada pela primeira onda de tesão, já fora de mim,

sem razão, apenas sentidos, apenas a carne falando mais alto.

Soltou a corda e tirou-me dos seus ombros com cuidado. Fiquei pendurada, confusa, olhando-o e necessitando de um alívio para meu corpo em seu auge. Sem uma palavra, foi até o tronco e desamarrou o nó, abaixando a corda devagar até que eu pisasse na grama e meus pés afundassem no barro molhado. Libertou-me e cambaleei um pouco, mas logo ele estava de volta, puxando-me contra seu corpo, colando os lábios aos meus.

Mesmo dopada pelo tesão, desviei o rosto e recusei seu beijo, pois o terror que me fizera passar ainda estava vívido na minha mente.

— Beije-me — exigiu, agarrando meu cabelo e minha cintura, obrigando-me a olhá-lo. Seus olhos expressavam mais uma necessidade do que uma ordem. Tinha entendido o que havia feito e queria o meu perdão. Mesmo sem pôr em palavras, eu o daria se o beijasse. Virei o rosto e cerrei os lábios, tremendo.

Abraçou-me mais, deslizando os lábios em minha face molhada de chuva e lágrimas e murmurando em meu ouvido:

— Beije-me, coelhinha.

Lambeu minha orelha, deitando-me sobre o mato e o barro molhado, vindo sobre meu corpo, parecendo incapaz de soltar um milímetro de mim. Mordiscou o lóbulo da orelha e o pescoço e deixou-me ainda mais excitada, pois meu corpo era traiçoeiro e lutava contra minha alma doída.

Percorreu meu maxilar e queixo, seduziu-me com seu corpo e seu toque, desceu pela garganta e pelo colo até os seios, lambendo-os, chupando-os. Eu gemi, sentindo o desejo absurdo que fazia minha vagina latejar. Disse a mim mesma que devia fechar as pernas, recusar-me para sempre a ele, mas estava além de qualquer controle.

Theo gemeu quando roçou minha vagina. Em um momento de pura ânsia e necessidade, em que nossas emoções e nossos sentimentos nos dominavam, ele abriu a calça, pôs seu pau duro para fora e me buscou, sôfrego, subindo a boca pela minha pele, mordendo meu queixo em rosnados descontrolados.

Mesmo com raiva, eu não pensava. Eu precisava dele. Gemi em um lamento de excitação absurda e de raiva e gritei quando me penetrou. Seu pau me invadiu, grande e grosso, fundo e forte, mas pareceu tão certo, tão necessário, que me dei e me movi, recebendo-o, sugando-o para dentro de mim.

— Coelhinha, ah, minha coelhinha, só minha... — murmurou, tomando-me entre os braços, comendo-me com voracidade e paixão, buscando meus olhos em um pedido mudo. De quê? De que eu esquecesse? De que eu perdoasse? — Me dá um beijo...

Acho que nunca tinha usado aquele tom comigo. Era um pedido, não uma ordem. Precisava daquela entrega, daquele perdão. Encostou os lábios nos meus,

pedindo, não castigando. Eu os travei automaticamente, mostrando que meu corpo poderia ser dele quando quisesse, à força ou não, pois estava esfomeado e dominado, mas havia mais em mim. Havia uma essência que se sentia violada e corrompida, que passara por um trauma e que não seria reconquistada tão facilmente.

Theo sentiu e parou por um segundo, olhando-me, parecendo tentar encontrar uma maneira de reverter aquilo, mas então não aguentou, não enquanto eu latejava em torno de seu pau e não conseguia controlar meus espasmos internos. Estocou dentro de mim e gemeu em uma espécie de lamento, beijando minha face, meu queixo, meu nariz, minhas pálpebras fechadas.

Foi impossível me conter. Voltei a chorar, tremer e soluçar num desespero tão grande que parecia uma crise. Theo tentou me segurar contra seu corpo e me acalmar, ironicamente carinhoso, quando tinha me amarrado e pendurado. Ele continuava entrando em mim, mas com uma fome diferente. Era uma entrega, uma troca, uma promessa. Mesmo assim, eu ainda estava consciente do que havia acontecido, embora meu corpo me vencesse e o prazer se tornasse maior do que a raiva.

Estremeci, vencida pelo orgasmo que me tomou como uma droga, percorrendo meu corpo, incendiando-me sem controle. Theo me tomou e devorou, me abraçou e beijou minha pele, gemeu, entregou-se ao prazer sem se conter, como se algo mais forte o impulsionasse. Derramou-se quente dentro de mim, bem enterrado.

Estremecemos sob a tempestade, mas não parecíamos nos dar conta dos elementos externos. E, mesmo quando acabou, ele não me soltou. Manteve-me entre seus braços e continuou dentro do meu corpo. Deslizou os lábios abertos em meu rosto, ao lado da boca. Eu podia sentir seu desejo de me beijar, mas pelo menos ali respeitou minha vontade e não me tomou.

Por fim, ergueu-se, desprende-se de mim sem deixar de me olhar. Ajoelhou no chão e me fez sentar. Então fugi do seu toque e levantei-me, trêmula, suja de lama, querendo ficar longe dele. Não me deixou ir muito longe, segurando meu pulso.

— Eva.

Eu senti muita raiva. Raiva de mim por me deixar envolver por essa vingança e achar que era páreo para Theo. Raiva da minha família por nunca ter pensado em mim e me envolvido nessa situação, em vez de me proteger e deixar que eu mesma fizesse minhas escolhas. O ódio veio como uma avalanche, e puxei o braço, dando um pulo para trás, olhando-o furiosa por tudo o que acontecera desde o momento em que acordara em minha casa e me humilhara até ali, depois de ter me feito gozar apesar de tanta coisa.

— Não toque em mim! — Cuspi as palavras, tremendo tanto que meus dentes batiam.

Theo ficou paralisado por um momento. A chuva escorria em seu rosto e os olhos não desgrudavam dos meus. Deu um passo à frente.

— Fique longe de mim! — exige. — Não quero mais você! Chega! Não está satisfeito? O que você ainda acha que pode fazer?

— Coelhinha...

— Não sou sua coelhinha! Não sou coelhinha de ninguém! Eu não sou nada sua! — Tapei os ouvidos, engasgando com minha fúria e meu pranto. — Você conseguiu! Mostrou quem manda aqui, não é, senhor Falcão? Me violentou! Gostou? Foi bom? Ficou satisfeito?

— Não violencei você. — Ele veio até mim, decidido, mas andei para trás, sacudindo a cabeça. Consegui rir sem vontade.

— Não? Acha que isso foi o quê? Fazer amor?

— Eva...

— Já me machucou por dentro e por fora. Já fez o trabalho completo. O que mais você quer?

— Quero que se acalme e me escute.

— Não! Quer que eu obedeça! Mas vou te falar uma coisa... — Peguei minha calça encharcada no chão e coloquei-a na frente do corpo, uma proteção tardia para minha pele nua. — Não quero mais te ver, Theodoro Falcão. Desapareça da minha vida! Arrume alguém melhor, como você disse! Alguém à sua altura.

Estava sério, com uma ruga de preocupação na testa. Tinha perdido a arrogância usual. Seu olhar era preocupado, mas pouco me importei. Eu estava arrasada demais para me incomodar com ele.

— O que foi? Vai me obrigar de novo?

— Você queria. Eu senti. Não tem como negar — disse, baixo.

Sorri, com raiva e irônica.

— Eu queria? Você viu como eu estava correndo feliz pelo campo enquanto me caçava e pendurava?

— Perdi a cabeça. Mas não machuquei você.

— Machucou muito mais do que imagina. Agora chega! Quero que me solte!

— Eva...

— Você me machucou! Machucou muito!

— Pare de falar merda! — Ele estava furioso.

— Eu não admito que me trate assim!

— Escute, não era o que eu queria. Não pensei que chegaria a esse ponto. Perdi a cabeça, mas isso não vai acontecer mais.

— Não vai mesmo. Você disse que pararia quando eu pedisse, mas não parou — murmurei contra a sua camisa molhada, cansada demais até para falar, mas sem poder me conter. Eu sabia que tinha chegado ao meu limite. — Quero que

fique longe de mim. Que esqueça que eu existo. Me solte. Me deixe em paz.

Ficou rígido, sem me largar. Então, falou baixinho:

— Vou cuidar de você. Vou te levar para casa. E vamos conversar com mais calma.

— Não quero. Entenda e respeite minha vontade.

— Vamos conversar. Vai me ouvir, nem que seja pela última vez.

Mesmo naquele momento, Theo não perdia seu tom autoritário.

Dentro de mim, eu soube que nada que ele dissesse me faria mudar de ideia. Tinha acabado. Por mais que sangrasse por dentro e soubesse o inferno que viveria longe dele, eu estava desistindo. De tudo, inclusive daquela vingança. Eu queria uma nova vida, novas oportunidades, liberdade.

Afastou-se um pouco, olhando-me. Eu me recusei a olhá-lo.

Quando me deixou para buscar os cavalos, vesti a calça molhada e cheia de lama. Não achei minha calcinha nem as sandálias e não me dei ao trabalho de procurar. Só cruzei os braços sobre os seios à mostra, pois a blusa estava em farrapos, e tremi de frio, desolada, gelada, vazia.

Theo tirou a camisa molhada e colocou-a em mim como se eu fosse uma criança. Deixei, tentando ignorá-lo, desprezá-lo. Não disse uma palavra quando me ergueu para seu cavalo, sentando-me na sua frente e puxando-me para si.

A égua foi amarrada atrás.

Eu não podia mais ser um brinquedo entre minha mãe e Theo. Nunca pude com ela nem podia com ele agora. Por mais que eu tentasse ser forte, era também realista. A melhor coisa seria me afastar. Não temporariamente, mas para sempre.

Ali eu desisti de tudo.

Theo

Nunca tinha me sentido tão culpado e arrependido. Pouco me importei com os comentários que meus empregados fariam se vissem os cavalos em frente à casa de Eva, ainda que a rua estivesse vazia devido ao temporal. Na verdade, não me importei com nada além dela. Desmontei e senti-me muito mal por estar tão quieta, sem nem me olhar. Peguei-a no colo, e ela continuou a me ignorar.

Entrei com ela na casa. Os montadores e Heitor tinham sido rápidos. O sofá novo estava lá, grande e num tom caramelo, assim como o rack e a tevê. Não tive tempo de reparar muito nos móveis e segui para o banheiro. Quando a soltei, parecia uma pedra de gelo, tremendo. Eu me senti muito mal, um desgraçado. Fiz

menção de desabotoar minha camisa, grudada em seu peito, mas ela deu um passo para trás, finalmente erguendo seus olhos verdes para mim.

— Eu faço isso sozinha.

— Vou cuidar de você.

— Não quero. Não toque em mim.

Fiquei irritado, muito mais comigo do que com ela. A culpa me dominou.

— Não vou embora, Eva.

— Por favor, saia. Não quero falar com você agora.

Ela foi para o banheiro e entrou no box sem olhar para trás. Abriu o chuveiro com água quente, como se tentasse provar que não estava nem aí para mim, mas eu era osso duro de roer e entrei logo atrás dela. Na verdade, me sentia mal. Não gostava de vê-la daquele jeito.

Então, lembrei-me de um detalhe muito importante. Eu tinha gozado dentro dela, sem camisinha. Não estava exatamente preocupado, pois Eva estava menstruada. Esse era o efeito que Eva causava em mim. Ela me fazia esquecer tudo à minha volta.

— Não usei preservativo.

Minhas palavras a paralisaram. Ela me olhou, pálida.

— Mas está menstruada. Não há riscos.

Sua voz saiu fria:

— Por favor, vá embora.

— Depois que a gente conversar.

— Não quero conversar agora. Só quero ficar em paz.

Nossos olhares se encontraram.

— Só deite e descanse. Não vou tocar em você, coelhinha.

Ela parecia a ponto de brigar, mas foi vencida pela exaustão. Não reclamou da cama nem comprou briga. Simplesmente se deitou e se enrodilhou de costas para mim.

Fiquei em pé por muito tempo, olhando pra Eva, revendo imagens de tudo que fizera. Eu tinha extrapolado todos os limites e agora temia não conseguir consertar o que havia feito. Não havia nem ao menos como me justificar.

Quando percebi que tinha adormecido, deitei-me ao seu lado. Não a toquei, só a cheirei e puxei o edredom sobre nós. Não conseguia sair dali. Precisava ficar e conversar com Eva. Ao menos tentar.

Não sei que horas eram quando adormeci.

Acordei durante a madrugada. Abri os olhos e senti falta de Eva. Tateei a cama, mas estava vazia. Olhei em volta e me ergui um pouco.

— Eva?

Silêncio. Levantei-me, achando que ela estava na cozinha, mas então vi o papel

na cama e franzi o cenho. Peguei-o apressadamente, sem entender por que meu coração disparava.

“Nunca poderia dar certo. Siga sua vida, e eu seguirei a minha. Eva.”

Apenas essas palavras, duras e secas.

Soltei um rosnado irado.

— Vou conseguir o seu perdão, nem que seja a última coisa que eu faça — falei para o quarto vazio.



Eu estava em um pequeno bar à beira da estrada, onde tomava o café da manhã naquele domingo. Tinha acabado de descer do ônibus em Uberaba e estava faminta, fraca e enjoada.

Lágrimas vieram aos meus olhos quando me lembrei de Theo e forcei-me a contê-las, segurando a xícara de café com leite quente, tomando um gole em busca de algum alento contra aquele frio de dentro de mim. Tudo que eu queria era paz e esquecimento, por isso tinha partido durante a madrugada, levando só o necessário, pensando somente em sumir. Em fugir. De Theo, da minha mãe, da vingança e das escolhas que eu era obrigada a fazer. Sabia que teria que voltar em algum momento, mas precisava daquele tempo.

Pensei muito em sumir e nunca mais voltar. No entanto, tinha agido sem planejamento, movida apenas pela emoção e pelo desespero, de madrugada, embaixo de uma chuva fina, tremendo de frio. Foi um sacrifício ir embora quando eu sabia que tudo que desejava era voltar para os braços de Theo.

Andei muito. Caminhei pela estrada sozinha e no escuro. Sabia que era loucura, que era perigoso, mas não podia mais ficar lá. Quando a chuva fina já tinha me molhado bastante, um carro apareceu, vindo da cidade em direção à fazenda, e seus faróis me iluminaram. Não sei se foi sorte ou azar, mas Daniel parou o automóvel ao meu lado e abaixou o vidro. Era a primeira vez que nos encontrávamos depois que Theo quase o espancou quando vínhamos do Falconetes.

— Eva? — Olhou-me, curioso e preocupado. — O que está fazendo aqui a uma hora dessas?

Tive vontade de chorar. A tristeza pesava dentro de mim desde o momento em que havia deixado Theo e parecia me rasgar por dentro. Mas me contive e abracei

minha mochila.

— Estou indo embora — respondi, baixo.

— Pra onde?

— Não sei. Para a rodoviária de Pedrosa.

— Entre. Eu te levo.

Pensei em recusar a oferta. Não queria envolvê-lo naquilo mais do que já tinha feito, mas estava sozinha, com medo, distante demais. E, a qualquer momento, Theo poderia acordar e vir atrás de mim. Eu não sabia até que ponto se importaria com minha fuga. Por todas essas razões, entrei no carro.

O silêncio pesou entre nós, junto com o mal-estar. Olhei-o e imaginei que vinha de alguma festa em Florada, talvez no Falconetes. Mesmo depois de ter sido ameaçado por Theo, ele me ajudava.

— Obrigada — murmurei. — E me desculpe.

— Você deveria ter me dito que era namorada do patrão — falou, um tanto magoado.

— Eu não era nem sou.

— Ele não pensa assim. Está fugindo dele? Machucou você?

— Eu só posso estar doente, Daniel. Ele me machucou de muitas maneiras, e ainda assim... Mesmo sabendo de seus erros, de tudo, eu... eu aceitei.

— Não precisa aceitar nada! Ele não é seu dono!

Sacudi a cabeça, pois ninguém entenderia aquela loucura.

— Também estou fugindo de mim mesma — confessei. — Só preciso seguir meu caminho.

— E vai pra onde? Já sabe?

— Não. Talvez Uberaba. Conseguir algum trabalho por lá.

Recostei-me e fizemos o resto da viagem em silêncio. Deixou-me na rodoviária em Pedrosa, parecendo preocupado e sem graça.

— Tem dinheiro? — perguntou, nervoso. — Vai se cuidar direito?

— Tenho, sim, não se preocupe, Dani. Obrigada por tudo.

E agora eu estava em Uberaba, sem saber por onde começar, quase chorando. Tinha um pouco de dinheiro, que não duraria muito, mas ao menos não ficaria na rua. Procuraria trabalho e um quarto para alugar até decidir o que fazer. Por enquanto, só precisava ficar longe.

Terminei meu café e saí com a mochila nos ombros. Encontrei um quartinho vago em um subúrbio, longe do centro urbano cheio de prédios.

Tudo o que eu queria era me jogar em uma cama e me lamentar. Não conseguia parar de pensar em Theo, em como me deixava louca por ele e me fazia sentir tanta raiva. O modo como me caçara e amedrontara ainda me fazia tremer.

Caí na cama e me enrodilhei, fechando os olhos, pensando nele. Não consegui

pensar em mais nada. Nem na minha mãe, nem na minha avó, nem em Gabi, nem na vingança. Era Theo, Theo, Theo, dentro de mim, latejando, pedindo, implorando.

Odiei-o com fervor. Jurei arrancá-lo de mim, curar-me daquela obsessão, refazer meus sentimentos e minha vida. E senti a falta dele com igual loucura. Sua ira me assustava e enraivecia, mas a saudade que sentia dele me derrotava. Estava completamente sozinha e perdida.

Theo

— Como assim, sumiu? — Eu estava possesso naquele final de domingo, pois ninguém sabia do paradeiro de Eva. Andava de um lado a outro na sala de estar do casarão, sem saber o que fazer.

— Ninguém na fazenda a viu, Theo — explicou Joaquim, tirando o chapéu. — Afinal, como você mesmo disse, ela saiu de madrugada.

Parei de andar, nervoso, pensando se teria acontecido alguma coisa com ela. Eu me enchi de preocupação e corri os dedos entre os cabelos. Já tinha ido a Florada e à favela Sovaco de Cobra, onde tinha morado. E também ao bar em Pedrosa em que trabalhava quando a conheci. Ninguém sabia dela.

O celular estava desligado ou fora da área de cobertura. E, conforme o domingo terminava sem pistas dela, eu me desesperava cada vez mais, sem saber o que fazer.

A culpa me remoía por dentro. Eu sabia que tinha pegado pesado, mas pensei que Eva me daria ao menos uma oportunidade para me explicar, conversar, garantir que nunca mais se repetiria. Mas eu merecia. Tinha extrapolado todos os limites.

Nunca me envolvi com uma mulher daquele jeito. Eu jogava com elas dentro de um ambiente propício, em um acordo de dominação e submissão. Quando saía de lá, seguia minha vida. Eu só tinha relações de afeto com minha família e uns poucos amigos e conhecidos escolhidos.

Com Eva, tudo se misturava. Era emoção, loucura, necessidade, obsessão. Ela estava em mim, e eu não podia mais lutar contra isso ou me enganar. Ela tinha invadido minha vida e meu pensamento, tinha ultrapassado muito o desejo físico. Eu não sabia mais respirar sem ela, e estar ali, longe, sabendo que tinha fugido de mim, quase me sufocava. Nunca imaginei que poderia me descontrolar tanto, tornar-me tão dependente de uma pessoa.

Não conseguia ficar parado, então peguei meu carro e dirigi até Florada. Além da culpa, eu também sentia preocupação. Não sabia se Eva estava correndo algum risco. Suas lágrimas não saíam da minha mente, e eu me dava conta do quanto nosso relacionamento fora intenso e pesado desde o início. Não tivemos tempo para sorrisos e conversa. Foi tudo voraz. Como eu poderia culpá-la por não suportar e fugir, quando até eu mesmo me sentia sufocado?

O delegado Ramiro não estava na delegacia, então fui à casa dele. Depois de explicar que Eva havia sumido, sem entrar em pormenores sobre nosso relacionamento, ele prometeu iniciar uma busca. Não exigiria detalhes, levando em conta nossa amizade.

Voltei ao carro e liguei para um dos donos da empresa de investigação que eu costumava contratar, e ele ficou animado ao falar comigo.

— Theo, eu ia te ligar amanhã.

— O que houve?

Ele tinha assumido alguns casos para mim havia um bom tempo, como a investigação sobre o paradeiro de Micah e a família de Gabi, além do caso dos roubos de gado. Eu já andava pensando em procurar outra empresa, pois, apesar de ser conceituada, todas as investigações que solicitei pareciam estar truncadas.

— Tenho duas pistas importantes. Meus agentes trabalharão nas duas durante a semana, mas, enquanto isso, acho melhor informá-lo.

— Diga.

— Lembra-se do trabalhador da fazenda que foi encontrado morto depois da última tentativa de roubo de gado? Abel Silva, que, ao que tudo indica, era um dos comparsas dos ladrões?

— Claro. — Eu tamborilava os dedos no volante, observando que escurecia. Só então eu notei como estava cansado, com dor de cabeça, talvez por não ter me alimentado durante o dia.

— Um agente nosso está infiltrado entre seus empregados, tentando descobrir se há mais alguém envolvido. E ele descobriu que um dos capatazes estava andando muito com Abel Silva.

— Qual é o nome do capataz?

— Felipe Vasconcelos.

Franzi o cenho, lembrando-me do rapaz que chegara a sair com Gabriela algumas vezes. Enchi-me de ódio, mas me contive.

— Tem certeza?

— Não. É uma desconfiança. Meu agente acha que ele anda nervoso demais, e isso pode significar um novo plano. Estamos de olho. Mas não faça nada que possa alertá-lo.

— Certo. Se ele é um dos comparsas dos ladrões, quero usá-lo para pegar os

outros.

— Exatamente. Por isso, deixe conosco. A outra pista é sobre seu irmão.

Fiquei ainda mais atento e senti meu coração dar um pulso. Apertei o celular.

— Alguma notícia dele?

— Parece que sim.

Isso significava que Micah estava vivo, e senti o alívio me engolfar.

— Explique, Osmar — exige, um tanto nervoso.

— Quando o localizamos uns anos atrás, na favela, ele era conhecido como um dos traficantes locais. Depois, sumiu. As investigações se concentraram basicamente neste perfil do submundo.

— Correto.

— Bom, ampliamos as investigações, e um fato novo e surpreendente surgiu, algo mais simples do que pensávamos.

Eu já estava nervoso e só fiquei ainda mais. Quase soltei um palavrão e mandei Osmar falar de uma vez, mas, então, ele explicou:

— Descobrimos o nome dele no resultado de um concurso público.

Por essa eu não esperava. Indaguei, surpreso:

— Que concurso público?

— O nome Micael Cruz Falcão consta no Diário Oficial da União como aprovado em um concurso público em 2003, para atuar no Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República.

Eu estava chocado. Nada que ele pudesse dizer me surpreenderia tanto.

Lembrei-me do meu irmão, cheio de tatuagens e rebelde, criando confusão, metendo-se com garotas de família e deixando seus pais furiosos, fumando e bebendo sem parar, expulso da escola. E lembrei-me da última vez que o vi, cheio do sangue do nosso pai, uma imagem que eu nunca esqueceria. E agora era um funcionário do Gabinete de Segurança da Presidência da República?

— Estamos averiguando, pois só recebemos essa pista no final da sexta-feira. Amanhã teremos mais respostas — continuou Osmar.

— Ele pode ser da Agência Brasileira de Inteligência? — perguntei, ainda perplexo, considerando a possibilidade. — Isso explicaria o fato de ter sido visto na favela. Pode ter sido confundido com um traficante enquanto estava lá disfarçado.

— É o que também acho. Tudo indica que é um agente de segurança ou da inteligência nacional. Poucas pessoas sabem, mas é necessário fazer concurso público para fazer parte da Agência Brasileira de Inteligência. O Brasil é o único país que exige isso, o que não deixa de ser irônico, pois o nome de um agente secreto consta em uma inscrição. — Osmar deu uma risada. — Depois que se tornam agentes ou oficiais, o sigilo é garantido por lei. Por isso foi difícil

encontrá-lo. Possivelmente trabalha disfarçado e até com outro nome.

— Entendo. — Eu respirei fundo, impressionado. — Quero que utilize todos os meios para levar essa investigação a fundo, Osmar.

— É o que farei. Eu mesmo me encarregarei. Tenho certeza de que agora vai ficar mais fácil localizar seu irmão. Eu o manterei informado. Sobre a desconfiança quanto ao capataz também.

— Certo. Aguardo, então.

Contei a ele que buscava uma pessoa e dei os dados de Eva, dizendo que havia ido embora durante a madrugada e que eu queria encontrá-la. Osmar prometeu colocar um agente atrás dela. Não era muito, mas era um meio a mais de procurá-la.

Depois que desliguei, continuei paralisado, sem poder acreditar no que tinha ouvido sobre meu irmão, mas ao menos tudo indicava que Micah não era um bandido e que não estava morto, o que já eram notícias boas. Muito boas.

Eu tinha algum conhecimento sobre o Sisbin, Sistema Brasileiro de Inteligência, cujo órgão central era a Agência Brasileira de Inteligência. A agência prestava assessoramento à Presidência da República, assegurando o conhecimento de fatos e situações relacionados ao bem-estar da sociedade e à segurança do país. O serviço de inteligência tinha sido criado em 1927. Alguns órgãos tinham sido extintos, e a Agência Brasileira de Inteligência era relativamente nova, criada em 1999, ano em que Micah sumiu.

Em 2003, ele tinha vinte e dois anos. Impressionante e surpreendente. Micah, um homem da lei, quando sempre havia estado no lado oposto a ela.

Liguei o carro e voltei à fazenda. Eu me sentia cansado, mas não conseguia parar de pensar em Eva e, agora, em Micah. Ao mesmo tempo, lembrava que Felipe poderia estar envolvido no roubo de gado, e minha vontade era pegá-lo e fazê-lo confessar, mesmo que fosse sob porrada. Mas não podia agir sem ter certeza. Só podia ficar mais atento, esperando o agente descobrir alguma coisa ou ele se entregar.

Cheguei em casa, onde Tia me esperava na varanda, preocupada. Tão logo deixei o carro e subi os degraus, abraçou-me.

— Theo, meu filho, você está tão abatido! Por favor, vá tomar um banho e comer alguma coisa. Tenho certeza de que Eva está bem e de que não foi culpa sua.

— Foi culpa minha. — Eu a fitei, sério, e ela sacudiu a cabeça. Apesar de não costumar fazer confidências, sempre soube que podia contar com Tia como se fosse minha mãe. Ela tinha me criado e desempenhado esse papel.

— Não pense assim. — Suspirou e acariciou meu braço. — Eu conheço você. Pode ser duro e querer as coisas à sua maneira, mas sempre foi justo.

— Dessa vez, não, Tia.

— Mas eu sei por quê. Você não quer aceitar que gosta dela.

— Tia...

— Não precisa mentir para mim nem para você mesmo. Já vi como olha para ela. Como estava desesperado hoje. Meu filho... — Sacudiu a cabeça. — Conheço você desde pequeno. Sempre age assim quando se sente sem controle da situação. É raro, mas acontece.

Eu não queria admitir que ela tinha razão, por isso me calei. Depois, mudei o assunto.

— Preciso falar com a senhora e meus irmãos. Pode chamá-los ao escritório enquanto tomo um banho?

— Sim. Seu pai também?

— Não. Tenho uma notícia para contar a vocês.

— Está bem.

Foi um choque para todos quando contei sobre Micah. Tia chorou. Gabi ficou feliz. Joaquim quis detalhes, pois era o mais agarrado a ele. Micah o protegia contra tudo. Pedro ficou calado, surpreso. E Heitor indagou, tentando entender:

— Mas isso é fato? Concreto?

— Parece que sim. Pelo menos ele ter passado no concurso.

— Meu Deus, não acredito que ele está vivo e trabalha para um órgão do governo! — Tia sacudiu a cabeça, aliviada, enquanto ela e Gabi se abraçavam, emocionadas.

Após muitas conjecturas, concordamos em não falar com ninguém sobre o assunto, pelo menos até termos mais notícias.

Jantei, mas não consegui dormir, sentindo-me impotente e pensando em Eva.

Rolei na cama, nervoso, angustiado, sendo obrigado a parar e analisar os sentimentos dos quais eu vinha fugindo. Pensei nas tantas mulheres que tive, em como sempre tinha sido fácil transar, jogar com elas e seguir em frente. Desde muito novo, já sabia quem eu era e que não haveria mulher capaz de me dobrar. E então, prestes a completar quarenta e dois anos, uma menina fazia aquilo. Deixava-me louco, descontrolado, tomado por sentimentos que ainda me recusava a nomear.

Eu já tinha visto aquilo. Meu pai tinha sido obcecado assim por minha mãe, e a vida deles foi uma tragédia. Quanta coisa tinha dado errado em nome de um amor louco.

Amor. Eu era capaz de amar. Eu amava minha família. Mas o que eu sentia por Eva não podia ser amor. Tinha que ser obsessão, talvez paixão.

Decidi que reviraria o mundo se fosse preciso, mas a encontraria.

Ou acabaria enlouquecendo.

Eu já estava louco e ninguém me segurava mais. Era quarta-feira, e Valentina tinha sido obrigada a assumir os negócios por mim, pois eu não me concentrava e estava sendo corroído pela culpa. Pedro também passou a ir mais ao escritório e dividir-se entre este e o frigorífico, já que era responsável por viajar e fazer a distribuição das carnes para supermercados e para exportação.

Eu me sentia impotente e preocupado, pensando em tudo que poderia ter acontecido ou estar acontecendo com Eva, imaginando as piores coisas. Não conseguia comer nem dormir. Brigava com os investigadores, exigindo mais respostas ou uma pista. Voltava à favela e falava com vizinhos, ligava para ela, mas o aparelho sempre estava desligado ou fora da área de cobertura.

Já estava pensando em ir a Divinópolis, onde ficava o orfanato no qual tinha sido criada. Talvez alguém soubesse dela ou a tivesse visto. Fui ao frigorífico para pedir a Pedro que assumisse uma reunião para mim. Passei pela recepção tão nervoso que não vi nem cumprimentei ninguém. Enquanto seguia para a sala de Pedro, passei pelo segundo andar, onde ficavam os frigoríficos refrigerados, e, com o canto dos olhos, vi um rapaz empurrando um carrinho com carnes penduradas. Ele olhava fixamente para mim. Era Daniel.

Parei. O rapaz tentou disfarçar. Usava um macacão branco e luvas. O carrinho já estava quase completamente dentro da sala refrigerada, e vi que Daniel ficou nervoso, dando-me as costas e entrando logo. Algo estalou dentro de mim e pensei: *Porra, por que não? Não custa nada tentar.*

Andei até ele e entrei na sala, onde o frio era paralisante. Daniel usava roupas apropriadas; eu, não. Pouco me importei com isso e indaguei alto, às suas costas:

— Onde Eva está?

— Eu não sei, senhor — respondeu, virando-se. Tinha respondido rápido demais e seu olhar culpado me alertou. Senti o coração disparar, tendo certeza de que ele sabia de alguma coisa. Dei um tiro no escuro, fitando-o duramente:

— Já sei que deu uma carona a ela. Para onde?

— Eu não... não...

— Não me faça perder a cabeça, Daniel. — Minha respiração condensava no ar enquanto eu falava. O frio penetrava por minha roupa e gelava minha pele, mas eu ardia tanto por dentro que morreria congelado ali até arrancar tudo que ele sabia.

Avancei em sua direção, e ele arregalou os olhos, balbuciando:

— Não tenho nada a ver com isso. Preciso deste emprego. E eu... eu não fiz nada.

— Onde ela está? — A violência estava lá, aliada ao meu desespero. Já ia agarrá-lo, fora de mim, quando deu um pulo para trás e ergueu as mãos enluvadas.

— Foi uma coincidência — disse, explicando-se rapidamente. — Eu estava

voltando do Falconetes, de madrugada, e a vi na estrada. Não podia deixá-la sozinha no escuro, embaixo de chuva!

Eu fiquei imobilizado, imaginando a cena. Doeu dentro de mim. Ela, sozinha, arriscando-se daquele jeito. Tinha que estar desesperada ou com muito medo de mim para agir assim. Fui engolfado pela culpa e quase congelei de verdade. Nem me dei conta de que eu tremia e meus lábios ficavam roxos.

— Fale de uma vez, Daniel.

— Foi só isso! — Ele parecia angustiado. — Dei uma carona a ela até a rodoviária de Pedrosa. Senhor, não quero que faça mal a ela. Eva parecia triste. Se estava fugindo...

— Não quero fazer mal a ela, porra! — rosnei, puto, ainda mais comigo mesmo. A ansiedade me devorava. — Para onde ela foi?

— Não sei ao certo. Disse que ia para Uberaba, que tentaria arrumar trabalho por lá. Foi só isso. Juro. Mas, senhor Falcão...

Eu já virava as costas e saía do frigorífico gelado, descendo as escadas, ainda tremendo. Com dedos frios e anestesiados pelo frio, saquei o celular e liguei para Osmar, o investigador. Contei a ele rapidamente o que Daniel havia dito.

— Estou indo para Uberaba — expliquei. — Ligue para os hotéis e quartos para aluguel mais baratos e procure por Eva Camargo. Deve estar em algum deles. Assim que souber qualquer coisa, me ligue. Se não descobrir em Uberaba, veja nas cidades vizinhas.

— Pode deixar.

Esqueci-me de falar com Pedro e até mesmo da reunião. Simplesmente peguei o carro e dirigi rapidamente para Uberaba, nervoso, agitado, ansioso. Tinha que dar certo. Eva havia fugido rápido, sem planejamento, e certamente deixaria uma ponta solta. Por sorte, ela tinha encontrado Daniel no caminho, ou nem sei o que poderia ter acontecido com ela, sozinha, de madrugada, na chuva. Acelerei, disposto a reverter a situação e trazê-la de volta para minha vida.

Só a possibilidade de revê-la, de estar com ela, já me abalava muito.

Eu estava decidido a fazer qualquer coisa para tê-la comigo.

eva

Não consegui um emprego fixo, mas nem queria. Ainda não sabia o que faria nem para onde iria. Assim, fiquei satisfeita quando encontrei trabalho como faxineira em um salão de beleza perto do hotel em que me hospedara. Não pagava muito,

mas já dava para cobrir a despesa do quarto e comer. Era temporário.

No final da tarde daquela quarta-feira, o salão estava relativamente cheio. Mulheres cortavam cabelo, faziam escovas e luzes, pintavam as unhas. A dona do salão, uma negra extravagante e voluptuosa, com apliques de cabelo que desciam até a cintura, reclamava dos homens e explicava que tinha chutado o marido para fora de casa por ser um vagabundo.

— Tá pensando o quê? — Ela esbravejava, com o pente e a tesoura nas mãos, sacudindo o quadril largo dentro do vestido estampado justo, como se brigasse com a cliente na cadeira à sua frente. — Eu me matava de trabalhar aqui, chegava em casa com dor nas varizes, e o desgraçado tomando cervejinha e vendo futebol! A pia estava cheia de louça! Era mandado embora do trabalho e ficava lá, com aquele bigode grosso, vindo se esfregar em mim e ainda querendo sacanagem!

A cliente riu, e eu, varrendo mechas de cabelo ali perto, usando um avental rosa-choque do salão, sorri para mim mesma, imaginando a cena.

Todas concordaram que a mulher tinha que ser a parte dominante na relação mesmo e que os homens tinham que respeitá-las. Eu só ouvia e limpava o salão, jogando a sujeira na lixeira.

— Diga alguma coisa, Evinha — falou Sandra, sorrindo para mim. — Você tem cara de quem é uma boba com os marmanjos!

Fiquei vermelha, e ela riu.

— Não tô dizendo? Não pode ser boazinha, não! Se quiser, eu te dou umas dicas pra fazer do seu homem o seu escravo!

Pensei em Theo sendo meu escravo e sorri. Nunca.

Ao mesmo tempo, fui invadida por uma saudade que quase me arrasou. Cada segundo longe dele estava sendo uma tortura. Doía tanto que eu chegava a pensar em atender todas as ligações que apareciam no celular. Algumas eram da minha mãe, mas todas as outras eram de um número desconhecido. Eu tinha certeza de que era ele.

Eu não atendia nenhuma e mantinha o celular desligado. Só o ligava uma ou duas vezes por dia para saber notícias da minha avó no hospital. Ela ainda estava na mesma situação. Então eu me forçava a continuar assim, dando um tempo, mantendo-me longe. Ainda não estava preparada para agir, para tomar decisões.

— Você é linda, menina! Pode deixar um homem lambendo seus pés! — emendou outra cabeleireira, que fazia luzes em uma cliente. — Vou te dizer... Sou do time da Sandra. Nenhum homem me faz perder a cabeça!

— Nem eu! — concordou a cliente.

Ouvi o barulho da porta, seguido por um silêncio. Ergui os olhos e quase morri ao entender o motivo. Theo tinha acabado de entrar no salão e estava parado perto da porta, alto, moreno, lindo, com aqueles olhos azuis penetrantes fixos em

mim. Senti o baque do seu olhar e da sua presença. Estremeci violentamente, paralisada. Meu coração batia tão forte que pensei que fosse ter um ataque. Achei que minhas pernas não me sustentariam.

— O que é isso, gente... — murmurou uma das mulheres.

— Puta que pariu... — gemeu outra.

— Caraca... — sussurrou Sandra, mansinha.

— Coelhinha. — A voz dele, baixa e grossa, e aquele apelido que só ele usava me golpearam de vez.

Larguei a vassoura e a pá, que caíram no chão com um estrondo. Tremi tanto que abracei a mim mesma para me impedir de correr até os braços de Theo e abandonar todo o orgulho que me restava.

Compreendi o quanto sofri longe dele. Entendi por que tudo parecia feio, vazio e sem vida. Por que até respirar era difícil. Eu o amava. E, no entanto, sabia que aquilo estava errado. Sabia do abismo que havia entre nós. E que eu não era nada para Theo, só uma mulher a mais para ser dominada e usada.

— O senhor precisa de alguma coisa? — indagou Sandra, mostrando-se solícita.

As mulheres, como eu, não tiravam os olhos de Theo. Percebi o efeito que tinha sobre elas, lindo e másculo, com sua beleza agressiva, seu olhar de arrepiar, sua aura de poder e virilidade.

Fiquei completamente surpresa quando, olhando-me, ele disse, baixo:

— Preciso da minha coelhinha de volta.

— Ah! — Elas suspiraram, olhando de mim para ele.

— Vim buscar você — disse Theo, dando dois passos em minha direção. Finalmente reagi, dando dois passos para trás, mal conseguindo respirar.

Ele parecia mais magro, talvez um pouco abatido, embora continuasse lindo e elegante em um terno cinzento e uma camisa azul.

— Como me achou aqui, Theo? — indaguei, com a voz trêmula, parando ao encostar em uma bancada cheia de cremes atrás de mim.

— Tenho meus meios. Acha mesmo que deixaria você fugir de mim? — Parou à minha frente. Seus olhos esfomeados me consumiam e sua expressão era um misto de raiva, desejo e coisas a mais que eu não consegui entender.

— Eu não vou voltar — murmurei.

— Vai, sim, Eva. Eu não volto sem você.

Ergui o queixo, fingindo ter uma força que estava longe de existir, disposta a brigar, mas então Theo fez o que nunca imaginei possível. Olhou no fundo dos meus olhos e pediu:

— Por favor.

Não acreditei. Arquejei e olhei-o, surpresa. Nunca o tinha visto daquele jeito.

Nunca tinha imaginado que falaria assim comigo. Não ordenou. Pediu.

— Estou louco longe de você, coelhinha. Volta para mim.

Não podia ser verdade. Meu coração batia descompassado.

Theo ergueu as mãos e segurou meu rosto. Seus olhos penetraram os meus, descendo até minha boca enquanto dizia, rouco:

— Se queria me enlouquecer, você conseguiu. Estou morrendo de saudades. Você não é só uma foda qualquer. É minha coelhinha e preciso que volte para mim. Tudo vai ser diferente agora.

— Theo...

O silêncio era sepulcral. Por um momento, até me esqueci das mulheres que nos olhavam, paralisadas. Tudo que eu via e sentia era Theo, era aquele homem que se tornou o centro do meu mundo, o amor da minha vida, aquela força da natureza potente e vigorosa, contida agora em um toque suave no meu rosto e um olhar vivo que me consumia, que me dizia mais do que eu conseguia entender.

Tentei pensar na vingança. Tentei ter raiva dele pelo que me fizera. Mas só consegui vê-lo, cheirá-lo, desejá-lo. Tremi e mordi os lábios. Disse a mim mesma que daria um jeito, que desistiria de todo o resto, mas não poderia desistir de Theo sem tentar só mais uma vez.

— Volte.

Era só uma palavra, mas o modo como a disse pesou.

Profundo, sincero, apaixonado.

Não fez declarações de amor. Não fez juras eternas. Mas me olhou de um jeito diferente, pediu, tocou-me com ternura. E isso, em se tratando dele, era como uma revolução. Eu senti que havia mais. Que havia um mundo esperando por mim. Que Theo deixava muita coisa de lado, talvez até seu próprio orgulho, para estar ali.

Meus olhos encheram-se de lágrimas. Sua expressão ficou mais densa, mais carregada. Então me puxou para si, colocou-me ao corpo que eu amava e adorava e invadiu-me com seu cheiro e seu gosto. Quando tomou minha boca em um beijo maravilhoso e extasiante, eu o agarrei com tudo que havia em mim, com um amor devorador, com uma saudade latejante, e nos beijamos como se o mundo fosse acabar e aquele fosse o último dia de nossa vida.

— Que homem!

— Desse aí eu não me importava de ser escrava!

— Sortuda!

Os murmúrios da mulherada ficaram distantes. Eu me dei para Theo. Já era dele de corpo e alma, e isso nunca mudaria.

Embriaguei-me em seu gosto, choraminguei em sua boca, derreti-me sob as mãos que passavam por mim e me apertavam, como para comprovar que eu era real. Então, beijou meu rosto e minhas lágrimas.

— Você não vai mais chorar, coelhinha — disse, baixinho.

E eu acreditei.

Quando me abraçou e me beijou de novo, com voracidade e paixão, novos suspiros foram ouvidos no salão. Mas eu nem notei. Estava perdida demais sendo feliz.



18

Theo

O lugar onde ela estava hospedada era velho e feio, de frente para a estação de trem. No quarto apertado, havia apenas uma cama de solteiro, uma televisão velha, um armário feito de cimento e um banheiro minúsculo. Não tinha ar-condicionado, só um ventilador que girava vagarosamente no teto.

Absorvi aquilo num relance, pois, mal abrimos a porta, eu já agarrava Eva, puxando-a para meus braços, colando-a em mim com uma fome voraz, saqueando sua boca com um beijo que falava da minha saudade e do meu desespero, do vazio que havia deixado em minha vida. Não consegui pensar, só tocá-la, sentir seu gosto, ter sua pele sob os dedos. Era como voltar a respirar.

Por fim, consegui descolar a boca e olhá-la. Parecia uma garota com os cabelos loiros espalhados pelas costas, usando camiseta, jeans e tênis, sem maquiagem, sem artifícios. E mesmo assim nunca me pareceu tão desejável. Tudo dentro de mim gritava que ela era minha. Sem poder me conter, falei, baixo:

— Vamos dar uma utilidade para essa cama antes de irmos, coelhinha. Não posso dar um passo sequer se não estiver antes dentro de você.

Ela estremeceu, mas nem lhe dei chance de falar, já agarrando a barra da sua camiseta e erguendo-a sobre sua cabeça. Senti o desejo latejar dentro de mim ao ver os seios no sutiã branco e simples. Fitei seus olhos enquanto abria o fecho e o tirava.

Agarrei as laterais do jeans, junto com a calcinha, e desci-os por suas pernas, abaixando-me até ficar de joelhos. Tirei seus tênis e depois a calça, deixando-a sem roupa alguma. Então, subi a mão por seus tornozelos, pelas panturrilhas e por trás dos joelhos, fazendo-a estremeecer e arfar. Meus olhos capturavam cada pedaço da sua pele, reparando em uma pequena cicatriz no joelho esquerdo e uma pinta no interior da coxa. Não havia nada dela que escapasse a mim.

Minhas mãos seguiram pelo contorno de sua bunda e meus olhos encontraram sua boceta doce, que me deixou com água na boca e o pau duro. Eu a sentia trêmula e ansiosa sob meu toque e meu olhar, que fixei no dela ao ordenar:

— A partir de hoje, quero sua boceta completamente depilada. Não quero nada me atrapalhando ao chupá-la. Entendeu, coelhinha?

— Sim... Sim, senhor — arquejou.

— Agora cruze os braços atrás das costas e fique bem quietinha enquanto chupo você.

Soltou o ar nervosamente, corada, nua e entregue, enquanto eu, vestido, mesmo de joelhos à sua frente, era o dominante ali.

Eva gemia em lamentos, estremecendo, torcendo os braços, sem controle sobre os músculos das pernas. A fome me consumia por dentro.

Ergui-me, mordendo suas costas com força até chegar à nuca. Afastei seu cabelo para o ombro, cravando os dentes ali e chupando-a, dizendo baixo contra sua pele:

— Minha vontade é surrar você, coelhinha, por ter fugido de mim. — E, como para comprovar, espalmei uma das mãos em sua barriga, segurando-a, e com a outra dei uma palmada firme em sua bunda. — Assim. E assim. Mas sei que a culpa foi minha. Eu mereci.

Nós teríamos tempo para conversar depois. Ali, eu estava dominado pela saudade e pelo tesão.

— Esse é só o começo do seu castigo. Vai me pagar por dias. Agora, me diga, coelhinha: vai fugir de novo?

— Não...

— Ainda não estou convencido. — Dei três tapas seguidos no mesmo lugar, para deixar sua pele ardida, fazendo-a gritar:

— Não, senhor. Eu prometo nunca mais fugir...

— Não consigo mais ficar longe de você, coelhinha. Entende isso? — Eu a virei bruscamente em meus braços, furioso e excitado, agarrando seu cabelo na nuca e puxando-o para trás, obrigando-a a me olhar. — Vê o que está fazendo comigo?

Arquejou com os lábios abertos, a respiração entrecortada, suplicando por algo. Eram óbvios o desejo e a paixão em seu rosto e em seu olhar, que buscava o meu em um pedido mudo, mas explícito.

— Diga — exigi, apertando-a contra meu peito e descendo os olhos para aquela boca que era minha perdição.

— Eu vejo o que o senhor faz comigo... — sussurrou. — E o que vê? — Desci a mão por sua bunda quente, fazendo-a tremer, esfregando-a contra meu pau duro e dolorido.

— Uma garota... — arfou, baixinho, dizendo-me tanta coisa com o olhar, despindo todas as suas emoções. — Perdida diante de um homem. Completamente louca... por ele.

Suas palavras e seu tom de entrega e devoção mexeram comigo. E eu não resisti. Trouxe-a ainda mais para mim e mordi seu lábio inferior, entregando-me naquele beijo. Busquei sua língua e a rodeei e chupei, beijando-a com paixão, com aquele desejo louco que me consumia.

De olhos fechados, com a respiração suspensa, eu a apertei com força e saqueei sua boca, alimentei-me dela como um animal faminto. Não poderia mais ficar longe. E me dei conta de algo de que nunca me julguei capaz, algo que eu odiava ter que admitir: eu estava completamente apaixonado por ela.

Fiquei assustado. Eu, um homem de quarenta e dois anos, vivido e dominante, acostumado com mulheres lindas e experientes, de quatro por Eva. E agora, o que faria com ela? O que faria com aquele sentimento tão novo e latejante dentro de mim?

Beijei-a mais e mais, e ela me beijou de volta com a mesma fome, agarrando-me, gemendo, choramingando, apertando-se contra mim. Mostrou-me em cada gesto que me queria, que estava apaixonada, que me desejava mais do que tudo, mas eu ainda me continha. Eu não estava pronto para me mostrar ainda mais do que já tinha feito, pois tudo aquilo era desconhecido demais para mim. Mesmo me contendo, eu a aconcheguei contra mim e a tomei como se fosse o bem mais precioso da minha vida.

Foi muito mais que tesão. Foi uma entrega desesperada, uma troca de sentimentos, um toque sôfrego e um devorar de bocas ávidas, insaciáveis. Não sei como consegui afastar o rosto e fitá-la com pálpebras pesadas, pois meu desejo era beijá-la para sempre. Mas meu corpo exigia mais, e eu a soltei devagar.

— Sente-se encostada na cabeceira, arreganhe as coxas para mim e abra sua boceta com as mãos, coelhinha — disse, esfomeado. — Espere por mim assim, pronta para ser minha.

Caiu sentada na cama, parecendo bêbada, com as faces rosadas, os olhos brilhantes, os mamilos duros. Então arrastou-se para trás, fazendo os cabelos balançarem como os de uma sereia, sendo a tentação em pessoa. Eu não tirei os olhos de Eva, nem ela de mim, enquanto se recostava na cabeceira e eu abria minha camisa.

Ela não se fez de rogada ou tímida, já excitada demais para recuar. Ergueu os joelhos e abriu-os bem para os lados, como eu havia mandado.

Despi-me logo, sem poder suportar mais aquela tortura. Pus um preservativo enquanto seu olhar percorria meu corpo, cheio de desejo, e eu ajoelhava na cama e ia até ela.

— Sabe como fiquei louco sem você? — perguntei, feroz. — Sabe o quanto esperei para te pegar e comer essa sua boceta gostosa, coelhinha?

Eva arquejou, excitada, abrindo-se ainda mais quando agarrei com força a cabeceira atrás da sua cabeça, ajoelhado entre suas coxas, inclinando-me de modo que a cabeça do meu pau roçasse bem no meio de seus lábios vaginais.

Eu a olhava com um misto de tesão e raiva pelo que me fizera passar, enquanto ela suplicava em um murmúrio:

— Por favor, senhor...

— Por favor o quê?

— Preciso do seu pau... — ronronou. Lambeu os lábios, cativa, aberta, sua boceta molhada e escorrendo de tanto desejo. Quase chorava em agonia.

Eu me aproximei mais e forcei o quadril para a frente. A cabeça entrou, e quase ejaculei ao sentir sua quentura macia parecendo uma boca se fechando em volta de mim, firme e faminta. Mas parei, contive-me, cheirei seu cabelo na lateral do rosto e falei, baixo e rouco, em sua orelha:

— Não consigo mais respirar sem sentir você. — Entrei mais, até a metade, penetrando-a lentamente, sentindo-a tremer e choramingar. Apertei a cabeceira com força, para me conter um pouco mais, precisando falar, extravasar um pouco aquela loucura que me consumia. Virei o rosto e obriguei-a a me olhar. — Nenhuma boceta é como a sua, coelhinha. Nenhum olhar me deixa excitado como o seu. Quero sua boca. Quero sua língua. Quero sua carne toda em mim. Assim, se abrindo e me tomando bem fundo.

— Ah, Theo...

Gritou, fora de si, quando meti meu pau inteiro em sua boceta, sem tirar meus olhos dos dela. Fascinado, vi como o tesão a enlouqueceu, notando cada nuance em sua expressão, cada gemido que escapou choroso de seus lábios. Penetrei-a com força, em estocadas firmes e duras, ajoelhado e inclinado entre suas coxas, ordenando:

— Continue segurando essa boceta aberta para mim. Vou meter em você até quando eu quiser, pois sua boceta foi feita para o meu pau.

E eu meti mais, agora bruto, fazendo a cama balançar e ranger e fazendo Eva gritar. Era delicada, pequena, mas eu estava fora de mim.

— Theo... — choramingou, desesperada, com os olhos se enchendo de lágrimas. Seu corpo era castigado pelo tesão e por minha brutalidade incontrolável, sua boceta apertava meu pau em espasmos ferozes, seus sentimentos estavam mais expostos do que nunca. Nada me preparou para sua declaração emocionada, que veio como se tivesse sido arrancada de dentro dela sem que esperasse: — Eu te amo...

Parei em seu interior, todo enterrado, agarrando seu cabelo. Senti um baque por

dentro, um rodamoinho de emoções que me deixou desconcertado. Eva se assustou com as próprias palavras, mas, então, largou a boceta que mantinha aberta e subiu as mãos por minhas coxas até meus quadris, segurando-me ali e passando ela mesma a se mover sob meu pau em um deslizar narcotizante. As lágrimas faziam seus olhos brilharem e sua coragem aparecia em cada sílaba ao repetir baixinho:

— Eu te amo... Eu te amo, Theo.

O medo percorreu minha coluna como um arrepio, mas a paixão me consumiu mais vorazmente e fez meu coração disparar como um cavalo louco e os sentimentos me dominarem mais do que eu julgava possível. Percebi o quanto suas palavras e sua declaração mexiam comigo. Eu me senti forte, poderoso, amado, desejado, enaltecido. Eu a quis ainda mais. Dei-me conta do quanto a queria, do quanto estava apaixonado por ela, ainda que assustado com a intensidade daquilo.

— Diga de novo.

— Eu te amo. — Agora, sacudia-se sob minhas estocadas, encontrando-me no meio do caminho, vermelha e alucinada. — Eu te amo, meu senhor... Meu amor.

— Porra, coelhinha... Vai me deixar louco... — rosnei, lutando contra os sentimentos, tentando manter minha sanidade e um resquício de domínio.

Eva, fora de si, agarrou-me e mordeu meu peito, gemeu e chorou enquanto eu a olhava e a fodia com brutalidade, repetindo sem parar:

— Amo você, Theo... Sou sua... Faça tudo o que quiser comigo... Ah...

Gozava, alucinada, tão abandonada no prazer que ondulava e arfava com a boca aberta e os olhos desvairados. Era tentação demais e não suportei. Depois de dias longe dela, que passei desesperado, culpado, preocupado e saudoso, por fim me dei e gemi, ejaculando. Apertei sua cabeça contra meu peito, enterrando o rosto em seus cabelos.

Foi descomunal. Ondulamos juntos, suamos e gememos no quarto abafado, mais colados do que duas pessoas poderiam ficar. E, mesmo depois que acabou, enquanto respirávamos pesadamente, eu me mantive em seu interior, sem coragem de sair daquele paraíso.

Por fim, tive que sair de cima dela. Eva gemeu, acariciou minha pele, beijou minha barriga. Eu toquei seu cabelo macio, cheirei-a atrás da orelha e consegui por fim soltá-la e erguer-me. Fitou-me apaixonada, lânguida, encostando a cabeça no espaldar da cama. Eu nunca a tinha visto tão linda e senti algo se apertar dentro de mim. Estava fodido mesmo, louco por ela. Era apavorante me sentir assim, tão nas mãos de uma pessoa. Meu consolo era que Eva se sentia da mesma maneira. A fome e os sentimentos eram recíprocos.

Tirei o preservativo cheio e fui ao banheiro para me livrar dele. Voltei ao

quarto enxugando-me em uma toalha marrom enquanto Eva, nua e linda, pegava um vestido e uma calcinha na mochila e me olhava um tanto sem graça, corada. Por quê? Por tudo que havíamos feito? Por um pudor tardio? Ou por sua declaração?

— Vou tomar um banho e podemos ir — disse, baixinho. Quando ia passar por mim, segurei seu braço. Fitou-me com olhos enormes.

Era impressionante, mas eu queria ouvi-la dizer de novo que me amava. Senti-me ridículo, mas o desejo era mais forte. Puxei-a para mim, entregue aos sentimentos. Não conseguia tirar meus olhos dos de Eva.

— Estou viciado em você — falei, baixo, com certa raiva, ao mesmo tempo que deslizava minhas mãos em suas costas e flancos.

— E eu em você, Theo.

— Mas foi embora.

Mordeu o lábio e ficou nervosa. Fitou meu peito, mas exigiu:

— Olhe para mim, coelhinha.

Obedeceu imediatamente, pousando suas mãos em meus braços e erguendo o rosto para mim.

— Aquilo não acontecerá novamente. Não há palavras para explicar o que fiz, o medo que causei em você, o meu descontrole. Mas prometo que nunca se repetirá, e, se disser não, será não. — Acariciei sua face. Minha sinceridade era explícita em cada palavra. — Já o resto, Eva... O calabouço, os meus jogos... Preciso disso. É uma parte de mim. Tem certeza de que pode aguentar? Que não vai querer fugir de novo?

— Tenho. Eu não posso... Não posso ficar longe, Theo. Quase não dormi nem comi. Não vivi.

Era tão sincera que senti as emoções se revolverem dentro de mim. Quase disse a ela que para mim foi igual ou pior, mas ainda era cedo demais para aceitar, e ainda mais para fazer declarações. Só que eu era egoísta. Não queria falar, mas queria ouvir.

— Diga de novo — exigiu, baixo.

— O quê?

— O que me disse enquanto eu te comia naquela cama.

Ela desviou o olhar, vermelha, antes de tornar a fitar meus olhos rapidamente. Eu esperei, paciente, mas ansioso. Precisava daquilo como um viciado em uma droga. Subi minha mão por sua coluna até a nuca, onde a acariciei e espalmei meus dedos. Havia apenas a toalha que eu segurava e o vestido em seu braço entre nós. De resto estávamos nus, colados, e novamente meu corpo a desejava.

— Eu te amo — disse, baixinho.

Senti o coração bater mais forte. Apertei-a contra mim e puxei seu rosto até

bem perto do meu.

— De novo.

— Eu te amo. Eu te amo, Theo.

Era loucura. Eu não entendia por que precisava tanto daquilo, como um fodido carente. Mas era fato. Eu queria ouvir mais.

— Quero ouvir isso todos os dias daqui para a frente — falei perto de sua boca, apertando-a contra meu pau totalmente ereto. — Entendeu, coelhinha?

— Sim, senhor.

E então a beijei com fome, com uma paixão sem limites.

Só saímos do hotel bem mais tarde, quando já tinha escurecido e eu tinha me fartado em seu corpo, beijando-a e comendo-a até precisar de outro banho, molhado de suor e satisfeito de tanto gozar.

eva

Eu ainda não podia acreditar que estava dentro da Land Rover de Theo, seguindo pelas ruas movimentadas do centro de Uberaba. A felicidade que eu sentia era desconhecida e narcotizante e pulsava dentro de mim com volúpia, deixava-me crer que tudo daria certo. A noite era linda e uma música suave tocava no rádio do carro, fazendo com que eu me sentisse ainda mais viva.

Tentei acalmar aqueles sentimentos fortes e dominantes puxando assunto apenas para trocar algumas palavras e ouvir a voz de Theo.

— Essa música é linda. O que está dizendo?

— Você não sabe inglês, Eva?

Sua voz me tirou do devaneio.

— Não.

— Imagino que tenha recebido uma educação básica no orfanato e, depois que saiu, tenha sido obrigada a se preocupar com trabalhar e sobreviver. Seria bom fazer uma faculdade e ter um curso de inglês.

— Eu sei — respondi, baixo, cautelosa com o lance do orfanato. Para piorar, Theo insistiu no assunto.

— Chegou ao orfanato com que idade?

Olhei para a frente, odiando mentir mais ainda, mas sabendo que uma mentira puxa outras. Fiquei quieta por um momento, angustiada.

— Eva?

— Eu ainda era um bebê — murmurei.

— Nunca soube quem são seus pais?

— Não.

— Tem vontade de saber?

— Não.

— Por quê? — Senti o olhar de Theo em mim antes de se concentrar novamente em dirigir, mas não tive coragem de encará-lo.

— Se me deixaram... foi porque não me queriam.

— Talvez não. Eu conheço uma excelente empresa de investigação. Se quiser, posso mandar abrir uma investigação para encontrar seus pais.

Assustei-me e olhei-o rapidamente, nervosa. Se Theo investigasse, acabaria descobrindo que nunca estive em um orfanato.

— Eu não quero — falei. — Só desejo deixar o passado para trás e seguir adiante.

— Tem certeza? — Olhou-me por um momento, compenetrado.

— Tenho.

Pensei em quantas vezes eu me sentiria assim perto dele, com medo de que descobrisse quem eu era.

Senti meu peito doer e tive até dificuldade para respirar. Mesmo sabendo que estava mergulhada em mentiras, que poderia ser desmascarada a qualquer hora e ser alvo do ódio mortal de Theo, eu me agarrava a uma vã esperança de conseguir resolver aquela situação. Era loucura. Mas eu tinha que tentar.

Não podia contar para ele. Theo me desprezaria imediatamente. E eu não suportaria isso. Precisava ganhar tempo com minha mãe e minha avó e neutralizá-las até achar alguma solução. Tinha que haver alguma!

— Vamos parar aqui para comer alguma coisa antes de voltarmos a Florada. — Theo já embicava o carro no estacionamento de um lindo casarão rosado, cercado por árvores e jardins.

Senti-me um pouco sem graça em meu vestidinho simples e sandálias rasteiras, observando o local luxuoso enquanto saíamos do carro. Theo segurava minha mão como se fôssemos namorados.

— Senhor Falcão, seja bem-vindo. — O maître veio cumprimentá-lo, o que me deixou surpresa. Sorri quando falou comigo e, depois que sentamos, consegui perguntar:

— Você vem muito aqui?

— Venho a Uberaba a negócios e para participar de leilões de gado na ExpoZebu, que ocorre aqui.

Eu olhei em volta, admirando a decoração elegante e as pessoas de boa aparência enquanto ajeitava um pouco meu cabelo solto e me sentia um tanto sem graça ali.

— Você está linda, coelhinha.

Olhei-o, surpresa, e encontrei seu olhar fixo em mim. Fiquei nervosa com o elogio. Corei e sorri.

— Sei que não estou.

— Confie em mim. Está linda.

E eu acreditei, pois Theo não costumava fazer elogios em vão ou para agradar. Nem sei se fazia elogios, por isso aquele pareceu verdadeiro. Continuei corada e nós nos fitamos profundamente, sendo interrompidos quando o garçom voltou com os chopes. Quando se afastou, Theo recostou-se em sua cadeira, ainda com os olhos azuis fixos em mim.

— Fale um pouco de você — disse ele.

— Não há muito o que dizer — respondi, gelada, tentando aparentar naturalidade.

Parecia ler minha alma. Tomei um gole do chope, querendo disfarçar o nervosismo. Ele me analisava detidamente e insistiu:

— Como foi sua vida no orfanato, Eva?

Deixei o copo sobre a mesa, desejando fugir de seu olhar, mas sem conseguir. Por fim, pensei em minha infância solitária, em minha mãe ocupada sendo prostituta, em minha avó cuidando da casa e doente, remoendo seu ódio, nas idas de casa para a escola, envergonhada porque todo mundo sabia a profissão da minha mãe e porque as crianças implicavam comigo. Na adolescência, os garotos viviam querendo me pegar, até que a situação ficou difícil demais e nós nos mudamos para Ituiutaba.

Lá, minha mãe foi mais discreta, mas mesmo assim nunca tive muitos amigos. Ela e minha avó não incentivavam, pois não queriam chamar a atenção. Afinal, a cidade era vizinha a Pedrosa, perto demais de Florada e dos Falcão. Ali éramos invisíveis.

— Eva?

— Solitária — disse, o que em parte era verdade, olhando para ele. — Cada um cuidava de si e pronto. Tive comida e estudo, mas nunca recebi carinho. Só isso.

— Sofreu algum tipo de violência?

Eu queria mudar o assunto, cada vez mais nervosa. Lembrei-me das vezes que minha mãe me obrigou a vê-la transando pelo buraco na parede e das descrições que fazia depois, de como eu me sentia suja e agredida.

— Não. Só tinha que obedecer para ser deixada em paz.

Observava-me, esfregando um dedo no lábio. Eu já tinha notado que era uma mania dele, que eu achava bem sensual.

— E como foi depois que saiu?

— Arrumei um trabalho e um canto para morar. Venho me virando desde então. Corei ao perceber um quê de pena em seu olhar.

— Sou feliz — expliquei rapidamente. — Não passo fome nem sou uma pobre coitada.

— Sei que não. — Surpreendendo-me, inclinou-se para a frente e capturou minha mão na dele, bem maior, entrelaçando nossos dedos. Percebi que parecia perturbado e sério. — É uma menina corajosa — disse, baixo. — E fui um bruto com você, desde o início.

Eu não podia acreditar, mas ele parecia se sentir culpado. Eu estava muda, imóvel, ainda mais quando completou, austero:

— Vou cuidar de você a partir de agora, coelhinha.

Fiquei emocionada. Senti que ele realmente se importava comigo e me indaguei se, um dia, alguém fizera isso. Minha mãe e minha avó tinham abandonado Gabi ainda muito pequena e me criado no meio do ódio, jogando-me naquela vingança. Em algum momento alguém havia pensado em mim, no que poderia acontecer comigo, no quanto eu poderia sofrer?

Mordi os lábios e baixei o olhar para que Theo não visse o quanto mexeu comigo.

— Vou te dar todas as oportunidades que não teve. Educação, trabalho, segurança, uma vida digna. É só me dizer o que quer, coelhinha, e darei para você.

— Quero apenas ser feliz. — Essa era a pura verdade. Minha voz embargou e fiquei com vergonha.

Olhou-me bem dentro dos olhos e indagou:

— Você está feliz agora, coelhinha?

Meu coração disparou. Senti vontade de chorar e nem soube ao certo por quê. Talvez por ele perguntar ou por se preocupar.

— Sim — respondi, sendo sincera. — Eu estava morta longe de você. Agora voltei a viver.

Uma emoção indescritível passou pelo rosto de Theo. Apertou meus dedos e fitou-me com tanta intensidade que estremeci. Algo aconteceu ali, uma troca de energia, um sentimento profundo, uma ligação íntima.

Theo me olhava com prazer e sorriu. Sorriu de verdade para mim, como o vi sorrir para Abigail no escritório. Não havia raiva nem qualquer sentimento negativo ali. Apenas um sorriso lindo, mostrando seus dentes brancos com caninos ligeiramente maiores, deixando-o ainda mais maravilhoso. Lembrei-me daqueles dentes em mim, como me mordia quando me pegava, como aquela boca era capaz de enlouquecer meu corpo. Até mesmo menstruada, havia me mordido, lambido, chupado. Fitei de novo seus caninos e pensei que parecia um vampiro.

Um vampiro pornográfico.

— Do que está rindo? — indagou Theo.

— Estou apenas surpresa. Nunca o vi sorrir assim.

— Já imaginou por que estou sorrindo, coelhinha?

— Não. Por quê?

— Talvez eu esteja como você. — Seus olhos penetrantes encontraram os meus. — Feliz.

Meu sorriso se ampliou.

— Me diga... Tem mais coisa aí — exigiu, parecendo mais leve e descontraído.

— Na verdade, eu estava reparando nos seus dentes. Como os caninos são um pouco mais longos. E como gosta de morder... E também... — Calei-me, corada.

— Também o quê?

— Deixa pra lá.

— Diga. Ou quer mais um castigo? Ainda não terminei os que planejei por sua fuga.

Ainda mais vermelha, e agora nervosa, falei, baixinho:

— Você morde e não... não se incomoda com sangue. Então pensei que até parece um vampiro. Um vampiro pornográfico.

Theo deu uma risada, que o deixou ainda mais lindo.

— Gostei. Vampiro pornográfico. Já fui chamado de muitas coisas, mas nada parecido com isso.

Sorri e acabamos criando um clima sensual e, ao mesmo tempo, leve. Depois da refeição, segui de mãos dadas com Theo até o carro, jurando que eu só podia estar sonhando. Afastei os medos e riscos que enchiam minha mente e simplesmente aproveitei o momento. Falamos pouco durante a viagem de volta para casa. Eu saboreava a companhia e a boa música, recostada em meu assento, apreciando cada segundo.

Não entendi a felicidade que senti quando entramos na fazenda. Era como voltar ao lar, e, mesmo sabendo que eu não deveria me sentir assim, foi impossível me controlar.

Theo parou o carro em frente à minha casa e virou-se para me olhar, muito sério.

— Nunca mais fuja, Eva. Aconteça o que acontecer, vamos conversar. Grite, me processe, mas não faça mais isso. Eu não sabia se estava bem. Fiquei como um louco atrás de você.

— Eu não farei. Prometo — concordei, num fio de voz. Ele assentiu e saiu do carro. Abriu a porta para mim e deu-me a mão. Não havia nenhum vizinho por ali, e me indaguei se Theo andaria de mãos dadas comigo se houvesse.

Entrei na casa sentindo um misto de saudade e felicidade. Por um momento, me permiti sonhar que nada atrapalhava minha vida ali, que minha mãe e minha avó não iam exigir a vingança, que Theo nunca saberia. E que ele se apaixonaria por mim.

Virei-me para Theo em um pedido mudo para que ficasse.

— Eu não vou embora — disse ele, parado no meio da sala, na penumbra, tirando o paletó. Parecia ler meu pensamento. Seu rosto estava escondido pelas sombras, mas eu podia sentir seu olhar queimando em mim. — Continuo sendo o mesmo, coelhinha. Cruel, dominante, querendo as coisas à minha maneira. Vou cuidar de você, mas continuo querendo-a como minha submissa. Precisamos combinar umas coisas.

Eu já estava nervosa, em expectativa.

Largou o paletó no sofá e começou a desabotoar a camisa. Sua voz era austera, severa, dura.

— Quando não quiser realmente alguma coisa, diga. Eu vou parar. E essa é uma promessa. — Seu tom era sincero e decidido. — Entendeu?

— Entendi.

Theo tirou os sapatos e a camisa. Abriu a calça, e eu já estava excitada.

— Fique nua — disse, baixo. — Antes de te comer, vai receber a segunda parte do castigo.

— E ele... tem quantas partes? — indaguei, em um misto de medo e tesão.

— Três.

Estremeci. Não podia imaginar o que faria comigo, mas obedeci e me despi, sem tirar os olhos dele. Quando puxou o cinto da calça e deixou-o sobre a mesa que tinha comprado, ao lado, e que eu nunca havia usado, estremeci com medo, sem conseguir tirar os olhos do objeto de couro. Lembrei-me do que disse, que iria parar se eu dissesse não. O problema era que, mesmo apavorada, eu queria dizer sim. No fundo, eu gostava daquela loucura, de ser submetida e escravizada por ele, de saber que pertencia a Theo de todas as maneiras. Talvez eu fosse louca, mas era assim. E sabia que ao final estaria satisfeita, cheia de gozo e prazer.

Fiquei nua. Theo também. Colocou um pacote de preservativos sobre a mesa, junto com o cinto de couro. Puxou uma das cadeiras de madeira e sentou-se. Ordenou em um timbre seco:

— Venha até aqui, coelhinha.

Eu fui. Tremendo, ansiando, desejando. Com medo e com luxúria.

Apesar de a sala estar às escuras, entrava alguma claridade pela janela e pude vê-lo melhor quando estava mais perto, notando o contorno de seus músculos delineados nos braços e no peito, os ombros largos, os gomos em sua barriga. E o

pau, já pronto e duro, cheio de veias circundando-o. Bateu nas coxas duras e mandou, autoritário:

— Deite nas minhas pernas.

Eu estremeci, sabendo o que me aguardava. Mordi o lábio e obedeci. Theo ajeitou-me sobre uma das coxas, passando sua outra perna por cima das minhas e prendendo-me. Forçou meu tronco para baixo e apoiei as mãos no chão, com os cabelos esparramados sobre meu rosto, roçando meus dedos.

— Adoro sua bunda, coelhinha. Redonda, macia, firme. — Sua mão acariciou-me ali, suavemente. Escutei quando pegou o cinto e fechei os olhos. Prendi o ar, tremendo, antecipando a dor. — Serão apenas três. Conte cada uma.

Antes que eu tivesse a chance de me preparar, de sequer respirar, senti o couro queimar minha carne e estalar em um som seco e cru. Gritei, de dor e de susto. Automaticamente tentei escapar, mas sua perna me prendia e sua mão em minhas costas me imobilizava.

— Isso é uma recusa?

Parei, com a respiração acelerada, sentindo a bunda queimar, mas ainda sim sem doer demais.

— Um — falei em um gemido.

Theo não esperou. Acertou o cinto do outro lado, em um golpe um pouco mais fraco, percorrendo a mão em minhas costas em uma carícia suave.

— Dois — choraminguei.

E então veio a terceira, mais forte, atravessando as duas nádegas. Gritei e lágrimas pularam dos meus olhos, mas Theo já me puxava para seus braços e me fazia ajoelhar no chão entre as suas pernas, beijando minha boca, enfiando os dedos em meu cabelo. Fui devorada pelo susto, pela ardência, pela luxúria. Fiquei tonta, segurei seus braços e soluzei.

Eu sentia um desejo alucinante, uma voracidade que me consumia em sua violência. Equilibrava-me entre a dor e o prazer; a primeira, suportável, o segundo, avassalador. Beije-o enquanto sugava minha língua, mordida meu lábio, me tomava para si em poucos segundos. E então eu queria mais. Desci minhas mãos por seu peito musculoso e sua barriga dura, agarrei seu pau e o masturbei com as duas mãos, fora de mim, gemendo e chorando.

Theo me descontrolava totalmente. Mexia com o pior e o melhor de mim, embaralhava-me, tornava-me uma massa desconexa e dependente dele. Acariciou meus seios enquanto eu descia a boca pela barba até seu queixo firme e gemia, miava, mordida-o com tesão. Lambi seu mamilo pequeno e ele segurou minha cabeça, deixando escapar um gemido rouco. Então, eu me rendi de vez ao seu corpo e à sua dominação, agarrando suas coxas, descendo mais para enfiar seu pau na boca e chupá-lo, enlouquecida.

— Porra, coelhinha... Que boca gostosa...

Meti aquela carne até o máximo que consegui. Eu o amei com tudo que tinha enquanto ele segurava meus cabelos e gemia baixo, olhando o que eu fazia. Por fim, rasgou um preservativo e me puxou para cima, já cobrindo o membro, fazendo-me montar de frente em seu colo.

Passou o braço em volta da minha cintura e acariciou-me com os dedos enquanto seu olhar agressivamente viril me consumia.

— Diga o que sente por mim.

— Ah...

— Diga!

— Eu te amo! Eu te amo todo! Seu rosto... — E espalhei beijinhos em sua face, maravilhada, extasiada, engolindo seu pau em ondas deliciosas. Beije seus lábios. — Sua boca... Amo seu corpo... Suas mãos... Seu pau tão duro e grande tomando tudo de mim... Ah, Theo... Eu te amo!

Gritei e gozei, fulminada, agonizando em um prazer alucinante.

Nós nos acabamos ali, unidos e arfantes, dopados pela paixão. Todos os problemas e o mundo lá fora esquecidos. Fomos só um. Em corpo e alma. Na violência e na delicadeza, sem julgamentos. Apenas nós.



Minha vida ganhou um novo rumo naquela semana. Ficou claro, para quem quisesse saber, que eu e Eva estávamos juntos. Não dei satisfações a ninguém nem disfarcei. Simplesmente agi como adulto e dono das minhas decisões. E nunca tinha sido tão feliz.

Na sexta-feira, chegamos juntos ao escritório, como no dia anterior. As pessoas olhavam, curiosas, mas disfarçavam, loucas para cochichar. Empregados, Tia e meus irmãos, pessoas da cidade, todos pareciam curiosos a nosso respeito, ainda mais por não escondermos nada, embora também não déssemos satisfação a ninguém.

Enquanto eu pouco ligava para o que diziam, Eva ficava vermelha, envergonhada. Devia sentir-se sem graça no papel de amante, até mesmo porque muitas pessoas podiam achar que queria me fisgar, o típico caso da moça linda e mais nova seduzindo um homem rico e mais velho. Mas isso não me preocupava. Eu sabia que não era assim, e isso me bastava.

Naquele dia, apesar de termos transado gostosamente na noite anterior, eu estava cheio de tesão. E tenso. Um contrato grande a ser assinado andava se arrastando e demorando demais, mas eu estava mais ansioso porque o detetive da agência tinha prometido dar novas notícias sobre Micah. Para piorar, vi Eva passando no corredor. Vi seu cabelo loiro solto e o vestido preto de botões até o joelho, simples e comportado. Ela parecia linda e pura entregando documentos a um motoboy que viera de Pedrosa para recebê-los. O rapaz a olhava encantado, cheio de sorrisos, na certa sem saber a quem ela pertencia.

Lembrei que eu tinha prometido a ela uma terceira parte do castigo por sua fuga, mas havia me distraído com a vontade de simplesmente tê-la. Agora não conseguia pensar em outra coisa.

No meio da manhã, liguei para minha secretária e pedi que Eva trouxesse um café para mim. Quando ela entrou, cada parte do meu corpo reagiu, embora eu fingisse estar compenetrado lendo uns papéis. Na verdade, não conseguia me concentrar em nada.

— Senhor Falcão, o seu café.

Ergui os olhos, sério, recostando em minha cadeira. Ela me olhava, atenta. Seus olhos passaram por meu terno preto. Seu profissionalismo estava abalado pelo desejo que se espelhava em sua íris, pela respiração mais agitada e pela mordida no lábio que denunciava seu nervosismo. Era muito excitante saber que reagia tanto à minha presença, pois tinha o mesmo poder sobre mim.

— Deseja algo mais?

Ela queria me matar. Arrastei a cadeira um pouco para trás e falei, baixo, autoritário, sem tirar os olhos dos dela:

— Venha aqui.

Respirou fundo e piscou, nervosa, mas obedeceu e caminhou até mim.

— Encoste-se à mesa.

Acho que já tremia. A sala estava clara, pois as persianas estavam abertas atrás de mim. A luminosidade do dia incidiu em cheio em Eva ao se recostar na ponta da mesa, bem à minha frente. Seus olhos enormes reluziam no rosto lindo. Passei o indicador pelo lábio, atento, compenetrado, sem perder uma nuance sequer do seu corpo e do seu rosto. Já sentia o tesão endurecendo meu corpo, deixando-me excitado e feroz, mas disfarçava com uma falsa frieza.

Desci o olhar até seu pescoço, onde começava a fileira de botões do seu vestido, e falei secamente, quase como se mandasse que me servisse o café:

— Abra seu vestido até a cintura, coelhinha.

— Theo... — arquejou, excitada e nervosa. Fitou-me, implorando: — Alguém pode entrar.

Eu não disse nada. Apenas a olhei, bem sério, franzindo o cenho. Estremeceu e arfou baixinho, agitada. Então, ergueu as mãos, tremendo ao tirar o primeiro botão da casa.

Lutei para me manter aparentemente calmo enquanto a observava abrir os botões. Quando chegou à cintura, onde um cinto do próprio tecido envolvia o vestido, parou e esperou.

— Abra — falei entre os dentes. Meu pau doía dentro da calça de tão duro, situação que só piorou quando Eva segurou as duas alças do vestido e puxou-as para os lados, descortinando a pele perfeita e suave, os seios redondos e empinados dentro do sutiã de algodão bege.

Era impressionante como tudo ficava lindo nela. Prometi a mim mesmo enchê-la de sedas e rendas, de lingerie finas, só para ter o prazer de despir cada peça

depois de apreciá-la em seu corpo.

— Hoje à noite, quando eu chegar em sua casa, quero-a esperando por mim, nua, usando só seu batom vermelho — falei, baixo, quase sem inflexão, enquanto subia as mãos por sua barriga até embaixo dos seios, onde parei e senti o quanto ela tremia. Gostava de provocá-la, de ver como se descontrolava rapidamente e não conseguia disfarçar. Era muito receptiva e apaixonada, e isso mexia demais comigo. Podia ouvi-la puxar o ar pesadamente.

Eva tremia e agarrava a mesa, esperando, arquejando. Apoiei minhas mãos na mesa, ao lado das dela, enquanto aproximava o rosto do seu peito. Soltou um gritinho agoniado quando fechei a boca sobre o mamilo esquerdo e o chupei lentamente.

— Ah, Theo... — suplicou, em um gemido que me deixou esfomeado. Eu me contive, sem tocá-la além de sugar o mamilo duro e gostoso, que ficava bicudo contra minha língua. Aumentei a pressão e fiquei lá, mamando com firmeza enquanto Eva se derretia, se sacudia, miava baixinho.

Afastei a boca e encontrei seu olhar. Parecia perdida, em êxtase. As pálpebras estavam pesadas e puxava o ar fortemente pela boca. No ponto. Sabia que poderia fazer qualquer coisa com ela naquele estado, e um monte de putarias passou por meus pensamentos, mas eu os freei. Fui ao mamilo direito, dando a ele a mesma atenção, sugando-o, mordiscando-o, lambendo-o.

Eva gemia, abalada, fremente. Seu corpo me pedia mais, agitava-se, lutava para conter as ondulações de prazer. Eu a deixei no ponto somente chupando e mordendo seus mamilos, um depois do outro. Por fim, começou a pedir baixinho:

— Por favor, Theo... Preciso de mais... Eu... Oh...

Afastei a boca e soltei seus pulsos, recostando-me na cadeira com a expressão séria e carregada. Estava duro demais, doido para jogá-la de pernas abertas em cima da mesa, arrancar sua calcinha e penetrá-la fundo e com força. Mas me contive. Tranquilamente, arrastei minha cadeira para trás, ajeitei o paletó para esconder minha ereção e disse, com frieza dissimulada:

— Obrigado pelo café, Eva. Pode ir.

Olhou-me chocada, sem acreditar.

Estava linda, e eu quase voltei atrás, fitando seus mamilos vermelhos e empinados, pontudos depois de serem chupados. Os olhos estavam pesados e suplicantes, as faces, tingidas, a respiração, entrecortada, mas mantive-me aparentemente sob controle e esperei. Por fim, ficou envergonhada e baixou o sutiã, afastando-se, dando-me as costas enquanto fechava tremulamente o vestido.

Voltei a pegar os documentos, como se me concentrasse no trabalho. Eu a vi parar no meio da sala e me olhar, como se aguardasse mais atenção, meio perdida. Por fim, conferindo a roupa, respirou fundo e saiu. Só então sorri,

ajeitando o pau dolorido dentro da calça. Eu me convencia, cada vez mais, de que era a porra de um perverso.

Foi um custo voltar ao trabalho.

Chamei-a novamente à minha sala no final da manhã. Eva entrou, desconfiada, nervosa, fechando a porta atrás de si. Eu me levantei e apontei para o sofá.

— Sente-se.

Passou a mão pelo cabelo em um gesto ansioso, mas não disse nada. Sentou-se em uma ponta, com as mãos nos joelhos e os olhos arregalados para mim enquanto eu me sentava na outra ponta e virava-me um pouco para observá-la, passando a mão pela barba cerrada em meu queixo.

— Tire a calcinha.

Arquejou.

— Por que está fazendo isso, Theo? — indagou, baixinho.

— Porque eu quero. Quem é o patrão aqui? A quem você pertence, coelhinha?

— A você. Mas... essa é a terceira parte do castigo? Vai me tentar o dia todo? Sua ansiedade era encantadora.

— Talvez. Agora tire a calcinha.

Eu fiquei muito quieto; meu coração estava exaltado, mas minha aparência era serena. Era extremamente erótico vê-la naquela roupa comportada e com os olhos baixos, obedecendo-me, erguendo um pouco os quadris para puxar a calcinha para baixo. Finalmente tirou-a, apenas um pedacinho de algodão bege.

Estendi a mão e ela me olhou, agitada. Entregou a calcinha, ainda coberta pelo vestido, os olhos verdes muito abertos. É claro que cheirei a calcinha, passando-a na boca e no nariz, fitando-a de modo penetrante. Estava úmida e quase rosnei ao sentir aquele perfume íntimo só dela, que eu reconheceria em qualquer lugar, embriagante, delicioso. Então a guardei dentro do bolso interno do paletó.

— Vou passar o dia sentindo o seu cheiro, coelhinha.

Com essas palavras, deixei claro que passaria o resto do dia sem calcinha. Eva ficou mais vermelha ainda, sem saber o que fazer, mas não se negando a nada.

— Erga o vestido. Quero ver sua boceta.

Segurou a barra do vestido. Para meu tormento, levantou-o devagar, mostrando as coxas bem-feitas, suas formas que eu já conhecia, que me deixavam a ponto de atacá-la como um louco.

— Mais — ordenei quando parou, na dúvida, mas então levantou o tecido até a cintura.

Quase morri quando vi que estava depilada. Sem os pelos claros, a pele macia e rosada chamou meu olhar, a fenda entre os lábios carnudos fez cada parte do meu corpo reagir e ordenar que a tocasse. Contive-me o máximo possível. Não sei como minha voz soou tão segura quando falei, baixo:

— Abra as pernas.

Eva tremia, olhando para mim, mas não se negou. Quando afastou as coxas para os lados, mostrando sua carne rechonchuda e lisa, a umidade brilhando entre ela, fiquei fora de mim de tanto desejo.

— Eu me depilei hoje de manhã para você, senhor — disse num sussurro.

Porra, ela só podia querer me matar! Era a coisa mais linda que já tinha visto, com aqueles olhos enormes, a beleza pura e delicada, o vestido fechado até o pescoço, a saia erguida até a cintura e a boceta pelada e exposta, tudo somente para mim. Meu pau latejou, babou, doeu, mas continuei imóvel, passando o polegar no lábio inferior, admirando cada pedaço dela. Eu lutava para manter algum controle.

— Masturbe-se para mim, coelhinha.

Estava muito vermelha e envergonhada. Quando escorregou a mão direita entre as coxas e se tocou, eu quase caí de joelhos na sua frente e meti a boca naquela boceta suculenta, que estava acabando comigo. Mentalmente xinguei um palavrão, ainda mais tenso quando ela esfregou o indicador no pequeno botão e gemeu alto, estremecendo, mordendo o lábio com força.

Vi seus dedos rodearem delicadamente o clitóris, descendo e mergulhando entre os lábios, fazendo um barulho de coisa melada, dando-se prazer. Fiquei louco. Ordenei, baixo, antes que gozasse:

— Chega.

Ela parou, mas manteve a mão na boceta, abrindo as pálpebras pesadas para me fitar. Eu abri o cinto, desabotoei a calça e desci o zíper. Baixei a cueca e segurei o membro, muito esticado e totalmente ereto.

— Ajoelhe-se e me chupe. — Minha voz saiu rascante. — Com as pernas abertas. Não quero que se aperte nem se toque. Vem, coelhinha.

— Ai... — Afastou a mão em um estremecimento. Veio de quatro até mim, obediente, submissa como sabia que me deixava louco.

Seus cabelos roçaram minha mão e minhas coxas. Olhou-me nos olhos com paixão antes de abaixar e lambe a cabeça rotunda do meu pau. Na mesma hora, ele se lubrificou, e ela o chupou suavemente.

Foi o meu fim. O controle que eu tinha desceu ladeira abaixo e um gemido rouco escapou da minha garganta quando me tomou na boca em uma chupada doce e gostosa, movendo a cabeça para cima e para baixo.

— Mais forte, coelhinha... — rosnei, rouco, embriagado pelo tesão que se alastrava sem brio dentro de mim.

E me chupou como eu queria, forte e fundo, gemendo, sugando, lambendo. Agarrei seu cabelo em um rabo de cavalo, vendo, excitado, a sua boca grudada em volta da minha carne, notando que estava tão enlouquecida quanto eu, mas

mesmo assim me obedecia sem se tocar ou apertar as coxas uma contra a outra.

Não me contive. Deixei a luxúria se espalhar até se concentrar em meu saco, subindo dali em um calor abrasador para explodir em um gozo direto na sua língua. Chupou-me até não restar uma gota sequer do esperma. Quando ergueu a cabeça e me fitou com olhos pidões e boca vermelha e inchada, eu soube que ela também estava no ponto, que bastava uma carícia ou uma lambida em seu clitóris para gozar. Deixei-a em expectativa enquanto ajeitava e fechava minhas roupas.

— Pode voltar ao seu trabalho — falei, friamente. — Não se toque em momento algum, ou será castigada. Quando quiser, eu a chamo aqui.

Ela se ergueu, meio tonta, ajeitando a saia e o cabelo. Imaginei-a melada entre as coxas e sentindo meu gosto na língua. Era assim que a queria, pensando em mim o dia todo, tendo a sensação de que eu estava com ela.

Voltei a me sentar e, então, o celular tocou. Atendi enquanto via Eva se recompor antes de sair.

— Theo? Sou eu, Osmar.

Eu estava tão concentrado nela que quase indaguei quem era Osmar, mas então me lembrei que era o dono da agência de investigação.

— Notícias de Micah?

Eva me olhou fixamente, imóvel. Passei o olhar pelos seios arfantes, imaginando o que mais faria com ela antes do fim do dia, mas uma parte minha se concentrou na conversa.

— Sim. Está confirmado. Ele é um agente da Abin e trabalha disfarçado. Sua área de atuação é o combate ao crime organizado. Atualmente, está nos Estados Unidos, fazendo um treinamento na CIA. Foi impossível descobrir mais, porém sabemos que esse treinamento dura em média dois a três meses. Portanto, só nos resta esperar.

— E como vai encontrá-lo?

— Estamos atentos à sua entrada no Brasil. E já tenho homens trabalhando para descobrir onde fica sua residência. Tudo indica que vive no Rio de Janeiro, mas viaja muito.

— Certo. Não deixe de me informar sobre cada passo dele.

— Fique tranquilo. Estamos mais perto agora.

— E quanto aos outros assuntos? Alguma novidade?

— Estamos de olho em Felipe Vasconcelos. Ele anda agitado e nervoso. Se houver um novo roubo, estaremos na cola dele.

— E as mulheres?

— Da família de Gabriela?

— Sim.

— Sumiram. Não temos pistas, mas não desisti.

— Certo. Mantenha-me informado.

— Pode deixar.

Desliguei em um misto de raiva e irritação. Ter notícias sobre Micah era muito bom, mas eu odiava ter que esperar. E saber que também havia as ameaças de roubo de gado e da família de Gabi, sem soluções por enquanto, deixava-me possesso.

— Pode voltar ao seu trabalho. — Olhei-a, sem querer descontar nela aquela ferocidade.

Eva recuou, dando alguns passos para trás. Então, virou-se e praticamente correu para fora.

Ao final daquela sexta-feira, eu já estava muito puto analisando uns documentos quando a porta foi aberta sem que ninguém batesse. Ergui os olhos a ponto de xingar quem estava me interrompendo. Eva entrou, olhando-me ansiosamente, e, para a minha surpresa, fechou a porta e trancou-a com a chave.

— Eu não chamei você aqui — falei, baixo, ainda furioso com o atropelamento de eventos naquele dia.

— Sei que não chamou. Mas vi que estava nervoso. — Veio lentamente até mim, corajosa, sem vacilar diante do meu olhar de poucos amigos. — Não posso ver o senhor assim. Vim me oferecer para acalmá-lo. Quem sabe uma massagem?

Sem que eu pudesse acreditar, parou atrás da minha cadeira e apoiou as mãos em meus ombros, diretamente sobre a camisa, pois eu tinha tirado o paletó. Começou a me massagear com suavidade, pressionando devagar, abaixando a cabeça e murmurando em meu ouvido:

— Continue a trabalhar. Finja que não estou aqui.

Como se isso fosse possível. Fiquei parado enquanto seus dedos apertavam meus ombros e Eva cheirava meu cabelo perto da orelha, sussurrando docemente:

— Adoro seu cheiro. Adoro tocar em você. Passei o dia todo esperando me chamar, sem poder me concentrar em nada, com seu gosto em minha boca.

Havia um quê de angústia em suas palavras, no tom que usava, enquanto beijava minha orelha e esfregava o nariz em minha barba. Suas mãos trabalhavam em meus músculos, e suspiros entrecortados escapavam de sua garganta.

— Não consigo mais ficar longe de você, Theo — confessou, em um tom quase choroso. — Se me mandar embora, eu morro.

— Do que está falando?

Eu sentia que algo estava errado, que havia um desespero latente nela. Segurei seu braço e a puxei para a minha frente até sentá-la no colo e buscar seus olhos. Eva fugiu de mim, baixando a cabeça, e tive que segurar seu queixo para que me fitasse. Fiquei surpreso quando vi as lágrimas que os enchiam, prestes a se derramar, e uma dor pungente em sua expressão que chegou a me assustar.

— O que houve? Por que está assim, coelhinha?

— Eu não... Não sei mais viver sem você.

— Mas estou aqui. — Agarrei seu cabelo e apertei-a contra o peito, sem gostar de vê-la tão doída assim, tão desesperada. — Diga. O que você tem?

— Medo — murmurou. As lágrimas rolaram por seu rosto. Quis escondê-las, mas não deixei, mantendo-a firme e obrigando-a a fitar meus olhos.

— Medo de quê?

— De perder você, Theo. De deixar de ser sua coelhinha. — Havia dor e lamento em cada sílaba. Nunca me sentira tão afetado por lágrimas, pelo sofrimento de uma mulher. Não entendi como as coisas tinham mudado tanto de uma cena sensual para aquela tristeza, mas notava que estava mesmo abalada e nervosa. Sentia seu tremor, seu olhar agoniado ao me fitar.

— Só você é minha coelhinha, Eva. Pare com isso. Estou aqui.

— Mas até quando? O que vai ser da minha vida sem você?

— Não pretendo ir a lugar algum. E você? — Sondei seu rosto, estranhando tudo aquilo, seu medo, sua dor. Tive uma sensação ruim, algo como um aviso ou um presságio. Baixei o tom de voz e franzi o cenho ao indagar: — Vai fugir de novo?

— Eu não posso. Aconteça o que acontecer, não posso mais fugir, Theo. — Novas lágrimas desceram. — Eu te amo. Minha vida não é nada sem você.

Abraçou-me com força, buscou sofregamente a minha boca e me beijou com fome e desespero, com uma avidez que mostrava o tamanho de sua agonia e sua paixão, enterrando os dedos em meu cabelo, respirando desordenadamente contra meus lábios, tão descontrolada que a apertei e a contive. Tomei as rédeas do beijo e impus um ritmo. Aos poucos, foi relaxando, dando-se, gemendo. E, então, eu a tinha cativa e entregue.

Descolei os lábios e apoiei sua cabeça sob o queixo, passando meus dedos entre suas mechas macias.

— Aconteceu alguma coisa que você não quer me contar.

— Não. — Ergueu o rosto, buscando meus olhos. — Eu só... tive medo.

Voltei a lembrar que Eva era jovem demais e estava apaixonada por mim. Ela não sabia o que eu sentia, só que a desejava. E, ao mesmo tempo, ficava tensa e ansiosa com aqueles meus jogos. No final das contas, era apenas uma menina solitária e perdida e eu, a porra de um perverso.

Relaxe um pouco e abracei-a. Meu peito estava cheio de sentimentos e de vontade de protegê-la. Xinguei a mim mesmo por ser um bruto egoísta, mas era difícil demais mudar velhos costumes, deixar de ser quem eu sempre tinha sido.

Deixei que se acalmasse, acariciando-a, apertando-a contra mim, até que estava quieta, mais tranquila, calada. Senti vontade de dizer algo, de explicar o

quanto mexia comigo, o quanto eu a queria mais e mais em minha vida. Mas me contive, ainda sentindo que precisava aceitar aquela necessidade antes de me dar todo a ela. Tudo era novo demais para mim.

Finalmente, ergui seu rosto para mim e fitei seus olhos.

— Mais calma?

— Sim.

Beijei-a com amor e desejo, com cada parte de mim, com todos os sentimentos que só conheci com ela. Eva me agarrou e me beijou de volta, em desespero.

eva

Meu desespero se equiparava à minha felicidade. Dormi com Theo em minha casa na sexta-feira e fiquei surpresa quando me convidou para um passeio na fazenda no dia seguinte. Enquanto cavalgávamos lado a lado pelas terras lindas a perder de vista, eu aproveitava todos os momentos como uma criança faminta e, ao mesmo tempo, sentia vontade de chorar, com medo de que toda aquela alegria me fosse arrancada.

Sabia que me equilibrava em uma corda bamba. Eu tentava me enganar não retornando os telefonemas da minha mãe, fugindo de uma realidade que poderia destruir todos os meus sonhos. Minha única saída era buscar um milagre, pois, se eu tinha uma certeza, era de que Theo não me perdoaria se soubesse quem eu era. Não tinha coragem de contar para ele, pois seria como assinar minha própria sentença.

Tudo tinha piorado depois que ouvi aquele telefonema no dia anterior. Ele ainda estava no nosso encalço. Lembro-me do que disse ao telefone, com uma expressão de raiva: “Mantenha-me informado”. E se encontrasse uma pista e chegasse a mim? O que eu iria fazer?

Lembrei-me também de ouvi-lo falar sobre Micah. Pelo jeito, tinha sido encontrado no Rio de Janeiro. Pensei em minha mãe, que queria achá-lo e usá-lo contra Theo e sua família. Pelo que soubemos, era um bandido. Ela contava com isso, pensando em usar a maldade e o ódio dele contra os Falcão.

O cerco se fechava. Eu queria escapar, mas como? O que fazer? Eu não tinha coragem de contar a Theo quem era e não conseguiria fugir. Estava loucamente apaixonada por ele, dependente. Assim, só me restava rezar muito por um milagre e esperar que ele nunca descobrisse. Era minha única saída.

Olhei aquelas terras, a linda fazenda, pensando que parte de toda aquela

tragédia se devia a elas. E olhei para Theo, relaxado e à vontade em sua sela, mais lindo do que nunca. Quando me fitou e sorriu, havia algo diferente e profundo entre nós. Mesmo sem fazer declarações, eu sentia que ele se entregava mais, que seu jeito possessivo e seu toque eram diferentes. Tudo aquilo não podia ser em vão.

Ele me explicou como funcionavam os minirretiros, o cruzamento das reses, a venda de sêmen. Mostrou-me o laboratório e reforçou o quanto investiam em qualidade e como isso os tornava cada vez mais conhecidos no mercado nacional e internacional. Aprendi um pouco mais de biotecnologia e de pecuária e senti-me parte da vida dele, não apenas da sua cama.

Desmontamos e andamos de mãos dadas. Adorei cada momento, inclusive quando sentamos à sombra de uma árvore de um jeito tão diferente daquela caçada visceral em que me chicoteou e suspendeu em cordas. Agora me acariciava contra seu peito, apreciávamos juntos o silêncio, falávamos sobre as terras e nossa vida.

Ele se interessava cada vez mais por mim e queria saber sobre minha infância e minha vida fora e dentro do orfanato. Eu respondia brevemente, falando mais sobre como me sentia do que sobre fatos em si, pois assim não mentia. Fiquei surpresa quando, por conta própria, ele também contou um pouco de si:

— Eu imagino que deve ter sido muito difícil crescer sem família, Eva. Por aqui, as coisas sempre foram movimentadas, pois somos seis. A casa estava sempre cheia. Tia ficava louca com tanta confusão.

Eu o olhei, tentando fingir que não prestava atenção em detalhes. Para todos os efeitos, eu não sabia nada sobre Micah. Mesmo assim, Theo ficou sério e explicou, mantendo o olhar perdido ao longe:

— Tenho um irmão que não mora com a gente. Foi embora por causa de alguns problemas familiares. Micael.

— Ah, sim... — concordei, tentando controlar meu nervosismo, sem saber como agir. Mas Theo parecia preocupado, distante, pensativo. Não prestava atenção em minhas reações. — Por muito tempo, achei que estivesse morto, mas agora veio a notícia de que está vivo.

— Isso é... muito bom. — Acariciei seu braço.

Voltou os olhos azuis para mim, bastante sério. Não sei se confiava em mim ou se só queria desabafar, mas continuou a falar:

— É mais do que muito bom, Eva. Na minha cabeça, Micah estava morto ou era um bandido. As duas hipóteses estavam erradas.

Eu fiquei surpresa, mas continuei quieta. Brincou com uma mecha do meu cabelo.

— É impressionante, mas agora ele é um homem da lei. Trabalha para o

governo. Quando morava aqui, era rebelde e provocava todo mundo, vivia metido em confusão. Só não foi preso por ser menor de idade. Fumava, bebia, brigava. Acho que foi bom para ele ficar longe. Mudou. Mas me pergunto se alguma vez sentiu falta dos irmãos. Nunca deu notícias. Sumiu e não olhou para trás.

Eu estava muda, mais confusa do que nunca. Um homem da lei? Um policial?

Pensei na minha mãe, que queria encontrá-lo e usar seu ódio contra a família. Afinal, Micah era fruto de uma infidelidade de Alice Falcão, a mãe de Theo, com meu avô, Pablo Amaro. Mário Falcão descobriu a traição quando Micah era adolescente e, assim que Alice morreu, expulsou-o da fazenda e deserdou-o. Acreditávamos que ele desejaria se vingar de Mário. No entanto, ele não parecia odiar ninguém. Ele tinha mudado e melhorado. Senti alívio, pois não era um bandido. Não poderia ser usado por ela. Se quisesse algo da família, teria voltado.

A preocupação de Theo com os irmãos, o cuidado que tinha com eles e seu jeito protetor me deixavam ainda mais apaixonada. Aconcheguei-me em seu peito, beijei seu queixo e murmurei:

— Fico feliz que ele tenha mudado. Pensa em procurar por ele?

— É o que farei. Micah é meu irmão.

Não me contou mais nada, mas eu me senti próxima, parte da sua vida. E ainda mais traidora. Intimamente, pedi perdão e o abracei com força, até que buscava minha boca e me beijava daquele jeito delicioso que me deixava bamba, desnorreada, maravilhada.

Aquela manhã me deixou ainda mais apaixonada. E, para completar, levou-me para o casarão, onde almocei com ele, entre seu pai, Tia e seus irmãos, em um misto de sensações e sentimentos. Emocionada, eu tentava a todo custo controlar a vontade de chorar, pois estar ali era como entrar oficialmente em sua vida.

Pedro sorria e provocava Theo com frases como “A ‘sua namorada’ gostou da fazenda?” e “Bom demais você ter trazido a ‘sua namorada’ aqui”.

Theo o olhava, sério, o que só o fazia se divertir mais.

Heitor era muito agradável e simpático. Parecia ser o mais tranquilo entre eles. Joaquim não falava muito, mas também me tratava bem. Gabi estava nas nuvens, feliz da vida comigo ali, passando minha mão em sua barriga, que começava a despontar, e convidando-me para sair com ela e comprar roupinhas para o bebê.

Minha emoção não tinha tamanho. Dei-me conta de que seria tia e fitei Theo, pois aquele sobrinho tinha o meu sangue e o dele.

Tia me encheu de mimos; sua felicidade era explícita em seus olhares e ações. Olhava de mim para Theo, exultante, maravilhada, sem saber mais o que fazer para me agradar.

A única pessoa que me incomodava ali era Mário Falcão. Eu não conseguia

comer em paz estando ao lado de um assassino e ladrão, do homem que destruiu minha família. Ele era o maior culpado. Quase não falava, mas seus olhares me davam calafrios. E eu fazia de tudo para ignorá-lo.

Sentimentos diversos me atacavam. Eu me corroía em culpa, sentia-me uma fraude e me dava conta do quanto tinha mudado desde a primeira vez que estivera ali para colocar um bilhete no quarto de Gabi.

Depois do almoço, fiquei na varanda com eles, sentada no sofá e recostada em Theo. Mesmo enquanto eu sorria e conversava, meu peito doía, e eu lamentava enganá-los. Todos me tratavam bem, e eu notava o carinho deles por Theo, percebia o quanto se amavam e se respeitavam. A única falsa ali era eu.

À tarde, voltamos para minha casa, caminhando. Foi a prova final de que Theo estava me incluindo em sua vida, pois andou de mãos dadas comigo na frente dos empregados e dos vizinhos. Ele me assumia publicamente com ações, sem palavras. Bem ao estilo dele.

Quando entramos, escorou-me em uma parede e beijou-me com paixão. Enquanto arrancava minhas roupas, fitou meus olhos e indagou:

— O que está perturbando você, coelhinha?

— Nada — murmurei, acariciando seu peito e abrindo sua camisa. Estava nervosa e excitada, com muito medo de perdê-lo. Achei que nunca teria sossego. Sempre conviveria com aquela ameaça pairando sobre mim. A verdade.

— Não me engana. O que é? Não gostou de ir à minha casa? Está sendo rápido demais?

Fitei seus olhos, cheia de amor.

— Eu adorei estar na sua casa e na sua vida. É que... felicidade demais me assusta. Não estou acostumada.

— Pois se acostume. — Agarrou meus pulsos e prendeu-os contra a parede, mordendo meu lábio inferior, colando o corpo musculoso ao meu. — É assim que vai ser daqui pra frente, coelhinha. Você vai estar na minha vida.

E então me beijou na boca.

Eu retribuí, apaixonada. E supliquei a Deus por uma nova chance.



Durante a semana, os telefonemas da minha mãe se tornaram insistentes. Ao ligar para o hospital, eu soube que minha avó tinha tido febre, mas já estava melhor. Não poderia fugir para sempre, tinha que falar com minha mãe e tomar uma atitude definitiva, mas me faltava coragem. Eu tinha certeza de que ela não aceitaria minha decisão de desistir da vingança e tinha medo do que faria. Mais uma vez, tentava reverter a situação, esperando que o tempo ou um milagre me trouxesse a solução.

Eu vivia momentos inesquecíveis com Theo. Tudo nele me deixava louca, mais atraída e apaixonada ainda. Todo mundo já me encarava como sua namorada. O sexo, sempre inesquecível e surpreendente. Levou-me ao calabouço duas vezes e, mesmo enquanto fazia jogos e me amarrava, enquanto era dominante e até me assustava com sua brutalidade, eu gozava e me apaixonava mais, pois aquilo era parte dele. A violência intrínseca à sua personalidade, seu olhar autoritário, seu gosto por coisas diferentes, tudo isso era Theo.

Ele não me machucava de verdade. Acho que tinha entendido qual era o meu limite e agia dentro dele. Havia uma relação de confiança estabelecida, não só da minha parte, mas de Theo também. E era isto que mais me admirava e incomodava: que ele confiasse em mim. Lembrando-me do quanto era arisco no começo e do quanto tinha mudado, parecia um milagre. E isso me deixava ainda mais culpada, pois eu não estava sendo sincera com ele.

Eu sugava cada momento. Entregava-me de corpo e alma a Theo, amava-o cada vez mais e me surpreendia ao notar que ele parecia fazer o mesmo comigo. Sentia seus olhares penetrantes e possessivos, seus carinhos quando eu menos esperava, as noites que passava comigo e me mantinha em seus braços. Mesmo quando precisava usar um pouco da sua violência, amarrando-me na mesa ou na cama,

surpreendendo-me com suas taras, havia controle e a garantia de que não ia me machucar de verdade, só me dar prazer. Eu via isso em seu olhar, sentia isso mesmo no toque mais bruto. Ele usava a dor como um componente picante na nossa relação já explosiva.

Não dizia que me amava nem fazia declarações apaixonadas, mas dizia que eu era dele, olhava-me como se eu fosse dele. E estava atento a tudo em relação a mim. Assim, me sentia amada. E cuidada. Mais de uma vez, ele quis saber o que havia de errado; acho que percebia uma ponta do desespero que eu tentava a todo custo esconder. Nunca o convencia totalmente de que tudo estava bem, e ele ficava de olho em mim, o que só me preocupava mais.

Na sexta-feira seguinte, haveria uma apresentação no Falconetes de um grupo de sete mulheres do Espírito Santo que cantavam e dançavam em espetáculos que empolgavam o público. Vinham se apresentando em casas de show por todo o Brasil e, naquela noite, fariam uma única apresentação em Florada. A cidade estava animada e só se falava sobre As Espetaculosas.

Gabi me disse que ia ao Falconetes com Joaquim e os irmãos. Theo não estava muito animado e preferia ficar comigo em um local mais íntimo, mas insisti para irmos. Na verdade, além de querer ver o show, eu me perguntava se ele não evitava ir ao Falconetes por causa de Abigail e ainda me roía de ciúmes da viúva, que era amiga dele. Ele acabou concordando em me levar lá depois do trabalho, e senti como se essa fosse sua admissão final de que realmente estava comigo.

Ao final da sexta-feira, todos seguiram para o bar e restaurante, onde fui foco de todos os olhares quando entrei de mãos dadas com Theo. Ele era o homem mais poderoso da cidade, solteiro, rico, alvo do desejo inalcançável de muitas mulheres. As pessoas me fitaram com curiosidade e respeito. Pareciam me conhecer agora e me tratavam bem.

Logo na entrada, me senti mal ao avistar Tininha, a moça loira que tinha sido apaixonada por Joaquim e a quem minha mãe atacou em um ato de loucura e desespero, esperando que a culpa caísse sobre o jovem. A moça sofreu uma pancada na cabeça e ficou internada. Apesar de não ter sequelas físicas, havia mudado.

Alguns meses antes, quando começamos a nos aproximar de Gabi com bilhetes e telefonemas anônimos, minha mãe havia ficado furiosa ao entender que ela nunca se voltaria contra os Falcão. Considerava Mário seu pai, os outros membros da família seus irmãos, e tinha se apaixonado loucamente por Joaquim.

Minha mãe não desistiu de tentar mudar aquela situação e, sem me contar, atacou Tininha. O objetivo era que todos pensassem que o culpado era Joaquim, pois ele se encontraria com ela num local isolado. Na época, Tininha não aceitava o fim do relacionamento com Joaquim e o perseguia por toda parte.

Gabi também acharia que Joaquim era culpado e perceberia os defeitos daquela família, do que era capaz, como havia sido tantas vezes alertada por nós. Foi uma idiotice da minha mãe, já que Gabi jamais se voltaria contra eles e Tininha era inocente naquela história. Felizmente, os danos não foram graves, mas Tininha estava diferente.

Era a primeira vez que eu a encontrava depois do ataque, e fui invadida por uma culpa violenta. Diziam que ela tinha deixado de ser funkeira, não usava mais roupas curtas e só saía de casa para ir à igreja. Parecia ter se dado conta do milagre que havia sido escapar daquele ataque sem sequelas e virado uma carola caseira e temente a Deus.

Eu não sabia o que pensar, além do fato de ter certeza de que minha mãe tinha ido longe demais ao atacá-la. A vida da moça tinha mudado, não importava se para melhor ou para pior. Ela poderia ter morrido ou ficado aleijada. Muita coisa poderia ter acontecido.

Enquanto seguíamos em sua direção, eu me sentia mal, sem entender como havia chegado tão longe e me enredado tanto naquela teia. Agora continuava presa, sem saber o que fazer. A culpa, o medo e o remorso se remoíam dentro de mim.

Tininha usava uma saia comprida até os pés e uma blusa de botões bastante comportada e tinha prendido o cabelo loiro oxigenado em um coque. Segurava uns panfletos e, de costas para nós, espiava o que acontecia dentro do Falconetes e falava sozinha:

— Espetaculosas... Hum... Onde já se viu? Um nome desses! Eu já fui uma pecadora, já vivi de espetáculos... Agora não, agora encontrei o caminho... Aleluia!

Engoli em seco e lancei um olhar a Theo. Rezei para que ele passasse direto e fiquei arrasada quando parou, olhando atentamente para Tininha.

— Como vai? — perguntou. — Faz tempo que não a vejo.

Tininha se voltou rapidamente, arregalando os olhos ao vê-lo. Seu queixo caiu, ficou vermelha e nervosa e fitou-o de cima a baixo como um cachorro sedento com a língua para fora. Mas então se deu conta, fechou a boca e olhou para mim. E para Theo. Depois, olhou para nossas mãos unidas, arregalando ainda mais os olhos e tentando aparentar naturalidade tardiamente.

— Senhor Falcão... Hã... Eu passei um tempo em um retiro espiritual.

— Eu fiquei sabendo. Seu pai me falou. Tudo bem com você, Tininha? — Theo a fitava atentamente.

— Sim, estou ótima. — Mexeu-se, olhando de Theo para mim. Respirou fundo, erguendo o nariz comprido, e completou com fervor: — Deus tocou em meu coração e estou curada.

— Bom saber.

Eu estava imóvel, sentindo-me muito mal. Por fim, Tininha me lançou outro olhar.

— Sempre desconfiei de que o senhor gostava de loiras. — Passou a mão pelos cabelos, soltando o coque disfarçadamente e sacudindo as mechas oxigenadas sobre os ombros. Havia um olhar pidão ao encarar Theo. — Acho que nunca reparou, mas eu estava por aí. Quero dizer, ainda estou. Mas agora sou uma pessoa séria.

Theo não disse nada, compenetrado. Ela lambeu os lábios, sem conseguir se impedir de olhar para ele cheia de gula, nervosa. Então, começou a falar, misturando frases sem nexos:

— Não acredito nessas coisas de macumba. Não, senhor! Deus me livrou e me arrependo dos trabalhinhos que fiz no passado, sabe? Coisa pouca, a maioria para prender o coração do seu irmão Joaquim. Mãe Menininha da Cigana Preta me enganou, disse que eu me casaria com um Falcão, e olha só... Joaquim se casou com Gabriela! Mas, às vezes, fico pensando se há um fundo de verdade na fala dela. Pois Deus recompensa seus servos e não quero muito dessa vida. Um Falcão já estava bom para mim. Heitor e Pedro ainda estão dando mole por aí. Mas o senhor, agora que... — Fitou-me com despeito. — Sabendo que uma loira tem vez, bem... Quero dizer, se um dia...

— Tininha, nós vamos entrar, mas foi bom ver que você está bem. — Theo cortou-a, puxando-me pela mão. — Se você ou seus pais precisarem de algo, é só me procurar.

— Sim, certo, acho que vou precisar, sim... — Olhou-me irritada e com despeito. — E não se esqueça: estou a seu dispor, senhor Falcão.

Theo acenou com a cabeça e levou-me para dentro do Falconetes. Antes de entrar, olhei para trás e vi Tininha fazendo o sinal da cruz com os dedos e me olhando com raiva.

— Sai de retro, satanás! — murmurou com fervor.

Estremeci e entrei, com o coração disparado, sentindo-me aquilo mesmo. Tive vontade de chorar, mas resisti e segui em frente. Ela estava com raiva porque eu estava com Theo, mas me odiaria de verdade se soubesse que foi minha mãe quem a atacou.

— Não sei qual é mais louca: a Tininha de antes ou essa — resmungou Theo, levando-me para uma mesa onde Pedro já tomava uma cerveja, perto do palco, que estava sendo preparado. O lugar enchia e as pessoas estavam animadas.

Pedro nos recebeu bem, mas pareceu surpreso ao nos ver ali. Acho que ainda estranhava que seu irmão tivesse me assumido publicamente. Para ele, como para todo mundo, eu estar ali com Theo era algo quase extraordinário. As pessoas

demorariam para se acostumar. Eu mesma precisava me beliscar para não achar que vivia um sonho.

Ele e Theo conversavam enquanto eu tentava disfarçar minha confusão e meus pensamentos embaralhados. Tudo piorou quando passei os olhos ao redor e encontrei o olhar de Abigail fixo em mim.

Era uma mulher de quarenta anos, linda e escultural, com cabelos em um corte chanel elegante e olhos castanhos bem maquiados. Usava um vestido azul-marinho colado e decotado. Percebi que ela sempre usava batom vermelho e indaguei a mim mesma se não seria por causa de Theo.

O ciúme juntou-se ao resto dos sentimentos que me perturbavam. Eu sabia que ela era a única mulher que ele mantivera como amante por anos, que tinha ido ao clube Triquetra com ele, frequentado seu calabouço e era sua amiga. Notava também que o amava. Isso estava claro para quem quisesse ver. E tive um medo absurdo de que Theo descobrisse tudo sobre mim e voltasse para ela.

Gelei quando a vi sair de trás do bar e caminhar com elegância em nossa direção. Desviei o olhar, fingindo não notar, mas sentia o coração disparado e as mãos trêmulas. Escondi-as no colo sob a mesa.

Theo e Pedro pararam de discutir sobre negócios e fitaram-na quando Abigail sorriu e parou ao lado da nossa mesa.

— Nossa, que prazer receber vocês aqui! — disse ela. — Theo, como vai?

— Estou ótimo, Abigail. E você? — Estava sério, mas havia inequivocamente uma relação de amizade entre eles.

— Mais feliz agora que vocês estão aqui. — Olhou-me, ainda sorrindo. Estendeu as mãos. — É um prazer reencontrar você, Eva. Nós nos encontramos uma vez no escritório de Theo.

— Eu sei. — Apertei sua mão. Ela não tremia como eu. Seu aperto era firme, quase duro, como seus olhos.

— Uma amiga de Theo é minha amiga também. — Não comentou sobre todo mundo me conhecer como a “namorada” de Theo. Ignorou esse detalhe e voltou-se para ele: — Seus outros irmãos também virão?

— Sim. Acho que o Falconetes não vai suportar tanta gente hoje. — Theo fitava-a. — Contratou As Espetaculosas como oficiais da casa?

— Infelizmente, não. Vi um show em Vila Velha e as convidei, mas só por uma noite. Elas têm uma agenda cheia, fazem muitos shows durante o ano. Só se fala delas na internet. Para mim é uma honra que tenham aceitado vir aqui, mas ainda continuo procurando alguém para contratar.

— Que seja uma mulher. — Pedro piscou para ela. — E bonita.

— Claro! Você já pegou todas as outras da cidade e está sem opções... — Abigail deu uma risada. — Se bem que nunca devem lhe faltar opções, Pedro.

— Felizmente. — Ele riu. — Mas não vou reclamar se trouxer mais uma para cá!

Theo achou graça e sorriu com eles. Eu não conseguia relaxar e fiquei quieta, ouvindo, sentindo que, além de toda aquela camaradagem, Abigail estava atenta a mim. Ela conversou um pouco mais, disse que mandaria uma garçonete para nos servir e acenou, voltando ao seu trabalho.

Theo segurou minha mão, observando-me calado. Forcei um sorriso, mas não consegui fingir muito bem.

— Tudo bem?

— Claro!

Felizmente, Gabi, Heitor e Joaquim chegaram, fazendo-me escapar do seu olhar atento. Talvez achasse que eu me sentia esquisita porque sabia algo sobre sua relação anterior com Abigail, mas não era só isso que me incomodava. Era tudo.

— Oi, Eva. — Gabi me abraçou e beijou antes de se sentar ao meu lado. Olhou para mim e Theo de mãos dadas cheia de felicidade.

— Ainda não acredito nisso! — desabafou, baixinho. — Eu e Tia estamos nas nuvens!

Sorri, sem graça, mas ela continuou, com olhos brilhantes.

— Cuide dele, por favor! Eu nunca o vi assim, Eva. Estou tão feliz!

Fiquei sem palavras, corada, perturbada por um misto de alegria e culpa.

Imaginei quantas mulheres queriam estar no meu lugar. Theo poderia ter escolhido qualquer uma. Por que tinha escolhido a mim? Como explicar aquela atração entre nós desde o início, aquele desejo que ganhava dimensões absurdas e se tornava muito mais?

A mesa ficou mais animada quando outros empregados da fazenda começaram a chegar e nos cumprimentar, animados com o show. Ao final, o Falconetes estava lotado, e todos gritaram, aplaudiram e assoviaram quando as dançarinas e cantoras se apresentaram.

O show conseguiu me distrair dos meus problemas e culpas, fazendo com que eu simplesmente relaxasse por uns momentos e me permitisse ser feliz.

Elas dançaram, cantaram e até desceram do palco, para o delírio das pessoas. Puxaram alguns para dançar e até cantar trechos das músicas. A mais baixinha das mulheres, com cabelos loiros, agarrou Pedro pela mão e o arrastou para a pista. Ele não se fez de rogado. Abraçou uma delas, sorridente e de olhos verdes, e a outra, que era mais tímida, dançando e cantando com as duas. Outra morena, com longos e lindos cabelos negros e corpo voluptuoso, puxou Heitor. Mesmo sendo mais comedido que o irmão, ele riu e foi, metendo-se entre elas.

— Ah, vamos também, Quim! — Gabi já se levantava, toda feliz.

— Você está grávida, esqueceu? — Puxou-a de volta, mas ela insistiu, fazendo-

o levantar.

— Então, vamos nos mexer juntos aqui mesmo! Assim!

Eu olhei para Theo e achei graça da expressão que ele fez, afirmando na hora:

— Nem pensar!

Eu ri.

— Não falei nada, Theo.

— Sou um péssimo dançarino, coelhinha.

Enquanto As Espetaculosas incendiavam o Falconetes, eu mantive meus dedos entrelaçados aos dele e apreciei o show.

Depois de certo tempo, avisei a Theo que iria ao banheiro. Ergui-me e pedi licença entre as pessoas. Os banheiros ficavam depois do bar e havia fila. Esperei, apertada, sentindo um leve enjoo. Eu vinha me sentindo assim, um pouco enjoada, nos últimos dias. Não era muito, mas incomodava.

Estava distraída, pensando nisso, quando alguém passou por perto e esbarrou em mim, quase me encurralando na parede. Era um homem alto, e, antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, senti que ele enfiava um papel entre meus dedos.

— Sua mãe quer falar com você — disse ele, rapidamente.

Senti o coração disparar e uma onda de pânico me tomou. Quando ele se afastou, eu o fitei, por fim vendo os olhos frios de Lauro, amigo e comparsa da minha mãe e chefe do grupo que roubava gado e que tinha organizado o ataque a Theo.

Sorrii para mim no que mais pareceu um esgar de lábios. Eu nunca tinha reparado que havia uma maldade latente nele, mas naquele momento o medo me congelou contra a parede enquanto ele dava uma piscada, virava as costas e sumia, tão rapidamente quanto tinha surgido. Amassei o papel entre os dedos, escondendo-o dentro da palma, começando a tremer muito.

O pavor me envolvia e parecia apertar meu coração. E só piorou quando percebi um par de olhos castanhos fixos em mim, de perto do bar. Abigail me olhava atentamente. Gelei. Quanto tempo fazia que ela estava ali? Tinha visto Lauro esbarrar em mim e murmurar em meu ouvido? Ou o bilhete que me passou?

Eu quase sufoquei. Na mesma hora, desviei o olhar e segui adiante na fila, mantendo a mão bem fechada ao lado do corpo, mas tremia e me sentia como se fosse morrer. O ar me faltava. A garganta parecia estar fechada. Esperei, mas ela não se aproximou de mim. Eu ainda sentia seu olhar e tive certeza de que desconfiou de algo.

Voltei a respirar melhor quando entrei no reservado. Tremendo muito, desdobrei o papel e me deparei com a caligrafia da minha mãe:

Eva, ligue para mim ou vou fazer uma loucura. Pensa que pode fugir e se esconder? Esqueceu que sou sua mãe? Que sua avó está morrendo? Que planejamos uma vingança? Pois eu não esqueci. Apareça ou vou agir à minha maneira e vai ser muito pior. Lauro está de olho em você.

Rasguei o bilhete em pedacinhos e joguei-o dentro do vaso, dando descarga. O pânico me envolvia. Minha vontade era me esconder em um canto e chorar de desespero, mas eu sabia que precisava lutar contra aquilo.

Usei o banheiro e me demorei mais do que devia. Quando saí, lavei os pulsos e o rosto na pia e lutei para respirar tranquilamente e me acalmar. E só então saí.

Não foi bem um susto me deparar com Abigail ali. Vi-me frente a frente com ela e estremei. Mantive-me quieta, tentando disfarçar minha aflição.

— Quem era aquele homem? — perguntou, sendo bastante direta.

— Que homem? — retruquei automaticamente.

— Eu vi, menina.

— Viu o quê? — Insisti em fingir que estava confusa. — Ah, fala daquele homem que esbarrou em mim? Sei lá. Devia estar bêbado.

Rezei para que não desconfiasse, mas fitou-me friamente e suas palavras, ditas em voz baixa, me surpreenderam:

— Minha irmã Dalila diz que você está trazendo o ódio e a destruição. E ela nunca erra em suas intuições e premonições. Vou te falar uma vez só: não sei de onde veio, o que quer nem como conseguiu se infiltrar na vida de Theo, mas vou descobrir. E vou te impedir.

Eu me sentia gelada, dominada pelo pânico, mas lutei para continuar aparentemente calma.

— Não sei do que está falando.

Dei um passo para trás e mais outro, acuada.

— Estou de olho em você.

Ergui o queixo e a enfrentei.

— Pois fique de olho e verá que amo Theo e nunca vou desistir dele. Nunca.

Ela empalideceu. Dei as costas, tremendo, e fugi da sua ameaça. Voltei para a mesa, precisando ver Theo, tocar nele, sentir seus braços em volta de mim. Eu estava cercada. Minha mãe, Lauro e agora Abigail. Meu Deus, o que eu iria fazer?

Não sei como consegui continuar no Falconetes. Nem a alegria das Espetaculosas ou a animação do público diminuiu o terror que eu sentia.

Theo desconfiou e quis saber se tinha acontecido algo. Disse a ele que não estava me sentindo bem. E era verdade. Meu desalento e meu pavor eram tamanhos que se refletiam em meu corpo, causando reações físicas. Estava pálida, ainda mais enjoada, com arrepios e ânsias. Ele viu que eu falava sério e me levou embora. Antes de chegar ao carro, parei em frente a um gramado na calçada e

vomitei muito.

— Eva... — Theo me amparou e segurou minha cabeça, muito preocupado. Eu me sentia fraca e cansada. — Vamos ao hospital.

— Não... Foi só um enjoo. Eu...

— Vamos.

Nada o demoveu da ideia.

Fui atendida rapidamente. Fizeram um exame de sangue e deixaram-me em repouso sobre uma maca. O médico fez um monte de perguntas, achando que os sintomas poderiam ser resultado de uma virose ou algo que comi. Theo ficou comigo durante todo o tempo, sem tirar os olhos de mim nem soltar minha mão.

— Por que não me disse que não estava bem, coelhinha?

— Eu só estava um pouco enjoada. Piorei de repente — falei, baixinho.

Theo segurou meu queixo, fazendo-me olhá-lo. Estava muito sério.

— É a primeira vez que sente isso?

— Sim. Quero dizer, fiquei um pouco enjoada durante a semana. Mas nada assim.

A preocupação em sua expressão se acentuou. Soltou minha mão e afastou-se um pouco.

— Eu já volto.

Não entendi quando o vi ir até o médico e falar algo em voz baixa. O homem prestou atenção e acenou com a cabeça, sumindo em direção ao laboratório. Theo voltou, fechado, com uma expressão inescrutável.

— O que houve? — perguntei, nervosa.

— Nada. Daqui a pouco vamos saber.

— Theo...

— Fique calma. — Acariciou meu cabelo, de pé ao lado da maca. Seus olhos azuis, cheios de emoções contidas, estavam fixos nos meus.

— Vamos embora. Já estou boa — supliquei, com medo de mais surpresas.

— Daqui a pouco nós vamos.

Senti como me olhava de maneira diferente, profunda, intensa. Era como se pudesse ler a minha alma e contive o ar, estremecendo, sem poder fugir do seu olhar. Eu tive vontade de confessar tudo a ele. De chorar e contar quem era e tudo que havia feito. Mas pensei na minha vida miserável, na solidão e na falta de amor, na aridez e no ódio em que vivi até conhecê-lo. E tive muito medo, porque não havia saída para mim. Theo nunca me perdoaria. Eu já o conhecia o bastante para saber. Contando ou não, eu o perderia. Minha única chance era que ele nunca descobrisse.

Mordi o lábio, angustiada, pedindo perdão a Deus por minha covardia, prometendo a Ele que, se eu tivesse uma segunda chance, faria Theo feliz e

imploraria à minha mãe que déssemos fim àquele ódio e àquela vingança. No final das contas, eu era sua filha. Ela devia ter algum sentimento por mim. Se ao menos eu pudesse convencê-la a me deixar em paz com Theo... Mas como, se ela havia dedicado sua vida àquela vingança? Se ela mesma o odiava por uma afronta no passado, por ter sido apaixonada por ele e desprezada?

Fitei-o, suplicante, como se implorasse para que me amasse, que me perdoasse, que me levasse para longe. Olhava-me tão atentamente que senti algo diferente e levou a mão ao meu rosto, segurando-o.

— O que você tem? Por que esse olhar desesperado?

— Eu... Eu...

— Diga, coelhinha.

Eu tinha que dizer. Senti a angústia e o terror, mas sacudi a cabeça, desesperançada, e apenas dei vazão aos meus sentimentos, em um murmúrio:

— Eu amo você, Theo. — Fitei seus olhos, sem disfarçar nada daquele amor que me consumia e devorava. — Acredita em mim?

Aquela ruga estava presente entre as sobrancelhas, o olhar compenetrado no meu, a expressão muito séria. Manteve a mão em meu rosto e nunca me senti tão dele, pelo modo intenso como me fitava, pela energia que desprendia e me dominava.

— Eu acredito — disse, baixo. A voz era grossa, vibrante, meio rouca. Deixou os olhos descerem até minha boca e mais. Passou pelos meus seios até a barriga. Então retornou e encontrou novamente meu olhar. Houve muita emoção em cada sílaba que proferiu: — Eu nunca quis o amor, Eva. Sempre vivi bem sem ele. Até você chegar.

Não me movi. Nem sei se respirei. Continuou, baixo, no mesmo tom:

— Agora não quero mais viver sem o seu amor. Quero seu corpo e sua alma junto a mim. Não admito que dê um passo para longe. Você virou um vício, uma fome, uma necessidade. Sabe como me senti quando fugiu de mim? Ou como fiquei quando a vi passar mal, pensando na possibilidade de estar doente? Entende o que está fazendo comigo?

Havia até certo desespero em suas palavras, e isso eu entendia muito bem. Senti os olhos marejarem. O coração disparou quando os dedos dele se encrespavam em meu cabelo, segurando-me com força, desprendendo emoções violentas de seu olhar como se fosse uma força viva. Ali, naquele quarto vazio de hospital, senti o quanto estávamos ligados, unidos, obcecados um pelo outro. Tive medo de acreditar em suas palavras, de querer mais, de ousar sonhar. Eu não podia.

— Quer ouvir? Quer que eu diga? — perguntou, baixo, rouco, quase com raiva.

Eu tremia, sem poder acreditar. Estava muda e congelada sob suas palavras e

seu olhar.

— Coelhoíha, você invadiu minha vida. E agora só sairá dela morta. Ou se eu morrer. Sabe o que é isso? Essa necessidade de ter outra pessoa, que te toma inteiro, que não te deixa nem respirar se estiver longe? — Agarrou-me e sentou-me na maca com brusquidão, segurando meu rosto entre as mãos. Ondas fortes de emoção e energia vinham dele, devorando-me, deixando-me presa e dopada. Nossos olhos estavam na mesma altura, e eu nunca tinha visto os olhos dele tão acesos, como se queimassem.

Todos os meus sentimentos estavam em polvorosa, mal me permitindo respirar. E então veio de repente, invadindo cada canto do meu corpo, golpeando-me cruamente.

— Eu te amo.

A voz dele era dura, rascante, com algum desespero admitido. Pensei que eu estava sonhando. Talvez tivesse imaginado aquilo. Pisquei e fitei seus olhos, seus lábios, seus olhos de novo. Abri a boca, mas nenhum som saiu.

— Eu te amo, coelhoíha — repetiu Theo, agora menos raivoso, mais apaixonado, deixando escapar um misto de força e brandura. Aproximou-se mais e esfregou seu rosto no meu, acariciando-me com a barba, sem tirar os olhos de mim, sem me soltar. Eu me sentia toda dele, presa, dominada, cercada. Senti-me fraca, sem coragem de acreditar, mas ele repetiu contra minha boca: — Eu te amo e nunca mais vou te deixar partir.

— Theo...

Beijou meus lábios, minha face, meu nariz, minhas pálpebras e meu cabelo. Mordiscou minha orelha e me abraçou, aquele homem duro e poderoso, aquela força enorme, dando-se para mim, pondo ações em palavras. Eu senti que me quebrava, que o amor se esparramava sem controle, e soltei um soluço desesperado, erguendo as mãos e agarrando seus ombros, abraçando-o e apertando-o.

— Theo, meu amor... — murmurei entre os soluços e as lágrimas, ainda sem poder acreditar, devastada pela felicidade e pelo desespero.

— Coelhoíha...

Abraçou-me e deixou que eu chorasse e murmurasse repetidamente que o amava. Acariciou meus cabelos, beijou minha boca e meu rosto, enxugou minhas lágrimas. Até que me fez olhá-lo de novo.

— É tão ruim assim? — perguntou, baixo. — Precisa chorar desse jeito?

Eu ri sem querer. Sacudi a cabeça.

— Não consigo acreditar.

— Acredite. Nada vai me separar de você, Eva. — Seus olhos azuis chegavam a ser duros, embora não escondessem seus sentimentos. — Nem a diferença de

idade. Seu amor é meu, e o meu amor é seu. Não tem meio-termo.

— Eu não quero meio-termo — murmurei. Senti a angústia lutando com minha felicidade, sem mascarar meus medos, que eram bem reais. Desejei ardentemente que fosse verdade, que Theo nunca se separasse de mim, mas ele não manteria essa promessa quando descobrisse a verdade.

Ele me abraçou e o apertei. Ficamos assim, como se palavras não fossem suficientes para demonstrar aquilo que sentíamos um pelo outro. Fechei os olhos e me dei, sem coragem de fazer mais que isso, rezando por um milagre. Só um milagre poderia me salvar.

O médico entrou com os exames. Theo se afastou um pouco, mas sem deixar de envolver-me com o braço. Fitou-me sério, e então ao médico, indagando:

— E então, doutor?

— O senhor estava correto na sua desconfiança. — O médico sorriu e entregou o exame a ele. — Parabéns!

Eu vi Theo ficar rígido, imobilizado por um momento, o semblante carregado. Então, pegou o exame e o leu rapidamente.

— Que desconfiança? — perguntei, confusa. — Parabéns? Como assim? O que...

Calei-me quando Theo me olhou vivamente. O médico continuava a sorrir. O silêncio era tanto que me oprimia. Lambi os lábios, nervosa com a profundidade das emoções no rosto de Theo. Tentei entender, mas era muita coisa para mim. Antes que eu pudesse ter um pensamento coerente, ele disse, baixinho:

— Vamos ter um filho, Eva.

— O quê? — Arregalei os olhos, sem acreditar.

— Você está grávida.

— Mas... — Sacudi a cabeça, chocada. Lembrei-me daquele dia da caçada, a única vez que transara comigo sem camisinha. — Eu estava menstruada...

— É raro, mas acontece, ainda mais se a relação acontecer no final do período e se a mulher tiver um ciclo irregular — explicou o médico. — Alguns espermatozoides são resistentes e sobrevivem até três dias dentro de uma mulher. Se ela produz um óvulo nesse intervalo, pode ocorrer a fecundação. Por sorte, foi o que aconteceu.

Sorte? Eu senti um baque por dentro e arquejei.

Primeiro, veio a felicidade, tão poderosa que meus olhos se encheram de lágrimas, meu peito se expandiu e só consegui ver Theo. Depois, veio o desespero, e quase pude ouvir as ordens da minha mãe para engravidar dele. Destino? Amor? Ódio? O que era aquilo, meu Deus?

Lágrimas vieram aos meus olhos. Fiquei completamente perdida, sem chão. Esperei a raiva de Theo, a acusação de que eu havia armado tudo, mas então

lembrei que eu nunca poderia ter armado aquilo, que estava amarrada quando gozou dentro de mim. Eu tive um medo absurdo. Era a pior hora para engravidar dele. Estava tudo errado, fora do lugar.

— Os resultados dos outros exames foram bons — disse o médico. — Como está se sentindo?

Olhei-o, muda. Então, virei-me para Theo, sério, com os olhos fixos em mim. Só então senti a realidade do que estava acontecendo. Levei as mãos ao rosto e comecei a chorar copiosamente, desesperada, como se fosse morrer.

— Ei, o que é isso? Coelhinha... — Theo segurou meus pulsos e puxou-me para si, abraçando-me. — Calma. Não se preocupe. Isso não muda nada. Não muda o que sinto por você.

Mas aquilo ia, sim, mudar tudo. Agarrei-o, fora de mim, angustiada, e, quanto mais ele tentava me confortar, mais eu tremia e chorava até não restar nada além de soluços e meus olhos inchados.

O médico saiu. Theo segurou meu rosto e me fez olhar para ele.

— Não quer um filho meu? — perguntou. — Porque é muito nova? É isso, Eva? O que você tem? — Estava nervoso e desconfiado, com certeza notando que havia algo muito sério. — Diga! O que está acontecendo?

— Eu tenho medo... — Foi tudo o que consegui murmurar, a pura verdade que me corroía, que me deixava acabada.

— Medo de quê?

— De tudo.

Theo respirou fundo, fitando meus olhos. Havia uma expressão nervosa em seu rosto. Ele não estava convencido. Eu sentia que alguma coisa o alertava de que havia algo errado ali. Tentei me controlar, mas estava nervosa demais, alucinada por sentimentos diversos e confusos.

— Eu não consigo entender. Você diz que me ama, mas vive como se fosse fugir na primeira possibilidade. Olha para mim como se eu fosse o centro do seu mundo, mas desvia o olhar como se tivesse algo a esconder. Não vê o que fez comigo? É a primeira vez que amo uma mulher. Pensei que fosse odiar me sentir tão ligado e dependente de uma pessoa, mas estou mais feliz do que jamais estive. — Ele me sacudiu de leve, furioso, tenso. Seus olhos me devoravam, mostrando uma infinidade de sentimentos controversos. — Vou fazer quarenta e dois anos, mas me sinto idiota como um adolescente, perdido, confuso. Não sei que porra é essa, Eva! Não quero que tenha esse domínio sobre mim. Entende isso?

— Theo...

— Você invadiu minha vida e até agora não entendi como isso aconteceu. Estou me dando para você! Todo, não pela metade. Estou me dando com o que tenho de pior e de melhor. E me dei tanto, coelhinha, que fiz um filho em você contra todas

as possibilidades. E enquanto estou aqui, agindo como um desgraçado apaixonado, você se desespera e chora!

— Eu te amo! — gritei, fora de mim, e foi como expulsar todos os meus demônios e dúvidas. Joguei-me nos braços dele, agarrando-o, beijando-o, sabendo que nada mais importava. O mundo poderia acabar, mas eu só queria Theo. — Meu Deus, como eu te amo! Por favor, só diga que vai ficar comigo, que não vai me deixar sozinha...

— Nunca, coelhinha. — Apertou-me em seu peito e senti seu coração bater forte sob meu rosto. — Você já é minha. Você e nosso filho são meus. Para sempre.

Fechei os olhos, sem forças, segurando-me nele.

— Nosso filho... — murmurei.

— Sim, nosso filho. Fique quietinha. Vou cuidar de você, como nunca foi cuidada. — Beijou meu cabelo e ergueu meu rosto até que fitei seus olhos ferozes e apaixonados. Suas palavras fizeram a esperança renascer dentro de mim. — Escute o que vou dizer, Eva. E não falo isso porque está grávida, mas porque é o que sinto. O que me fez desejar. Você vai ser minha esposa. Vai ser a mãe do meu filho. Vamos formar uma família juntos. Pare de chorar.

Mais lágrimas vieram aos meus olhos.

— Não consigo...

— Vou te dar uma última chance. Quer ir embora, desistir, antes que eu te faça totalmente minha, até em um papel?

Olhava-me fixamente, bruto, duro, nervoso.

— Não...

— Eu também não a deixaria fazer isso, mesmo que quisesse. — Seus lábios se ergueram levemente nos cantos e suas mãos me trouxeram mais perto. — Vamos nos casar e ter nosso filho. Chega de fugir, coelhinha. É aqui que quero ficar. E quero você comigo.

Foi um sacrifício dormir naquela noite. Fiquei observando Theo dormir e acariciando minha barriga, sem acreditar que seria mãe. E ali pensei em toda a minha vida, nas opções que eu tinha, nas decisões a tomar.

No sábado, levantei-me cedo e preparei o café. Eu estava estranhamente calma, decidida a lutar por minha felicidade até o último segundo. Não me sentia uma coelhinha assustada, mas uma leoa. E faria tudo, tudo, para manter Theo e nosso filho junto a mim.

— Hum, que cheiro bom! — Theo veio para a mesa da sala vestindo apenas uma toalha enrolada em volta do quadril, descalço, com o cabelo úmido depois

do banho. Estava lindo e puxou-me para os seus braços, colando-me em seu corpo. Seus olhos profundos buscaram os meus. — Como você está hoje?

— Feliz! — Meu coração disparava e abracei-o, apaixonada, ainda sem poder acreditar que ele me amava e que eu tinha um filho dele dentro de mim. Senti meu ventre se contrair e todo o meu ser se expandir, exaltado, maravilhado.

— E como está nosso filho? — indagou, preguiçoso, saboreando meus lábios. Eu não pude deixar de sorrir.

— Bem. É estranho, ele não tem nem um mês. E já existe. Já é tão real.

Theo ficou sério e afastou-se um pouco. Puxou uma cadeira, sentou-se e acomodou-me em seu colo.

— O que foi? — perguntei.

— Porra, eu amarrei você e usei meu cinto. Bati em você enquanto estava grávida.

Fiquei surpresa.

— Mas não sabia — falei, acariciando sua barba. — E agora, Theo?

— Vamos passar nove meses sem visitar o calabouço. — Fitou-me, sério. — Vou ter que aprender a ser um homem normal.

Eu ri e o abracei. Theo riu também.

— Estou falando sério, coelhinha.

— Ser um homem normal significa exatamente o quê?

— Nada de cordas, chicotes e surras.

— Ah... — Sorri, vendo sua expressão. Estava mesmo desolado.

— Vou tentar ser mais tranquilo. Se eu me tornar meio bruto, você tem que me avisar. Do que está rindo?

Olhou-me, franzindo o cenho.

— Theo, sei que vai ser cuidadoso, mas não estou doente. Confio que vai saber até onde ir.

— Confia tanto assim em mim?

— Sim, eu confio.

Subiu a mão por meu braço e acariciou meu cabelo. Seus olhos prenderam os meus. E então escorregou os dedos para baixo, descendo a alça da camisola devagar. Prendi o ar, excitada quando expôs meu seio direito e o fez se arrepiar, dizendo baixo:

— Parece que isso não é real, que não está acontecendo comigo. Eu me sinto outro homem. E o pior é que estou gostando mais de mim assim.

Eu não falei nada, comovida e excitada, deixando que me olhasse daquele jeito penetrante e me acariciasse.

— Preciso ir a uma reunião em Pedrosa hoje de manhã, Eva, mas quero que almoce comigo no casarão. Vou contar as novidades à minha família. Depois

temos que conversar, combinar muitas coisas.

— Tá. — Acenei com a cabeça, sentindo meu corpo todo reagir ao leve beliscão que deu em meu mamilo. Tentei raciocinar. Eu sabia que precisava começar a agir e lutar pela minha felicidade. — Theo...

— Diga. — Cheirou-me perto da orelha, com a outra mão em minha coxa.

— Eu acho... que vou pegar uma carona com você até Pedrosa. Preciso comprar umas coisas e...

— Comprar o quê?

— Umas besteiras. Meu xampu, coisas bobas, mas...

— Tudo bem. Eu te levo e voltamos juntos.

— Certo.

Tomamos café em um clima de paz e felicidade.

Quando chegamos a Pedrosa, Theo parou em frente ao shopping e me fitou.

— Não se esqueça de me ligar quando terminar suas compras. Caso contrário, passo aqui por volta de meio-dia e voltamos juntos para almoçar no casarão.

Acenei, feliz e nervosa. Entrei no shopping e vi seu carro se afastar. Então, voltei e corri para o ponto do ônibus.

Minha mãe tinha saído do hospital pela manhã e já me esperava em casa quando bati à porta.

— Quem é vivo sempre aparece — disse ela, friamente, fitando-me.

Eu entrei, e ela bateu a porta. Olhei em volta, estranhando a casa em que vivi por tanto tempo. Parecia ter vivido ali em outra vida, outra realidade. Uma que eu não queria de volta. Caminhei até o sofá e sentei-me, olhando-a.

Alta e esguia, usava um robe branco e fumava um cigarro. Seus cabelos estavam soltos, dando um ar de luxúria ao rosto. Já a tinha visto assim inúmeras vezes depois que se deitava com seus clientes. A diferença era a gelidez com que me olhava ao se acomodar no outro sofá e dar mais uma tragada, fechando os olhos um pouco por causa da fumaça e cruzando as pernas.

— Como está a vovó?

— E você se importa? Há quanto tempo não fala com ela?

— Eu sempre ligo para o hospital.

— Grande merda.

Engoli em seco. Ainda temia minha mãe, sentia-me infantil e tímida diante dela, mas não desviei o olhar. Pensei em Theo, em meu filho, em tudo que estava em jogo. Meu peito ardeu com um desespero voraz, mas lutei para manter a calma. Foi ela quem quebrou o silêncio, indagando:

— Como estão as coisas? Está aproveitando muito ser fodida por aquele

desgraçado?

— Não era o que a senhora queria? — Olhei-a acusadoramente. E, enchendo-me de raiva e mágoa, fui além: — Ou queria estar no meu lugar?

— Cale essa boca! — Ela se levantou, furiosa, apontando a mão com o cigarro para mim. — Já falei que não quero saber dessa conversa! O que quero saber é se ainda posso contar com você.

— Não, não pode mais. Estou fora.

Olhou-me com ódio. Respirou fundo e deu outra tragada no cigarro.

— Está fora? Pensa que é assim, Eva? O que acha? Que vai viver com ele e ser feliz para sempre?

Eu comecei a tremer, corroída pelo medo e pela angústia. Meus olhos encheram-se de lágrimas e me ergui, indo até ela, indagando baixinho algo que nunca havia perguntado:

— A senhora me ama?

O rosto bonito continuava impassível, mas os olhos ainda eram raivosos.

— Que porra de pergunta é essa?

— Por favor, mãe, me responda. A senhora me ama? Gosta ao menos um pouco de mim?

— Você é minha filha.

— Gabi também é. E você a largou no meio dos seus inimigos sem olhar para trás. Como fez comigo.

— Você só sabe acusar! Não vê tudo que passei, tudo que fiz por você. — Ela amassou o cigarro em um cinzeiro, olhando-me irritada. — Diga logo de uma vez o que quer. Pare de enrolar.

— A senhora não ama ninguém. Tudo o que a senhora sente é ódio — falei, cansada, mas sem poder parar. — Eu cresci também assim, mãe. Tudo que eu queria era destruir os Falcão e recuperar nossas terras.

— Sei. — Debochou. — Mas agora está aí, morrendo de amores por ele. Você é uma besta, garota. Bastou uma foda bem dada e esqueceu até seu nome. Esqueceu de mim e de sua avó e de tudo que sofremos.

— Não esqueci! — Cheguei mais perto e tentei segurar suas mãos, implorando, mas ela deu um pulo para trás e me afastou, com raiva. — Mãe, por favor, me escute...

— Fale de uma vez!

— Mário Falcão pode ter feito o que fez com meu avô e com a gente, mas os filhos não têm culpa! Olha, eu vou dar o mundo para a senhora, eu prometo. Nunca mais vai passar necessidade nem precisar se prostituir. Pode morar onde quiser, mas, por favor, vamos desistir dessa vingança!

— Idiota! — Revoltada, deu-me as costas e foi até a mesa, onde tirou mais um

cigarro do maço. Acendeu-o com o isqueiro, sem disfarçar o nervosismo. Virou-se e encarou-me com muita raiva. — Acha que é assim, Eva? Deixar tudo pra lá? E como vai me dar tudo isso? Como vou ter de volta o que nos tiraram? Pelo visto, não com a sua ajuda. Vou ter que ir atrás de Micah e contar com o ódio dele para destruir aquela família!

— Micah não vai ajudar, mãe...

— Claro que vai! Ele é um traficante!

— Ele não é traficante! — falei, nervosa, tentando convencê-la.

— Como você sabe?

Eu não deveria falar, mas não queria que ela o procurasse. Por isso, expliquei:

— Ouvi Theo comentar que agora ele é um homem da lei. Não sei ao certo o que faz, mas não é um bandido. Se estivesse cheio de ódio, se quisesse se vingar, já o teria feito há muito tempo!

— Um homem da lei? — Franziu o cenho, chocada.

— Sim, mãe. É o que estou dizendo. Essa vingança nunca vai dar em nada. — Angustiada, afastei as lágrimas, tentando convencê-la. — Mas podemos tentar outro caminho.

— Que outro caminho? Fazer parte da corja do Lauro? Roubar tanto gado que os desgraçados serão levados à falência? — Riu, sem vontade. — Lauro quer organizar um novo roubo e acha que você pode ajudar.

— Eu? — Olhei-a, horrorizada.

— Sim, está lá, no meio deles. Pode ajudar, indicar o melhor horário ou...

— Não! — exclamei, nervosa. — Não vou fazer isso!

— Este é o problema, Eva! Você não quer fazer nada!

Meu desespero aumentava. Eu me sentia cercada, acuada, sem saída. Respirei fundo. E, então, tive que falar:

— Eu estou grávida, mãe.

Ela arregalou os olhos e parou com o cigarro a meio caminho da boca. Sua expressão mudou. Chegou perto de mim, exultante.

— Grávida! Meu Deus, por que não disse antes? Agora tudo será mais fácil!

— Esse filho é meu. Não vou usá-lo nessa vingança.

— Eva...

— Nada me fará mudar de ideia. E vim aqui para que você saiba tudo. Ou aceita desistir da vingança ou conto tudo ao Theo. E aí, sim, saberemos o que é desgraça. Ele vai acabar com a gente.

Ela ficou pálida, imóvel. Eu aproveitei e contei o resto.

— Ele me pediu em casamento. Eu o amo, mãe. E Theo me ama. Eu quero ser feliz com ele. Por favor, me dê essa chance! Juro que, estando casada com ele, posso te dar do bom e do melhor, e Theo nunca precisará saber. Escolha onde

quer viver, pode viajar, pode... fazer tudo que quiser! Mas, se insistir nisso, eu conto tudo para ele. Juro!

Ela ainda não se mexia, mas foi ficando vermelha, furiosa.

— Amor! — Por fim, cuspiu a palavra com nojo. — Os pombinhos apaixonados vão ficar juntos! Que lindo! O pervertido assassino e a traidora! Que belo casal!

— Mãe...

— Nunca! Nem por cima do meu cadáver! Eu pego uma arma e mato aquele desgraçado. Vou presa, mas me vingo, custe o que custar!

— Não! — Furiosa, avancei nela como um bicho. Ela se assustou e recuou, erguendo a mão, achando que eu ia bater em seu rosto. Encurrelei-a contra a parede e agarrei seus braços, fazendo o cigarro cair no chão, sacudindo-a. — Se você encostar em um fio de cabelo dele, eu te mato! Não quero saber se é minha mãe! Eu te mato!

— Mata logo, então! Porque não vou parar! Não vou parar! — E me empurrou com força, cheia de ódio. Riu tenebrosamente. — Felizes para sempre! Sua burra! Faça-me rir!

— Estou indo contar tudo para o Theo agora. — Ergui o queixo, tremendo, e dei-lhe as costas, caminhando para a porta.

— Eva.

Segurei a maçaneta.

— Eva! — gritou minha mãe, nervosa. — Espere!

Eu fechei os olhos, enjoada, trêmula. Virei, e nós nos encaramos. Parecia séria e estava mais calma.

— Você é minha filha. Não esqueça isso.

— Quem esqueceu isso foi você — falei baixo, cansada.

Sustentamos aquele olhar, e, por fim, ela suspirou. Parecia cansada também. Andou até mim e parou à minha frente. Ergueu a mão e me assustei, mas apenas passou-a em meu cabelo.

— Você sempre foi uma boa menina — murmurou. — Quando pensei em deixar uma de vocês naquela fazenda, achando que era o melhor que podia fazer, não só para me vingar no futuro, mas porque não conseguiria alimentar as duas, eu não pude deixar você. Eu amava a Gabi, mas... Ela nunca foi minha de verdade. Não ligava muito pra mim. Você, não. Era boazinha, carinhosa, me olhava com amor.

Eu estava imobilizada, pois era a primeira vez que me dizia aquelas coisas. Passou os dedos por meu cabelo e meu rosto e, então, deixou a mão cair.

— Sei que não fui a melhor mãe do mundo, mas tentei fazer o melhor. Fiz o que pude por você e por minha mãe. Mesmo quando a mandei para lidar com esse pervertido, eu não tinha outra opção... Achei que estava preparada. Eu te ensinei

tanta coisa! Eu te falei tanto do que nos tiraram e privaram! Esqueci que Theo Falcão podia ser um demônio e dominar você, virar você contra mim...

— Não é isso, mãe ...

— É, sim. Quer até me matar por causa dele.

— Falei isso porque estava com raiva. Se acontecer algo com Theo, eu morro.

— Meus olhos se encheram de lágrimas. — Faça tudo o que quiser, mas, por favor, nada contra ele, Gabi ou os irmãos! Por favor!

— Eva... — Respirou fundo, exausta como eu. — Me dê um tempo. Preciso pensar em tudo o que me disse.

— Mas... promete que não fará nada contra Theo? Nem deixará Lauro fazer?

— Eu prometo.

Senti o alívio me engolfar. Ela tinha vários defeitos, mas não era mentirosa. Não prometia o que não pretendia cumprir. Fiquei com os olhos cheios de lágrimas e abracei-a com força.

Talvez estivesse sendo uma idiota, mas acreditei nela. E senti que havia uma chance para mim e Theo. Em cima de uma mentira, mas eu o faria feliz em cada dia da minha vida para compensar essa farsa.



O almoço naquele sábado corria tranquilamente. Sentado em uma das cabeceiras, eu olhei para meu pai, sentado na outra, concentrado em comer sozinho, mesmo que lento e com esforço. Era uma das poucas coisas que ele ainda insistia em fazer. De resto, dependia de nós e das enfermeiras, preso naquela cadeira de rodas.

Lembro-me dele andando pela casa e pela fazenda, alto e arrogante, sempre com pressa para fazer alguma coisa, sério, decidido, sem tempo a perder. Nunca nos maltratou, mas também não tinha tempo para gastar com os filhos, ocupado demais em cuidar de tantas terras e resolver tantos problemas.

Meu olhar seguiu para Eva, sentada à minha direita, falando animadamente com Tia e Gabi. Estava feliz, reluzente, com um sorriso aberto e relaxado, sem a tensão dos últimos dias. Senti as emoções se revolverem dentro de mim, admirando-a, encantado com sua beleza pura, impressionado com o quanto mexia comigo. Eu estava completamente louco por ela. Tinha fome de vê-la e tocá-la, de simplesmente estar em sua presença. Era o sentimento mais forte e voraz que já tinha experimentado.

Sempre soube que eu era diferente de outras pessoas, que havia em mim uma brutalidade mais forte que qualquer outro traço, que aprendi a usar e direcionar, mantendo-a sob controle. E agora isso era suplantado por aquele amor. Eu continuava sendo o mesmo, mas também havia mudado. Era como se Eva fizesse crescer dentro de mim um Theodoro que nem eu sabia que existia. E agora ele queria ficar.

Olhei em volta e reparei que todos se acostumaram com ela. No início, estranharam, chocados porque finalmente havia levado uma mulher para minha casa. Nem Abigail era convidada para almoços em família. Mas agora todos já

agiam normalmente e gostavam de Eva.

Durante a sobremesa, eu finalmente percebi que estava nervoso. Senti-me ridículo e me contive. Por fim, tomei a palavra.

— Preciso conversar com vocês.

Todos me olharam. Fitei os olhos grandes e verdes de Eva, lindíssimos. Ela corou, nervosa, sorrindo e mordendo o lábio. Então, olhei em volta e vi que até meu pai me encarava, sério, as rugas parecendo mais pronunciadas naquele dia.

— Eu e Eva vamos nos casar — falei, sendo bem direto.

— Ah, meu Deus! — Tia foi a primeira a se manifestar, exultando, levando as mãos ao coração. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela se virou para Eva a seu lado, abraçando-a com força. — Ai, que felicidade! Jesus, que notícia maravilhosa!

Eva riu, sem graça, abraçando-a de volta. Tia se levantou e correu para me apertar com força e me encher de beijos, o que me fez sorrir, emocionado, fechando meus braços em volta dela.

— Meu menino! Não sabe o quanto estou feliz!

— Há muito tempo não sou um menino, Tia.

— Sempre vai ser meu menino! Ah, como Deus é bom!

— Vamos ser cunhadas! — Gabi se jogou sobre Eva, dando gritinhos, feliz da vida.

— Esse mundo está perdido mesmo... Theo casando! — ironizou Pedro. — Pelo visto, vou ser o único membro da família a defender uma vida de solteirice e farra, sem amarras.

— Também não estou casado — retrucou Heitor.

— A primeira que passar e te laçar, te leva, irmão. — Pedro riu. — Você está doido para se amarrar e encher a casa de filhos!

Heitor sorriu, sem negar. Todos sabíamos que só não se casara com Francesca, irmã de Abigail, porque ela morreu de câncer, mas tinha chegado muito perto.

— É bem capaz de você ainda casar antes de Heitor — brincou Joaquim para Pedro.

— Deus me livre! — Ainda rindo, Pedro veio apertar minha mão. Gostava de debochar, mas era um irmão e um amigo para todas as horas. Disse com sinceridade: — Dou meus parabéns porque vejo que está feliz, mas... e me desculpe, Eva... para que ficar com uma se pode pegar todas?

— Pedro! — exclamou Tia, mas todos riram, até Eva.

Enquanto Pedro e Joaquim iam cumprimentá-la, Heitor me deu um abraço.

— Você merece! — disse ele, feliz. — Sempre cuidou da gente. Agora alguém vai cuidar de você.

Eu acenei com a cabeça, tentando ser durão, mas mais emocionado do que tinha

imaginado. Depois, foi a vez de Joaquim me abraçar. Era o mais expansivo e desejou felicidades com um grande sorriso. Foi uma farra, com todo mundo falando ao mesmo tempo, animadamente, Eva envergonhada e sorridente, Gabi comemorando sem parar.

— Ham... Ham... — Meu pai rosnou e, por fim, todos se sentaram e o olharam. Ele encarou Eva e depois a mim, como se fizesse uma pergunta com o olhar.

— Sim, pai, vamos nos casar.

Olhou fixamente para ela, mantendo a expressão fechada. Senti que ficou incomodada e fitou o próprio prato. Por fim, ele me encarou e rosnou de novo:

— Ham... f... fe... iz.

— Estou feliz — confirmei. Então, ele relaxou um pouco e acenou com a cabeça.

— E quando vai ser? — Gabi sorria de orelha a orelha.

— Será o mais rápido possível. Na segunda-feira, nós vamos ao cartório para marcar a data. — Eva ergueu os olhos e sorriu para mim. Estendi a mão e segurei a dela sobre a mesa, entrelaçando nossos dedos.

— Isso é um sonho realizado. — Tia suspirou, emocionada.

Eu a fitei e continuei:

— Temos mais uma notícia.

— Vem bomba aí... — resmungou Pedro.

— Ai, meu coração! — Gabi olhou-me em expectativa. — O que é?

— O filho de vocês vai ter companhia para brincar na fazenda.

Gabi gritou e abraçou Eva com força. Tia começou a chorar. Meu pai olhava tudo o que acontecia calado. Heitor e Joaquim sorriram.

— Você faz logo o trabalho completo — disse Pedro, sendo cínico.

Foi uma nova onda de alegria, com abraços e parabéns. Nunca vi Eva tão feliz e exultante, sem parar de sorrir por um segundo sequer. E, embora eu fosse mais comedido, também nunca tinha estado tão feliz.

Eu queria dar o mundo a ela. E daria. Meu amor, minha fidelidade, minha vida, minha riqueza. Pensei em sua vida, no quanto devia ter sido triste e solitária em um orfanato, naquele barraco na favela, com tão pouco. Mas eu cuidaria para que nunca mais lhe faltasse qualquer coisa.

O casamento foi marcado para três de abril, dali a quase duas semanas. Não se falava sobre outra coisa na cidade. Aonde eu ia era parado para receber os parabéns pelo casamento e pelo bebê que estava a caminho. Em casa, Eva, Tia e Gabi saíam todos os dias para organizar a cerimônia e fazer compras. E muitas

mudanças foram feitas.

Eu havia levado Eva para viver no casarão comigo. Embora quisesse esperar até o casamento, não conseguia mais ficar longe dela nem por um segundo e fui irreduzível. Assim, não teve jeito. Deixamos os móveis em sua casa, mas trouxemos suas coisas. Agora, ela dormia em minha cama, comia em minha mesa e já começava a fazer parte de toda a minha vida.

Brigamos quando disse a ela que não via mais necessidade de que continuasse trabalhando no escritório, ainda mais tendo que resolver tanta coisa relacionada ao casamento e estando grávida. De início, ela quis continuar, mas por fim a convenci do contrário.

No fim de semana, voamos no jatinho da família até São Paulo, onde Eva e Gabi puderam encomendar roupas para o casamento e coisas para os bebês. Estavam mais inseparáveis do que nunca e se tornaram grandes amigas.

Aproveitamos a cidade à noite, quando fomos ao teatro e saímos para jantar. Fiquei maravilhado ao ver Eva usando um vestido longo vermelho e as joias que eu havia comprado para ela.

— Não estou acostumada com tanto luxo — disse, encabulada, quando entrou na suíte com um batom na mão.

— Vai ter que se acostumar. Quero o melhor para você. — Eu a puxei para mim, maravilhado, sem poder tirar os olhos dela. — Está linda.

— Você também. — Olhou para meu terno cinza-chumbo feito sob medida e acariciou meu rosto, apaixonada. — Parece um sonho.

— É bem real. E é só o começo da nossa felicidade.

— Sim — afirmou, emocionada. Então me mostrou o batom e sorriu. — É vermelho. Combina com o vestido. Mas disse que só devo usar para você. O que acha?

Eu já sentia o desejo me devorar e a segurava contra mim com fome.

— Passe o batom — ordenei, baixo.

Provocando-me mais do que tudo, Eva obedeceu, pintando seus lábios carnudos até ficarem vermelhos, deixando-me doido. Viu meu olhar e sentiu meu pau duro contra seu ventre.

— Se me beijar, vai manchar sua boca toda — murmurou.

— Dane-se. — E a beijei com paixão, já baixando as alças do vestido.

Joaquim e Gabi reclamaram do nosso atraso, mas tínhamos gastado bem aquele tempo na cama, até ficarmos saciados. Só então nos vestimos novamente. Passei o resto da noite olhando para Eva, sem poder afastar os olhos, só esperando pelo momento em que voltaríamos ao quarto novamente. Foi um final de semana inesquecível.

Tudo se resolvia aos poucos. O casamento seria realizado na fazenda, em uma

única cerimônia religiosa e civil. Seria como o casamento de Joaquim, com os empregados, vizinhos, amigos, parceiros de negócios. Informal e, ao mesmo tempo, grandioso, pois eu queria o melhor para Eva e dera permissão para que comprasse tudo que quisesse. Dei a ela um cartão de crédito sem limite, no seu nome, e uma conta polpuda no banco. Ficou sem graça, mas acabou aceitando, afinal, tinha muitas coisas para comprar e resolver, e eu era muito ocupado.

Sempre amei minha casa e minha família, mas voltar para casa depois de um dia de trabalho e encontrar Eva era ainda mais forte, algo que nunca pensei que amaria tanto. Eu gostava de simplesmente olhar para ela, receber seu sorriso, tê-la jantando comigo na mesma mesa, sentar-me na varanda com ela, conversar sobre o dia e os preparativos para o casamento e tê-la na minha cama. Eu me fartava com ela todas as noites.

Cada canto do nosso quarto foi experimentado. Cama, paredes, tapete, cadeira, poltrona, banheiro. Eu me continha muito, devido à gravidez, ainda mais no começo. Precisava conter parte da minha fome e sentia falta de pegá-la com mais dureza; no entanto, era sempre tão delicioso que eu acabava satisfeito e prometia a ela que, depois que o bebê nascesse, eu a levaria ao calabouço e iria às forras. Eva apenas ria.

E assim se aproximava a data do casamento. Quando faltavam apenas alguns dias, recebi um telefonema de Osmar, da agência de investigação.

— Notícias sobre Micah?

— Ele continua em treinamento nos Estados Unidos. Tenho notícias sobre seu empregado. Felipe Vasconcelos.

— Diga.

— Nosso agente está grudado nele e o seguiu. Foi visto em um bar em Pedrosa com dois sujeitos estranhos. Estava nervoso e pareciam combinar algo. O agente anotou a placa do carro deles. É um veículo roubado, registrado no Rio de Janeiro, portanto não conseguimos chegar aos nomes dos dois homens, mas sabemos que, no mínimo, são ladrões. Tudo leva a crer que planejam mais um roubo de gado.

— Filhos da puta... — rosnei, furioso.

— Penso que agirão em breve, por isso estamos na cola de Felipe. Há alguma data em que a fazenda estará mais exposta, desprovida de segurança em uma parte mais frágil?

— Espere. — Eu tive um estalo. — Vou me casar sábado, e a maioria dos empregados estará na festa. Nem todos os minirretiros e limites da fazenda estarão protegidos.

— Então é isso. Estão armando o roubo para a noite do seu casamento. Com essa informação, será mais fácil armar uma arapuca. A fazenda é enorme, mas

ficaremos de olho em Felipe, e ele nos levará ao local do roubo e aos comparsas.

— Certo. Desgraçados! Talvez eu nem possa ir com vocês. Queria pegá-los — falei com raiva.

— Fale com a polícia, e eu falarei com os agentes. Juntos, vamos dismantelar essa quadrilha e colocar esses caras atrás das grades.

— Mantenha-me informado. Se for possível, acompanho vocês.

— Pode deixar. Mantenha segredo. Temos que pegá-los desprevenidos.

Combinamos alguns detalhes e desliguei, revoltado, doido para pegar aqueles bandidos. Tinham ido longe demais. Daquela vez, não escapariam, e Felipe Vasconcelos iria mofar atrás das grades. O desgraçado era bem tratado, tinha casa e um salário digno, e mesmo assim traiu nossa confiança. Teria o que merecia.

Nunca pensei que ficaria nervoso no dia do meu casamento. Eva passou o dia fora com Gabi, em um salão de beleza em Pedrosa e em um spa, onde teria seu dia da noiva. Eu vi toda a preparação no jardim. O buffet chegou, as mesas foram postas, o altar foi montado, uma infinidade de rosas vermelhas tomou o lugar.

Tia estava animada e divertia-se supervisionando os serviços. Joaquim tinha levado Eva e Gabi e só voltaria mais tarde. Pedro e Heitor, porém, estavam cientes do roubo de gado que provavelmente ocorreria naquela noite e de que um grupo de policiais, agentes e seguranças já tinha sido avisado.

Vários convidados começaram a chegar e me cumprimentar. Vestido em meu fraque preto com gravata vermelha, ao lado dos meus irmãos, também elegantes em ternos, eu recebia a todos: meu pai em sua cadeira de rodas, Tia, sorridente e reclamando dos sapatos de salto alto, Gabi, exultante e de braços dados com Joaquim.

Eva já estava na casa, e eu nunca havia me sentido tão ansioso. Padre Hamilton tinha chegado e conversava comigo, parabenizando-me pela decisão. Todos se acomodavam para assistir à cerimônia e conversavam baixinho. Ao lado do altar, os instrumentistas, todos em ternos escuros, estavam preparados. O jardim estava iluminado, e eu sorri, pois Eva tinha escolhido somente rosas vermelhas, por ser a minha cor preferida.

Como ela não tinha parentes, sugeri que entrasse com meu pai ou com um dos meus irmãos, mas fez questão de quebrar o protocolo e entrar sozinha, como sempre foi. Acompanhada somente do nosso filho. Viria sozinha e sairia dali com uma família. E eu fiz sua vontade.

Fiquei feliz quando soube que ela convidaria alguns conhecidos da favela Sovaco de Cobra, pois não tinha quase ninguém em sua vida. E eles estavam lá.

Não queríamos uma cerimônia muito formal nem certinha, e sim à nossa

maneira. Assim, o casamento seria simples e rápido, mas tudo correria como pensamos e discutimos juntos.

— Theo...

Abigail apareceu na minha frente, elegante em um vestido de renda bege, acompanhada da irmã, Dalila, que, como sempre, estava vestida de preto.

— Que bom que vocês vieram. — Eu as cumprimentei com beijos. Considerava-as minhas amigas, e, mesmo tendo tido um caso com Abigail durante um bom tempo, sua amizade fazia parte da minha vida e da minha história.

Encontrei seus olhos e, por mais que sorrisse, vi sua dor refletida ali. Nunca quis que me amasse ou que eu pudesse magoá-la, mas infelizmente as duas coisas tinham acontecido. Só podia fingir que não percebia e manter nossa amizade.

— Parabéns! Tudo está lindo. E vermelho, como você gosta — disse ela.

— Sim, eu estava pensando a mesma coisa.

— Vermelho é a cor do sangue — disse Dalila, baixo, olhando-me fixamente. Quando a encarei, sua voz pareceu um tanto sinistra: — Cuidado. Ela o fará manchar as mãos de sangue.

Nunca fui supersticioso nem acreditei em premonições, mas todo mundo na cidade sabia que Dalila tinha um sexto sentido apurado e nunca falhava em suas previsões. Mesmo contra a minha vontade, senti um arrepio na nuca e indaguei, franzindo o cenho:

— Do que está falando?

— Aproveite a calmaria. Vem muita tempestade por aí. E sangue em suas mãos.

— Dalila... — Abigail chamou-a.

A mulher piscou, como se saísse de um transe. Olhou-me, envergonhada, e sacudiu a cabeça.

— Não dê atenção a isso. Desculpe, Theo.

— O que você viu?

— Nada. Nem sei ao certo o que falei. Desconsidere. Fico muito confusa às vezes. Com licença. — Ela se afastou rapidamente.

Encontrei os olhos de Abigail, e ela parecia angustiada, como se quisesse dizer algo. Eu indaguei, um pouco nervoso:

— O que foi?

— Nada. — Forçou um sorriso, mas acabou perguntando, num fio de voz: — Você tem certeza sobre esse casamento, Theo?

— Tenho. Eva é a única mulher que vou amar nessa vida, Abigail. — Minha resposta foi até bruta, mas não menti.

— Certo. — Ela ergueu o queixo e disse, antes de se afastar para cumprimentar Tia: — Você merece ser feliz. E vai ser.

Fiquei perturbado com o que Dalila havia falado. Eu só podia ver um futuro de

felicidade com Eva, não sangue nem tempestades. Então, respirei fundo, disposto a não estragar meu casamento pensando besteiras. Enfrentaria o futuro quando ele se apresentasse. E nada garantia que seria de um jeito ou outro, pois era feito de escolhas.

Liguei para Osmar e soube que todos estavam preparados para lidar com o possível roubo de gado. O delegado Ramiro estava ali, fingindo-se ser apenas mais um convidado, mas alerta. Furioso, vi Felipe entre os empregados da fazenda. Eu estava doido para pegá-lo e dar uma surra nele até que confessasse, mas fazia o possível para me controlar. Eu queria pegar todos eles e não podia estragar a armadilha.

Nós nos acomodamos no altar, e padre Hamilton foi para seu lugar. Eva tinha escolhido apenas Gabi e Joaquim como seus padrinhos e não quis mais ninguém. Eu escolhi dois casais: Heitor e Tia, Pedro e Valentina. O filho e o noivo de Valentina estavam sentados entre os convidados, e ela sorria, feliz por estar ali. Meu pai também estava no altar, ao lado de Gabi, sério como sempre, elegante em um terno claro de linho.

Quando os instrumentistas começaram a tocar “November Rain”^[1] ao piano e ao violino, senti meu coração disparar e cada célula do meu corpo reagir em puro nervosismo e emoção. Parado diante do altar e do longo tapete vermelho entre as cadeiras, com todos os olhares sobre mim, pensei em como havia chegado até ali. Eu, que nunca ao menos tinha cogitado me casar, sentia que aquele era o dia mais importante da minha vida. E me dei conta de que nunca tinha sido tão feliz quanto naquele momento.

Então a vi. Eva apareceu sozinha no início do tapete, mais linda do que eu poderia sonhar. Seus longos cabelos loiros caíam soltos e sedosos em ondas suaves, enfeitados por pequenas flores vermelhas. O vestido branco era longo e simples, sem armações nem bufantes, apenas pura seda caindo de alças finas e da cintura apertada até uma saia longa e fluida. Havia um delicado bordado de flores vermelhas no peito. A maquiagem valorizava seus traços lindos, deixando os olhos maiores e mais verdes e a boca em um tom de vermelho-sangue exatamente igual ao das rosas vermelhas em botão que segurava em seu buquê. Usava brincos e colar de ouro branco com rubis, meu presente de casamento. Ela era uma visão, e eu a amei tanto, tanto, que cheguei a sentir o amor dentro de mim como uma força física.

Caminhou sobre o tapete, vindo para mim. Para meus braços, minha vida, minha história. Para encher meus dias de luz e felicidade, fazendo-me perceber que vivia apenas pela metade antes de conhecê-la. Só agora eu me sentia completo.

Não consegui nem piscar, sem querer perder um minuto da sua presença. Não

respirei, esperando para sentir o ar mais perfumado quando estivesse perto de mim. E, mesmo com o jardim cheio, senti que éramos só nós dois ali, olhando-nos e amando-nos, prestes a nos tornarmos um.

Foi impossível me conter. Eu já tinha esperado anos demais para que ela finalmente entrasse em minha vida. Assim, caminhei até ela e, surpreendendo-a, fiz o que quase nunca faço: perdi o controle. Eu a encontrei no meio do caminho e ergui-a no colo de modo que seu rosto ficasse na altura do meu, penetrando o olhar dela, nossos lábios quase se tocando.

Eva riu e segurou-se em mim. A felicidade era explícita em seus olhos, com um amor tão claro e cristalino quanto o meu.

— Theo, o que você...

— Eu te amo, coelhinha — falei, sério, com cada parte minha entregue a ela. Finalmente respirei, aliviado porque ela estava ali, em meus braços. — Amo você e nosso filho.

— Eu também te amo. Mais do que minha própria vida. — Seus olhos se encheram de lágrimas.

Não me importei com protocolo ou com o que cada pessoa poderia pensar ao ver o austero Theodoro Falcão se rendendo para sua coelhinha. Eu só fiz o que quis, o que meu desejo e meu amor me impulsionaram a fazer. Beijei-a profundamente, com paixão, e ela retribuiu do mesmo jeito. Em meio à música que a banda tocava, as pessoas aplaudiram com força e suspiraram, adorando o espetáculo.

Quando afastei o rosto e fitei-a, a felicidade já tinha tomado conta de mim. Eva riu e coloquei-a no chão, mas não a soltei.

— Seu louco... Sua boca está toda borrada de vermelho. — Ela puxou o lenço do meu bolso e passou-o em meus lábios. — Adeus, batom vermelho — brincou.

— Eu já disse que você só deve usar para mim — falei, cínico, e segurei o lenço, limpando também as manchas em volta de seus lábios. Satisfeito, guardei o lenço e afastei-me só o suficiente para lhe estender meu braço. Ela cruzou o dela com o meu, sem poder parar de sorrir, resplandecendo. Então falei, baixo e rouco: — Nunca mais vai andar sozinha, coelhinha.

Ela entendeu que eu tinha ido buscá-la. Seus olhos se encheram de lágrimas e fiquei nervoso quando senti os meus arderem. Porra, só faltava chorar! Isso, sim, seria o fim da minha reputação.

Respirei fundo e não falei mais nada. Caminhei ao seu lado até o altar, vendo Tia se debulhar em lágrimas e meus irmãos sorrirem, felizes, para mim. Eu me vi sorrindo de volta como um bobo.

Quando paramos em frente ao padre Hamilton, o senhor de idade disse, bem-humorado:

— O beijo é depois do casamento.

Todo mundo riu, e ele conseguiu me deixar sem graça. Percebi que estava muito nervoso, mas me contive quando o silêncio se instalou e o padre começou a cerimônia.

— Theodoro Falcão, eu o vi nascer e ser criado. Sempre foi um rapaz sério, responsável, com a marca da liderança em sua alma. Vi você se tornar o homem mais importante das redondezas, fazer a Falcão Vermelho ganhar o Brasil e o mundo e tornar-se o chefe da família quando seu pai teve que se afastar. E hoje vejo mais. Vejo seu casamento e a felicidade em seus olhos, a mesma que se reflete nos belos olhos verdes dessa moça que chegou aqui para nos honrar com sua presença e iluminar a sua vida. Por tudo isso, é uma honra para mim estar vivo e realizar esta cerimônia.

Suas palavras me emocionaram. Mantive-me quieto, concentrado, sentindo-me diferente, com todos os sentimentos à flor da pele.

Então, o padre Hamilton começou a cerimônia, recitando as palavras de praxe, explicando o casamento como uma comunhão de almas, feito por Deus, baseado na verdade e no respeito. Foram palavras belas, que me tocaram. Nunca tinha pensado em me casar, mas soube que, para mim, aquele casamento seria para toda a vida. Eu nunca amaria outra mulher como amava Eva.

Trocamos alianças fitando-nos com amor. Tia não parou de chorar um minuto sequer. Gabi disfarçava as lágrimas. E os olhos de Eva brilhavam, marejados, sonhadores, repletos de uma felicidade extasiante. Como a minha.

Quando vieram as palavras “eu os declaro marido e mulher”, eu já a puxava para meus braços e beijava-a novamente, enlouquecido de amor e desejo, de um sentimento que já fazia parte de mim. Aplausos explodiram, assim como assovios e gritos de felicidade. Apertei-a contra mim, acariciei sua barriga ainda lisa e dei-me por inteiro. Eu não existia mais sem minha coelhinha.

A festa foi perfeita. As pessoas comiam e bebiam com fartura, dançavam na pista de dança ao som da banda ao vivo, riam e se divertiam. Nunca tinha tirado tantas fotos nem sido tão solicitado. Eu e Eva parecíamos grudados. Só uma coisa me perturbava: a ameaça do roubo de gado.

Já passava das nove horas da noite, e a festa estava em seu auge, quando meu celular tocou. Eva conversava animadamente com Gabi, sua amiga Bel e mais duas moças sobre a lua de mel. Viajaríamos no dia seguinte para passar uma semana nas ilhas gregas. Ela tinha me confessado que era um sonho seu.

— Com licença. — Afastei-me até umas árvores ali perto e atendi a ligação.

— Começou. Estamos seguindo Felipe até o minirretiro a oeste da fazenda —

explicou Heitor. — Agentes e policiais estão cercando por vários lados. Hoje pegamos esses ladrões. Pedro está comigo.

— Porra! Estou indo até aí.

— Theo, hoje é seu casamento. Vamos resolver sozinhos.

— Sei que vão, mas quero estar lá.

— Então encontre Joaquim. Ele está pegando o carro para vir.

— Certo.

Desliguei, já telefonando para meu irmão caçula e indo até Eva. Ela me olhou preocupada, talvez vendo a tensão em meus traços.

— Aconteceu alguma coisa?

— Vou resolver um problema e já volto.

Vi o alarme em seu rosto.

— Que problema? — perguntou, agarrando meu braço.

— Nada. Não se preocupe.

— Theo, por favor... — Estava pálida. — Me diga... Por favor...

— Fique calma. — Preocupei-me com ela e o bebê. Franzi o cenho, pois me agarrava em pânico. — Está tudo bem.

— Não está. Conheço você. — Abraçou-me com força, murmurando: — Não sei o que aconteceu, mas, por favor, não vá!

— Eva... — Respirei fundo. Gabi e as meninas nos olhavam preocupadas. Segurei o rosto de Eva entre as mãos.

— Está tudo resolvido — falei, baixando a voz. — Só vou checar como estão algumas coisas.

— Que coisas?

— Os ladrões de gado estão atacando um minirretiro, mas já esperávamos por isso. A polícia e os agentes de investigação os estão cercando. E vamos pegá-los hoje.

Eva arregalou os olhos, branca como seu vestido.

— Não vá! — insisti, sacudindo a cabeça. — Pode ter tiros!

— Eva, as coisas já estão acontecendo. Gabi, vem aqui. Cuide dela.

— O que houve? — Gabi aproximou-se, preocupada.

— Não, Theo, não vá! — implorou, nervosa.

— Prometo que volto inteiro.

Então, ela começou a chorar, nervosa, murmurando que eu poderia morrer. Não podia sair e deixá-la daquela maneira, mas eu passava mal com a possibilidade de não participar daquela prisão. Estava desesperado ali.

Eu a segurei com firmeza.

— Sou responsável pela fazenda. Meus irmãos estão lá. Pare com isso, Eva. Confie em mim. Se eu ficar aqui, vou enlouquecer.

— Estão onde? — perguntou Gabi, preocupada.

Eva respirou fundo, tentando se controlar. Por fim, beijei-a nos lábios e prometi às duas:

— Tudo vai dar certo. Confiem em mim. Vai ficar bem?

Ela parecia desesperada, mas acenou que sim. E, então, corri, ligando para Joaquim. Aquela seria a última tentativa de roubo de gado na fazenda Falcão Vermelho.

eva

Sem saber o que fazer, escapei de Gabi, em pânico, e corri para meu quarto no casarão. Eu tinha certeza de que Lauro estava metido naquele roubo, e várias coisas passavam por minha cabeça, mas a pior era acreditar que, se fosse pego, ele confessaria tudo, talvez sob tortura. E então Theo saberia que ele havia sido o responsável por seu atentado e que eu estava envolvida no plano.

Comecei a chorar e, em desespero, liguei para minha mãe. Eu sabia que não devia fazer isso, mas não podia perder Theo de jeito nenhum. Mesmo sabendo que me enrolava ainda mais, que minha culpa aumentaria, fui levada pelo medo de que Lauro destruísse minha vida.

— Eva? Não deveria estar em seu casamento?

— Mãe... — soluzei, angustiada. — Lauro está tentando roubar a fazenda hoje, mas... Mas é uma armadilha, vão pegá-lo...

— Como assim, uma armadilha?

— Theo sabe. E se pegar Lauro, ele contará tudo sobre mim. Theo não vai me perdoar! — Eu chorava copiosamente. — Fale com ele! Mande-o fugir e desistir de vez desses roubos, pelo amor de Deus!

— Calma. Vou ligar para ele. Volte para sua festa ou vão desconfiar.

— Por favor, só o faça ir embora para sempre... Por favor...

— Vou tentar, Eva. Vou tentar.

Desliguei, em prantos, enquanto Gabi batia na porta do quarto. Guardei o celular e tentei me recompor antes de abrir a porta. Ela me abraçou, também nervosa.

— Eva, não fique assim. Também estou preocupada, mas eles sabem se cuidar. Tudo vai dar certo.

— Tá, eu... vou tentar me controlar.

Ficamos no quarto até eu me acalmar, lavar o rosto e retocar a maquiagem.

Voltamos para a festa e procurei agir naturalmente, mas não consegui, desesperada demais. Os minutos se arrastavam e as notícias não vinham. Quando percebi, eu estava chorando novamente. Só sabia que não poderia perder Theo. Nunca.

Lauro

Fui avisado por Luiza quando era tarde demais. Eu já estava dentro da fazenda, os caminhões estavam preparados para receber o gado, o minirretiro tinha sido aberto. Tudo estava correndo bem demais, e eu deveria ter desconfiado de uma armadilha. No entanto, quando Luiza me contou o que a filha tinha dito, a ficha caiu. Falcão filho da puta! Ia me ferrar!

Não dava tempo de avisar aos outros e retirar os caminhões. Minha única chance era correr para a picape que trouxemos e fugir. E, como se tivesse sido combinado, vi os veículos quatro por quatro se aproximarem por todos os lados, fechando o cerco exatamente quando meti o pé no acelerador.

Tive que pensar rápido. Escolhi a melhor opção de fuga, uma estrada embrenhada na mata, que eu conhecia muito bem, mas, para chegar a ela, tive que partir com tudo para cima de um dos carros. Ele tentou barrar meu caminho, mas acelerei mais. Já sacava minha pistola, concentrado, quando o carro desviou para minha lateral esquerda e o carona descarregou sua arma contra mim.

Escutei os tiros perfurando a lataria e achei que não tinha sido acertado, mas, enquanto acelerava para longe, vendo o carro dar meia-volta para me perseguir, junto com outro, senti uma ardência perto da costela e na coxa e soube que os desgraçados tinham acertado. O sangue se espalhava, quente, mas a adrenalina era tanta que nem senti dor.

Pelo retrovisor, vi os diversos carros cercando os caminhões e os cinco homens que eram meus comparsas naqueles roubos. Xinguei alto um palavrão, possesso, ainda mais quando notei que os carros que me perseguiam continuavam em meu encalço, atirando para cima. Se acertassem um pneu, eu estava fodido. E acelerei, fugindo pela estrada entre a mata, sabendo que minha única chance era conseguir distância suficiente para despistá-los naquele labirinto de entradas, contando com meu conhecimento do local.

E assim foi. Depois de uma curva pronunciada, várias saídas menores apareceram, e escolhi a menos provável e mais íngreme à minha direita, seguindo por ela e entrando em outra e mais outra. Levei um tempo até me dar conta de que

os tinha despistado, mas não relaxei nem parei. Dirigi até sair em uma estrada em Pedrosa e mantive-me adiante, indo em direção a Ituiutaba, onde teria abrigo na casa de Luiza.

Mais tranquilo, prestei atenção ao meu estado, cheio de sangue, sentindo uma dor cruel naquele momento. Sabia que teria que dar um jeito no ferimento por conta própria, já que não poderia ir a um hospital, mas conhecimento não me faltava. Alguém me ajudaria a tirar aquelas balas. E então eu teria que sumir por uns tempos, pois meus comparsas certamente dariam com a língua nos dentes e contariam quem eu era, onde morava, tudo o que sabiam sobre mim.

— Desgraçados! — berrei, furioso. — Vão me pagar! Ainda não tô morto! E vou voltar!

Chantagem seria a minha arma. Luiza e a filha iriam me sustentar. Eu sabia demais sobre elas. E, no final, eu ainda riria na cara dos Falcão.

eva

Só voltei a respirar quando vi Theo, são e salvo, assim como Joaquim, Heitor e Pedro. A festa continuava, mas corri para eles, junto com Gabi. Abracei Theo com força, apalpando-o para ter certeza de que estava bem.

— Graças a Deus... — arquejei em desespero.

— Calma. Está tudo bem. — Apertou-me nos braços, mas sua voz soava raivosa e o semblante estava carregado.

— Que susto! Quase nos mataram! Quim! — Gabi abraçou-o, nervosa, beijando-o e depois conferindo que os irmãos estavam bem. — E os bandidos? Pegaram?

— Foram levados para a delegacia — disse Heitor.

Estremeci nos braços de Theo e fechei os olhos. Senti todas as minhas esperanças caírem por terra. Lauro contaria tudo.

A dor golpeou-me, cortante e voraz, mas então Joaquim completou:

— Menos um, que soubemos ser o mandante. Lauro Alves. A polícia está atrás dele. Os bandidos nem precisaram tomar uma surra para contar o que sabiam. O cara está sendo perseguido.

Fiquei quieta, de olhos fechados, tentando respirar. Rezei para que Lauro sumisse e nunca mais fosse visto.

— Sabe quem era o traidor, Gabi? Era Felipe. Aquele filho da mãe que dava em cima de você — disse Joaquim.

— Meu Deus! Felipe? — Ela estava chocada.

— Covarde, desgraçado! Foi o primeiro a chorar e entregar os colegas. Enquanto eles falavam sobre o assunto, Theo segurou meu queixo e me fez olhá-lo. Encontrei seus olhos azuis preocupados e escorei-me nele, fraca, sabendo que morreria se descobrisse tudo o que fiz. Se descobrisse que Lauro tinha escapado por minha culpa.

— Como você está?

— Bem. — Tentei ser forte, sabendo que tinha agido errado mais uma vez para encobrir uma mentira. Quanto mais eu poderia me enrolar em nome do meu amor por Theo?

— A polícia vai cuidar das investigações agora. — Acariciou meu rosto, terno. — Amanhã, antes de viajarmos, irei até a delegacia e ficarei a par de tudo. Mas, agora, vamos aproveitar nosso casamento. Eu ainda não dancei com a noiva.

Abracei-o com força, tentando esquecer o resto. Não quis pensar no que eu havia feito ou no que ainda poderia fazer. Eu só sabia que não podia perder Theo. Por ele, eu faria tudo.

Theo e os irmãos foram à delegacia no dia seguinte. Felipe e mais cinco homens foram acusados e aguardariam o julgamento presos. Os policiais tinham descoberto a casa de Lauro e a invadido, descobrindo que ele era irmão de Flávio, suspeito de um roubo anterior, que tinha sido preso e desaparecido ao sair da delegacia. Durante muito tempo, achei que Theo tinha dado fim nele, mas agora não sabia mais nada.

Lauro não tinha sido encontrado, mas as buscas continuavam. Theo e eu tínhamos que pegar o jatinho para o aeroporto em Belo Horizonte, mas os irmãos dele prometeram avisar se pegassem Lauro. Nós nos despedimos deles, de Gabi e de Tia, e embarcamos no avião.

Somente quando estávamos no ar, sentados lado a lado, tive coragem de perguntar sobre Flávio.

— Então o irmão de Lauro já foi pego pela polícia e acusado de roubo?

— Sim, mas não havia provas contra ele. — Theo estava sério, com a cabeça recostada no encosto e uma ruga profunda entre as sobrancelhas.

— E o que aconteceu? — Lembrei-me do quanto odiei Theo na época em que Flávio sumiu, achando que ele o tinha matado.

— Ele foi solto por falta de provas e sumiu ao sair da delegacia.

Fitei seu perfil anguloso, os traços fortes, a irritação ainda toldando suas expressões. Era um homem que não gostava de ser contrariado nem enganado. Estremeci.

— O que acha que aconteceu com ele? — insisti.

Theo voltou os olhos azuis para mim. Estava muito sério, e, por um momento, temi que confessasse que o torturou e matou.

— Eu desconfio do delegado Ramiro. Acho que tentou arrancar a verdade e exagerou. Ou deu fim nele só porque sabia que era culpado e não tinha provas. Não sei. Ele nunca admitiu, mas é o que penso.

Sempre soubera que Flávio estava morto, mas senti alívio quando descobri que não tinha sido pelas mãos de Theo. Cheguei mais perto dele.

— Vamos esquecer tudo isso em nossa lua de mel? — pedi, baixinho. — E aproveitar, só nós dois?

Seu semblante relaxou. Levou a mão até minha barriga.

— Só nós três.

Sorrimos um para o outro.

Nossa lua de mel foi inesquecível. Não bastasse estar com Theo, com quem qualquer lugar seria um paraíso, estávamos nas ilhas gregas. Foi espetacular, maravilhoso, lindo.

Eu sonhava em conhecer as ilhas gregas desde que vi um filme em que apareciam as típicas casas brancas com janelas azuis, o mar cristalino de um azul incomparável e os monumentos históricos, mas ver aquilo de perto, ainda mais com Theo, que já tinha estado na Grécia e gostava de história, foi perfeito.

Foram cinco dias de sonho. Esquecemos tudo e aproveitamos cada segundo. Mergulhamos, deitamos nas areias brancas como sal e nas areias negras de praias de origem vulcânica, andamos de mãos dadas em ruas floridas, rimos e conversamos. Fui feliz como jamais imaginei ser possível. E tive certeza de que Theo também se sentia assim.

Mesmo com saudade do Brasil, senti um desejo imenso de nunca mais sair dali. Quando estávamos no avião, de volta, Theo acariciou meus cabelos e perguntou baixinho:

— Triste por voltar?

— Não, mas... foi tão perfeito!

— Teremos outros momentos perfeitos.

Eu acreditei piamente, cansada de tanto me preocupar. Aquela lua de mel tinha tirado um peso enorme de dentro de mim, e eu voltava ao Brasil esperando vencer todos os obstáculos e ser feliz.

— É um menino! — gritou Joaquim ao sair da sala de parto correndo,

comemorando como um garoto.

— Ah, meu Deus, um Falcãozinho! — Tia levantou-se do sofá na sala de espera, rindo e chorando, e abraçou-o.

Pedro e Heitor também se ergueram, animados, e foram falar com o irmão. Theo me ajudou a levantar, pois minha barriga, aos sete meses de gravidez, estava enorme, e eu vinha sentindo muitas dores nas costas e nas pernas.

— Tudo bem? — indagou Theo, cheio de cuidados.

— Sua filha está muito pesada — brinquei, e ele sorriu.

Nós quisemos saber o sexo antes do nascimento e já tínhamos decidido que a menina se chamaria Helena.

Theo abraçou-me e aproximamo-nos para dar os parabéns a Joaquim, que não se continha de tanta felicidade.

— Caio nasceu! — exclamava em altos brados. — É um garotão de quase quatro quilos!

— Meu Deus! E a Gabi? — Tia estava preocupada.

— Está ótima. Tia, nunca imaginei que fosse assim! Quando segurei meu filho nos braços... Puta merda, que emoção!

Joaquim estava feliz, empolgado, e contava os detalhes, explicando que logo poderíamos ver Gabi e Caio.

Eu estava emocionada. Durante aqueles meses, morando com eles na fazenda, tinha aprendido a amá-los ainda mais, e eu e Gabi nos tornamos inseparáveis. Éramos amigas e companheiras. Montamos juntas os quatinhos dos bebês; o dela, todo branco e o meu, lilás e branco. Compramos roupinhas juntas. Fomos amigas e irmãs, embora só eu soubesse que tínhamos o mesmo sangue.

Theo cuidava de mim, beijava minha barriga, trazia presentes, olhava-me com amor, tocava-me como se eu fosse seu bem mais precioso. Tive medo de que sentisse falta do sexo mais bruto, de que ficasse impaciente e mal-humorado, mas isso não aconteceu. Nas nossas horas, era sempre cuidadoso e apaixonado. Dizia sacanagens e prometia fazer um monte de coisas comigo depois do resguardo. Foi meu amante e meu amigo em cada um daqueles dias.

Tive alguns momentos de tristeza. Minha avó havia falecido quatro meses antes. Consegui inventar uma desculpa e compareci ao funeral, onde só estávamos eu e minha mãe. Ela cumpria sua promessa e mantinha-se longe, deixando-me ser feliz. Não dava para acreditar, mas Lauro também havia sumido. Era como se Deus tivesse ouvido todas as minhas preces e afastasse as ameaças, percebendo o quanto eu amava Theo.

Precisei ser muito cuidadosa com dinheiro e gastos. Comprei uma casa para minha mãe e cobri suas despesas, inclusive quando quis viajar para o Rio de Janeiro. Eu tirava dinheiro aos poucos, fazia pagamentos a prestação, sempre com

medo de que Theo conferisse os gastos e quisesse saber para onde ia tanto dinheiro. Mas, até então, eu havia tido bastante liberdade.

E assim eu seguia, em uma bolha de felicidade extrema, com poucas recaídas. Uma delas aconteceu quando Gabi me confidenciou sobre sua família de sangue e falou de mim e da minha mãe. Ela contou sobre os bilhetes, o ataque a Tininha, sua conversa comigo ao telefone.

Senti-me angustiada e culpada. Desejei falar a verdade, mas não tive coragem. Senti o mesmo quando Theo também comentou sobre esse assunto e disse, com raiva, que esperava um ataque-surpresa “daquelas mulheres”. Eu era uma delas, e ele nem sequer desconfiava.

Pensar sobre essas coisas sempre me fazia mal. Senti uma pontada na barriga e percebi que estava muito cansada naquele dia, desde que acordara, e que a dor nas costas só parecia piorar.

Realmente, Helena era grande para mim. Eu tinha medo de ter que passar os dois meses restantes de cama para segurá-la até o momento certo.

— Tudo bem? — Theo abraçava-me enquanto caminhávamos em direção ao quarto para ver Gabi e o bebê.

— Sim, eu só... Ai... — Senti uma pontada aguda no baixo ventre e dobrei-me para a frente, perdendo o ar com a dor.

— Eva... — Theo me segurou, nervoso. — O que foi?

— Uma dor... Ah...

— Ai, meu Deus! — Tia, que andava na frente, de braços dados com Joaquim, voltou correndo. — Theo, chame um médico!

— Não, estou bem. — Tentei respirar fundo, amparada por Theo, mas veio uma dor ainda mais forte, e minha barriga inteira se contraiu. Gritei e, para meu completo pavor, senti líquidos escorrerem sem controle pelas minhas pernas até o chão.

— Ai, Jesus! A bolsa estourou! — desesperou-se Tia.

Heitor saiu correndo para chamar um médico. Theo me pegou no colo, nervoso, com os olhos arregalados. Andou rápido pelo corredor, sem saber para onde ir. Era a primeira vez que eu o via apavorado.

— Calma... — Tentei tranquilizá-lo, mas me contrái ao sentir a barriga se torcer todinha. Foi minha vez de ficar apavorada. — Vai nascer... — choraminguei.

Criou-se um pandemônio no hospital. Fui colocada em uma maca e carregada para um quarto, onde fui examinada. Theo não me deixou nem por um minuto, segurando minha mão, tentando conter o nervosismo e me acalmar:

— Tudo vai ficar bem.

— Ela só tem sete meses... — choraminguei entre uma contração e outra,

empalidecendo de dor e suando.

— Rápido, vamos preparar tudo! — disse o médico para a enfermeira. — Já está nascendo! Estou vendo a cabeça!

E foi mesmo rápido.

Helena Falcão tinha pressa para vir ao mundo e, depois de dez minutos em que gritei e apertei a mão de Theo, em que fui amparada e incentivada por ele, em que contrações horríveis percorreram meu corpo, nasceu, berrando e fazendo escândalo. Desabei nos braços de Theo e olhamos chocados para o bebê que o médico carregava de cabeça para baixo até uma maca, onde Helena foi limpa e cuidada, sem parar de gritar.

— Ela está bem? — perguntou.

— Perfeita. — A pediatra que acompanhou o parto sorriu, virando-se para nós. — Ela só tem sete meses. Precisar­á ficar na incubadora, mas acredito que será por pouco tempo. Logo estará pronta para ir para casa com vocês.

Enquanto ela explicava por quanto tempo eu poderia ficar no hospital com minha bebê, consegui respirar com um pouco mais de calma e Theo me abraçou. Estávamos emocionados, mais ligados do que nunca.

— Coelhinha... — murmurou, rouco, beijando meus cabelos, meus olhos, meu rosto todo. — Obrigado.

Eu chorei e o agarrei. Quando beijou minha boca, eu o beijei de volta, ambos maravilhados, exultantes, apaixonados. Theo segurou meu rosto e olhou-me com tanto amor que pensei que morreria de felicidade.

— Você foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida — murmurou.

Chorei ainda mais, porque eu sabia tudo que havia feito, tudo que não tinha contado a ele, tudo que tinha escondido. E porque eu não diria nada, nunca. Ele era minha vida, e sem Theo, sem seu amor, eu morreria.

— Eu te amo... — murmurei, como se isso desculpasse o resto.

— Eu te amo mais.

Eu e Gabi tivemos alta no dia seguinte. Ela saiu com seu bebê, mas eu fiquei um pouco mais. Insisti em permanecer no hospital com minha filha até ela receber alta, o que só aconteceu dias depois. Felizmente tinha nascido grande e forte. Theo foi muito presente nesse período, indo ao hospital repetidas vezes para ficar com a gente. Assim como Tia e os irmãos deles, que nos visitavam.

No dia em que iríamos para casa, Theo foi me buscar com Joaquim, que voltaria dirigindo o carro para que Theo fosse atrás comigo e nossa filha.

Era uma quinta-feira de outubro, à tarde, quando a maioria das pessoas estava saindo do trabalho e havia movimento no centro de Florada. O hospital ficava em

frente à praça, e crianças corriam por lá, brincando. Joaquim falava, emocionado, sobre sua experiência de ser pai e sobre Gabi e Caio.

Algumas pessoas acenaram para nós e outras, mais próximas, vieram correndo para dar os parabéns. Estávamos na calçada, prestes a entrar no carro, quando aconteceu algo que fugia à tranquilidade de Florada.

Uma moto enorme, com um motor possante, aproximou-se da praça, e todo mundo parou para olhar. Por um momento, pensei que fosse Pedro em sua Harley-Davidson, mas aquela moto era maior, mais larga, mais moderna e cromada. O homem que a pilotava era grande e estava vestido de preto, usando uma jaqueta de couro. Até o capacete era preto.

Ele parou a moto quase em frente à calçada em que estávamos. Usava luvas de couro preto e ergueu as mãos para tirar o capacete enquanto arriava o descanso da moto. Apoiou o capacete embaixo do braço e seus olhos se fixaram em nós.

Era moreno e tinha cabelos densos e castanhos, em um corte moderno, espichado para todos os lados. Uma sombra de barba cobria o rosto anguloso, destacando os olhos castanhos e profundos sob as sobrancelhas endiabradas. Tinha uma boca carnuda que chamava a atenção e me lembrava algo familiar.

Sem saber o porquê, senti algo semelhante a medo se espalhar dentro de mim, uma espécie de aviso. Antes que eu pudesse formar um pensamento coerente, ouvi Theo pronunciar aquele nome, em uma voz baixa e surpresa:

— Micah.

Foi como tomar um soco.

Perdi o ar e a fala.

Micah não teria voltado assim, sem mais nem menos. Theo ainda não tinha conseguido encontrá-lo.

Então, pensei no plano alternativo da minha mãe, que era ir atrás de Micah, em sua viagem recente ao Rio de Janeiro.

Ela havia contado tudo a ele.

E agora Micah estava ali.

Gelada, apavorada, pensei que fosse morrer. Era o fim da minha felicidade. Quis gritar, mandá-lo embora, voltar no tempo, mudar tudo. Mas só olhei para ele e chorei.



22

Micah

Quinze anos. Eu tinha saído daquele lugar aos dezoito anos e jurado nunca mais voltar. Mas, agora, aos trinta e três anos, lá estava eu, pisando no centro de Florada. Era como se o tempo tivesse parado e até as flores dos jardins fossem as mesmas. A praça, o hospital, a escola em que estudei, as ruas de paralelepípedos. Tudo continuava igual. Menos as pessoas.

Não reconheci a maioria dos rostos que se viraram para mim. Somente dois, nos quais me fixei: Theo e Joaquim. Theo era o mesmo, só estava mais velho. Sempre foi o mais sério entre nós, nem sei se um dia se comportou como um adolescente, mantendo sempre o ar decidido de quem sabe o que faz. E Joaquim tinha virado um homem. Era musculoso, alto, sem nenhum traço do garoto magricela que vivia atrás de mim.

Eu me sentia angustiado e confuso. Não queria estar ali. Desde o momento em que peguei a estrada, e principalmente desde que entrei em Florada, minha vontade era ir embora, continuar vivendo como sempre fiz, tentando esquecer meu passado, excluindo aquele lugar, minha família e meus primeiros dezoito anos de vida como se nunca tivessem existido.

Estava furioso por ter sido obrigado a voltar, mas nada me preparara para as outras emoções que me bombardearam, principalmente ao ver meus irmãos depois de tantos anos.

Senti saudade. Lembrei-me de um tempo em que convivi com brigas, principalmente com Theo, que era o mais velho e tentava me colocar nos eixos. Na época, eu me irritava muito com ele e o provocava, mas depois, mais velho, entendi que nunca me perseguiu, apenas tentou fazer seu papel e me educar. Mas naquela época tudo era complicado demais. E lembrei-me também de Joaquim, que tinha sido o meu melhor amigo, embora sete anos mais novo. Foi de quem

senti mais falta.

Enquanto tirava o capacete, eu os olhava fixamente e, ao mesmo tempo, tinha uma visão ampla à minha volta, notando detalhes, observando o todo com perspicácia. Era um costume; meu trabalho treinou-me a sempre observar o ambiente a fim de evitar ameaças. Registrei tudo à minha volta em uma fração de segundo.

Ao mesmo tempo que emoções não convidadas me bombardeavam, eu mantinha uma parte fria e concentrada nas pessoas à minha frente: Theo, Joaquim e a moça loira que me fitava com lágrimas nos olhos e desespero no rosto.

Pendurei o capacete na moto e desmontei, observando-os. Theo estava imóvel, surpreso, olhando-me. Joaquim foi o primeiro a reagir, demonstrando choque e depois uma felicidade imensa. Ver seu sorriso amplo foi como voltar ao tempo. Correu até mim e me surpreendeu ao me dar um abraço de urso, sendo tão alto quanto eu e ainda mais forte.

— Micah! Porra, Micah, é você! Não dá para acreditar!

Isso foi um pouco chocante e deixou-me sem reação por um momento, mas, por fim, os sentimentos fraternais e a saudade se sobrepujaram ao resto e dei um sorriso debochado que escondia o quanto tinha me abalado com aquele gesto, abraçando-o também e dando um tapa em suas costas, cumprimentando-o.

— Você cresceu, moleque.

— Cara... — Ele se afastou e me olhou, ainda incrédulo e feliz. — É você mesmo!

— Sou eu.

Eu me virei para Theo, que me observava o tempo todo.

Estava mais velho, mas era praticamente o mesmo. Autoridade e certa dureza pareciam mais proeminentes em sua expressão. O olhar era sério, como sempre, e mantinha a postura de um homem acostumado a mandar. Desviei meus olhos para a bela moça ao seu lado, e ela me olhava em pânico, com medo. Segurava a bebê contra si como se a protegesse. Finalmente, encarei mais uma vez meu irmão e estendi a mão.

— Theo.

— Micah. — Sua voz saiu baixa e seca, mas seu olhar era profundo, direto, até mesmo saudoso.

Apertamos as mãos com firmeza, e, por um momento, só pude lembrar a última vez que tínhamos nos visto, no escritório da fazenda, quando Theo entrou correndo no cômodo depois de ouvir os tiros. Havia sangue por todos os lados, nosso pai caído, a arma na minha mão. Tudo aconteceu como em um sonho. Um pesadelo. Uma tragédia anunciada por muitos anos e que chegara ao auge naquele dia.

Retirei a mão e fui engolfado pela culpa e pela raiva, sentimentos que eram meus fiéis companheiros havia muito tempo. Contive-me, assumindo um sorriso cínico ao comentar:

— Soube que vocês andaram procurando por mim.

Muita coisa tinha acontecido, e eu me sentia do lado oposto ao deles, não mais um membro daquela família. Aliás, nunca fui um membro da família. Eu era o bastardo, o irmão pela metade, pois parte do meu sangue pertencia aos inimigos dos Falcão.

— Depois que eu soube sobre seu trabalho, entendi como sumiu por tanto tempo.

— Ossos do ofício. — Dei de ombros e fitei com interesse e atenção os grandes olhos verdes de Eva Camargo. Ou melhor, Eva Amaro, que, como Gabi, era minha sobrinha. Eu ainda custava a acreditar, mas as provas eram incontestáveis. Minha sobrinha era casada, ao menos teoricamente, com o meu irmão. — E estas são sua esposa e sua filha.

— Eva e Helena — disse Theo.

A bebê dormia tranquila, envolvida na manta, e Eva mal ousava respirar.

Sua reação me deu um panorama da situação, que era um pouco diferente da que havia imaginado. Era óbvio que temia que eu a desmascarasse ali mesmo, na frente de todo mundo. Estava pálida e abalada. Theo a olhava preocupado e desconfiado. O clima era pesado por vários motivos, mas já tinha passado o tempo em que eu agia por impulso. Agora, eu observava antes de agir.

— Por que voltou depois de tanto tempo sem dar sinal de vida?

Theo, como sempre, foi direto ao ponto, falando em um tom seco e até meio bruto. Nós nos encaramos e lembrei que ele nunca costumou dar meia-volta em qualquer assunto, pelo contrário.

— Vim matar a saudade — falei, cínico, observando Eva com minha visão panorâmica.

Por um momento, eu e Theo nos encaramos e nos enfrentamos. Ele praticamente exigia que eu falasse a verdade, pois sabia que não teria voltado assim, sem mais nem menos. Mantive-me em silêncio, o que o irritava.

— Parece um milagre — disse Joaquim. — Vai pra casa com a gente?

Fiquei mais sério e sacudi a cabeça.

— Não. — Minha intenção era nunca mais pisar naquela fazenda e não ver o velho novamente. Enfie as mãos enluvadas nos bolsos do jeans surrado, sentindo a minha pistola pressionar as costas, acostumado a tê-la quase sempre ali. — Vou arrumar um canto aqui na cidade.

— O pessoal vai querer ver você, Micah. — Joaquim me fitava. Eu não sabia até que ponto estava a par dos acontecimentos que me levaram a ir embora da

fazenda em meio a uma tragédia. Parecia dividido. — Tia vai enlouquecer.

— Como ela está? — Encarei Theo, escondendo minhas emoções. Eu tinha sentido muita saudade de Tia, que sempre cuidara de mim como uma mãe.

— Está bem — disse ele.

— E Heitor e Pedro?

— Bem.

É claro que não perguntei sobre o velho.

Theo lançou um olhar a Eva, ainda abraçando-a. Depois, encarou-me de novo.

— Vou levar Eva e Helena para casa. Volto para conversarmos. Vamos encontrar acomodações para você.

— Eu me viro por aqui.

— Sabe que não há pousadas na cidade. Onde nos encontramos?

— Vou dar um tempo no Falconetes. Comer e beber alguma coisa. — Dei de ombros, sabendo que Theo não sossegaria até sugar de mim o máximo de informações.

— Certo.

Eva me olhava apavorada e suplicante. Era como se estivesse prestes a ter um ataque cardíaco, mesmo que lutasse para disfarçar. Parecia implorar silenciosamente que eu não contasse nada a Theo. Lembrei-me de tudo que Luiza contou quando me procurou, ainda em dúvida sobre qual era o papel de Eva naquela vingança.

Acenei com a cabeça para Eva e completei, como se mandasse um recado:

— Pretendo ficar pela cidade, descobrir como estão as coisas por aqui. Vou apenas observar tudo por enquanto.

Theo franziu o cenho, mas não disse nada. Eva continuou imóvel.

Eu me despedi, e Theo abriu a porta do carro. Com cuidado, pegou a bebê adormecida no colo, e foi estranho ver um homem tão duro quanto ele sendo tão delicado. Olhou para Eva e ajudou-a a entrar e acomodar-se no banco de trás. Ficou claro para mim que amava as duas. Imaginei como se sentiria quando soubesse a verdade.

— Vou voltar com Theo — assegurou Joaquim, realmente feliz por eu estar ali. — Temos quinze anos de novidades para colocar em dia. E quero que me conte como é essa vida de James Bond.

— Não tem nada a ver com os filmes que você vê por aí, posso garantir.

Ele riu, acenou e entrou no carro.

Preocupado, voltei para minha moto, pegando o capacete. Era uma situação crítica e muita coisa estava em jogo. Todo o cuidado era pouco. Liguei o motor e dirigi-me para o Falconetes.

Dalila estava atrás do balcão, sentada em uma banquetta, mexendo em um tablet. Eu a reconheci assim que entrei. Era dois anos mais velha que eu, então nunca estudamos juntos, mas seu jeito esquisito chamava atenção e não havia quem não reparasse nela.

O Falconetes estava vazio àquela hora, e ela não ergueu a cabeça, concentrada no que lia. Reparei que parecia a mesma, com os cabelos pretos presos, a roupa preta fechada e um ar sombrio à sua volta. Quando me sentei em um banco à sua frente, disse, baixo:

— Oi, Micah.

Fiquei surpreso. Não a vi me olhar em nenhum momento, e, mesmo assim, sabia quem eu era. Ainda por cima agia com naturalidade, como se eu não tivesse passado quinze anos longe daquele lugar.

— Dalila.

— Cerveja? — Somente então ergueu os olhos castanhos e fixou-os nos meus, ainda sem se alterar.

— Uma bem gelada.

— Imagino que esteja com sede. É uma longa viagem do Rio até aqui. — Ergueu-se e buscou uma cerveja no freezer. Abriu-a e depositou-a no balcão à minha frente, junto com um copo.

Não perguntei como sabia que eu tinha vindo do Rio. Lembrei-me das coisas esquisitas que dizia no passado, das premonições, do que às vezes se desculpava por ter falado, como se fossem palavras de algum espírito.

Voltou a sentar-se, atenta a mim.

— Quer comer alguma coisa?

— Não, depois. — Despejei cerveja no copo e tomei um grande gole. Busquei alguma placa que proibisse cigarros, mas não havia. Antes que eu sacasse o isqueiro e o maço de cigarros, abrindo a jaqueta de couro, ela murmurou:

— Fique à vontade.

— Para quê?

— Fumar.

Observei-a enquanto levava um cigarro ao canto da boca e o acendia. Dei uma longa tragada e tomei mais um gole da cerveja. Ela sorriu em meio à fumaça e comentou:

— Você continua sendo um rebelde. Essa cara de bom moço não me engana.

— Isso é uma opinião ou um comentário do além?

— É a realidade. — Deu de ombros.

Sorri, cínico. Apoiei as botas no descanso do banco, os cotovelos no balcão e fumei com calma, sem tirar os olhos dela.

— Não me lembro de termos conversado tanto no passado, Dalila.

— Não sou de muita conversa. E, naquela época, eu estava ocupada demais sendo esquisita e você estava ocupado demais sendo um bad boy. — Tamborilou os dedos no balcão e reparei que as unhas estavam completamente roídas. Era muito pálida, sem artifícios e enfeites, mas se tornara uma mulher bonita, se você olhasse bem o bastante para reparar. — E, como eu disse, você não mudou.

— E você?

— Todo mundo concorda que estou mais esquisita ainda.

Dei um sorriso largo, erguendo a sobancelha, apreciando a cerveja e a companhia. Ela tinha me distraído de minhas preocupações, das coisas sérias demais que tinham me forçado a voltar.

— E como vão Abigail e Francesca?

— Abigail teve que sair para resolver umas coisas em Pedrosa. — Ficou ainda mais pálida ao completar: — Francesca faleceu de câncer há seis anos.

— Merda, eu não sabia — lamentei.

— Não se preocupe. — Ela mudou de assunto rapidamente. — Foi bom você ter voltado, Micah. Isso tinha que acontecer.

— Isso o quê?

Ficou incomodada e baixou os olhos para seu tablet.

— Deixe pra lá.

— Fale.

— E você vai acreditar? — Ergueu o olhar, um pouco cansada.

— Por que não?

Observou-me fumar e, mais uma vez, me surpreendeu:

— Ela ama seu irmão.

— Ela quem?

— Você sabe. A menina. Mas é impossível evitar a tragédia. Nuvens negras chegam mais uma vez para a família Falcão. Você chegou junto com elas?

Nós nos encaramos por um momento. Eu tinha saído dali em meio a uma tragédia e agora parecia voltar junto com outra. Não respondi, tenso. Então, Dalila respirou fundo e balançou a cabeça.

— Não é da minha conta. Só sei isso. Com licença, chegou mais um cliente.

Ela afastou-se rapidamente para atendê-lo. Suas palavras tinham sido assombrosas. Como sabia do meu motivo para estar ali?

Lembrei-me de Luiza no calçadão de Copacabana. Ela me encontrou enquanto eu corria, parou-me e pediu para conversar. Apresentou-se e despertou minha curiosidade. Ainda mais porque me lembrei dela em Florada, a filha de Pablo Amaro, meu pai. Era minha meia-irmã.

Era alta, loira e bonita. Sentamos à mesa de um quiosque, e eu já sabia que coisa boa não viria dali. Confessou que me procurava havia muito tempo, assim

como meus irmãos.

Passei a maior parte do tempo calado, observando-a. A primeira coisa que me perguntou foi se eu odiava Mário Falcão e se pensava em me vingar dele. Não me contou todos os detalhes, mas entendi que se revoltava por Eva ter se apaixonado por Theo e desistido da vingança. No entanto, tudo era tão surreal que não dava para saber até que ponto ela dizia a verdade. Mas agora eu estava em Florada para ver aquela situação de perto.

Eu sabia muito bem que Mário Falcão provavelmente era culpado pelo roubo das terras da família Amaro, pela morte de Pablo e pelas consequências desses eventos. E, olhando-a, não vi só a sua beleza, mas também uma mulher presa ao passado, consumida, carcomida por dentro. O ódio e a vingança tinham esse poder sobre as pessoas.

Lembrei que eu ainda era criança, talvez tivesse nove anos, quando Pablo tentou matar Mário ao descobrir que tinha perdido suas terras, tomadas por minha família. Na época, não entendi muito bem o que havia acontecido, até porque eu não sabia que era fruto de uma relação da minha mãe com ele, de uma traição. Ainda achava que era filho de Mário Falcão. Mas me lembro do escândalo na cidade e de Luiza estar sempre atrás de Theo. Tinha rolado alguma coisa entre eles, mas eu não sabia o quê.

A tentativa de assassinato foi um escândalo. Pablo foi preso e apareceu morto. Estela e Luiza acabaram na rua, sem nada, vagando pela cidade. Então, sumiram e nunca mais tivemos notícias. Quando me encontrou no Rio de Janeiro, contou que até fome tinham passado, que se prostituiu, que graças a ela não morreram.

Também me chamaram a atenção a ira que demonstrava ao falar de Theo e o desprezo por Eva ter se apaixonado por ele. Isso me fez lembrar de vê-la oferecendo-se e perseguindo-o. Acho que tinha misturado todos aqueles sentimentos, e isso só tornava a situação ainda mais tensa.

Não me contou muita coisa. Por exemplo, como fez Eva se aproximar do meu irmão, como ela conseguiu chegar tão longe e até que ponto Eva realmente se apaixonou. Se Theo morresse, Eva e a filha seriam herdeiras da parte dele na fazenda e nos negócios e recuperariam o que lhes fora tirado.

Agora, eu estava lá para agir, mas com calma. Primeiro, observaria tudo, eliminaria ao máximo os riscos.

Uma coisa era certa: Theo sairia arrasado daquela história. Não seria enganado para sempre. E se Eva achava que podia viver em uma mentira, era ainda mais tola do que a mãe.

Dalila voltou e sentou-se atrás do balcão, fazendo-me pensar em suas palavras. Nunca se soube de onde ela tirava aquelas informações sinistras.

Eu havia terminado de comer quando vi Theo e Joaquim, acompanhados de

Heitor e Pedro. Não sei ao certo o que senti. Um misto de saudade e de raiva, de sentimentos controversos. Lembranças de Pedro me provocando e me fazendo correr atrás dele em volta da casa, possesso, enquanto ele se acabava de rir, de nossas brigas quando eu fazia merda, e isso acontecia quase sempre, de Heitor me chamando a atenção e dando broncas. Lembrei-me também de como me defendiam se alguém me provocava.

Durante anos tentei esquecê-los. Lembrava-me com muita frequência do modo como me olharam quando entraram no escritório do meu pai e me viram com a arma na mão. Eu tinha ultrapassado um limite ali, ido além da rebeldia, justificada ou não. Fui julgado e condenado pelos olhares deles. Fugi. Mas a polícia nunca veio atrás de mim. Aquilo criou um pacto de silêncio entre Theo, Heitor e Pedro. Para todos os efeitos, meu pai se feriu sozinho.

E agora lá estavam eles novamente.

Levantei-me, rígido, com raiva por me sentir nervoso. Todos os sentimentos que havia abafado por anos estavam de volta à tona, corroendo-me por dentro, ferindo-me, doendo, mas mantive-me tranquilo ao encará-los.

Reparei que Pedro parecia mais bruto, quase tão musculoso quanto Joaquim, fitando-me com uma expressão amarrada e séria. Já Heitor tinha cabelos mais compridos e um olhar mais plácido e saudoso. Ele e Joaquim eram os mais bondosos e generosos. Eu, Pedro e Theo éramos mais complicados.

— Heitor. — Acenei com a cabeça e apertei sua mão.

— E aí? — Foi a vez de Pedro me cumprimentar, meio desconfiado. Manteve-se longe e fui eu quem estendi a mão. Olhou-me com dureza, mas a apertou. — Veio para ficar?

— Não. — Passei meu olhar para Heitor, Theo e Joaquim. Voltei a me sentar, e eles fizeram o mesmo sem que eu precisasse convidá-los.

Com calma, tirei um cigarro do maço e o acendi.

— Você ainda fuma essa merda? — perguntou Pedro.

— Tentei parar algumas vezes. — Dei de ombros e traguei.

Heitor olhou para a embalagem de chocolate sobre a mesa e deu um meio sorriso.

— Parece que não é muito bom em combater seus vícios. Lembro que você comia seu chocolate e o de todo mundo, escondido. Uma vez, eu quase te arrebentei por causa disso. — Por um momento, o clima na mesa se amenizou.

Sorri cinicamente.

— Se eu não morrer por causa de um câncer de pulmão, é provável que acabe diabético — falei.

— Parece não ter muita escapatória. — Joaquim se divertiu.

Theo observava-me calado. Era óbvio que estava preocupado. Eu o olhei e

comentei:

— Querem saber por que estou aqui.
— Você não voltaria de repente, depois de anos longe, se não tivesse motivos — confirmou ele.

— Talvez eu estivesse com saudade.

— Pode ser — concordou Joaquim, querendo acreditar.

— Querem uma cerveja? — indaguei.

— Eu quero saber o que está acontecendo. — Pedro foi direto ao ponto.

Lembrei-me de como se irritava à toa. Calmamente ergui a mão e disse a Dalila:

— Pode trazer mais uma gelada e quatro copos para meus irmãos?

— Claro.

Pedro bufou, impaciente. Eu sorri.

Recostei-me na cadeira e terminei de fumar meu cigarro.

Eles me olhavam, cada um à sua maneira. Pedro, irritado. Theo, sério e pensativo. Heitor, curioso e atento. Joaquim, feliz e temeroso.

O que eu iria falar para eles?

Dalila voltou com a cerveja e os copos e afastou-se. Ninguém tocou na bebida. Todos esperavam uma explicação e não se contentariam com menos.

— Como sabem, sou oficial de inteligência na Abin — comecei. — Entrei lá com vinte e dois anos, como agente, fiz curso superior em direito e hoje sou oficial. Apesar de a maior parte do trabalho ser intelectual, gosto da parte operacional, de envolver-me diretamente na segurança de autoridades, averiguar casos que ponham em risco a integridade nacional, agir mais diretamente nas investigações. E, de certa forma, é isso que vim fazer aqui.

— Investigar? — perguntou Joaquim.

— Sim.

— Quem? — Foi a vez de Pedro indagar.

— Uma possível ameaça contra vocês.

— Que ameaça? — Theo inclinou-se para a frente, franzindo o cenho. — A família de Gabi?

Eu não podia mentir sobre aquilo. Acenei com a cabeça.

— Porra, eu sabia que estavam quietas demais! — Ele bufou, olhando-me irritado.

— Onde elas estão?

Mais perto do que imagina, irmão, pensei.

Decidi mais uma vez ir com calma e preparar o terreno. Assim, contei parte da verdade.

— Preciso de um ou dois dias antes de contar o que sei.

— Por que não agora? — perguntou Heitor, estranhando.

— Dependo de mais informações. Só quero que fiquem alertas por enquanto. Depois poderei explicar tudo.

— Fale de uma vez, Micah! — exigiu Pedro, contrariado.

— Sei que vocês não têm motivos para confiar em mim, mas, acreditem, logo poderei explicar melhor, sem deixar dúvidas.

— Elas estão por aqui? — Theo olhava-me. — Estela e Luiza?

— Estela morreu. Só Luiza e a filha caçula, irmã da Gabi.

— Onde? — Ele exigiu saber.

— Prometo contar amanhã ou depois de amanhã. Como eu disse, preciso averiguar algo antes.

Pedro xingou um palavrão, inconformado. Joaquim tentou amenizar as coisas.

— Gente, Micah sabe o que está falando. Vamos esperar mais um dia ou dois. Não custa tanto assim. Não é, Micah?

— Espero que não. — Fui sincero, pois estava realmente indeciso. Se estivesse lidando com estranhos, eu saberia exatamente como agir.

A verdade era que eu precisava falar com Eva primeiro.

Assim, calei-me e despejei a cerveja nos copos, sendo cínico:

— Alguém aqui quer comemorar a minha volta, mesmo que temporária?

— Claro, irmão. — Joaquim pegou seu copo.

Ergui uma sobancelha e olhei para os outros.

Heitor pegou seu copo, calado. Pedro bufou, mas pegou o dele. Por fim, Theo agarrou o seu.

— Não nos faça ter arrependimentos por esse brinde, Micah — disse ele.

— Isso eu não posso garantir. — Encarei-o, sabendo que seu ódio seria tanto, mas tanto, que respingaria em mim. Mesmo assim, eu estava disposto a seguir minha consciência.

— Porra... — resmungou Theo, mas ergueu o copo. Os outros fizeram o mesmo.

— Que minha passagem por aqui seja breve. — Eles me olharam em silêncio. Sorri cinicamente e tomei um gole da cerveja.

Foi Dalila quem nos falou de uma casa vazia em uma rua ali perto. A família tinha viajado para a Europa e ficaria lá por três meses, por motivo de trabalho. O pai do dono da casa tinha comentado que estava disposto a alugá-la temporariamente, se tivesse gente interessada. Assim, fui até lá, seguindo o carro de Theo. Heitor, Joaquim e Pedro estavam com ele.

Depois do centro, entramos em umas ruas calmas, com casas parecidas, ainda

que algumas tivessem sido reformadas. Theo parou na frente da casa do homem, que o conhecia. Descemos e conversamos com ele na calçada, que se animou com a oportunidade de alugar a casa do filho, ao lado da sua própria casa. Logo tudo estava acertado. Deixei minha moto no quintal da residência, que me pareceu bem agradável, retirando minha bolsa com alguns pertences da garupa.

Enquanto Pedro e Heitor esperavam e Theo conversava com seu conhecido, fui conhecer a casa com Joaquim. Olhei-o atentamente quando chegamos à cozinha.

— Está com seu celular aí?

— Estou.

— Grave meu número. Preciso de um favor seu.

— Claro. — Ele sacou o celular e salvou o número. Depois, olhou-me em expectativa. — O que é?

— Escute, Joaquim. Coisas ruins estão prestes a acontecer. Temo que Theo ficará desorientado e precisará de vocês.

— Que coisas ruins? — indagou, preocupado.

— Preciso que vá até Eva e peça a ela para ligar para mim nesse número. Faça isso logo, o quanto antes.

— Eva? — Ficou surpreso, sem entender nada.

— Depois explicarei tudo — falei, rápido e baixo para que não ouvissem. — Mas pode fazer o que pedi? Não deixe Theo saber.

— Micah, eu posso... — Estava nervoso. — Mas o que está acontecendo?

— Muita merda vai acontecer, Joaquim.

— Pelo amor de Deus, não me diga que Eva tem algo a ver com essa vingança... — Ele estava pálido e, ao ver minha expressão, ficou chocado. — Não...

— Theo está sendo enganado. E quanto mais esperarmos, mais tudo se complicará.

— Mas ela... Ela...

— É a irmã de Gabi.

— Puta que pariu! — Fechou os olhos, abalado. Então, abriu-os e andou, nervoso, pela cozinha, soltando um monte de palavrões. — Theo vai matá-la!

Era uma situação muito complicada. Mantive-me quieto. Por fim, expliquei:

— A situação é crítica. Preciso que faça o que pedi.

— Theo vai enlouquecer. Como Eva pôde fazer isso? — Joaquim falava baixo, abalado, angustiado. — Por todo esse tempo! Não desconfiamos de nada!

— Todos os sinais indicam que ela desistiu da vingança, mas não podemos ser coniventes e esperar mais. Assim como não podemos contar tudo de repente e causar mais merda. Sei que ela acabou de ter um filho. É um momento delicado, e Theo pode esquecer isso, tão furioso que vai ficar. Mas não há outra saída.

— Meu Deus...

— Passe meu número de telefone a Eva. Vou conversar com ela e convencê-la a contar tudo para Theo. E então vocês vão precisar estar lá para segurá-lo. Entendeu?

— Entendi. — Ainda estava chocado, mas concordou.

— Disfarce, Joaquim. Tudo vai se resolver.

— Micah, por essa eu não esperava...

Quando voltamos até os outros, Joaquim ficou calado, mas já estava na hora de irem embora e os outros não repararam. Theo virou-se para mim antes de entrar no carro.

— Voltaremos amanhã — avisou. — Espero que tenha mais para contar.

— Certo — concordei.

Ele acenou com a cabeça.

Eu observei o carro se afastar e me senti cansado.

Aquela cidade e merda deviam ser sinônimos.

Tudo que eu queria era estar longe dali. Mas já era tarde demais.



Desespero era meu nome. Não sei como não passei mal ou se fiz mal a Helena ao amamentá-la naquele estado de terror em que me encontrava desde que tinha visto Micah Falcão diante de mim, chegando à cidade como um anjo vingador. Mil questões passavam na minha cabeça, o pavor me consumia e o pânico me deixava muda e arrasada.

Tia pensou que fosse apenas cansaço, consequência do parto recente. Na verdade, eu me encontrava bem fisicamente. O problema era emocional. Aí a conversa era diferente. Eu só não tinha desabado por causa de Helena. Tê-la nos braços, saber o quanto dependia de mim me dava forças.

Quase morri quando Theo saiu com os irmãos para encontrar Micah. O que ele diria? Contaria quem eu era? Estava ali para isso? Ou minha mãe estava certa e ele também queria vingança? De qualquer forma, eu só o via como um inimigo. Ou estava ali para me destruir ou para destruir Theo. E pensava sem cessar no que eu poderia fazer para impedir.

Tia sempre ia ao quarto para ver se eu precisava de alguma coisa e ensinou-me a trocar fralda e colocar Helena para arrotar depois de mamar, dividindo comigo suas dicas de uma mulher experiente com bebês. Eu tentava me concentrar em aprender, mas a angústia e o desespero me consumiam.

— Está sentindo alguma coisa, filha? — perguntou Tia mais de uma vez, preocupada.

— Não, eu... estou um pouco nervosa. Tudo é novo demais... — expliquei, tentando disfarçar.

Ela acenava e não insistia.

Helena tinha dormido, e eu, recostada nos travesseiros da cama, já estava a ponto de enlouquecer. Não conseguia fazer nada além de pensar e buscar uma

solução. Foi quando a porta se abriu e Theo entrou, fechando-a atrás de si.

Senti o coração parar e perdi o ar, mas, quando seu olhar azul encontrou o meu, vi o amor refletido ali e voltei a viver. O alívio me engolfou e soube que Micah não tinha contado nada a ele, por enquanto.

— Como você está, coelhinha? — Veio até a cama e sentou-se na beirada, perto de mim, apoiando as mãos em volta dos meus quadris.

Fui invadida por um amor tão intenso que lágrimas vieram aos meus olhos. Não consegui falar nada, embargada, mas quis ser corajosa, ser honesta ao menos uma vez. E, no entanto, eu só podia viver com Theo perto de mim. Como poderia abrir a boca e deixar saírem por ela palavras que o afastariam de mim?

— Eva... — Preocupado, ele acariciou meu cabelo comprido e chegou mais perto de mim. — O que houve? Por que está assim?

— Tenho muito medo de perder você... — murmurei, mordendo o lábio para conter o choro.

— Pare de besteira. Nunca vai me perder. — Beijou suavemente minha boca, puxando-me para seus braços e apoiando minha cabeça em seu ombro. — Eu sou todo seu e de Helena, minhas duas coelhinhas. Já falei e repito: só deixo vocês quando estiver morto.

— Não diga isso.

— Mas é verdade. Agora quero que me prometa que não vai mais ficar assim. — Segurou meu rosto e me fez olhar para ele.

Era lindo demais, com aquela sua beleza de homem, viril, forte, experiente. Ergui as mãos e acariciei-o no peito e nos ombros, chegando mais perto e beijando-o nos lábios, nas faces, nas orelhas.

— Eu te amo, Theo — disse, baixinho. — Nunca fui tão feliz como sou agora. Tudo que posso querer está aqui, nesse quarto: você e nossa filha.

— E vocês são minha vida, coelhinha. — Sorriu para mim e lançou um olhar a Helena, que dormia serenamente no bercinho ao lado. — Se bem que essa aí está mais para falcãozinha do que coelhinha — brincou. — Já acorda berrando, querendo atenção imediata.

Eu ri, pois era verdade. Theo me beijou de novo, e só de estar ali, nos braços dele, eu sentia que havia esperança. Apertei-o e fechei os olhos, acomodada contra seu peito.

Pensei novamente em Micah, no fato de não ter contado nada para Theo. Então, meu medo aumentou. Temi que estivesse ali para se unir à minha mãe e destruir Theo. E isso eu não podia admitir. Quase desejei que tivesse contado a Theo quem eu era, pois pelo menos assim eu teria certeza de que ele protegeria o irmão.

Theo me falou que sabia que Micah estava escondendo alguma coisa

importante, mas que ainda não sabia o que era. Isso me deixou em pânico, atenta, calada. Depois explicou que ele ia passar um tempo na cidade e tinha alugado uma casa ao lado da casa de Valentina, onde tínhamos jantado uma vez.

Não tive coragem de querer saber mais, muito nervosa e preocupada.

Naquela noite, Helena acordou de três em três horas para mamar. Theo a tirava do bercinho e a colocava em meu colo. Então se recostava no travesseiro e olhava-nos com um ar embevecido, observando a filha sugar meu mamilo, esfomeada. Havia desejo e amor em sua expressão, e nunca tinha me sentido tão querida.

Ele era um homem surpreendente. Eu jamais imaginaria que levaria tão a sério seu papel de pai. Além de estar completamente apaixonado pela sua falcãozinha, ele a ninava, colocava para arrotar, falava com ela com uma ternura que nunca vi. Depois a deitava de ladinho e voltava para a cama, lindo e maravilhoso naquela cueca boxer preta, puxando-me para seus braços.

Em uma das vezes, quando se deitou, beijou meu cabelo e meu ombro e acariciou meus seios mais cheios sobre a camisola.

— Passa logo, resguardo — disse, angustiado.

Eu ri, mas ele rosnou, afastou o tecido da camisola e disse, em tom de promessa:

— É só um pouco.

Entendi o que quis dizer quando abocanhou um mamilo nu e pontudo e sugou-o com força. Um desejo avassalador varreu meu corpo e me fez gemer alto, desabada na cama, sentindo suas mãos firmes em minhas costas e sua boca deixando-me louca ao chupar meu seio.

Fartou-se com o mamilo e o leite que saiu até que nós dois gemíamos cheios de desejo. Então me largou, arquejando, e deu um pulo da cama. Seu rosto estava contorcido pelo tesão e seu pau, completamente ereto dentro da cueca.

— Porra, preciso de um banho frio! — disse ele, correndo para o banheiro.

Fechei os olhos, cheia de desejo.

* * *

Na manhã seguinte, Theo saiu para ir ao escritório e continuei angustuada e nervosa. Meu desespero aumentava a cada segundo. Por fim, soube que não poderia mais continuar naquela agonia. Quando Tia entrou no quarto, eu tinha acabado de amamentar Helena e colocá-la para dormir.

— Bom dia, Eva. Nossa lindinha dormiu? Eu ia perguntar se queria ajuda para

sair com ela e ir ao jardim.

— Sim, quando ela acordar.

— Quer que eu fique um pouco com ela, para você poder tirar um cochilo ou tomar café lá embaixo?

— Sim, Tia. Eu não demoro.

— Vá lá, filha. Cuidado com a escada.

Sorri para ela, mascarando o modo como me sentia.

Mesmo de resguardo, o médico disse que eu precisava andar, ainda que não pudesse abusar. Desci as escadas devagar, pensando em Micah e Theo. Já estava me aproximando da sala de jantar quando o celular em meu bolso tocou. Eu o atendi, vendo um número desconhecido.

— Ora, ora, finalmente consegui falar com a primeira-dama.

Senti um arrepio de medo percorrer minha coluna e parei, escorando a mão em uma parede. Tinha reconhecido a voz baixa e venenosa. Não consegui respirar, tamanho era o pânico que me envolveu.

— Eu soube que as coisas estão movimentadas por aí. Sua mãe está toda feliz com o novo irmão e não quer mais saber de me ajudar. E olha só a merda em que eu estou, escondido, zerado, procurado pela polícia. Quem me restou? A esposa do todo-poderoso, claro!

— Lauro... — murmurei, apavorada, sentindo uma pontada de dor na barriga. Todo o meu corpo estava reagindo ao enorme transtorno emocional que me acometia.

— Preciso de dinheiro — disse ele, com ódio.

— Eu não posso... Eu...

— Então vou ligar pro seu maridinho e contar tudo.

— Não!

— Quero dinheiro agora. Preciso fugir. O cerco está se fechando. Minha única chance é ir embora daqui e já cansei de acreditar na puta da sua mãe. Ela me enrolou, me deu uma miséria e agora sumiu! Só esquece que sei demais. Eu posso me foder, mas vou levar vocês duas junto comigo! — gritou, fora de si.

— Escute, não posso sair... Acabei de ter um bebê. Não tenho muito dinheiro em casa e...

— Dê seu jeito!

— Mas não entende! Como vou...

— Traga o que tiver em grana e suas joias. Com isso consigo me mandar daqui. Mas não pense que acabou. Vá separando mais, uma grana pesada, porque vou voltar a entrar em contato.

— Mas, Lauro...

— Não tem “mas”, porra! — Ele estava alterado demais. — Escute bem. Siga

pela fazenda até as terras que eram do seu avô, as malditas terras que sua mãe tanto quer. Não há seguranças por lá. Atravesse a ponte e deixe a grana e as joias em uma sacola perto do tronco da primeira árvore. Deixe lá e se mande. Se levar alguém com você, se me sacanear, juro que te mato e depois mato o seu bebê! Tô te avisando!

— Pelo amor de Deus... — Comecei a chorar, desesperada.

— Vou lá daqui a duas horas, e, se não encontrar a grana, já sabe. Eu te ferro!

Fechei os olhos, apavorada, sabendo que era meu fim. Encostada na parede, respirei fundo e percebi que a hora da verdade havia chegado.

Eu tinha que contar a Theo. Não dava mais para enganar todos. Em cada tentativa eu me enrolava mais, aumentando minha culpa. Mesmo que entregasse o dinheiro e as joias a Lauro, só ganharia um pouco mais de tempo, e ainda me prejudicaria mais diante dos olhos de Theo.

Micah estava em Florada. Minha mãe não tinha desistido da vingança e podia fazer qualquer loucura, talvez até alguma coisa contra Theo. E Lauro estava descontrolado, sem nada a perder. Eu estava cercada.

Abri os olhos, exausta, sentindo que ia desmaiar. Não aguentava mais aquela pressão. Uma tristeza desesperadora me envolveu e senti as lágrimas virem aos olhos enquanto me abraçava e bambeava, sabendo que aconteceria o que eu mais temia. Eu perderia Theo.

Nesse momento, vi Joaquim descendo as escadas. Ele parou quando me viu e franziu o cenho. Veio até mim, preocupado, e disse, baixo:

— Eu já sei de tudo, Eva Amaro. E a Gabi também sabe.

Minha primeira reação foi de pânico, mas então veio o alívio.

— Então, por favor, me ajude... — implorei. — Eu vou contar a Theo.

Ele acenou com a cabeça e comecei a chorar copiosamente, sentindo um peso horrível sair de cima de mim. Desabei, mas Joaquim me segurou com firmeza.

— Obrigada — murmurei.

Uma mentira não poderia se sustentar sem outras. E eu estava cansada de mentir.

Sabia que Theo me odiaria, mas ao menos agora conheceria a verdadeira Eva. Respirei fundo, disposta a lutar por seu perdão e provar a ele que o amava. Agora, mais do que nunca, eu precisava ser forte.

FIM

“O rosto anguloso e forte de Theo Falcão e aquele olhar de ave de rapina ficaram marcados em minha mente. Eu já o tinha visto de longe e em fotos, mas de perto era outra coisa.

Não entendi tudo o que senti, mas, conforme nos afastávamos do casarão, disse a mim mesma que agora eu tinha um rosto bem real para odiar. Pensei em toda a minha vida, em meu passado, em minha história e no desaparecimento de Flávio. Sim, agora eu tinha um rosto para odiar.”

Leia também o outro título da autora publicado pelo selo Essência:





Divulgação

NANA PAUVOLIH é carioca e foi professora de História por muitos anos até começar a publicar seus romances eróticos na internet, em 2012. Desde então publicou mais de vinte livros e se tornou autora best-seller na Amazon. *Ferida* é o primeiro livro da série Segredos.



PlanetaLivrosBR



[planetadelivrosbrasil](https://www.instagram.com/planetadelivrosbrasil)



[PlanetadeLivrosBrasil](https://www.facebook.com/PlanetadeLivrosBrasil)



planetadelivros.com.br

¹ “Nothing Else Matters”, James Hetfield, Lars Ulrich; Elektra, 1991.

¹ “Alá-lá-ô”, Haroldo Lobo, Antônio Nássara; Victor, 1941.

¹ “Freelove”, Martin Gore; Reprise, 2001.

¹ “November Rain”, Duff McKagan, Darren Reed, Axl Rose, Slash, Matt Sorum, Izzy Stradlin; Geffen, 1991.

“Em sua inexperiência e doçura, deixava-me mais doido do que jamais estive. E eu, que pensava que já tinha visto tudo, que me guiava pela força e pela violência, estava domado pela sua delicadeza.” – Theo

Theodoro é o mais velho dos irmãos Falcão e assumiu os negócios da família após uma grande tragédia. Com personalidade marcante, dura e impositiva, tornou-se um homem acostumado ao poder e a ser dono da última palavra.

Até que em seu caminho entra Eva, uma jovem com metade da sua idade que quer a qualquer custo se vingar dos Falcão. Trazendo com ela segredos do passado e usando uma identidade falsa, Eva está disposta a tudo para seduzir Theo e lutar contra uma grande injustiça que abateu sua família.

Em meio ao ódio de Eva e aos fetiches de Theo, no entanto, surge uma poderosa atração, e eles precisarão decidir quem irá ceder nessa disputa que atravessa gerações.



Table of Contents

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)